

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas  
Departamento de Letras Modernas

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, LITERÁRIOS E  
TRADUTOLÓGICOS EM FRANCÊS

CAMILA AMARAL SOUZA

**Representações culturais de estudantes  
brasileiros sobre a França no programa de Duplo  
Diploma da Poli-USP**

VERSÃO CORRIGIDA

São Paulo  
2015

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas  
Departamento de Letras Modernas  
Programa de pós-graduação em Estudos Linguísticos, Literários e  
Tradutológicos em Francês

**Representações culturais de estudantes  
brasileiros sobre a França no programa de Duplo  
Diploma da Poli-USP**

Camila Amaral Souza

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Letras.

**Orientação**

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Heloisa Brito de Albuquerque Costa

VERSÃO CORRIGIDA

São Paulo  
2015

SOUZA, Camila Amaral. *Representações culturais de estudantes brasileiros sobre a França no programa de Duplo Diploma da Poli-USP*. 2015. 260f. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

### **Banca Examinadora**

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição \_\_\_\_\_

Julgamento \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição \_\_\_\_\_

Julgamento \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição \_\_\_\_\_

Julgamento \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

Aprovada em \_\_\_\_\_

*À minha família, meu alicerce.*

# AGRADECIMENTOS

---

A Deus, por me presentear com uma vida iluminada e abençoada.

A meus pais, Daisy Amaral Souza e Fernandes Souza, por tudo o que fazem por mim, sempre com muito amor e sem medir esforços.

Ao Danilo Anjos Blanco, meu grande amor, pelo eterno companheirismo, pela paciência, pela ajuda, por enxugar minhas lágrimas com tamanha ternura e por me fazer sorrir quando eu mais preciso.

Ao meu irmãozinho, Daniel Souza, e às queridas amigas-irmãs, Marília Mangueira, Mariana Policastro e Nathalia de Riccio, por colaborarem nas horas difíceis.

Aos meus amigos revisores, Eduardo Akio, José Antonio Barbosa e Valkiria Santos, pela ajuda preciosa – em especial ao Edu, pelo apoio inestimável.

A Adriana Cerello, Bárbara Muneratti, Lidiane Olo, Paula Kuszniir e a todos os colegas de trabalho dos Sistemas de Ensino da Abril Educação, pelo incentivo – a Camila Fernandes, Cristiane Schlecht, Grazielle Mattiuzzi e Letícia Pieroni, pela ajuda especial.

A Dr<sup>a</sup>. Selma Demarqui, por me amparar na busca pelo autoconhecimento.

Aos familiares, amigos e a todos os envolvidos direta ou indiretamente nesta pesquisa, pela contribuição e compreensão.

À minha companheira de intercâmbio, Monica Ribeiro Cunha, e a todas as colegas mestrandas, pelas experiências compartilhadas.

Aos alunos do CFI-Poli e à professora M<sup>a</sup>. Guiomar Oliveira, pela importante participação.

Às professoras Dr<sup>a</sup>. Eliane Gouveia Lousada e Dr<sup>a</sup>. Vera Lúcia Marinelli – que me acompanham há anos – pelas valiosas críticas e sugestões, sobretudo na ocasião do Exame de Qualificação.

Em especial, à minha querida orientadora Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. **Heloisa Albuquerque Costa**, por não me deixar desistir; por me orientar, aconselhar, inspirar, auxiliar, criticar, incentivar, apoiar, compreender e despertar a minha paixão pelo francês desde o início da minha trajetória acadêmica.

*Viver é ser outro.* Nem sentir é possível se hoje se sente como ontem se sentiu: sentir hoje o mesmo que ontem não é sentir – é lembrar o que se sentiu ontem.

(Fernando Pessoa)

## RESUMO

O presente estudo tem por objetivo identificar, analisar e comparar as representações culturais de estudantes brasileiros em mobilidade estudantil sobre a França: antes e depois dos primeiros seis meses da experiência de intercâmbio no país estrangeiro. A pesquisa foi realizada com um grupo de estudantes da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (Poli-USP), selecionados para realizar o programa de Duplo Diploma em uma instituição de ensino superior na França e que fizeram o Curso de Francês para Iniciantes (CFI), módulo *Mobilité France*, oferecido pelo Centro Interdepartamental de Línguas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. O referencial teórico desta pesquisa baseia-se nos conceitos de representações sociais e culturais presentes em Moscovici (1990) e Jodelet (1990), também retomados por Seca (2003) e Castellotti & Moore (2002), que trazem a definição de estereótipo. Relações entre língua e cultura, e abordagem intercultural no contexto de ensino-aprendizagem de Francês Língua Estrangeira (FLE) são temas apresentados e discutidos com base em Abdallah-Preteuille (2005), Castellotti & Moore (2002), Windmüller (2011), Puren (2005), Cuq (2003), De Carlo (1998), Beacco (2000). A metodologia de pesquisa é qualitativa e consiste em uma coleta inicial de informações sobre o contexto e a demanda atual para a internacionalização, seguida pela coleta de dados por meio de pré-teste, entrevistas semiestruturadas e questionários com os alunos do grupo participante da pesquisa e, por fim, pela análise de conteúdo dos dados obtidos. Pretende-se, com isso: 1) identificar e comparar as representações culturais dos participantes; 2) discutir os impactos da experiência de intercâmbio na formação desses estudantes; 3) fornecer dados de reflexão para a preparação linguística e cultural de estudantes que almejam participar de um programa de mobilidade internacional universitária na França.

**Palavras-chave:** Francês Língua Estrangeira; Representação cultural; Mobilidade estudantil; Intercultural; Duplo Diploma.

## RÉSUMÉ

Cette étude vise identifier, analyser et comparer les représentations culturelles d'étudiants brésiliens en mobilité d'échange universitaire pour la France : avant et après les six premiers mois d'expérience dans ce pays étranger. La recherche a été réalisée avec un groupe d'étudiants de l'École Polytechnique de l'Université de São Paulo (Poli-USP), sélectionnés dans le cadre de Double Diplôme dans un établissement d'études supérieures en France, ayant suivi le Cours de Français pour Débutants (CFI), module *Mobilité France*, coordonné par le Centre de Langues de la Faculté de Philosophie, Lettres et Sciences Humaines de l'USP. Le référentiel théorique est soutenu par des concepts de représentations sociales et culturelles trouvés chez Moscovici (1990) et Jodelet (1990), aussi repris par Seca (2003) et Castellotti et Moore (2002), ceux-ci apportant la définition de stéréotype. Les relations entre langue et culture et l'approche interculturelle dans le cadre d'enseignement-apprentissage du Français Langue Étrangère (FLE) sont des sujets présentés et discutés en nous appuyant sur Abdallah-Preteille (2005), Castellotti & Moore (2002), Windmüller (2011), Puren (2005), Cuq (2003), De Carlo (1998), Beacco (2000). La méthodologie de recherche est qualitative et se compose d'un recueil initial portant des éléments du contexte et du besoin de l'internationalisation, suivie du recueil de données à travers les questionnaires et les entretiens avec les étudiants du groupe participant de cette recherche et, enfin, de l'analyse de contenu des données obtenues. On s'applique avec cela à 1) identifier et comparer les représentations culturelles des étudiants ; 2) discuter des effets de l'expérience internationale dans la formation de ces étudiants ; 3) fournir des données pour la réflexion linguistique et culturelle d'étudiants attendant participer à un programme de mobilité internationale universitaire en France.

**Mots-clés:** Français Langue Étrangère; Représentations culturelles; Mobilité d'échanges universitaires; Interculturel; Double Diplôme.



## ABSTRACT

This study aims to identify, analyze and compare the cultural representations of Brazilian students in student mobility over France: before and after the first six months of the experience of exchange in the foreign country. The survey was conducted with a group of students from the Polytechnic School of the University of São Paulo (Poli-USP), selected to perform the Double Degree program at an institution of higher education in France and who have taken the French for Beginners Course (CFI), *France Mobility* module, offered by the Language Centre of the Faculty of Philosophy, Letters and Human Sciences. This research theoretical framework is based on the concepts of social and cultural representations, presented by Moscovici (1990) and Jodelet (1990), also taken up by Seca (2003) and Castellotti & Moore (2002), which brings up the notion of stereotype. Relations between language and culture, and intercultural approach in the teaching and learning context of French as Foreign Language (FLE) are themes presented and discussed based on Abdallah-Pretceille (2005), Castellotti & Moore (2002), Windmüller (2011), Puren (2005), Cuq (2003), De Carlo (1998), Beacco (2000). The research methodology is qualitative and consists of an initial collection of information about the context and the current demand for internationalization, followed by collecting data through pre-test, semi-structured interviews and questionnaires with the students of the participating group research, and finally the content analysis of the data. The aims are these: 1) identify and compare the cultural representations of the participants; 2) discuss the impact of the experience of exchange in these students education; 3) provide reflection data for linguistic and cultural preparation of students who aim to join a university international mobility program in France.

**Key Words:** French as Foreign Language; Cultural Representation; Student Mobility; Intercultural; Double Degree.

# SUMÁRIO

---

|  |           |
|--|-----------|
| RESUMO .....   | 7         |
| Lista de abreviaturas e siglas .....   | 12        |
| Lista de quadros .....   | 14        |
| Lista de imagens .....   | 15        |
| <b>INTRODUÇÃO .....</b>  | <b>16</b> |
| 1. Histórico da pesquisa .....   | 20        |
| 2. Objetivos e perguntas de pesquisa .....   | 23        |
| 3. Organização da dissertação .....  | 24        |
| <b>CAPÍTULO I – PRESSUPOSTOS TEÓRICOS .....</b>  | <b>27</b> |
| 1. Representações sociais e culturais .....  | 27        |
| 2. Noções de “cultura” em contexto de ensino-aprendizagem em FLE .....   | 45        |
| 3. Abordagem intercultural: um novo paradigma para a formação em FLE .....   | 58        |
| <b>CAPÍTULO II – METODOLOGIA DA PESQUISA .....</b>   | <b>75</b> |
| 1. Pesquisa qualitativa .....  | 76        |
| 2. Contexto de pesquisa .....  | 82        |
| 2.1. A internacionalização no contexto universitário da Poli-USP: o programa de Duplo Diploma nas instituições francesas ..... | 82        |
| 2.2. O CFI-Poli e o <i>Mobilité France</i> .....   | 88        |
| 3. Participantes .....   | 92        |
| 3.1. Pesquisadora .....  | 92        |
| 3.2. Estudantes de engenharia da Poli-USP – módulo <i>Mobilité France</i> .....  | 94        |
| 4. Procedimentos de coleta de dados .....  | 95        |
| 4.1. O pré-teste (primeira fase) .....   | 97        |

|   |            |
|---|------------|
| 4.2. A entrevista semiestruturada (primeira fase) .....   | 100        |
| 4.3. O questionário (segunda fase) .....  | 104        |
| <b>CAPÍTULO III – ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS .....</b>  | <b>107</b> |
| 1. Dados coletados .....  | 108        |
| 1.1. Representações dos estudantes brasileiros: <i>antes</i> do programa de mobilidade estudantil .....                       | 109        |
| 1.2. Representações dos estudantes brasileiros: <i>depois do primeiro semestre</i> no programa de mobilidade estudantil ..... | 141        |
| 2. A comparação: confrontando representações .....  | 164        |
| Das Representações da Aprendizagem .....  | 165        |
| Das Representações Culturais .....  | 166        |
| Das Representações Acadêmicas .....   | 167        |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>   | <b>170</b> |
| <b>BIBLIOGRAFIA .....</b>   | <b>175</b> |
| <b>ANEXOS .....</b>   | <b>180</b> |
| 1. Questionário (pré-teste) .....   | 180        |
| 2. Roteiro para entrevista semiestruturada .....  | 183        |
| 3. Transcrição das entrevistas – primeira fase .....  | 185        |
| 4. Questionário para a segunda fase .....   | 215        |
| 5. Respostas do questionário – segunda fase .....   | 216        |
| 6. Termo de consentimento .....   | 232        |
| 7. Versão original do Quadro 1 .....  | 233        |
| <b>APÊNDICES .....</b>  | <b>234</b> |
| 1. Tabelas com agrupamento das respostas da <b>primeira fase</b> .....  | 234        |
| 2. Tabelas com agrupamento das respostas da <b>segunda fase</b> .....   | 251        |

# LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

**CARAP** (sigla convencionada em língua francesa)

*Cadre de Référence pour les Approches Plurielles des Langues et des Cultures*

**CenDoTeC**

*Centro Franco-Brasileiro de Documentação Técnica e Científica*

**CFI-Poli**

*Curso de Francês para Iniciantes da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo*

**CL**

*Centro Interdepartamental de Línguas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP*

**CRInt**

*Comissão de Relações Internacionais*

**DD**

*Duplo Diploma*

**MEDS**

*Método de Explicação do Discurso Subjacente*

**FFLCH-USP**

*Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo*

**FLE**

*Francês Língua Estrangeira*

**FOS** (sigla convencionada em língua francesa)

*Français sur Objectif Spécifique*

**FOU** (sigla convencionada em língua francesa)

*Français sur Objectif Universitaire*

**Fuvest-SP**

*Fundação Universitária para o Vestibular – São Paulo*

**L1**

*Língua 1 – a língua materna*

**L2**

*Língua 2 – a língua estrangeira aprendida após a língua materna*

**LE**

*Língua Estrangeira*

**Poli-USP**

*Escola Politécnica de Engenharias da Universidade de São Paulo*

**QECR**

*Quadro Europeu Comum de Referência para as línguas*

**SCE-FFLCH-USP**

*Serviço de Cultura e Extensão Universitária da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo*

**USP**

*Universidade de São Paulo*

## **LISTA DE QUADROS**

|  |     |
|--|-----|
| Quadro 1 – Os componentes históricos da competência cultural .....             | 66  |
| Quadro 2 – O perfil dos participantes .....                                    | 94  |
| Quadro 3 – Comparação de resposta: questionário (pré-teste) × entrevista ..... | 104 |
| Quadro 4 – Dados coletados × Categorias .....                                  | 108 |

## LISTA DE IMAGENS

|  |    |
|--|----|
| Imagem 1 – Seção “cultura” no material didático <i>Libre Echange 2</i> ..... | 47 |
| Imagem 2 – Atividade cultural do material didático <i>Forum</i> .....        | 49 |
| Imagem 3 – Esquema de Mangiante (2012) .....                                 | 72 |
| Imagem 4 – Escola Politécnica da USP: Uma instituição globalizada .....      | 84 |

# INTRODUÇÃO

---

*O novo não está no que é dito,  
mas no acontecimento de sua volta.*  
(Michel Foucault)<sup>1</sup>

O contexto de internacionalização das universidades brasileiras, por meio de diferentes acordos internacionais, torna a experiência de formação acadêmica em um país estrangeiro mais acessível para muitos estudantes de instituições de ensino superior do Brasil. Os programas de mobilidade estudantil de âmbito federal, como o *Ciência sem Fronteiras*<sup>2</sup> – que busca promover a “internacionalização da ciência e tecnologia, da inovação e da competitividade brasileira por meio do intercâmbio” –, e os programas de mobilidade que cada universidade oferece, com auxílio de instituições de fomento como CNPq, Capes e Fapesp, ilustram esse cenário de formação globalizada dos estudantes.

O incentivo à mobilidade internacional leva o estudante a engajar-se em seus estudos, buscando o aprendizado da língua estrangeira (LE) e informações sobre o país para onde pretende viajar. Então, é a partir dessa busca e das experiências pessoais que os estudantes vão construindo representações sobre o país estrangeiro. No contexto universitário desta pesquisa, as representações que os estudantes têm sobre a França, adquiridas ao longo da sua vivência e acrescidas daquelas que são relacionadas à possibilidade de realizar um intercâmbio internacional, estimulam a buscar esta oportunidade de entrar em contato com uma nova cultura, o que os leva a interagir e a se relacionar com diferentes pessoas, conhecendo seus hábitos, costumes e valores.

Compreendemos essas relações como “interculturais”, presentes em diversos contextos, antes mesmo da nossa intenção de aprender uma língua ou estudar em um país estrangeiro. Essas relações se manifestam em diferentes canais de comunicação nos quais estamos envolvidos, seja nas mídias, nas atividades culturais (como música, filmes e demais produções artísticas) e na internet, que nos possibilita um amplo acesso a informações em

---

<sup>1</sup> FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996. p.26.

<sup>2</sup> Informações sobre o programa no site: <[www.cienciasemfronteiras.gov.br](http://www.cienciasemfronteiras.gov.br)>



inúmeras línguas. A partir desta multiplicidade de relações entre línguas e culturas, o desejo de estudar fora do país e poder entrar em contato com outras culturas são estimulados, principalmente, dentro das universidades.

O ensino-aprendizagem de Francês Língua Estrangeira (FLE) no âmbito da didática das línguas estrangeiras engloba o desenvolvimento de competências interculturais, com base no Quadro Europeu Comum de Referência para as línguas (QECR)<sup>3</sup>. Assim, é importante destacar o desenvolvimento de uma “identidade intercultural”, mencionado no QECR (2001: p. 85) como um importante objetivo da educação, uma vez que os fatores pessoais e comportamentais não interferem apenas nos atos de comunicação em LE, mas influenciam também na capacidade de aprendizado dos estudantes.

O desenvolvimento dessa “identidade intercultural” implica também em “estar disposto a descobrir o outro”, seja esse *outro* outra língua, outra cultura, outras pessoas ou novos conhecimentos, ou ter disposição para tomar iniciativas, encarar riscos na comunicação presencial, de modo a proporcionar oportunidades para falar, para solicitar ajuda ao interlocutor, para pedir reformulações facilitadoras, dentre outras ações. Nesta dimensão também se inserem habilidades de escuta, de atenção ao que o outro diz, de consciência despertada para as possibilidades de mal-entendido cultural na relação com o outro.

Os autores Berthoud e Py (1993) afirmam que a construção de hipóteses, ou seja, a criação de regras feitas pelo aprendiz de uma segunda língua, é semelhante às regras da língua materna que já estão internalizadas. A relação entre uma e outra – L1 e L2 – possibilita a criação de um sistema de regras que, conforme o desenvolvimento do processo de aprendizagem, será “adaptado” para a L2, seguindo o modelo de referência da língua materna. Compreendemos então que a língua, enquanto conjunto de signos, é constituída pelo significante e o significado, bem ilustrados pelos autores (BERTHOUD; PY, 1993: p. 13), já que o vocabulário só existe quando “colamos as etiquetas de significação” nos objetos. Ainda sobre o domínio de uma língua, os autores reforçam o conceito do desenvolvimento das quatro habilidades: compreensão e expressão oral e escrita, o que dialoga com a

---

<sup>3</sup> Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas é um documento que oferece uma base comum para o ensino de línguas estrangeiras no contexto europeu, além de fornecer uma escala de níveis de referência para mensurar se os aprendizes são capazes de compreender, ler, escrever, participar de uma conversa, se exprimir oralmente, interagir na língua estrangeira.

proposta sistematizada posteriormente no QECR (2001). Outra característica fundamental para o domínio da língua é o ato de fala, desenvolvido conforme a necessidade do aprendiz. Para isso, a contribuição dos documentos autênticos, ou seja, daqueles que não foram construídos para fins didáticos, também é ressaltada por Berthoud e Py (1993), porém, eles afirmam que o uso de objetos especificamente didáticos é igualmente importante para o trabalho pedagógico. Já o QECR (2001) prioriza o uso de documentos autênticos para o desenvolvimento das quatro habilidades.

As representações sociais e culturais, das quais tratamos nesta pesquisa em contexto de ensino e aprendizagem da língua francesa, são centrais para a compreensão da cultura do outro. Por isso, elas não podem ser confundidas com o conceito de “estereótipo”, que é fixo e imutável, enquanto as representações podem ser transformadas de acordo com a vivência de uma determinada sociedade e com as experiências individuais de cada sujeito que interage com o *outro* ao seu redor. Cuq (2003) ressalta que esta é uma “noção transversal a diversas áreas do conhecimento”, possibilitando dimensões de análise e interpretação de ordem sociológica, psicológica, filosófica, histórica e antropológica. Partindo do conceito de representação cultural, ou até mesmo de estereótipos sobre o país estrangeiro, para ensinar “conteúdos culturais” em aulas de FLE, é possível conduzir o desenvolvimento de competências interculturais no estudante ou ao menos instigar sua curiosidade em conhecer a cultura estrangeira, abordagem que, na prática, pode causar dificuldades ao professor.

Ainda no âmbito da didática das línguas estrangeiras, é importante comentar que o papel do professor na sala de aula passou por modificações ao longo dos anos. Atualmente, o professor é considerado um mediador do processo de ensino-aprendizagem, sendo o aluno o principal responsável pelo seu aprendizado. Assim posto, cabe ao professor analisar as necessidades linguísticas e culturais dos alunos para mediar a aprendizagem.

No contexto desta pesquisa, que foi realizada na Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (Poli-USP), os alunos candidatos à mobilidade na França realizam sua preparação linguística, sociocultural e acadêmica em cursos de língua francesa desenvolvidos pelo Centro Interdepartamental de Línguas da FFLCH-USP. Na Poli-USP, a internacionalização faz parte do percurso universitário e propicia a inserção do aluno em diferentes contextos (sociais, linguísticos, culturais). Em nossa hipótese, essa inserção operaria no aluno transformações relacionadas às representações culturais antes, durante e

depois da mobilidade internacional, o que nos permite estabelecer uma relação com a premissa para “o novo” de Foucault (1996), relacionada ao “acontecimento à sua volta”. Nesse contexto universitário, as representações que os estudantes têm sobre a França e a reflexão sobre elas por meio da mobilidade estudantil permitem discutir as questões relacionadas à nossa própria identidade cultural e à(s) do(s) outro(s). Sendo assim, a construção – ou reconstrução – do novo, conforme Foucault, estaria nas novas relações que se constituem quando da vivência com o discurso do outro.

Esta é a premissa da abordagem intercultural – a interação com o *outro* –, na qual a cultura tem um papel central no ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira, sendo a língua uma ferramenta de acesso a essas diferentes culturas que convivem em um contexto pluricultural e plurilíngue.

Nesta pesquisa, portanto, interessa-nos discutir as questões que envolvem as representações, o conceito de cultura e o intercultural de forma interligada, considerando o contexto de mobilidade internacional no qual os alunos se inserem. No próximo item apresentaremos o histórico da pesquisa.

## 1. Histórico da pesquisa

Meu interesse em realizar esta pesquisa está diretamente relacionado ao meu percurso profissional e acadêmico. O desenvolvimento da Iniciação Científica intitulada “A contribuição dos recursos disponíveis na internet para a elaboração de sequências didáticas no ensino-aprendizagem do Francês Língua Estrangeira” – cujo produto final foi a elaboração da sequência didática baseada na proposição de *scénarios pédagogiques* de Louveau e Mangenot<sup>4</sup> (2006) –, foi o ponto de partida para a pesquisa acadêmica, também sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Heloisa Costa (DLM FFLCH-USP, área específica de Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês).

É igualmente importante mencionar que, em 2010, fui selecionada para participar do intercâmbio cultural promovido pela Associação dos Professores de Francês do Estado de São Paulo (APFESP) e, no período de 30 dias na França, pude vivenciar situações culturais que contribuíram para minha experiência como pesquisadora. A oportunidade do intercâmbio me motivou a relacioná-la com a pesquisa de Iniciação Científica que estava em curso, utilizando minhas próprias dificuldades como ponto de partida para estudo e criação da sequência didática voltada aos alunos candidatos a este intercâmbio para a cidade de *Rouen*, na França. Ademais, o enriquecimento cultural e a vivência singular, do ponto de vista pessoal, no país estrangeiro, agregaram conhecimentos imprescindíveis ao meu histórico acadêmico.

Também atuei como professora dos Cursos Extracurriculares de Francês da FFLCH-USP, e as experiências relacionadas ao ensino de língua francesa contribuíram para o meu interesse em desenvolver pesquisa acadêmica na área, pois ao preparar e dar aulas me deparava com diferentes questões de ensino, mas também com questões voltadas a aspectos culturais relacionados ao meu trabalho como professora. O curso integra o quadro das atividades de extensão oferecidas pelo Serviço de Cultura e Extensão<sup>5</sup> da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, que caracterizam a união entre ensino, pesquisa e extensão. O curso também oferecia atividades de formação de

---

<sup>4</sup> LOUVEAU, E. e MANGENOT, F. *Internet et la classe de langue*. Paris: Clé internationale, 2006.

<sup>5</sup> O oferecimento dos Cursos Extra Curriculares de Francês está disponível no *site* <<http://sce.fflch.usp.br>>. A coordenação dos cursos é de responsabilidade da Prof<sup>a</sup> Dra. Eliane G. Lousada, da área de Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos de Francês.

professores por meio de reuniões mensais, curso de língua, programa de tutorado e *Journées de Formation*, nos quais pude apresentar atividades elaboradas por mim e aplicá-las em sala de aula, aprimorando os estudos de didática em FLE.

A experiência de docência foi uma atividade de constante transformação e reformulação, em especial, devido ao contexto dos Cursos Extracurriculares. Eu já havia lecionado inglês em outra escola de idiomas, porém a diferença foi bastante significativa. Realizamos atividades que visavam suprir as necessidades linguísticas dos alunos, identificadas, inicialmente, por meio de questionários e posteriormente acompanhadas durante as aulas e trazidas para as discussões em grupo, orientadas pela coordenadora do curso, a Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Eliane Lousada. Discutimos, também, aspectos relacionados ao ensino de línguas estrangeiras, especialmente no que concerne ao FLE, tais como práticas de leitura e escrita, heterogeneidade em sala de aula, como trabalhar aspectos culturais, tipos de avaliação, dentre outros temas. Para mim, esta função junto aos Cursos Extracurriculares foi um aprendizado de grande valia, não apenas pela elaboração e aplicação de atividades nas minhas aulas, mas, sobretudo, pela troca de experiências com os demais professores do curso, também em formação, e as reflexões abordadas nas reuniões mensais e desenvolvidas na prática da sala de aula.

Minha experiência pessoal do intercâmbio para a França, aliado ao estudo de Francês Língua Estrangeira na graduação e na realização do projeto de Iniciação Científica permitiram que eu levantasse a possibilidade de realizar um projeto de pesquisa em nível de mestrado, com interesse especial ao tema das representações culturais e ao problema de pesquisa, relacionando a temática ao contexto de mobilidade internacional. Minha pesquisa então passou a intitular-se *Representações culturais de estudantes brasileiros sobre a França no programa de Duplo Diploma da Poli-USP*, projeto que se insere na linha de pesquisa que minha orientadora desenvolve no contexto de mobilidade internacional com a Universidade de Lyon 2 – França.<sup>6</sup>

A partir da minha experiência, pude constatar que o ensino-aprendizagem de FLE abriu novos caminhos, culminando na pesquisa acadêmica, e proporcionou benefícios que foram além da habilidade de se comunicar com estrangeiros. A minha relação com o outro –

---

<sup>6</sup> Projeto de pesquisa *Discours universitaires et formation linguistique pour la préparation des étudiants brésiliens aux études supérieures en France* – Professoras Heloisa Albuquerque Costa e Chantal Parpette.

e com outra(s) cultura(s) diferente(s) – implicou, também, na valorização da minha própria cultura, o que exemplifica a afirmação de Florence Windmüller (2011)<sup>7</sup>: “a abordagem **intercultural** leva o aluno realizar uma aprendizagem que se volta para o *outro*, mas antes de tudo, sobre ele mesmo”, conceito central nesta dissertação.

---

<sup>7</sup> Tradução nossa. Texto original: *La démarche interculturelle amène l'apprenant à effectuer un apprentissage qui se dirige vers l'Autre.*

## 2. Objetivos e perguntas de pesquisa

O principal objetivo desta pesquisa é identificar, analisar e comparar as representações culturais de estudantes brasileiros em relação à França, a fim de investigar se há mudança nessas representações quando os alunos passam pela experiência do intercâmbio estudantil em instituições francesas de ensino universitário através do programa de Duplo Diploma da Poli-USP. Sendo assim, cabem algumas indagações para a pesquisa:

1. Quais **representações** os alunos que se preparam para intercâmbio na França têm sobre o país e sobre o intercâmbio *antes* da experiência de mobilidade?
2. Quais **representações** culturais e acadêmicas relacionados à França são mencionados pelos alunos *depois* dos primeiros seis meses de inserção no contexto universitário francês?
3. Quais comparações, em termos de representações culturais, a experiência de intercâmbio internacional nos permite identificar e analisar no discurso dos estudantes de engenharia da Poli-USP, participantes desta pesquisa?

Pretende-se, com isso: 1) identificar e comparar as representações culturais dos participantes; 2) discutir os impactos da experiência de intercâmbio na formação desses estudantes; 3) fornecer dados de reflexão para a preparação linguística e cultural de estudantes que almejam participar de um programa de mobilidade internacional universitária na França.

### 3. Organização da dissertação

Para melhor compreender o percurso deste trabalho, a dissertação está organizada da seguinte maneira: no primeiro capítulo, explicamos os pressupostos teóricos, permeando os conceitos de representação social e cultural, relações entre língua e cultura e a abordagem intercultural no ensino-aprendizagem de FLE. No segundo capítulo, descrevemos a metodologia de pesquisa, o contexto, os participantes, os procedimentos e instrumentos de coleta de dados. No terceiro capítulo, apresentamos os dados coletados, interpretados e analisados à luz do embasamento teórico, finalizando com a comparação das respostas dos estudantes antes e depois dos seis meses da mobilidade estudantil. Ao final desta dissertação, encontram-se as considerações finais, as referências bibliográficas, os anexos com a transcrição das entrevistas e respostas dos questionários que compõem o *corpus* e os apêndices com as tabelas de agrupamento das respostas.

No Capítulo 1, que vai tratar de conceitos como “cultura”, as representações sociais e culturais no contexto do ensino-aprendizagem da língua francesa, os estereótipos, as relações interculturais e a competência cultural no contexto de ensino-aprendizagem de língua estrangeira, destacamos o conceito de “representações sociais”, com base em Jodelet (1990) e Moscovici (1990). Para Jodelet (1990), a representação social tem caráter imagético, simbólico, construtivo e autônomo, além da capacidade de tornar intercambiáveis a percepção (o que o indivíduo imagina do objeto) e o conceito (realidade do objeto). Para Moscovici (1990), os acontecimentos sociais são causa e efeito das nossas representações: “não existe nada na representação que não esteja na realidade, exceto a realidade em si” (MOSCOVICI, 1990: p. 72).

O conceito de “representações culturais” em contexto universitário de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira permite suscitar questões como: Quais são as relações entre língua e cultura construídas pelos alunos nesse contexto? Há representações culturais ou estereótipos pré-construídos? Pretendemos responder a estas questões ao longo da pesquisa, utilizando também os trabalhos publicados por Parpette e Mangiante (2001). Pautados em Castelotti e Moore (2002), trabalharemos o conceito de “estereótipo” e de representações sociais presentes no ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras. Além



de retomar e explicar os conceitos, as autoras afirmam que as representações influenciam nas estratégias que serão desenvolvidas para viabilizar a aprendizagem da língua, como veremos nesta pesquisa.

Outro conceito com o qual trabalharemos no decorrer da pesquisa é o de *savoir-être* e *savoir-apprendre* (QEQR, 2001), levantando a questão: Como se dá o agir pela linguagem em contexto universitário através de relações entre diferentes culturas? Veremos que os estudantes mobilizam, também, competências individuais desenvolvidas em sala de aula – *les savoirs*, saber-fazer, saber-aprender e saber-ser – para agir no país estrangeiro. O papel central na aprendizagem será o do aprendiz, o "ator social", favorecendo o desenvolvimento de competências gerais e individuais pelo agir social e possibilitando uma interação maior em diferentes âmbitos da vida em sociedade. Consideramos fundamental tratar desses conceitos, pois os estudantes, informantes nesta pesquisa, estão inseridos em um contexto de ensino- aprendizagem de FLE voltado à mobilidade internacional na França.

Diante desses conceitos, é igualmente necessário contemplar a abordagem intercultural, a qual Christian Puren (2010) refere-se também como "*co-culturelle*" (ou "*pluriculturelle*"), a partir da qual o indivíduo é capaz de reconhecer as representações que se cruzam no encontro com o *outro*. A abordagem intercultural é complexa e será abordada também com base nos autores: Cuq (2003), Abdallah-Pretceille (2005), De Carlo (1998) e Beacco (2000). Ainda sobre as relações culturais, utilizaremos também a contribuição de Windmüller (2011) sobre as necessidades culturais dos alunos, bem como os objetivos de uma aprendizagem intercultural. O objetivo dessa abordagem é a formação de uma identidade cultural que se assume e, ao mesmo tempo, reconhece a do outro, considerando nossa realidade multicultural e plurilíngue.

A metodologia da pesquisa é qualitativa, com caráter de investigação interpretativo, que, de acordo com Neves (1996), é caracterizada pela ênfase atribuída aos dados de análise, conforme observaremos no Capítulo 2. Além do levantamento de informações sobre o contexto e a atual demanda de internacionalização, os instrumentos de coleta de dados que fizeram parte desta pesquisa foram: **pré-teste** (questionário aplicado a 1 participante), **entrevista semiestruturada** (pautada em um roteiro pré-elaborado e agendada individualmente com 7 participantes) e **questionário** (respondido a distância por 5 participantes no segundo momento da coleta de dados).

Estes instrumentos foram utilizados em duas fases distintas da coleta de dados. A primeira foi realizada para identificar as representações dos estudantes antes da experiência de mobilidade estudantil; a segunda fase foi realizada depois de aproximadamente seis meses de permanência desses estudantes na França em um programa de mobilidade internacional. O contexto da pesquisa, realizada na Escola Politécnica da USP, também será explicado no Capítulo 2, bem como a descrição dos participantes, que são estudantes do Curso de Francês para Iniciantes (CFI), módulo *Mobilité France*, selecionados para o programa de Duplo Diploma em instituições francesas. Apresentaremos, também, o histórico e os objetivos deste curso, que visa à preparação desses alunos para o referido programa de intercâmbio acadêmico.

O Capítulo 3 é destinado à análise dos dados e apresentação das respostas dos participantes, obtidas nas duas fases da coleta de dados, e interpretadas com base no referencial teórico desta pesquisa. Sendo assim, a análise também foi dividida em duas etapas: a primeira, que se refere à coleta realizada **antes** da mobilidade estudantil, e a segunda, que corresponde à coleta realizada **depois** do primeiro semestre da mobilidade estudantil. Para explicitar as diferenças e semelhanças entre as representações dos participantes, utilizamos três categorias de análise: *Representações da Aprendizagem*, *Representações Culturais* e *Representações Acadêmicas*, que também serão detalhadas no Capítulo 3. No final do capítulo, compararemos as representações, desenvolvendo uma reflexão à luz dos pressupostos teóricos.

Na seção final desta dissertação, apresentaremos as considerações finais e as possíveis contribuições desta pesquisa.

# CAPÍTULO I

---

## Pressupostos Teóricos

*A liberdade de escolha é acompanhada de imensos e incontáveis riscos de fracasso*  
(Zygmunt Bauman)<sup>8</sup>

Neste primeiro capítulo de nossa dissertação, trataremos dos pressupostos teóricos que norteiam esta pesquisa, abordando os principais conceitos que embasaram nosso percurso de trabalho. Ele está organizado em três itens, sequencialmente relacionados, conforme veremos a seguir. O primeiro item trata do principal conceito para o entendimento da pesquisa, o de representações sociais e culturais; o segundo abordará a relação entre língua e cultura, considerada essencial em nossa análise; o terceiro levantará a problemática intercultural e os aspectos relacionados a ela como um novo paradigma na formação em FLE.

### 1. Representações sociais e culturais

Em diferentes contextos de nossa vida cotidiana, nas relações familiares, no trabalho, nos ambientes de estudos, em trocas afetivas de amizade, entre outros, de acordo com cada indivíduo e os grupos sociais nos quais se inserem, reconhecemos valores culturais, morais e éticos, hábitos e costumes que circulam nos contatos que se estabelecem e nas ações que se realizam.

Com as transformações nos meios de comunicação, a evolução vertiginosa das tecnologias da informação, as mudanças e consequências ocorridas com o advento da internet e as facilidades de transporte e de viajar pelo mundo, as trocas e os contatos entre as pessoas tornaram-se mais frequentes, muitas vezes, simultâneas e entre dois ou mais indivíduos, sem que se sinta a “distância” real e física que as separa, na medida em que os limites geográficos não se colocam mais como dificuldade para a comunicação. O

---

<sup>8</sup> BAUMAN, Z. *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007, p. 71.

imediatismo das consultas feitas em rede, a conectividade, a interação e o compartilhamento de ideias e pensamentos são fatores que vêm alterando as relações de comunicação. Ao enviar uma mensagem, por exemplo, o usuário da internet tem uma expectativa de resposta imediata, pois depende dela para continuar um determinado trabalho, resolver um problema ou ainda passar a informação adiante. Sem nos darmos conta, essas pequenas ações do cotidiano vão nos fazendo agir e reagir de diferentes maneiras, levando-nos a criar novos hábitos, comportamentos e valores que vão se agregando ao nosso dia a dia.

De acordo com o sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2007), vivemos em “tempos líquidos”<sup>9</sup>, nos quais “nada é para durar”, dando a sensação de que vivemos em um eterno presente renovado. Lembremos como a relação com o tempo era outra quando dependíamos das trocas de cartas que levavam meses para serem lidas e respondidas, construindo marcas e deixando resquícios de uma história e de uma memória. Hoje, temos a sensação de que tudo acontece agora e ao mesmo tempo, ao passo que nada se fixa no tempo. Um vídeo no YouTube<sup>10</sup> postado há alguns anos poderá ser visto e revisto continuamente e as imagens do passado podem ser reprisadas e até confundidas com as do presente, causando muitas perdas de informações contextuais de um determinado discurso. Em contrapartida, as redes virtuais favorecem uma abertura para as relações sociais, políticas, econômicas e culturais, pois o indivíduo não se vê mais isolado: ele está sempre inserido em comunidades e grupos sociais. A conectividade e as interações propiciam um contato diverso com a realidade, além de acelerar a elaboração e a realização de trabalhos coletivos, desencadeando outras ações.

Um exemplo concreto da agilidade do acesso e da construção de um projeto que utiliza todos os recursos tecnológicos disponíveis na internet ocorre nos programas de mobilidade internacional. O estudante que quer participar de um projeto de mobilidade internacional tem rapidamente acesso a informações preliminares para decidir onde quer estudar, interagir com colegas que estão em intercâmbio, com aqueles que já voltaram, o que é necessário fazer para montar seu dossiê de candidatura, quais cursos e atividades são

---

<sup>9</sup> Conceito de Zygmunt Bauman sobre a liquidez da vida moderna. BAUMAN, Z. *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

<sup>10</sup> Site popular de compartilhamento de vídeos em formato digital, que permite interação em tempo real entre os usuários participantes.

oferecidos e diversos dados obtidos nos *sites* das instituições. Essas informações, acrescidas de outras de caráter social, político, econômico e cultural, circulam na sociedade e formam um conjunto de imagens que o estudante tem sobre o país onde realizará os estudos, de representações sobre um determinado objeto. Podemos dizer que, de maneira geral, tudo o que estiver relacionado às experiências acumuladas ao longo de nossas vidas, sejam ideias, pensamentos, valores que se remetem ao indivíduo e/ou a um ou mais grupos que partilham dessas vivências, são elementos que vão formar o conceito de representação.

Mas, afinal, o que é “representação”?

As acepções da palavra “representação” em um dicionário de língua portuguesa são as seguintes e em diversas frentes do conhecimento:

- 1 ato ou efeito de representar(-se)
- 2 exposição escrita ou oral de motivos, razões, queixas etc. a quem de direito ou a quem possa interessar
- 3 aquilo que se representa
- 4 ideia ou imagem que concebemos do mundo ou de alguma coisa
- 4.1 **Rubrica: filosofia.**  
operação pela qual a mente tem presente em si mesma a imagem, a ideia ou o conceito que correspondem a um objeto que se encontra fora da consciência
- 5 qualidade necessária, fundamental  
Ex.: *não tinha r. para o cargo que exercia*
- 6 posição de expressão social  
Ex.: *era uma família de r.*
- 7 o total daqueles representantes que ger. trabalham de maneira conjunta, coordenada  
Ex.: *a r. do Estado do Rio no Congresso*
- 8 **Rubrica: teatro.**  
m.q. encenação
- 9 **Rubrica: cinema, teatro, televisão.**  
ato de representar papéis em espetáculos teatrais, cinematográficos etc.; atuação
- 10 reprodução por meio da escultura, da pintura, da gravura
- 11 trabalho desempenhado em nome de uma firma, de uma empresa
- 12 **Rubrica: termo jurídico.**  
fato de realizar um ato jurídico em nome e por conta de outrem, em virtude de poder legal ou convencional, e com o efeito de criar para a pessoa representada uma obrigação ou um direito
- 13 **Rubrica: termo jurídico.**  
instituto pelo qual certos parentes do falecido são chamados pela lei a suceder em todos os direitos em que ele sucederia, se fosse vivo
- 14 **Rubrica: termo jurídico.**  
posição jurídica do pai ou tutor que age em nome dos filhos ou tutelados
- 15 **Rubrica: termo jurídico.**  
contrato remunerado entre dois comerciantes ou empresas comerciais, para que uma parte promova a venda de produtos da outra, concluindo negócios em nome dela
- 16 **Rubrica: termo jurídico.**

petição com que o cidadão se dirige aos poderes públicos para reclamar contra abusos de autoridades e promover a responsabilidade delas

**17 Rubrica: termo jurídico. Regionalismo: Brasil.**

pedido formulado pela vítima de certos delitos (ou por seus representantes legais) à autoridade policial ou judiciária, bem como ao órgão do Ministério Público, para que se proceda contra o delinquente, sem o que é inadmissível a ação penal intentada na espécie

**18 Rubrica: política.**

delegação de poderes conferidos pelo povo a certas pessoas, por meio de votos, para que exerçam em seu nome as funções próprias dos órgãos eletivos da administração pública

**19 Rubrica: psicologia.**

imagem intencionalmente chamada à consciência e mais ou menos completa de um objeto qualquer ou de um acontecimento anteriormente percebido<sup>11</sup>

Também em um dicionário específico de didática, como o *Dictionnaire de didactique du français – langue étrangère et seconde*<sup>12</sup>, a definição do termo “*représentation*” traz como característica principal a ideia de que se trata de uma noção transversal a diversas áreas do conhecimento, enfatizando diferentes dimensões de análise e interpretação de ordem sociológica, psicológica, filosófica, histórica e antropológica.

Trata-se de uma noção transversal que encontramos em diversos domínios das ciências do homem e da sociedade e que adquire, tanto na sociolinguística quanto em didática das línguas e culturas, uma posição teórica de primeiro plano. A origem dela é antiga, mas podemos dizer que a sociologia de E. Durkheim, sob a denominação de “representação coletiva” é responsável por sua entrada na análise contemporânea dos fenômenos sociais. No entanto, é a psicologia social que vai promovê-la ao uso atual, após a requalificação de “representação social”.

(CUQ, 2003: 214)<sup>13</sup>.

Segundo Jodelet (1989), as abordagens que as diferentes áreas em ciências humanas fazem do conceito comprovam sua transversalidade, assegurando-lhe uma dimensão social

<sup>11</sup> *Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*, versão 2009.3. Vários outros dicionários da língua portuguesa poderiam ser consultados apenas para exemplo das acepções que aparecem. Como o objetivo desta pesquisa não é confrontar os significados do verbete nos dicionários, optamos por aquele que julgamos mais completo e adequado para fins acadêmicos.

<sup>12</sup> Jean-Pierre CUQ. *Dictionnaire de didactique du français – langue étrangère et seconde*. Paris: Clé International, 2003. p. 214-216.

<sup>13</sup> Tradução nossa. Texto original: *Il s’agit d’une notion transversale que l’on retrouve dans plusieurs domaines au sein des sciences de l’homme et de la société et qui acquis, aussi bien en sociolinguistique qu’en didactique des langues-cultures, une position théorique de premier plan. L’origine en est ancienne mais l’on peut dire que la sociologie d’E. Durkheim, sous la dénomination de ‘représentation collective’ est responsable de son entrée dans l’analyse contemporaine des phénomènes sociétaux. Cependant, c’est la psychologie social qui va en promouvoir l’usage actuel, après requalification en « représentation sociale.*

e histórica, ou seja, relacionando-o aos sistemas simbólicos e atitudes sociais que expressam o pensamento humano.

Essa multiplicidade de relações com disciplinas vizinhas confere ao tratamento psicossociológico da representação um *status* transversal que interpela e articula diversos campos de pesquisa, chamando não uma justaposição, mas uma real coordenação de seus pontos de vista.  
(JODELET, 1989: p. 58)<sup>14</sup>

Ainda segundo a autora, o conceito de representação apresenta uma dimensão social ideológica, que é ativada pelo indivíduo, aquele que interpreta o objeto em um determinado contexto, isto é, desencadeia-se um procedimento relacionado ao ato de pensar e de interpretar, de acordo com os diferentes objetos de estudo em ciências sociais, sociologia, antropologia, história. Não há, portanto, representação sem um **objeto** da realidade a ser estudado, analisado, pesquisado e representado (SPINK, 1993)<sup>15</sup>.

Para completar essas ideias, Moscovici afirma que “não existe nada na representação que não esteja na realidade, exceto a realidade em si” (Apud JODELET, 1990: p. 72). Dessa forma, os acontecimentos sociais, as nossas inserções na sociedade em diferentes grupos e contextos são alguns dos elementos que vão fazer parte das representações que construímos sobre um determinado objeto. Podemos dizer que a identificação desses elementos torna possível a compreensão da realidade em suas particularidades e em seu todo, dos indivíduos e grupos que a compõem.

Enquanto fenômenos complexos, as representações nos interessam, pois revelam as leituras da realidade social na qual estamos inseridos e se referem à observação, à identificação, à análise e à interpretação de diversos elementos presentes na realidade, de naturezas afetiva, cognitiva, informativa, ideológica, de valores, de crenças, entre outras.

Compreendendo o conceito dessa forma, podemos afirmar também que as representações se modificam na medida em que indivíduos e/ou grupos estão em movimento e desenvolvem continuamente ações com o objetivo de identificar e resolver

---

<sup>14</sup> Tradução. Texto original: *Cette multiplicité de relations avec des disciplines voisines confère au traitement psychosociologique de la représentation un statut transverse qui interpelle et articule divers champs de recherche, réclamant, non une juxtaposition mais une réelle coordination de leurs points de vue.*

<sup>15</sup> Baseamo-nos em: SPINK, M. J. P. *The Concept of Social Representations in Social Psychology*. Cad. Saúde Públ., Rio de Janeiro, 9 (3): 300-308, jul/sep, 1993. Disponível em: <<http://www.scielosp.org/pdf/csp/v9n3/17.pdf>>. Acesso em 06 nov. 2014.

problemas, descrever comunidades, hábitos, valores e costumes, acontecimentos e manifestações e, também, partilhar ideias e pensamentos. Ao interpretá-los, observamos suas representações de mundo, ancoradas em um determinado contexto, em tempo e espaço definidos, e podendo sofrer modificações à medida que outros elementos integrem o objeto analisado.

Elas [as representações] nos guiam na maneira de nomear e definir o conjunto de diferentes aspectos de nossa realidade de todos os dias, na maneira de interpretá-los, classificá-los e, caso aplicável, tomar uma posição ao seu olhar e defendê-la.

(JODELET, 1989: p. 47)<sup>16</sup>

Os fenômenos observáveis, diretamente reconstruídos por um indivíduo e/ou por grupos sociais, podem configurar-se por meio de diferentes aspectos, relacionados ao lugar social onde o sujeito/interpretante se coloca. São eles afetivos, espontâneos, de senso comum, ancorados em uma coletividade, transmitidos por grupos sociais, como as famílias, pela educação, cultura e canais de comunicação. O que vai diferenciar uma investigação sobre um conjunto de representações sociais de um determinado grupo será, portanto, a identificação e análise dos elementos que o caracterizam, ou seja, o contexto de produção dessas representações, como elas foram formuladas e obtidas.

A observação das representações sociais é, com efeito, algo fácil em muitas ocasiões. Elas circulam nos discursos, são trazidas pelas palavras, veiculadas nas mensagens e imagens midiáticas, cristalizadas nas condutas e agenciamentos materiais ou espaciais.

(JODELET, 1989: p. 48)

[...] esses elementos são sempre organizados sob espécie de um saber que diz algo sobre o estado da realidade. E é essa totalidade significativa que, em relação à ação, se encontra no centro da investigação científica. Esta se dá pela tarefa de descrever, analisar, explicar em suas dimensões, formas, processos e funcionamento.

(JODELET, 1989: p. 53)

[...] são modalidades de conhecimento prático orientadas para a comunicação e para a compreensão do contexto social, material e ideativo em que vivemos. São, conseqüentemente, formas de conhecimento que se manifestam como elementos cognitivos – imagens, conceitos, categorias, teorias –, mas que não se reduzem jamais aos componentes cognitivos.

---

<sup>16</sup> Tradução nossa. Texto original: *Elles [Les représentations] nous guident dans la façon de nommer et définir ensemble les différents aspects de notre réalité de tous les jours, dans la façon de les interpréter, statuer sur eux et, le cas échéant, prendre une position à leur égard et la défendre.*



Sendo socialmente elaboradas e compartilhadas, contribuem para a construção de uma realidade comum, que possibilita a comunicação. Deste modo, as representações são, essencialmente, fenômenos sociais que, mesmo acessados a partir do seu conteúdo, têm de ser entendidos a partir do seu contexto de produção. Ou seja, a partir de funções simbólicas e ideológicas a que servem e das formas de comunicação onde circulam.

(JODELET In: SPINK, 1993: p. 300)<sup>17</sup>

Jean-Marie Seca (2003)<sup>18</sup>, baseando-se no conceito de representação social de Moscovici, destaca que o processo de apropriação do novo, de uma determinada realidade, se dá em relação ao nível de compreensão do conceito em si e dos fatores que interferem na percepção do objeto, salientando a dupla característica dessa noção. Isso significa que a representação social se constrói segundo imagens simbólicas de um determinado objeto, além da capacidade de adquirir acréscimos à percepção inicial, o que o indivíduo imagina do objeto e o que é a realidade social do objeto em si.

Ele [Moscovici] insiste também na dupla característica dessa noção [representação social]: produto e atividade. Ela é um produto, designa conteúdos, se organiza em temas e em discursos sobre a realidade. Ela constitui também uma atividade mental, um processo, um movimento de apropriação da novidade e dos objetos. Além disso, seu *status* é intermediário entre o nível do conceito e o da percepção.

(SECA, 2003: p. 40).

Se considerarmos os fatores que caracterizam um determinado grupo social, compreenderemos, segundo Moscovici (1990), que “representar algo, um estado, não é, na verdade, simplesmente duplicá-lo, repeti-lo ou reproduzi-lo, é reconstituí-lo, retocá-lo, modificando o texto”<sup>19</sup>.

A esse trabalho ativo de reconhecimento e interpretação da realidade, Seca (2003), dialogando com Jodelet (1989) sobre a capacidade intercambiável das representações sociais, bem como sua natureza e estrutura, afirma:

<sup>17</sup> SPINK, M. J. P. *The Concept of Social Representations in Social Psychology*. Cad. Saúde Públ., Rio de Janeiro, 9 (3): 300-308, jul/sep, 1993. Disponível em: <<http://www.scielosp.org/pdf/csp/v9n3/17.pdf>>. Acesso em 06 nov. 2014.

<sup>18</sup> Tradução nossa. Texto original: *Il [Moscovici] insiste également sur la double caractéristique de cette notion [la représentation sociale]: produit et activité. Elle est un produit, désigne des contenus, s’organise en thèmes et en discours sur la réalité. Elle constitue aussi une activité mentale, un processus, un mouvement d’appropriation de la nouveauté et des objets. De plus, son statut est intermédiaire: entre le niveau du concept et celui de la perception.*

<sup>19</sup> Tradução nossa. Texto original: *Représenter quelque chose, un état n’est, en effet, pas simplement le dédoubler, le répéter ou le reproduire, c’est le reconstituer, le retoucher, lui en changer le texte [...]*

Para Jodelet (1989), uma representação social é “uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e compartilhada, tendo uma visão prática e concorrendo à construção de uma realidade comum a um conjunto social”. As representações aparecem então determinantes na gestão das relações sociais, tanto do ponto de vista das condutas quanto da comunicação.<sup>20</sup>

(SECA, 2003: p. 41)

Entendemos que o conceito nos remete à reflexão das maneiras pelas quais conhecemos uma determinada realidade que se mostra complexa, podendo ser apreendida sob diferentes olhares, como dissemos anteriormente. A dimensão prática levantada pelo autor coloca o indivíduo, num primeiro momento, como sujeito ativo quando se informa, conhece e interpreta um determinado contexto, para numa segunda etapa entender o sentido coletivo do que interpretou, estabelecendo as relações entre os elementos que identifica.

Forma de saber, a representação se prepara como uma “modalização” do objeto diretamente legível, ou inferida, em diversos suportes linguísticos, comportamentais ou materiais. Todos os estudos de representação passarão por uma análise das características ligadas ao fato de que ela é uma forma de conhecimento.

(JODELET, 1989: p. 61)

Para Jodelet (1989), abordar a temática da representação social significaria a construção de uma interpretação de um saber “prático” relacionado a uma determinada experiência, considerando os determinantes e o contexto em que ela se produziu. Quais são as condições de produção e circulação? O que é observado? Quem fez determinada afirmação? Como ela foi obtida? O que sabemos dela? Referindo-se aos procedimentos levantados por Moscovici, Jodelet (1989: p. 64) retoma os três níveis de análise citados pelo autor. O primeiro se refere às condições nas quais as informações são obtidas, em função do interesse e implicação dos sujeitos, o que vai determinar as características dos elementos que serão coletados; o segundo é o processo de formação das representações, o que é determinado pelo grau de objetividade, significados e contextualização do que é observado;

---

<sup>20</sup> Tradução nossa. Texto original: *Pour Jodelet (1989), une représentation sociale est “une forme de connaissance, socialement élaborée et partagée, ayant une visée pratique et concourant à la construction d’une réalité commune à un ensemble social”. Les représentations apparaissent alors déterminantes dans la gestion des relations sociales, tant du point de vue des conduites que de la communication.*

e, o terceiro, a natureza das representações, ou seja, referem-se à manifestação de opiniões, atitude, estereótipo ou outras características.

Seca (2003)<sup>21</sup> salienta os três aspectos interdependentes das representações, que são justificados por Bonardi e Rousseau (1999):

As definições tradicionais entre os psicólogos sociais insistem em três aspectos interdependentes que caracterizam as representações: sua elaboração na e para a comunicação, a (re)construção do real e o predomínio do meio ambiente para sua organização: “Analisar uma representação social é tentar compreender e explicar a natureza das relações sociais que aproximam os indivíduos intra e intergrupos”

(Bonardi & Rousseau, 1999: p. 25. Apud SECA, 2003)

Essas relações estão em um nível de menor sedimentação social, são mais fluidas e contingentes e podem ser, elas próprias, reflexos ou efeitos de representações sociais.

Reconhecemos genericamente que as representações sociais, enquanto sistemas de interpretação que regem nossa relação com o mundo e com os outros, orientam e organizam as condutas e as comunicações sociais. Do mesmo modo, elas intervêm nos processos tão variados quando a difusão e a assimilação dos conhecimentos, o desenvolvimento individual e coletivo, a definição das identidades pessoais e sociais, a expressão dos grupos e as transformações sociais.

(SECA, 2003: p. 53)

Outro aspecto que deve ser considerado é a definição de representação como construção da identidade. A pesquisadora Geneviève Zarate, em sua obra *Représentations de l'étranger et didactique des langues* (2004), discorreu sobre o processo de formação identitária influenciado pelas representações:

Já que partilhar representações é manifestar sua adesão a um grupo, afirmar um laço social e contribuir para seu fortalecimento, as

---

<sup>21</sup> Tradução nossa. Texto original: *Les définitions traditionnelles chez les psychologues sociaux insistent sur trois aspects interdépendants qui caractérisent les représentations: leur élaboration dans et par la communication, la (re)construction du réel et la maîtrise de l'environnement par son organisation : 'Analyser une représentation sociale, c'est tenter de comprendre et d'expliquer la nature des liens sociaux qui unissent les individus, des pratiques sociales qu'ils développent, de même que les relations intraet intergroupes.'* (Bonardi & Rousseau 1999: 25).

representações participam de um processo de definição da identidade social.<sup>22</sup>

(ZARATE, 2004: p. 30)

Ou seja, as representações participam de um processo de definição de uma identidade social por meio da dimensão recíproca das trocas de percepções. As representações do estrangeiro remetem à identidade do grupo que as produz:

Se toda representação deriva de uma construção identitária, as representações do estrangeiro constituem paradoxalmente uma das vias mais acessíveis para dar início a uma reflexão sobre o funcionamento da sua identidade. [...] As representações desenvolvem a relação entre um grupo e outro e contribuem para nomear o estrangeiro, conforme o sistema de referências internas do grupo. Como todas as outras formas de representações, as representações do estrangeiro referem-se à identidade do grupo que as produz.

(ZARATE, 2004: p. 30-31)<sup>23</sup>

Em se tratando de língua estrangeira, podemos nos referir às representações socioculturais que construímos ao longo do tempo e por meio dos canais de comunicação, grupos sociais, relações interpessoais e coletivas, de trabalho e/ou do mundo acadêmico com os diferentes interlocutores que nos cercam. Em muitas situações, nos vemos diante de representações que construímos a partir dos estereótipos do país estrangeiro veiculados nas mídias em contextos diversos da vida em sociedade.

Ao partir da definição da palavra “estereótipo” encontrada em dicionários comuns da língua portuguesa (Aurélio<sup>24</sup> e Caldas Aulete<sup>25</sup>), compreendemos que o termo se refere a

<sup>22</sup> Tradução nossa. Texto original: *Puisque partager des représentations, c'est manifester son adhésion à un groupe, affirmer un lien social et contribuer à son renforcement, les représentations participent d'un processus de définition de l'identité social.*

<sup>23</sup> Tradução nossa. Texto original: *Si toute représentation relève d'une démarche identitaire, les représentations de l'étranger constituent paradoxalement l'une des voies les plus accessibles pour amorcer une réflexion sur le fonctionnement de son identité. [...] Les représentations aménagent la relation entre le groupe et l'autre et contribuent à nommer l'étranger selon le système de références interne au groupe. À l'instar de toutes les autres formes de représentations, les représentations de l'étranger renvoient à l'identité du groupe qui les produit.*

<sup>24</sup> *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Acepções de “Estereótipo”: (es.te.re:ó.ti.po) sm.

[F.: estereo - + -tipo, ou do fr. stéréotype.]

1. Visão ou compreensão (de algo ou alguém) muito generalizada, formada somente na comparação com padrões fixos e preconcebidos, sem nuances, sem distinção de características próprias, mais sutis;
2. Esse padrão, formado a partir de uma imagem alimentada mais por conceitos fixos e preconcebidos do que pela própria realidade;
3. Fig. Ideia repetitiva, sem originalidade; lugar-comum;
4. Tip. Chapa de reprodução de caracteres tipográficos obtida pelo processo de estereotipia; estereotipia.

algo relacionado a “lugar-comum”, “ clichê” e “chavão”. Também no *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*<sup>26</sup>, esse vocábulo é designado como “ideias preconcebidas”, “convicção classificatória”, “generalizações” ou “banalidade”.

Em Castelotti e Moore (2002), o conceito de “estereótipo” está diretamente relacionado ao de representação. Apesar de ter uma conotação pejorativa em certos contextos, o “estereótipo” pode ser positivo quando se inicia o ensino-aprendizagem de uma língua/cultura estrangeira, porque se trata de um conhecimento prévio em relação ao outro. Isso ocorre, por exemplo, em sala de aula, ao fazer as apresentações com informações pessoais gerais, ao associar as nacionalidades às línguas, ao escolher os adjetivos qualificativos que determinariam diferenças entre homens e mulheres, ou simplesmente ao usar expressões positivas para dias ensolarados e negativas para dias nublados, mesmo sabendo que tudo isso poderia ser relativizado.

Os estereótipos identificam imagens estáveis e descontextualizadas, esquemáticas e restritas, que funcionam na memória comum e às quais aderem certos grupos. O grau de adesão e de validade que lhes atribuem certos grupos de locutores ou de indivíduos podem ser ligados a condutas e comportamentos linguísticos e comportamentos de aprendizagem.

(CASTELOTTI; MOORE, 2002: p. 8).<sup>27</sup>

O estereótipo é, então, um valor fixo, estático, cristalizado, que permanece imutável ao longo do tempo. Tal estabilidade no tempo não leva em consideração as transformações

<sup>25</sup> Dicionário Caldas Aulete. Disponível em: <<http://aulete.uol.com.br/estere%C3%B3tipo>>. Acesso em: 26 out. 2013.

<sup>26</sup> *Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Versão 2009. 3. Acepções para “Estereótipo”:

1. Rubrica: artes gráficas.  
chapa ou clichê us. em estereotipia; estéreo, estereotipia
2. Derivação: por metonímia. Rubrica: artes gráficas.  
trabalho impresso com chapas de estereotipia
3. algo que se adequa a um padrão fixo ou geral  
Ex.: A Vênus de Willendorf é um e. da mulher na arte paleolítica
- 3.1. esse próprio padrão, ger. formado de ideias preconcebidas e alimentado pela falta de conhecimento real sobre o assunto em questão  
Ex.: o e. do amante latino
- 3.2. ideia ou convicção classificatória preconcebida sobre alguém ou algo, resultante de expectativa, hábitos de julgamento ou falsas generalizações
4. aquilo que é falto de originalidade; banalidade, lugar-comum, modelo, padrão básico

<sup>27</sup> Tradução nossa. Texto original: *Les stéréotypes identifient des images stables et décontextualisées, schématiques et raccourcies, qui fonctionnent dans la mémoire commune, et auxquelles adhèrent certains groupes. Le degré d'adhésion et de validité que leur portent certains groupes de locuteurs ou des individus peuvent être liés à des conduites, à des comportements linguistiques et à des comportements d'apprentissage.*

da sociedade, dos grupos sociais, dos indivíduos e, nesse sentido, podemos afirmar que o estereótipo é algo descontextualizado. Já as representações podem ser transformadas pelas relações e vivências individuais e sociais. Trata-se de um conhecimento elaborado e compartilhado socialmente, por um grupo, uma comunidade ou uma classe social.

Entendemos que o conhecimento de uma determinada realidade não deve se restringir ao estereótipo; ao contrário, ele pode ser o ponto de partida para a discussão dos aspectos socioculturais que o envolvem, devendo ser confrontado e criticado antes de afirmar ou negar a sua veracidade. Posto isso, faz-se necessário saber reconhecer o estereótipo e sua veracidade para identificar como ele afeta as relações praticadas por esses grupos, o que as estudiosas chamam de “comportamento de aprendizagem”, no caso de tratarmos do tema em contexto de ensino de uma língua estrangeira.

Ainda de acordo com Castelotti e Moore (2002: p. 11), há uma forte correlação entre a imagem que o aluno construiu de um país e as representações sobre a sua própria aprendizagem da língua do país. No contexto desta pesquisa, entendemos que as imagens projetadas sobre a França podem ser mais positivas do que negativas. Ou seja, uma visão positiva acerca do país estrangeiro corresponderia à visão de uma aprendizagem mais “fácil” de ser apreendida, pois o que se aprende estaria relacionado a informações “estáticas” que permanecem ao longo do tempo. A partir de nossa experiência, podemos dizer que é muito comum em um início de curso, na primeira aula, em resposta a uma pergunta do professor sobre o que o grupo tem de informação sobre a França ou sobre a língua francesa, os alunos responderem que “a língua é muito bonita”; “a França é o país do vinho e do queijo”<sup>28</sup>, entre outras afirmações.

No que se refere às imagens negativas que se repetem de um ano para outro, ainda, a mais frequente é “Os franceses não tomam banho”. É o estereótipo mais clássico de um início de aprendizagem e o professor o “aceita” enquanto uma das imagens que veiculam na sociedade. Trata-se de uma difusão de uma informação sobre uma civilização, um estereótipo que foi se perpetuando ao longo da história. A questão mais importante, e que está presente nos contextos de formação de professores, é o que fazer com tais

---

<sup>28</sup> Afirmações fornecidas por alunos dos Cursos Extracurriculares de Francês da FFLCH-USP, na ocasião em que a pesquisadora atuava como monitora-bolsista.

informações, pois constatamos ser ainda uma necessidade entre os professores saber trabalhar com os estereótipos em sala de aula.

No âmbito desta pesquisa, trabalhamos com a hipótese de que a vivência no país estrangeiro, no contexto da mobilidade estudantil, poderá acarretar mudanças em relação aos estereótipos construídos e, por consequência, nas representações que os participantes têm em relação à língua francesa e à França. Não se trata de valorizar a viagem de estudos em si, mas contextualizá-la dentro de um cenário com elementos que podem atestar uma evolução das representações iniciais, dos conhecimentos acumulados antes da chegada ao país estrangeiro.

Essas representações foram construídas ao longo de vivências individuais, em grupo e no contexto de ensino e aprendizagem dos alunos no Curso de Francês da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, espaço que consideramos privilegiado para trabalhar com os temas aqui evocados.

Nesse sentido, entendemos que é necessário, antes de passar ao próximo item deste capítulo, no qual trataremos das relações entre “língua e cultura(s)”, discutir o que significa, do ponto de vista teórico, o conceito de representações culturais e sua relação com a construção da identidade dos indivíduos.

Klett (2004: p. 83) utiliza os termos “manifestações culturais” como um “conjunto de atitudes, valores e comportamentos desenvolvidos pelos sujeitos de uma determinada comunidade em seu contexto social, econômico e histórico”.<sup>29</sup> Além da pesquisadora acima, concordamos com Lussier (2008: p. 11) quando se refere à definição de representações culturais baseando-se em Moscovici:<sup>30</sup>

As representações culturais, produzidas e partilhadas pelas pessoas de um mesmo grupo a respeito de um dado objeto social, estão em constante evolução dentro de um grupo, já que os valores, as normas, as crenças de uma sociedade mudam no tempo. As representações não são, portanto, criadas pelas pessoas e pelos grupos isolados, mas são quando essas pessoas e esses grupos entram em comunicação e cooperam com o mundo exterior. Uma vez criadas, pelo contrário, as representações possuem sua

---

<sup>29</sup> Tradução nossa. Texto original: "*ensemble d'attitudes, valeurs et comportements développés par les sujets d'une communauté donnée dans leur contexte social, économique et historique*"

<sup>30</sup> *Représentations culturelles, expériences d'apprentissage du français et motivations des immigrants adultes en lien avec leur intégration à la société québécoise. Étude exploratoire. Langues et société.*

própria existência, circulam, fundem-se, separam-se ou criam outras representações.<sup>31</sup>

(MOSCOVICI, 2001. Apud LUSSIER, 2008: p. 11).

Pelo que já foi exposto anteriormente e a partir da última definição, podemos dizer que as representações culturais fazem parte das representações sociais e são, portanto, contextualmente definidas. No contexto de ensino e aprendizagem, corroboramos com a afirmação de Grigoletto (2003: p. 223) de que “todo aluno aprendiz de língua estrangeira constrói representações sobre a língua em questão e essas representações deixam entrever aspectos de identidade desses sujeitos”.

Isso significa que, na sala de aula, em se tratando de um “mesmo contexto”<sup>32</sup>, o grupo de alunos representa, individual e coletivamente, identidades que não são homogêneas, pois revelam percursos e processos históricos, culturais e sociais heterogêneos.

De acordo com Peruchi e Coracini (2003),

[...] o indivíduo moderno não possui apenas uma cultura, um único ponto de referência ou pontos de referência fixos aos quais se identifica. Há todo um conjunto de pertencimentos sociais que caracterizam sua existência: pertencimentos de classe, de sexo, de idade, de nação, de língua, de religião, de etnia...

(PERUCHI; CORACINI, 2003)

Esse sujeito constrói sua identidade pela relação que estabelece com o outro, definindo-a coletivamente na medida em que se consideram as dimensões históricas, culturais e sociais que o caracterizam.

---

<sup>31</sup> Tradução nossa. Texto original: *Les représentations culturelles, produites et partagées par les personnes d'un même groupe à l'égard d'un objet social donné, sont en constante évolution à l'intérieur d'un groupe puisque les valeurs, normes, croyances d'une société change avec le temps. Les représentations ne sont donc pas créées par des personnes et des groupes isolés, mais bien lorsque ces personnes et ces groupes entrent en communication et coopèrent avec le monde extérieur. Une fois créées, par contre, les représentations possèdent leur propre existence, circulent, fusionnent, s'éteignent ou mènent à la création d'autres représentations.*

<sup>32</sup> As aspas são para relativizar esta expressão, pois, apesar se entender que o contexto em sala de aula é um contexto específico de ensino-aprendizagem, com situações lúdicas e de reflexões metalinguísticas para fins didáticos, não podemos ainda garantir que todo contexto desse tipo é idêntico em qualquer lugar ou época. Pelo contrário, consideramos que as situações de práticas e atividades de ensino-aprendizagem variam e se transformam.



Segundo Abdallah-Pretceille (2005), o indivíduo mantém uma relação de identidade com seu grupo de origem, é definido pelo lugar social que ocupa, em um determinado tempo e espaço e nas relações que estabelece com outros grupos. Num mundo globalizado, conhecer a si mesmo e ao outro pressupõe o desenvolvimento de uma postura que não reforça sua individualização, numa perspectiva psicológica, mas, sim, na direção de uma noção de pertencimento.

O indivíduo está cada vez mais autônomo em relação ao seu grupo de origem ou, mais exatamente, em relação ao seu ou aos seus grupos de pertencimento (sejam estes provisórios ou definitivos). O incentivo para a autonomia e ao desenvolvimento da personalidade de cada um conjugado à ascensão do espírito democrático induziu uma personalização cada vez mais forte dos comportamentos e condutas. A individualização das referências é um contraponto ao que chamamos muito facilmente de mundialização de culturas. [...]

O indivíduo não é mais o produto passivo de sua cultura, mas ele participa de seu desenvolvimento, de sua produção uma vez que ele não se constitui mais em torno de uma única identidade, mas de várias (regional, nacional, sexual, geracional, política, sindical etc.). Identidades que não são nem exclusivas entre si nem competem sem estar, todavia, em total harmonia.<sup>33</sup>

(ABDALLAH-PRETCEILLE, 2005: p. 2)

Com o processo de globalização, a noção de identidade como sinônimo de nação, de valores imutáveis construídos ao longo do tempo e passados de uma geração a outra dão lugar a uma “relação entre culturas, em um processo que é heterogêneo, em permanente transformação” (PERUCHI e CORACINI, 2003: p. 368).

Ao compreender a não “individualização da identidade”, passamos a trabalhar com outro paradigma cultural. De acordo com Abdallah-Pretceille (2010):

Toda cultura é apenas a expressão de um ponto de vista suscetível de ser confirmado ou anulado por outros pontos de vista. Nesse sentido, a cultura não é o reflexo de uma realidade objetiva, mas o resultado de uma

---

<sup>33</sup> Tradução nossa. Texto original: *L'individu est de plus en plus autonome par rapport à son groupe d'origine ou plus exactement par rapport à son ou ses groupes d'appartenance (que ceux-ci soient provisoires ou définitifs). L'encouragement à l'autonomie et au développement de la personnalité de chacun conjugué à l'essor de l'esprit démocratique a induit une personnalisation de plus en plus forte des comportements et des conduites. L'individualisation des références est un contrepoids à ce que l'on appelle trop facilement la mondialisation des cultures.[...] L'individu n'est plus le produit passif de sa culture mais il participe à son développement, à sa production d'autant qu'il n'est plus au cœur d'une seule identité mais de plusieurs (régionale, nationale, sexuelle, générationnelle, politique, syndicale, etc.). Identités qui ne sont ni exclusives les unes des autres, ni concurrentes sans être toutefois en totale harmonie.*

atividade linguageira e social. As culturas não existem fora dos indivíduos que as trazem e as atualizam nem fora dos discursos e das declarações feitas sobre elas.<sup>34</sup>

Ao aprender uma língua estrangeira, estabelecemos uma relação com o outro, num processo de encontro de identidades, de representações culturais que o constituíram. Se tomarmos como exemplo alguns países de expressão francesa, como as Antilhas, nos deparamos com uma realidade complexa, formada por diferentes elementos culturais que não se limitam à França. Além das questões sociais e políticas, há um conjunto de manifestações culturais que marcam a constituição de cada uma das culturas ali presentes.

Ainda, segundo a estudiosa, trata-se “de aprender a passar do estado descritivo à compreensão do processo, apoiando-se em saberes misturados, o que E. Glissant chama de ‘a creoulização das culturas’, ou seja, sobre o imaginário de identidade-relação”.<sup>35</sup>

Em relação à Martinica, segundo Albuquerque-Costa (2004), identificamos

a presença de elementos heterogêneos, múltiplos, pluriculturais de um povo cujas origens indígenas e africanas convivem com as culturas dos diferentes povos colonizadores das Américas (o holandês, o inglês, o espanhol e o francês). É a partir da reflexão sobre essa realidade, da identidade desse povo que durante três séculos foi se constituindo do encontro de diferentes elementos culturais que se misturam, se influenciam [...]

Segundo a autora, o processo a que se refere Édouard Glissant é o de “crioulização”, entendido como um processo de construção de uma cultura que não está somente relacionada a uma nação, o que “não significa a perda de identidade, das especificidades de uma cultura. Ao contrário, é um dos elementos principais da relação, pois implica o encontro de duas ou mais culturas em constante mudança e transformação” (ALBUQUERQUE-COSTA, 2004).

---

<sup>34</sup> Tradução nossa. Texto original: *Toute culture n'est que l'expression d'un point de vue susceptible d'être confirmé ou infirmé par d'autres points de vue. En ce sens, la culture n'est pas le reflet d'une réalité objective mais le résultat d'une activité langagière et sociale. Les cultures n'existent pas en dehors des individus qui les portent et les actualisent, ni surtout en dehors des discours et des propos tenus sur elles.*

<sup>35</sup> Tradução nossa. Texto original: [...] *d'apprendre à passer du stade descriptif à la compréhension de processus en s'appuyant sur des savoirs mêlés, sur ce qu'E. Glissant<sup>35</sup> appelle 'la créolisation des cultures' c'est-à-dire sur l'imaginaire de l'identité-relation.*

Ao tratar da temática, Lussier (2008) propõe referências que devem ser consideradas quando nos referimos a representações culturais de um determinado grupo social e às culturas a ele relacionadas. A abordagem é plural, e a autora propõe três dimensões: *des savoirs*, *des savoir-faire*, *des savoir-être*<sup>36</sup>, definidas da seguinte maneira:

a) **des savoirs** – nesta dimensão, os saberes/conhecimentos se referem à dimensão cognitiva e são baseados na memória coletiva de um determinado grupo. Consideram-se os elementos históricos, artísticos (literatura, pintura, música), geográficos das culturas relacionadas ao grupo social, contexto sociocultural (fatos e acontecimentos, valores, crenças e atitudes, hábitos e costumes) e normas relativas ao funcionamento da sociedade, estereótipos, entre outros.

b) **des savoir-faire** – esta dimensão se refere ao desenvolvimento das competências e práticas plurilíngues e pluriculturais, levando-se em consideração os diferentes espaços pessoais, sociais, culturais nos quais o indivíduo e/ou grupo estão inseridos. É a possibilidade de criar espaços de interação, de reconhecer e interpretar aspectos culturais do discurso. A perspectiva é de formular comparações que não hierarquizam uma cultura em relação à outra.

c) **des savoir-être** – esta dimensão trata dos aspectos de ordem afetiva e cognitiva e se referem às representações mentais que desenvolvemos na relação de abertura ou recusa do outro. O objetivo é desenvolver uma competência intercultural<sup>37</sup> que leva em consideração os aspectos da cultura de partida para o encontro com a(s) de chegada, tratando de temas culturais que podem ou não ser conflituosos, gerar tensões, entre outros.

Seguindo essa abordagem, podemos dizer que os aspectos que devem ser considerados para reconhecermos manifestações culturais de uma determinada cultura estão relacionados:

- à descentralização do eu, ou seja, da identidade individual como único mecanismo de conhecimento, para uma abertura em relação a uma ou mais culturas, numa perspectiva coletiva;

---

<sup>36</sup> Estas referências estão presentes em diversos documentos e publicações, inclusive no *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas*, documento da União Europeia.

<sup>37</sup> Esta competência será tratada no item 3 deste capítulo.

- à não hierarquização cultural, ou seja, uma cultura não é melhor que a outra; o que existem são diferenças que devem ser identificadas e relacionadas umas com as outras;
- ao favorecimento de práticas e interações plurilíngues e pluriculturais, considerando o contexto atual de globalização, de trocas, de transformações.

Segundo Abdallah-Pretceille (2010), “trata-se menos de aprender a cultura do Outro do que aprender a relação com o Outro em sua universalidade e singularidade”.<sup>38</sup> A partir dessa reflexão, apresentaremos na próxima seção as relações entre língua e cultura no contexto de ensino e aprendizagem da língua francesa.

---

<sup>38</sup> Tradução nossa. Texto original: [...] *il s'agit moins d'apprendre la culture de l'Autre que d'apprendre la relation à l'Autre dans son universalité et sa singularité.*

## 2. Noções de “cultura” em contexto de ensino-aprendizagem de FLE

Nesta seção, nosso objetivo é discutir algumas abordagens do conceito de “cultura” pertinentes às questões relacionadas entre língua e cultura(s) nos contextos de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira e o papel do professor na sala de aula no sentido de favorecer a formação crítica-reflexiva do aluno.

Aprender uma língua estrangeira significa aprender sua cultura ou todas as culturas a ela relacionadas, como afirma Beacco (2000: p. 17) “a aprendizagem de uma língua estrangeira implica, quase que automaticamente, a presença de algumas abordagens culturais”<sup>39</sup>. Aparentemente simples, esta afirmação consensual é, no entanto, complexa na medida em que diferentes abordagens para tratar o conceito “cultura” estiveram e estão presentes na sociedade por meio de interpretações vindas de várias áreas do conhecimento, como a história, a antropologia, a sociologia e, no nosso caso, a área da didática no âmbito do ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira.

Nesta pesquisa, abordaremos o conceito de “cultura” a partir do lugar em que realizamos a nossa formação universitária, na área da didática das línguas estrangeiras e no contexto de ensino-aprendizagem do francês, a partir do qual discutiremos teoricamente as representações sociais e culturais produzidas por estudantes universitários no contexto de preparação e realização de intercâmbio na França.

Segundo Beacco (2000), de maneira geral e durante muito tempo, a palavra cultura foi entendida como um modelo externo a ser imitado. Aprender uma língua significava se apropriar de sua cultura para poder imitá-la, não se levando em consideração aspectos referentes à cultura de origem do aprendiz em interação com a do outro, o estrangeiro. Hábitos, costumes e valores de uma determinada sociedade eram compreendidos como valores universais e que poderiam ser assimilados por todos aqueles que estivessem em contato com os falantes nativos da língua. A cultura do outro era compreendida como “um

---

<sup>39</sup> Tradução nossa. Texto original: *L'apprentissage d'une langue étrangère implique comme mécaniquement la présence de quelques éclairages culturels*

modelo exterior a ser imitado”, “sendo superior àquela [cultura] do aprendiz, mesmo em situações pós-coloniais”<sup>40</sup> (BEACCO, 2000: p. 23).

Esta visão de cultura, difundida em contextos de ensino e aprendizagem do francês por meio dos documentos existentes nos livros didáticos, passava aos alunos a ideia de que há várias culturas na sociedade, mas elas não estão no mesmo nível. Em relação à cultura de língua materna do estudante, estava implícito que era “inferior” em relação à cultura da língua estrangeira. Essa hierarquização entre culturas favorecia o desenvolvimento de atitudes de julgamento, de valorização de estereótipos e de regras que deveriam ser conhecidas e aprendidas para que, em contato, os “erros” de comportamento fossem evitados.

Se a cultura é percebida através de uma teoria mecânica, ou seja, como um conjunto de signos geridos por regras, as disfunções serão analisadas como erros de codificação e de decodificação, daí o apelo ao conhecimento e aos saberes factuais.<sup>41</sup>

(ABDALLAH-PRETCEILLE, 2010: p. 14)

O que se buscava “aprender” sobre a cultura do outro ficava prioritariamente restrito a um conjunto de fatos e informações gerais e universais que circulavam no senso comum, constituindo um saber enciclopédico. A associação “civilização-cultura” podia ser observada nos documentos dos materiais didáticos de ensino de Francês Língua Estrangeira, como exemplo, no livro didático “Libre Echange 2”<sup>42</sup> que apresenta a rubrica “Civilisation”, com textos e atividades sobre uma região francesa ou um país francófono, fornecendo aos alunos informações históricas, geográficas e socioculturais; “Culture”, com textos e fotos ilustrando aspectos da sociedade e da literatura francesa; e uma última seção intitulada “Comportement”, com textos sobre maneiras de agir, de pensar e de sentir dos franceses.

Neste binômio, cultura-civilização, o papel do professor é o de desenvolver as atividades de compreensão escrita, reforçando as ideias principais que os textos apresentam. A recepção a esta maneira de ensinar a cultura ligada a uma determinada língua é boa entre os professores e alunos, como salienta Beacco (2000), caracterizando esta

---

<sup>40</sup> Tradução nossa. Texto original: *un modèle extérieur à imiter*”, “étant supérieur à celle de l’apprenant, même en situations post-coloniales

<sup>41</sup> Tradução nossa. Texto original: *Si la culture est perçue à travers une théorie mécaniste, c’est-à-dire comme un ensemble de signes géré par des règles, les dysfonctionnements seront analysés comme des erreurs de codage et de décodage, d’où l’appel à la connaissance et aux savoirs factuels.*

<sup>42</sup> COURTILLON, J. et SALINS, G.D. de. Libre Echange 2. Méthode de français. Paris: Hatier/Didier, 1991.

situação como a existência de uma “demanda cultural”. Trata-se de ter acesso a saberes e conhecimentos sobre fatos históricos, biografias e textos de autores clássicos da literatura francesa, pintores, escultores, entre outras manifestações artísticas.

No exemplo a seguir, a rubrica do livro didático relaciona cultura com literatura.



CULTURE

## Être né quelque part ...

**Chateaubriand**

*Pour Chateaubriand, le lieu de naissance est un lieu sinistre, mais aussi un lieu de grandeur.*

**L**a maison qu’habitaient alors mes parents est située dans une rue sombre et étroite de Saint-Malo, appelée la rue des Juifs : cette maison est aujourd’hui transformée en auberge. La chambre où ma mère accoucha domine une partie déserte des murs de la ville, et à travers les fenêtres de cette chambre on aperçoit une mer qui s’étend à perte de vue, en se brisant sur des écueils. J’eus pour

parrain, comme on le voit dans mon extrait de baptême, mon frère, et pour marraine la comtesse de Plouër, fille du maréchal de Contades. J’étais presque mort quand je vins au jour. Le mugissement des vagues, soulevées par une bourrasque annonçant l’équinoxe d’automne, empêchait d’entendre mes cris : on m’a souvent conté ces détails ; leur tristesse ne s’est jamais effacée de ma



Aivazouski, *Tempête sur la mer la nuit.*

Chateaubriand, *Mémoires d’Outre-tombe*, 1841.

---

### Activités

- Recherchez dans le texte le ou les adjectifs, noms ou verbes qui résumement pour vous la « couleur » du texte.
- Relevez les caractéristiques suivantes :
  - le lieu de la ville,
  - le paysage,
  - le temps,
  - les événements de la naissance.
- Quelle phrase résume pour l’auteur le sentiment relatif à sa naissance ?
- **Reformulations**  
Retrouvez dans le texte l’équivalent des mots ou des expressions en italique gras :
  - La mer s’étendait **jusqu’à l’horizon.**
  - Le **bruit** des vagues.
  - Je revois la chambre où **j’ai eu le malheur de naître.**
  - **Je n’ai jamais pu oublier** cette histoire.

---

Imagem 1 – Seção “cultura” no material didático *Libre Echange 2*<sup>43</sup>

Florence Windmüller (2011) ressalta que, além dos conhecimentos ligados à literatura, os “conteúdos culturais” passaram a outras áreas do conhecimento, como a

<sup>43</sup> COURTILLON, J. et SALINS, G.D. de. *Libre Echange 2. Méthode de français*. Paris, Hatier/Didier, 1991, p.112.

antropologia, e as temáticas tratadas diziam respeito a hábitos e costumes, ritos sociais, relações políticas e sociais, instituições, personagens históricos, entre outros.

A noção de cultura, em muitos casos, estava vinculada, portanto, a uma perspectiva antropológica, sociológica, histórica e de civilização, “associada à percepção de uma evolução ascendente das sociedades humanas e da própria humanidade, através da difusão crescente dos conhecimentos” (BEACCO, 2000: p. 23).<sup>44</sup>

O autor ainda salienta que as atividades de comunicação oral e escrita poderiam ser desenvolvidas tomando como exemplo fatos ou personagens clássicos da civilização francesa. Com isso, atendiam-se dois objetivos: os de comunicação e os de civilização.

Não é raro encontrar exercícios de sistematização formal de itens apresentando fortes conteúdos culturais e exercícios de comunicação oral, por exemplo, consistindo em descrever uma pessoa, a partir de quadros de mestres da pintura representando personagens históricos prestigiosos (Descreva o rei Henrique IV, a partir do quadro do museu do Louvre).

(BEACCO, 2000: p. 77)<sup>45</sup>

Assim, “les savoirs culturels” eram transmitidos por meio de exercícios variados de documentos relacionados valores universais, “estáticos” que deveriam ser transmitidos continuamente em diversos contextos, mais precisamente, em contexto escolar.

Um exemplo que ilustra esta relação cultura-civilização se encontra no livro didático *Forum*<sup>46</sup>. Na figura a seguir, podemos identificar vários elementos que correspondem a esta concepção. Na rubrica “Comportements” do livro, a temática tratada é “être à l’heure”, “respeito à pontualidade” em situações da vida pessoal e profissional. São informações (ou conselhos) sobre os hábitos e costumes tradicionais dos franceses, pois se trata de comportamentos reais que são respeitados desde a época de Louis XIV, o que dá ao “conteúdo cultural” uma característica “universal”.

---

<sup>44</sup> Tradução nossa. Texto original: [...] associée à la perception d’une évolution ascendante des sociétés humaines et de l’humanité elle-même, par la diffusion grandissante des connaissances

<sup>45</sup> Tradução nossa. Texto original: *Il n’est pas rare de rencontrer des exercices de systématisation formelle à items présentant de forts contenus culturels ou des exercices de communication orale, par exemple, consistant à faire décrire une personne, avec comme déclencheur des tableaux de maître représentant des personnages historiques prestigieux.*

<sup>46</sup> BAYLON, C. et al. *Forum. Méthode de français 1*. Paris: Hachette, 2000.



## Comportements

### Être à l'heure

La ponctualité est la politesse des rois (Louis XIV).

#### La ponctualité

C'est le fait d'être à l'heure.

• **Dans la vie privée française**, il faut respecter deux grands principes contradictoires : d'un côté, il est impoli d'arriver en avance à un rendez-vous ou à une invitation, d'un autre côté, les autres ne doivent pas vous attendre :

- à un dîner ou à un déjeuner chez des amis, on arrive 10 ou 15 minutes après l'heure fixée ;
- à une soirée (pour danser, par exemple), on arrive une bonne demi-heure plus tard ;
- à un spectacle (concert, théâtre...), il faut arriver à l'heure : souvent, quand on arrive en retard, on ne peut pas entrer dans la salle avant l'entracte.

• **Dans la vie professionnelle**, on doit être à l'heure, ni en avance, ni en retard.



Avant l'heure, c'est pas l'heure ;  
après l'heure, c'est plus l'heure.



1 D'après vous, est-ce que les deux phrases ci-dessus donnent une valeur positive ou négative à la ponctualité ?

Imagem 2 – Atividade cultural no material didático *Forum*<sup>47</sup>.

A leitura de trechos de textos literários continuava a ser entendida como um meio de integração entre língua e cultura, de acesso a “conteúdos culturais”.

Em outras atividades, por meio de documentos autênticos que retratavam fatos da sociedade, o aluno era conduzido a identificar, reconhecer e compreender as manifestações culturais. O desenvolvimento das competências orais e escritas, de produção e de compreensão, nos manuais da abordagem comunicativa, estava ligado à comunicação, o debate e a discussão em grupos sobre temas relacionados à atualidade, sem deixar de levar

<sup>47</sup> BAYLON, C. et al. *Forum. Méthode de français 1*. Paris: Hachette, 2000, p. 72.

em consideração o objetivo de transmitir informações, conhecimentos, explicações e descrições de fatos e acontecimentos da sociedade.

A evolução da abordagem comunicativa para o que é denominado hoje de perspectiva acional leva em consideração os princípios da comunicação oral e escrita em língua estrangeira, mas muda o objeto social de referência da realidade, porque a cultura passa a ser parte integrante da comunicação, atribuindo ao professor o papel de mediador cultural. O objetivo não é somente conhecer e descrever uma cultura, mas sim de aprender e interagir por meio da diversidade, das relações entre as culturas em contato, sem que ocorram julgamentos de valores colocando uma cultura superior à outra.

A partir dessa noção de língua e cultura, podemos entender o conceito de “culturalidade”, explicado por Abdallah-Pretceille:

A cultura, enquanto língua, é um lugar de encenação de si e dos outros. A noção de culturalidade, através de seu aspecto dinâmico, é mais responsável por essa dinâmica, enquanto o conceito de cultura permanece marcado pela aproximação descritiva, adjetiva e categorizante.

(ABDALLAH-PRETCEILLE, 2010: p. 3)<sup>48</sup>

De acordo com a autora, a “culturalidade” pressupõe a relação dinâmica entre as diferentes culturas e o contato entre as pessoas. Portanto, reiteramos que o papel do professor em sala de aula não será apenas o de organizar e transmitir informações de uma cultura, mas sim de conscientizar o aluno sobre o paradigma cultural e sua diversidade e complexidade. A autora afirma, ainda, que o indivíduo participa do desenvolvimento e da formação de sua cultura, portanto, ele é um sujeito ativo na criação das identidades culturais do grupo heterogêneo do qual ele faz parte.

O ensino da civilização, como o da cultura, não deveria estimular a se produzir um discurso sobre o Outro, mas em vez disso permitir e facilitar uma melhor adequação, uma melhor compreensão. O indivíduo não é mais o produto passivo de sua cultura, mas ele participa de seu

---

<sup>48</sup> Tradução nossa. Texto original: *La culture, comme la langue, est un lieu de mise en scène de soi et des autres. La notion de culturalité, par son aspect dynamique rend mieux compte de cette dynamique alors que le concept de culture reste trop marqué par une approche descriptive, adjectivante et catégorisante.* In: *L'interculturel comme paradigme pour penser le divers*. 2010. Disponível em: <[www.uned.es/congreso-inter-educacion-intercultural/pretceille\\_frances.pdf](http://www.uned.es/congreso-inter-educacion-intercultural/pretceille_frances.pdf)>

desenvolvimento, de sua produção, tanto que ele não está mais na essência de uma única identidade, mas de várias (regional, nacional, sexual, geracional, política, sindical etc.). Identidades que não são nem exclusivas entre si nem concorrentes sem estar, todavia, em total harmonia. Essa situação de heterogeneidade favorece os jogos identitários, as estratégias e até mesmo as manipulações, conscientes ou não.

(ABDALLAH-PRETCEILLE, 2010: p. 51)<sup>49</sup>

A noção de cultura é, portanto, relativizada, pois depende de um ponto de vista que pode ou não ser confirmado por outros. Ou seja, como afirma a autora, a cultura não é uma imitação ou reflexo da realidade: ela é resultante de uma atividade comunicativa e social, e está em constante transformação, o que justifica o novo paradigma cultural que ela menciona:

Convém, portanto, definir um paradigma da cultura e propor outro quadro operacional de análise e de intervenção social e educativa. De fato, os usos sociais da cultura tendem a dar uma realidade através da formulação “X pertence a tal cultura, então ele tem tal cultura”. As expressões como “pertencimento cultural” e “identidade cultural” tomam a frente e reforçam a confusão. Nem a cultura nem a linguagem reproduzem a realidade. [...] Toda cultura é apenas a expressão de um ponto de vista suscetível de ser validado ou invalidado por outros pontos de vista. Nesse sentido, a cultura não é o reflexo de uma realidade objetiva, mas o resultado de uma atividade linguageira e social. As culturas não existem fora dos indivíduos que as possuem e as atualizam, tampouco fora dos discursos e dos relatos sobre ela. [...] As características ditas culturais expressam uma relação interindividual ou intergrupal, eles exprimem uma relação, uma situação.

(ABDALLAH-PRETCEILLE, 2010: p. 52)<sup>50</sup>

---

<sup>49</sup> Tradução nossa. Texto original: *L'enseignement de la civilisation comme celui des cultures ne devrait pas conduire à produire un discours sur l'Autre mais, au contraire, permettre et faciliter une meilleure rencontre, une meilleure compréhension. L'individu n'est plus le produit passif de sa culture mais il participe à son développement, à sa production d'autant qu'il n'est plus au cœur d'une seule identité mais de plusieurs (régionale, nationale, sexuelle, générationnelle, politique, syndicale, etc.). Identités qui ne sont ni exclusives les unes des autres, ni concurrentes sans être toutefois en totale harmonie. Cette situation d'hétérogénéité favorise les jeux identitaires, les stratégies voire les manipulations que ces dernières soient conscientes ou non.* In: *Communication interculturelle, apprentissage du divers et de l'altérité.* Université Paris 8, France, 2010. Disponível em: <[www.frl.ath.gr/sites/congres/Interventions/FR/Abdalah-pretceille.pdf](http://www.frl.ath.gr/sites/congres/Interventions/FR/Abdalah-pretceille.pdf)>

<sup>50</sup> Tradução nossa. Texto original: *Il convient donc de définir un autre paradigme de la culture et de proposer un autre cadre opérationnel d'analyse et d'intervention sociale et éducative. En effet, les usages sociaux de la culture tendent à donner une réalité à la formulation «X appartient à telle culture, il a donc telle culture ». Les expressions comme « appartenance culturelle » et « identité culturelle » prises au premier degré renforcent la confusion. La culture pas plus que le langage ne reproduit la réalité. [...] Toute culture n'est que l'expression d'un point de vue susceptible d'être confirmé ou infirmé par d'autres points de vue. En ce sens, la culture n'est pas le reflet d'une réalité objective mais le résultat d'une activité langagière et sociale. Les cultures n'existent pas en dehors des individus qui les portent et les actualisent, ni surtout en dehors des discours et des propos*

Ou seja, segundo a autora, a cultura não é independente das condições de enunciação e de produção, pois a maneira de descrever um fato cultural muda de acordo com os agentes/interlocutores envolvidos na comunicação. Além disso, outros fatores, como as intenções e as expectativas em relação a uma determinada situação, também se alteram. Aprender a interpretar e a compreender as informações culturais é passar do estado descritivo à compreensão do processo através de saberes misturados, o que Glissant (1990) denomina de “creolização das culturas”, ou seja, algo além da miscigenação das culturas, uma cultura da miscigenação a construir.

O objetivo é aprender a interpretar e compreender a informações culturais que são ambíguas quando manipuladas pelos atores e interlocutores. Em termos de formação, trata-se de aprender a passar da fase descritiva para a compreensão do processo com base nos saberes mistos, o que E. Glissant chama de "creolização das culturas", isto é, sobre o imaginário de uma identidade-relação [identidade relativa], e não sobre o imaginário de uma identidade única. Mais do que a mistura de culturas, é uma cultura de miscigenação ainda em construção.

(ABDALLAH-PRETCEILLE, 2010: p. 54)<sup>51</sup>

Hoje, quando falamos em cultura, está implícito o plural da palavra, ou seja, “culturas”, pois cada língua pode estar associada a mais de uma cultura, e essa perspectiva do plural nem sempre esteve evidente para a didática das línguas, conforme mencionamos anteriormente. A diversidade presente em grupos sociais também se reflete no contexto do ensino de FLE, no qual se observa uma passagem da relação entre “uma língua e uma única cultura” para a relação “uma língua e várias culturas”, o que necessariamente vai

---

*tenus sur elles. [...] Les caractéristiques dites culturelles expriment une relation inter-individuelle ou inter-groupale, elles expriment une relation, une situation. In: Communication interculturelle, apprentissage du divers et de l'alterité. Université Paris 8, France, 2010. Disponível em: <[www.frl.auth.gr/sites/congres/Interventions/FR/Abdalah-pretceille.pdf](http://www.frl.auth.gr/sites/congres/Interventions/FR/Abdalah-pretceille.pdf)>*

<sup>51</sup> Tradução nossa. Texto original: *L'objectif est d'apprendre à interpréter et à comprendre des informations culturelles qui sont ambiguës car manipulées par les acteurs et les locuteurs. En termes de formation, il s'agit d'apprendre à passer du stade descriptif à la compréhension de processus en s'appuyant sur des savoirs mêlés, sur ce qu'E. Glissant appelle « la créolisation des cultures » c'est-à-dire sur l'imaginaire de l'identité-relation et non sur l'imaginaire de l'identité-racine unique. Plus que le métissage des cultures, c'est une culture du métissage qui reste à construire.. In: Communication interculturelle, apprentissage du divers et de l'alterité. Université Paris 8, France, 2010. Disponível em: <[www.frl.auth.gr/sites/congres/Interventions/FR/Abdalah-pretceille.pdf](http://www.frl.auth.gr/sites/congres/Interventions/FR/Abdalah-pretceille.pdf)>*

transformar a formação do indivíduo, que entrará em contato com diferentes culturas, embora representadas por uma mesma língua.

Para Beacco:

As relações já instauradas entre a cultura alvo e a cultura dos aprendizes são determinantes na constituição de suas atitudes e de suas representações a respeito dos países dos outros.

(BEACCO, 2000: p. 52)<sup>52</sup>

Dentro desse contexto de diversidade cultural, Windmüller (2001) cita alguns aspectos importantes que devem ser considerados no processo de ensino-aprendizagem de FLE para que os aprendizes possam agir e reagir em contextos culturais diversificados. De acordo com a autora, a aprendizagem deve preparar o estudante para “resolver os problemas e as confrontações de ordem linguística e extralinguística, inerentes aos contatos interculturais”, além formá-lo para utilizar seus conhecimentos em situações diversas de uma determinada cultura, reconhecendo, aceitando e entendendo as especificidades culturais de sua cultura materna e visar à “compreensão mútua”.

[...] A aprendizagem com base na pesquisa, na descoberta, na comparação, mas também na descentralização etnocêntrica, receberia o *status* da língua estrangeira como meio, e não como finalidade da aprendizagem.

(WINDMÜLLER, 2011: p. 31)<sup>53</sup>

Além de a língua estrangeira ser considerada o “meio”, e não a “finalidade da aprendizagem, a autora ainda ressalta e justifica:

Nossas sociedades são estruturalmente marcadas pela pluralidade e diversidade cultural. Para compreender a diversidade cultural de hoje, não basta dividir a sociedade em uma sucessão de fatos homogêneos. [...] Ensinar uma língua-cultura é aprender a pensar a diversidade, e não a diferença.

(WINDMÜLLER, 2011: p. 32)<sup>54</sup>

---

<sup>52</sup> Tradução nossa. Texto original: *Les relations déjà instaurées entre la culture cible et la culture des apprenants sont déterminantes dans la constitution de leurs attitudes et de leurs représentations à l'égard des pays des autres.*

<sup>53</sup> Tradução nossa. Texto original: *[...] L'apprentissage reposant sur la recherche, la découverte, la comparaison, mais aussi la décentration ethnocentrique, renverrait le statut de la langue étrangère à celui de moyen, et non de finalité d'apprentissage.*

<sup>54</sup> Tradução nossa. Texto original: *Nos sociétés sont structurellement marquées par la pluralité et la diversité culturelle. Pour comprendre la diversité culturelle d'aujourd'hui, il ne suffit pas de diviser la*

O contato permanente com a diversidade é uma característica essencial para abordar as culturas, o que, portanto, nos leva a considerar onde essa língua é falada (em quais países)? Quais são as manifestações culturais, artísticas e literárias dessas culturas? Quais hábitos (costumes, expressões, gestos, regras sociais...), estereótipos, sons novos e vocabulário estão associados a essas culturas?

Para Cuq (2003), cultura é o que permite construir e legitimar distinções. A cultura colonizadora coexiste com outras culturas que surgiram a partir dela e se modificaram, adquirindo uma identidade cultural própria apesar de terem a mesma língua como instrumento de comunicação. De acordo com o autor:

Seria preciso falar ainda das culturas no plural, porque elas interferem num mesmo conjunto. Não há, nessas condições, cultura pura, mas culturas misturadas [...]. A mistura é a condição básica de uma cultura, e esta se define sempre como uma entidade plural.

(CUQ, 2003: p. 63)<sup>55</sup>

Ensinar uma língua é proporcionar acesso a diferentes culturas, pois a cultura em si não pode ser “ensinada”; ela é vivência social. A “cultura” que é abordada dentro de programas de ensino-aprendizagem precisa contemplar as dimensões culturais relacionadas à língua estrangeira. Essa abordagem cultural pode, inclusive, motivar os alunos para o aprendizado do idioma, uma vez que, ao simpatizar com as culturas, o aluno se interessará cada vez mais em aprender a língua, o que nos remete, novamente, às representações culturais. De acordo com Castelotti e Moore:

Certos estudos (ver, por exemplo, PERREFORT 1997 ou MULLER 1998) detectam uma forte correlação entre a imagem que o aprendiz forjou de um país e as representações que ele constrói a propósito de sua própria aprendizagem da língua desse país. Assim, uma imagem negativa da Alemanha (exemplo corrente observado na França ou na Suíça) corresponderia à visão de uma aprendizagem difícil e insatisfatória do alemão, conceito às vezes relegado ao seu ensino [...]

(CASTELOTI; MOORE, 2002: p. 11).<sup>56</sup>

---

*société en une succession de faits homogènes. [...] Enseigner une langue-culture(s) c'est apprendre à penser la diversité et pas la différence.*

<sup>55</sup> Tradução nossa. Texto original: *Il faudrait toujours parler de cultures au pluriel parce qu'elles interfèrent dans un même ensemble. Il n'y a, dans ces conditions, pas de culture pure, mais des cultures métissées (...). Le mélange est la condition ordinaire d'une culture et celle-ci se définit toujours comme une entité plurielle.*

As dimensões culturais e a abordagem intercultural no ensino de uma língua estrangeira passaram a ser novamente discutidas após a publicação de dois documentos oficiais, que estão relacionados às especificações que os autores definem para o tratamento das relações entre cultura e identidade: são o QECR<sup>57</sup> e o CARAP<sup>58</sup>, que registram essa transformação na abordagem das questões culturais que envolvem o ensino de língua. Os conceitos que permeiam nossa pesquisa são o de *savoir-être* e *savoir-apprendre* (QECR, 2001), a partir da questão levantada na introdução: Como se dá o agir pela linguagem em contexto universitário por meio de relações entre diferentes culturas? O aluno deve mobilizar, também, competências individuais, desenvolvidas em sala de aula – *les savoirs*, saber-fazer, saber-aprender e saber-ser – para que ele possa agir:

Os saberes são para entender como os conhecimentos resultantes da experiência social (saberes empíricos) ou a aprendizagem mais formal (saberes acadêmicos). Toda comunicação humana se baseia em um mundo compartilhado. Em relação à aprendizagem e ao uso das línguas, os saberes que intervêm não são, evidentemente, apenas aqueles que têm a ver diretamente com as línguas e culturas. [...] Os múltiplos domínios do saber variam de um indivíduo a outro. Eles podem ser próprios de uma dada cultura; eles retornam, contudo, a constantes universais.

(QECR, cap. 2: § 2.1.1)<sup>59</sup>

O foco na ação do aprendiz, entendido como ator social, é compreendido ao favorecer-se o desenvolvimento de competências gerais e individuais pelo agir social e de aprendizagem, possibilitando uma interação maior em diferentes âmbitos da vida em sociedade. Enquanto princípios parecem claros, no entanto, na sala de aula é difícil

---

<sup>56</sup> Tradução nossa. Texto original: *Certaines études (voir par exemple Perrefort 1997 ou Muller 1998), décèlent une corrélation forte entre l'image qu'un apprenant s'est forgé d'un pays et les représentations qu'il construit à propos de son propre apprentissage de la langue de ce pays. Ainsi, une image négative de l'Allemagne (exemple couramment observé en France ou en Suisse romande) correspondrait à la vision d'un apprentissage difficile et insatisfaisant de l'allemand, conception parfois relayée par les enseignants eux-mêmes (...)*

<sup>57</sup> Original em francês: Cadre Européen Commun De Référence Pour Les Langues. Conseil de l'Europe. Division des Politiques Linguistiques de Strasbourg. Paris: Didier, 2011.

<sup>58</sup> Cadre de Référence Pour Les Approches Plurielles des Langues et des Cultures. Conseil de l'Europe, 2007.

<sup>59</sup> Tradução nossa. Texto original: *Les savoirs sont à entendre comme des connaissances résultant de l'expérience sociale (savoirs empiriques) ou d'un apprentissage plus formel (savoirs académiques). Toute communication humaine repose sur une partagée du monde. En relation à apprentissage et à l'usage des langues, les savoirs qui interviennent ne sont pas, bien entendu, seulement ceux qui ont à voir directement avec les langues et cultures. (...) Les multiples domaines du savoir varient d'un individu à l'autre. Ils peuvent être propres à une culture donnée; ils renvoient néanmoins à des constantes universelles.*

transformar em atividades. Consideramos fundamental tratar desses conceitos, pois os estudantes, que fazem parte desta pesquisa, estão inseridos em um contexto de ensino e aprendizagem da língua francesa voltada à mobilidade internacional em países de língua francesa.

A título de complementação ao que desenvolvemos, retiramos do CARAP uma série de conteúdos culturais que devem ser contemplados em programas de ensino-aprendizagem de LE, cujos principais objetivos são:

**Relação entre cultura e práticas sociais:**

*Connaître quelques pratiques sociales / coutumes de différentes cultures*

Conhecer algumas práticas sociais / costumes de diferentes culturas

**Cultura e representações sociais:**

*Savoir que les systèmes sont complexes / se manifestent dans divers domaines*

Saber que os sistemas são complexos / se manifestam em diversos domínios

*Savoir que l'on peut avoir des connaissances de la culture déformées par des stéréotypes*

Saber que podemos ter conhecimentos da cultura deformados por estereótipos

**Referências culturais:**

*Connaître certains éléments qui caractérisent des cultures diverses.*

Conhecer certos elementos que caracterizam culturas diversas

**A diversidade das culturas:**

*Savoir qu'il y a des différences culturelles*

Saber que há diferenças culturais

*Savoir que les cultures ne sont pas des mondes clos, mais qu'elles peuvent "échanger / partager" entre elles des éléments*

Saber que as culturas não são mundos fechados, mas que elas podem "trocar / compartilhar" elementos entre elas

*Savoir que les cultures peuvent s'influencer les unes les autres*

Saber que as culturas podem influenciar umas às outras

**Cultura e identidade:**

*Savoir que l'identité se construit, entre autres, en référence à une ou des appartenances culturelles*

Saber que a identidade se constrói, entre outros fatores, em referência a uma ou algumas derivações culturais

No ensino e aprendizagem do francês, os alunos discutem valores e representações acerca da cultura francesa e da cultura dos países de expressão francesa.



Ao entrar em contato com a língua do outro, o aluno pode se posicionar, reconhecendo a situação histórica, geográfica e cultural de seu país e, principalmente, respeitando as diferenças entre culturas, podendo ser capaz de estudar sobre a sua cultura e a do outro com o olhar mais acentuado e crítico, mudando, assim, a visão a respeito do outro e de si mesmo.

(TEIXEIRA; RIBEIRO, 2012: p. 184)

As novas abordagens nos levam a pensar em uma noção que ressurgiu: a de “intercultural”, que será tratado com mais ênfase na seção seguinte. Nesse contexto, a mobilidade internacional é importante porque a cultura é entendida, dentro da perspectiva de ensino-aprendizagem, como vivência social, portanto, não se trata de conhecer o outro, mas de interagir com o outro. Antes da mobilidade, os participantes desta pesquisa tinham representações que eram uma simulação do real, e, depois haverá uma multiplicação de interações reais.

Nesse sentido, a competência intercultural se apoia numa perspectiva de relação intersubjetiva, ela se volta a uma **cultura ativa**, e não a uma definição cultural. Se o Outro estiver no núcleo da comunicação, a noção prioritária não é aquela de cultura, mas de alteridade [...]

Realmente, as culturas não podem mais ser apreendidas como entidades independentes, fora de toda forma de atualização no social, no político e no comunicacional.

(ABDALLAH-PRETCEILLE, 2010: p. 6)<sup>60</sup>

A partir da noção de “cultura ativa” mencionada pela autora, que culmina na ênfase da alteridade como “noção prioritária”, podemos constatar que a abordagem intercultural surgiu justamente para responder a essa demanda, conforme veremos na seção seguinte.

---

<sup>60</sup> Tradução nossa. Texto original: *En ce sens, la compétence interculturelle s'appuie sur une mise en perspective d'une relation intersubjective, elle renvoie à une culture en acte et non à une définition culturelle. Si l'Autre est au cœur de la communication, la notion prioritaire n'est pas celle de culture mais celle d'altérité. [...] En effet, les cultures ne peuvent plus être appréhendées comme des entités indépendantes, hors de toute forme d'actualisation dans le social, le politique et le communicationnel.* In: *L'interculturel comme paradigme pour penser le divers*. 2010.

Disponível em: <[www.uned.es/congreso-inter-educacion-intercultural/pretceille\\_frances.pdf](http://www.uned.es/congreso-inter-educacion-intercultural/pretceille_frances.pdf)> Acesso em: 20 jan 2015.

### 3. Abordagem intercultural: um novo paradigma para a formação em FLE

Após as reflexões realizadas sobre representações sociais e culturais e sobre as relações entre língua(s) e cultura(s), nosso objetivo, neste capítulo, é discutir o conceito de abordagem intercultural como um novo paradigma a fim de compreendermos as questões sociais e culturais presentes nas relações em sociedade e nos contextos de ensino-aprendizagem das línguas estrangeiras.

Como tratada anteriormente, a noção de cultura, compreendida no singular, reforça uma ideologia tradicionalista, marcada por um conjunto de informações que são transmitidas de forma naturalizada, genérica e única a todos. O termo “cultura”, nesse sentido, possui o mesmo valor de “civilização” e pressupõe que as referências sejam universais e válidas para todos os contextos. Já no plural, as “culturas” pressupõe uma concepção definida como “multicultural”, reconhecendo-se a existência de diferentes culturas, sem, contudo, manterem relação.

Uma sociedade podia ser multicultural pela simples justaposição de culturas que viviam em seu seio, sem que houvesse comunicação entre elas. Era o que constituíam os guetos ou a vida comunitária separadas da vida propriamente comum. Uma sociedade simplesmente multicultural permanecia em sua rigidez.<sup>61</sup>

(CUQ, 2003: p. 136)

Cuq (2003) afirma que uma sociedade *simplesmente* multicultural afasta as culturas ao invés de aproximá-las. Se os diferentes grupos sociais vivem separados e não se comunicam, compartilhando apenas o mesmo espaço físico, não há necessariamente aceitação da cultura do outro. Essa postura, inclusive, favoreceu ações de intolerância ao longo da nossa história, manifestando-se em guerras religiosas, escravidão, genocídios e outros acontecimentos mundiais envolvendo a não aceitação da cultura do outro.

---

<sup>61</sup> Tradução nossa. Texto original: *Or une société pouvait être multiculturelle par simple juxtaposition des cultures qui vivaient en son sein, sans qu'il y ait de communication entre celles-ci. C'était ce qu'incarnaient les ghettos ou la vie communautaire séparées de la vie proprement commune. Une société simplement multiculturelle restait dans sa rigidité.*

O Quadro Europeu Comum de Referência para as línguas, documento elaborado para o contexto de mobilidade na Europa, define o multilinguismo como o conhecimento de várias línguas, sem estabelecer uma relação entre elas. Podemos entender, assim, como simples acúmulo de repertório ou retenção do conhecimento. Este não é, portanto, o único objetivo do QECR, uma vez que o documento visa “Responder às necessidades de uma Europa multilingue e multicultural, desenvolvendo sensivelmente a capacidade dos europeus de comunicar-se entre si para além das fronteiras linguísticas e culturais” (QECR, 2001: p. 10).

O documento busca definir e diferenciar o conceito “multilinguismo” em comparação ao de “plurilinguismo”:

Distinguimos o “plurilinguismo” do “multilinguismo”, que é o conhecimento de um número de línguas ou a coexistência de línguas diferentes em uma dada sociedade. Podemos chegar ao multilinguismo simplesmente diversificando a oferta de línguas em uma escola ou um dado sistema educativo, ou incentivando os alunos a estudarem mais uma língua estrangeira, ou reduzindo o predomínio do inglês na comunicação internacional.<sup>62</sup>

(QECR, 2001: p. 11)

No contexto europeu, há uma multiplicidade de línguas que convivem no mesmo continente, mas não necessariamente em interação, em relação de troca. Com base no documento, notamos a preocupação de se favorecer um cenário plurilíngue e que preserve as características de cada língua. E, considerando a dimensão das línguas, o documento pretende oferecer uma base comum para orientar o ensino das línguas estrangeiras, respeitando os níveis de competência pressupostos no documento, de modo a garantir um sistema de avaliação dos aprendizes:

Como descrições de níveis de competência independentes da língua considerada, as especificações constituem um Quadro de Referência do qual podem extrair exames de diferentes línguas em níveis distintos. Eles dão a possibilidade de mostrar as equivalências dos diferentes sistemas, de dizer, em termos compreensíveis e concretos, quais são as capacidades que

---

<sup>62</sup> Tradução nossa. Texto no original: *On distingue le « plurilinguisme » du « multilinguisme » qui est la connaissance d'un certain nombre de langues ou la coexistence de langues différentes dans une société donnée. On peut arriver au multilinguisme simplement en diversifiant l'offre de langues dans une école ou un système éducatif donné, ou en encourageant les élèves à étudier plus d'une langue étrangère, ou en réduisant la place dominante de l'anglais dans la communication internationale*

os candidatos, sendo aprovados por esses exames, são suscetíveis de manifestar.<sup>63</sup>

(QECR, 2001: p. 178)

As duas abordagens – seja a de “cultura(s)”, seja a de “multicultural” – não respondem mais às demandas e necessidades da sociedade contemporânea, de um mundo globalizado, no qual as relações de troca, as comunicações sociais, econômicas e políticas sejam diferentes. A emergência de manifestações culturais, em um determinado contexto, e as relações que indivíduos e grupos realizam entre si e com outros, é o que nos leva a compreender a realidade em suas dimensões complexas, mutáveis e plurais. Não se trata, portanto, simplesmente de favorecer uma postura de compreensão para adaptação ou assimilação das diversas culturas existentes no planeta. Ao contrário disso, trata-se de perceber que há “espaços de diálogos e questionamentos”, de prática das relações/inter-relações e de compreensão do discurso contextualizado em seus aspectos históricos, sociais e culturais. Segundo Abdallah-Pretceille (2005: p. 7), “trata-se de favorecer a emergência de uma tendência que identifique os ajustes culturais, os vestígios, e não em uma tendência de adaptação e de conformidade, mas de renovação permanente”<sup>64</sup>.

O sujeito/interpretante se estabelece no reconhecimento desta realidade plural, complexa e que leva em consideração a cultura do outro, numa postura de descoberta de suas especificidades, suas manifestações culturais em contextos diversos (LUSSIER, 2010). O contato com o outro pressupõe assumir a existência de uma diversidade cultural sujeita a “interpretações e suas percepções”<sup>65</sup> (ABDALLAH-PRETCEILLE, 2010). É nesse sentido que a abordagem intercultural se coloca como uma possibilidade de compreensão dessa realidade plural.

A origem do termo “intercultural” segundo Windmüller (2011: p. 20), utilizada no contexto francês, surgiu no início dos anos 1970 “na escola primária em aulas de crianças

---

<sup>63</sup> Tradução nossa. Texto no original: *En tant que descriptions de niveaux de compétence indépendants de la langue considérée, ces spécifications constituent un Cadre de référence auquel peuvent se rattacher des examens de différentes langues à des niveaux différents. Ils donnent la possibilité de montrer les équivalences des différents systèmes et de dire, en termes compréhensibles et concrets, quelles sont les capacités que les candidats ayant passé ces examens avec succès sont susceptibles de manifester.*

<sup>64</sup> Tradução nossa. Texto no original: *il s’agit de favoriser l’émergence d’une aptitude à cerner les ajustements culturels, les traces, dans un souci, non pas d’adaptation et de conformité mais de renouvellement permanent.*

<sup>65</sup> Tradução nossa. Texto original: *interprétations et les perceptions*

filhos de migrantes”<sup>66</sup>, quando a escola atribuía-se como objetivo a transmissão de valores relacionados a uma cultura comum para favorecer a adaptação dos imigrantes ao novo contexto. Tratava-se de desenvolver a “educação intercultural”, cujo objetivo era o de “integrar grupos minoritários a um grupo cultural majoritário, de reforçar a imagem positiva dos estrangeiros e de fazer tomar consciência, no grupo dominante, que se vivia em uma sociedade multicultural e pluriétnica”<sup>67</sup>. Aprender a ler, escrever e conhecer a história da França eram os objetivos gerais que as escolas deveriam atingir. Com o aumento da imigração, as escolas passaram a receber um número crescente de estrangeiros, caracterizando, assim, um contexto multicultural, termo tomado aqui como equivalente a intercultural.

A abordagem intercultural, confundida frequentemente com a perspectiva cultural e até multicultural, opõe-se aos processos e às interações que unem e definem os indivíduos e os grupos uns em relação aos outros. Não se trata de pará-los nas características autoatribuídas ou heteroatribuídas dos outros, mas de operar, no mesmo tempo, um retorno sobre si.<sup>68</sup>

(ABDALLAH-PRETCEILLE, 2010: p. 3)

As relações estabelecidas entre o aprendizado de uma língua e a(s) cultura(s) a ela relacionada(s) podem determinar a formação do indivíduo no que se refere às representações culturais que ele constrói dessa língua-cultura.

A didática das línguas tem assimilado tais mudanças socioculturais que marcam o mundo contemporâneo e se refletem nas noções de língua e cultura, culminando na concepção da abordagem intercultural, na sociedade atual, com o objetivo de desenvolver nos indivíduos, grupos sociais e, no nosso caso, alunos em situação de ensino e aprendizagem uma competência intercultural.

Mas como essa concepção pode ser inserida em contextos de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira? Como desenvolver a competência intercultural?

---

<sup>66</sup> Tradução nossa. Texto no original: *à l'école primaire dans des classes d'enfants migrants*

<sup>67</sup> Tradução nossa. Texto original: *intégrer des groupes minoritaires à un groupe culturel majoritaire, de renforcer l'image positive des étrangers et de faire prendre conscience au groupe "dominant" qu'il vivait dans une société multiculturelle et pluriethnique*

<sup>68</sup> Tradução nossa. Texto original: *La démarche interculturelle, confondue souvent avec une approche culturelle voire multiculturelle, met au contraire l'accent sur les processus et les interactions qui unissent et définissent les individus et les groupes les uns par rapport aux autres. Il ne s'agit pas de s'arrêter sur les caractéristiques auto-attribuées ou hétéro-attribuées des autres, mais d'opérer, dans le même temps, un retour sur soi.*

Considerando a definição de competência em educação, relacionada à mobilização de saberes, Machado (2002)<sup>69</sup> afirma que não se trata de um conhecimento “acumulado”, mas a virtualização de uma ação, a capacidade de recorrer ao que se sabe para realizar o que se deseja, o que se projeta.

Nesse sentido, para desenvolver uma competência intercultural em um contexto de ensino e aprendizagem de línguas, é necessário refletir a partir de um contexto coletivo, de comunicação intercultural, ou seja, segundo Windmüller (2011: p. 21) “a inter-relação de pessoas oriundas de cultura diferente em situação de interações verbais e não verbais em contextos variados de comunicação”<sup>70</sup>.

A autora traz alguns elementos para explicitar como esta comunicação poderia ser desenvolvida, ou seja, a partir da identificação do tipo de relação entre os interlocutores, o contexto no qual esta interação se realiza e o reconhecimento de particularidades relacionadas aos grupos sociais envolvidos:

As trocas são também pontuadas por alusões culturais, de conotações que, em forma de expressões ou de jogos de palavras, veiculam um conteúdo implícito que manifesta a adesão do locutor à comunidade da qual ele pertence. As alusões e conotações se inscrevem na trama infinita de referências culturais compartilhadas pelos membros de uma mesma comunidade.

(WINDMÜLLER, 2011: p. 21)<sup>71</sup>

Para Abdallah-Pretceille (2005), a problemática intercultural faz interface com o ensino de línguas estrangeiras no século XXI e envolve, principalmente, o aprender a lidar com a ambiguidade, a alteridade, o desconhecido, o diferente e os choques culturais que podem surgir desse encontro entre culturas. Esse contexto trouxe uma nova postura social e uma mudança de valores que refletem na concepção de ensino-aprendizagem de línguas/culturas estrangeiras.

---

<sup>69</sup> MACHADO, Nilson José. In: *As competências para ensinar no século XXI. A formação dos professores e o desafio da avaliação.* (Orgs.) Philippe Perrenoud, Mônica Gather Thurler. São Paulo: Artmed, 2002, p. 144.

<sup>70</sup> Tradução nossa. Texto no original: *l'interrelation de personnes issues de culture différente en situation d'interactions verbales et non verbales dans des contextes de communication variés*

<sup>71</sup> Tradução nossa. Texto no original: *Les échanges sont également ponctués d'allusions culturelles, de connotations qui, sous forme d'expressions ou de jeux de mots, véhiculent un contenu implicite qui manifeste l'adhésion du locuteur à la communauté à laquelle il appartient. Les allusions et les connotations s'inscrivent dans une trame infinie de références culturelles partagées par les membres d'une même communauté.*

Ainda segundo a autora, em uma perspectiva intercultural, “a formação está menos voltada à cultura como determinante de comportamentos do que da maneira como o indivíduo utiliza os traços culturais para dizer e se expressar verbal, corporal, social, pessoalmente”<sup>72</sup> (ABDALLAH-PRETCEILLE, 2005: p. 7).

Nesse sentido, há uma mudança de paradigma que sai do puramente descritivo para o interpretativo, como salienta a autora:

O desafio consiste em sair do modelo de explicação para passar a um domínio da mudança. Este não pode ser percebido a partir das características individuais e grupais, mas a partir de problemáticas centradas nos contatos, nas interações, nas aculturações, nas disfunções, problemáticas associadas além da obrigação de interpretação renovada e permanente.<sup>73</sup>

(ABDALLAH-PRETCEILLE, 2010: p. 8)

Nesta concepção, estamos diante de uma constante desconstrução e reconstrução das interpretações de um determinado objeto de acordo com o olhar que é projetado sobre ele; daí a complexidade de análise e interpretação de uma prática social. O desafio mencionado consiste em uma mudança na percepção, leitura e compreensão da realidade, que não é mais pautada no olhar de um único indivíduo ou grupo que se universaliza, mas nas trocas e interações que ocorrem entre eles. A competência intercultural considera, portanto, a subjetividade intrínseca das relações culturais, como define Abdallah-Pretceille:

A competência intercultural se pauta, em suma, não sobre a cultura como determinante do comportante linguageiro mas sobre a maneira como o indivíduo utiliza a cultura, ou mais precisamente, dos traços culturais [...] <sup>74</sup>

(ABDALLAH-PRETCEILLE, 1996: p. 29-38)

---

<sup>72</sup> Tradução nossa. Texto no original: *la formation s'attarde moins sur la culture comme déterminant les comportements mais sur la manière dont l'individu utilise les traits culturels pour dire et se dire, pour s'exprimer verbalement, corporellement, socialement, personnellement*

<sup>73</sup> Tradução nossa. Texto no original: *L'enjeu consiste à sortir du modèle d'explication pour passer à une maîtrise du changement. Celui-ci ne peut être perçu à partir des caractéristiques individuelles et groupales, mais à partir de problématiques centrées sur les contacts, les interactions, les acculturations, les dysfonctionnements, problématiques associées par ailleurs à une obligation d'interprétation renouvelée et permanente.*

<sup>74</sup> Tradução nossa. Texto no original: *La compétence interculturelle s'attarde en somme non pas sur la culture comme déterminant du comportement langagier mais sur la manière dont l'individu utilise la culture, ou plus précisément des traits culturels [...]*

Na sociedade contemporânea, as culturas de hoje são essencialmente caracterizadas pela pluriculturalidade. Cada cultura foi e continua se formando por intermédio das manifestações e intercâmbios culturais e dos contatos entre diferentes grupos e sociedades que introduzem suas maneiras de pensar, sentir e agir. Reconhecer a diversidade e aceitar as diferenças de comportamento, valores e crenças é o ponto de partida para a aproximação com a cultura do outro.

Alcinéia Emmerick de Almeida, em sua Tese de Doutorado *Por uma perspectiva intercultural no ensino-aprendizagem do Francês Língua Estrangeira* (2008), descreve o reconhecimento da diversidade cultural, pontuando sua importância:

Reconhecer a diversidade cultural é, antes de mais nada, admitir a pluralidade de culturas no mundo, mais particularmente daquelas que coabitam em um mesmo espaço. Respeitar a diversidade cultural é valorizar a heterogeneidade fundamental das culturas.

(ALMEIDA, 2008 : p. 28)

De acordo com Almeida, “respeitar a diversidade cultural é valorizar a heterogeneidade fundamental das culturas”, suas particularidades e, justamente, nessa heterogeneidade, compreender como cada cultura se forma e se transforma.

Reconhecer a diversidade cultural não consiste, portanto, em negar a existência ou o desenvolvimento de uma cultura universal, mas é reconhecer que a própria história ou evolução dessa cultura é um acúmulo resultante da interação de diversas culturas. Em última instância, consiste em reconhecer que não existe apenas uma maneira de conceber o mundo, de viver nele e de expressá-lo. O modelo a ser apreendido não é aquele que valoriza a diferença, mas sim, a variação: no comportamento, na socialização, na aprendizagem e na comunicação. As mutações sociais e culturais ligadas a uma complexidade e a uma heterogeneidade crescentes do tecido social nos levam a repensar o que significa conhecer uma cultura e adquirir uma competência cultural.

(ALMEIDA, 2008 : p. 28)

Dessa forma, uma cultura só se transforma através do contato e da interação com outras culturas. Tais transformações geram impactos em diferentes áreas da sociedade, principalmente na educação. Almeida reflete sobre esses significados: o que seria “conhecer e adquirir uma competência cultural”? Na abordagem considerada neste trabalho, é o modelo intercultural que propõe respostas a esta questão, porque pressupõe uma relação



de respeito entre as culturas; a interculturalidade focaliza a ação, descreve uma relação entre as culturas, uma tentativa de diálogo solidário, por isso seu caráter é interacional.

Para Maddalena de Carlo (1998: p. 40), o intercultural se define como “a escolha pragmática face ao multiculturalismo que caracteriza as sociedades contemporâneas”. Nessa perspectiva, compreendemos a diversidade cultural como um fator que não reforça a predominância de uma cultura sobre a outra.

Abdallah-Preteille (2005) destaca como característica essencial da abordagem intercultural a percepção de como eu (sujeito) vejo o outro, e de como nós nos vemos através das relações estabelecidas entre “eu” e “o outro”:

A abordagem intercultural rompe com o objetivismo e o estruturalismo, já que tem interesse na produção da cultura pelo próprio sujeito e nas estratégias desenvolvidas, sem que o indivíduo necessariamente se dê conta disso. O indivíduo é cada vez menos determinado pela sua cultura de origem. Ele não é mais o produto de sua cultura; pelo contrário, ele é o ator. A cultura perdeu seu valor de determinação dos comportamentos.

(ABDALLAH-PRETCEILLE, 2005: p. 54)<sup>75</sup>

No âmbito do ensino e aprendizagem de língua francesa, Puren (2010) aborda, no contexto da evolução da didática das línguas, como a questão do desenvolvimento de competências culturais se deu de uma abordagem metodológica para outra. Não é nosso objetivo detalhar cada uma das abordagens, mas, a partir do quadro a seguir, podemos entender quais as tendências que predominaram de um momento para outro e a especificidade de cada prefixo nos termos: “transcultural”, “metacultural”, “intercultural”, “pluricultural” e “co-cultural”, de acordo com Puren (2010: p. 5):

---

<sup>75</sup> Tradução nossa. Texto original: *L'approche interculturelle rompt avec le point de vue objectiviste et structuraliste puisqu'elle s'intéresse à la production de la culture par le sujet lui-même, aux stratégies développées sans pour autant postuler que l'individu en a toujours conscience. L'individu est de moins en moins déterminé par sa culture d'appartenance. Il n'est plus le produit de sa culture, il en est le contraire, l'acteur. La culture a perdu sa valeur de détermination des comportements.*

## OS COMPONENTES HISTÓRICOS DA COMPETÊNCIA CULTURAL

| COMPONENTE           | DEFINIÇÃO  | DOMÍNIO PRIVILEGIADO   | ATIVIDADES DE REFERÊNCIA  |
|----------------------|--|--|---|
| <b>transcultural</b> | Componente que permite encontrar, através da diversidade das manifestações culturais, o “fundo comum da humanidade” (É. Durkheim, o qual subentende todo o “humanismo clássico”, mas também, atualmente, a “Filosofia dos Direitos do Homem”). | os <b>valores universais</b>   | reconhecer  |
| <b>metacultural</b>  | Componente que os alunos são levados a utilizar num estudo a partir de documentos autênticos em ambiente escolar.  | os <b>conhecimentos</b> das especificidades culturais da cultura ou das culturas correspondentes à língua ensinada-aprendida | falar de seus documentos:<br>reagir,<br>parafrasear,<br>interpretar<br>extrapolar,<br>comparar,<br>transpor |
| <b>intercultural</b> | Componente utilizado numa comunicação com estrangeiros no contexto de encontros pontuais, de intercâmbios, de viagens ou estadias turísticas.  | as <b>representações</b>   | descobrir,<br>comunicar   |
| <b>pluricultural</b> | Componente utilizado num contexto – de muitos países ocidentais – onde culturas diferentes se encontram e onde se realizam intensos processos de mestiçagem cultural.  | os <b>comportamentos</b>   | co-habitar  |
| <b>co-cultural</b>   | Componente que pessoas de culturas diferentes trabalhando juntas durante uma duração são levadas a fabricar e a utilizar em comum.   | as <b>concepções</b> (com valores contextuais)   | co-agir   |

**Quadro 1** – Os componentes históricos da competência cultural<sup>76</sup>

Podemos observar que as referências socioculturais que estão na base de cada abordagem explicitam princípios que vão desde a transmissão de valores universais, passando pelas culturas em contato, as representações, comportamentos, chegando a uma

<sup>76</sup> Tradução nossa. O quadro original está na seção de Anexos deste trabalho.

visão de desenvolvimento da competência cultural que o autor define como co-cultural. Nesta abordagem há interação e se pressupõem o outro e as culturas diferentes em contato.

Retomando o conceito de intercultural, segundo Abdallah-Pretceille,

a **competência intercultural** se apresenta, de um lado, como um elemento de ponderação em relação a uma análise culturalista, isto é, uma análise sistemática e globalizante. De outro lado, ela se apoia em uma perspectiva situacional, intersubjetiva e dialógica.

(ABDALLAH-PRETCEILLE, 1996: p. 29-38)<sup>77</sup>

Para Windmüller (2011), o objetivo dessa competência intercultural é a formação de uma identidade cultural ou pluricultural que se assume e, ao mesmo tempo, reconhece a do outro, considerando a realidade multicultural e plurilíngue na qual todos estamos inseridos, reforçando, também, o desenvolvimento de uma consciência acerca da sociedade pluricultural e pluriétnica da qual fazemos parte.

De acordo com o QECR (2001), no que concerne à lógica do plurilinguismo, chamamos a atenção para a não compartimentalização das culturas, ou seja, nos diferentes contextos nos quais estamos inseridos, a interação que estabelecemos com o outro se dá ao mesmo tempo, simultaneamente, e não em “caixinhas” separadas que processamos primeiro para interagir depois, conforme citado no documento:

[...] a **abordagem plurilíngue** destaca o fato de que, na medida em que a experiência linguageira de um indivíduo em seu contexto cultural se estende da língua familiar à do grupo social e depois de outros grupos (seja pela aprendizagem escolar ou do trabalho), ele ou ela não classifica as línguas ou as culturas em compartimentos separados, mas constrói principalmente uma competência comunicativa que compreende todo o conhecimento e toda a experiência das línguas e na qual as línguas estão correlacionadas e interagem.<sup>78</sup>

(QECR, 2001: p. 11)

<sup>77</sup> Tradução nossa. Texto no original: *La compétence interculturelle se présente, d'une part, comme un élément de pondération par rapport à une analyse culturaliste, c'est-à-dire une analyse systématisante et globalisante. D'autre part, elle s'appuie sur une mise en perspective situationnelle, intersubjective et dialogique.*

<sup>78</sup> Tradução nossa. Texto no original: [...] *l'approche plurilingue met l'accent sur le fait que, au fur et à mesure que l'expérience langagière d'un individu dans son contexte culturel s'étend de la langue familiale à celle du groupe social puis à celle d'autres groupes (que ce soit par apprentissage scolaire ou sur le tas), il/elle ne classe pas ces langues et ces cultures dans des compartiments séparés mais construit plutôt une compétence communicative à laquelle contribuent toute connaissance et toute expérience des langues et dans laquelle les langues sont en corrélation et interagissent.*

Outro conceito presente nas reflexões sobre as questões ligadas à cultura é o conceito de identidade cultural. Sobre identidade e diversidade, Geneviève Zarate, em seu livro *Enseigner une culture étrangère* (1986), afirma que a fronteira cultural não aparece apenas nas delimitações geográficas das nações. É possível sentir-se o estrangeiro de alguém que pertence a uma mesma comunidade nacional, desde que se pertença a um grupo social distinto, com diferentes sistemas de valores (estéticos, políticos, de idade, sexo, religião) e tantas outras categorizações que a sociedade cria para impor fronteiras sociais e culturais, dificultando a mobilidade dos indivíduos que a constituem. (Apud ALMEIDA, 2008).

A diversidade cultural pressupõe uma constante transformação, pois ao mesmo tempo, que reconhece a pluralidade, identifica as particularidades culturais das culturas em contato. A própria constituição do sujeito pode pressupor a existência de outros, que lhes são estrangeiros, e favorecer a formação da identidade através do outro, do reconhecimento e aceitação da diversidade. Trata-se, então, do conceito de alteridade que, de acordo com Beacco (2000), é uma relação entre o *ego* e o *alter ego* (outro eu), numa relação de dependência um do outro para coexistirem. A realidade existente e a experiência de contato pela alteridade são, portanto, integrantes dessa “interculturalidade” que permeia a pluralidade das culturas.

A pluralidade designa o desejo e a capacidade de se identificar e de participar de culturas diferentes. A interculturalidade designa a capacidade de passar pela experiência de alteridade cultural e de analisar esta experiência. A competência intercultural assim desenvolvida permite compreender melhor a alteridade, estabelecer as ligações cognitivas e afetivas entre as aquisições e toda nova experiência de alteridade, fazendo o papel de mediador entre os participantes de dois (ou mais) grupos sociais e suas culturas, e de questionar aspectos geralmente considerados como indo de si ao centro de seu próprio grupo cultural de seu ambiente.

(BYRAM; BEACCO et al., 2010: p. 16)<sup>79</sup>

---

<sup>79</sup> Tradução nossa. Texto no original: *La pluriculturalité désigne le désir et la capacité de s'identifier et de participer à des cultures différentes. L'interculturalité désigne la capacité de faire l'expérience de l'altérité culturelle et à analyser cette expérience. La compétence interculturale ainsi développée permet de mieux comprendre l'altérité, d'établir des liens cognitifs et affectifs entre les acquis et toute nouvelle expérience de l'altérité, de jouer un rôle de médiateur entre les participants à deux (ou plus) groupes sociaux et leurs cultures, et de questionner des aspects généralement considérés comme allant de soi au sein de son propre groupe culturel et de son milieu.*

Retomando os autores supracitados, destacamos que “a **interculturalidade** designa a capacidade de passar pela experiência de **alteridade cultural** e de analisar esta experiência”, assim desenvolve-se a **competência intercultural**. Podemos afirmar, ainda, que a educação intercultural favorece o desenvolvimento desta competência e reforça a importância do ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira, já que sua função vai além do ensino da língua e passa a assumir uma função social, de formação de cultura e de identidade, que perpassam pela reformulação de valores, levando à aceitação das diferenças. O principal objetivo da educação intercultural se destaca pela formação de cidadãos capazes de respeitar as diferenças por meio do autoconhecimento que, além de desenvolver o espírito de tolerância, promove o reconhecimento e fortalecimento da própria identidade, seja ela social e/ou linguístico-cultural, já que língua e cultura são indissociáveis do ponto de vista social.

As línguas são disciplinas escolares que incarnam, por sua própria natureza, a presença do estrangeiro. Elas são orientadas nele, integram-no na aula e obrigam estas a fazer da alteridade seu lugar necessário. [...] Somente as línguas, ditas justamente estrangeiras, contêm intrinsecamente, em seu seio, essa dimensão do estrangeiro, constituindo um dos aspectos do intercultural.

(ABDALLAH-PRETCEILLE; PORCHER, 1996: p. 105)<sup>80</sup>

A construção da identidade é um projeto existencial e coletivo, comum a todos os sujeitos. Cada um com a sua singularidade, em meio a outras tantas singularidades, estabelece uma relação múltipla de troca com os outros sujeitos, e é por meio dessa relação que a identidade se constitui, através do ensino, como explicam Abdallah-Pretceille e Porcher (1996):

O ensino é uma troca entre dois sujeitos em que cada um possui sua identidade, que funda sua autonomia [...] Como ser no mundo, e que saberia existir sem ele, minha consciência livre, isto é, eu como sujeito, me encontro imerso dentre outros sujeitos, que quer também, cada um em sua singularidade em meio a outras singularidades, seguir seus próprios projetos existenciais, isto é, construindo sua identidade. A situação de um

---

<sup>80</sup> Tradução nossa. Texto no original: *Les langues sont des disciplines scolaires qui incarnent, par leur nature même, la présence de l'étranger. Elles sont orientées vers lui, l'intègrent dans la classe et obligent celles-ci à faire l'altérité sa place nécessaire. [...] Seules les langues, dites justement étrangères, contiennent intrinsèquement en leur sein cette dimension de l'étrangeté de l'étranger qui constitue l'un des aspects de l'interculturel.*

sujeito, por conseguinte, é sempre ligado àquela dos outros. Ela nunca é determinada por uma solidão, uma separação, mas por uma relação múltipla.<sup>81</sup>

(ABDALLAH-PRETCEILLE; PORCHER, 1996: p. 49)

Assim sendo, por contemplar o viés educacional e pelos pressupostos reunidos em sua base teórica e que propiciam sua aplicabilidade na didática das línguas estrangeiras, justifica-se, nesta pesquisa, o contexto “intercultural”, no qual os alunos participantes estão envolvidos.

Nesta pesquisa, os participantes são estudantes que se preparam para a mobilidade estudantil na França por intermédio do programa de Duplo Diploma<sup>82</sup> e realizam uma modalidade de curso de *Français sur Objectif Universitaire (FOU)*<sup>83</sup>, promovido em parceria entre o Centro de Interdepartamental de Línguas da FFLCH-USP e a Poli-USP, cujo intuito é abordar, também, os componentes culturais relacionados ao ensino-aprendizagem do FLE.

No contexto desta pesquisa, entendemos que a perspectiva da abordagem intercultural responde, inicialmente, às necessidades e objetivos de formação para a mobilidade internacional na medida em que esses estudantes se inserem em um contexto universitário muito diferente do que vivenciam no Brasil.

Um aspecto que não pode ser negligenciado é aquele do desenvolvimento das competências interculturais ligadas à atualidade da sociedade francesa e do contexto regional onde o estudante estará inserido para que possa conhecer melhor os aspectos culturais, socioeconômicos e políticos da França e da região onde ele vai estudar.

(ALBUQUERQUE-COSTA, 2012 : p. 52)<sup>84</sup>

---

<sup>81</sup> Tradução nossa. Texto no original: *L'enseignement est un échange entre deux sujets dont chacun procède son identité qui fonde son autonomie [...] Comme être dans le monde, et qui ne saurait exister sans lui, ma conscience libre, c'est-à-dire moi comme sujet, se trouve immergé parmi d'autres sujets, qui veut aussi, chacun dans sa singularité au milieu des autres singularités, poursuivre leur propre projet existentiel, c'est-à-dire, construisant leur identité. La situation d'un sujet, par conséquent, est toujours liée à celle des autres. Elle n'est jamais déterminée par une solitude, une séparation, mais par une relation multiple.*

<sup>82</sup> Informações sobre o programa de Duplo Diploma serão explicitadas no Capítulo 2. Disponível em: <[www3.poli.usp.br/pt/relacoes-internacionais/intercambio/duplo-diploma.html](http://www3.poli.usp.br/pt/relacoes-internacionais/intercambio/duplo-diploma.html)>. Acesso em: 20 out. 2013.

<sup>83</sup> Sigla convencionada em língua francesa: Francês com Objetivo Universitário.

<sup>84</sup> Tradução nossa. Texto no original: *Un aspect qui ne peut pas être négligé est celui du développement des compétences interculturelles liées à l'actualité de la société française et du contexte régional où l'étudiant sera inséré pour qu'il puisse mieux connaître les aspects culturels, socio-économiques et politiques de la France et de la région où il va étudier.*

O desenvolvimento da competência intercultural em um programa de ensino de francês para a mobilidade, um programa de FOU, reúne os aspectos que tratamos até o momento, apresentando, no entanto, especificidades relacionadas ao contexto acadêmico de inserção dos alunos.

O estudante estrangeiro, no nosso caso, brasileiro, ao ingressar em uma universidade francesa, entra imediatamente em situação de imersão intercultural, num contexto coletivo, interagindo em diversas situações que vão exigir dele a mobilização de conhecimentos e competências desenvolvidos antes de sua chegada à França. Seu processo de inserção e adaptação ao novo contexto vai mobilizar os aspectos linguísticos, culturais e acadêmicos que desenvolveu no país de origem em diferentes situações de interação que, no geral, não se assemelham àquelas vivenciadas em sua universidade.

Do ponto de vista da perspectiva intercultural, é a partir, principalmente, dessas vivências em situações universitárias de comunicação que o estudante vai mobilizar “*savoirs, savoir-faire et savoir-être*”, como explica Lussier (2010: p. 7). Para a autora, os primeiros estão relacionados a conhecimentos da “memória coletiva” (elementos de civilização em artes, literatura, música, pintura; história e geografia das outras culturas), no contexto sociocultural (fatos, acontecimentos reais, valores, crenças, atitudes e identidade das outras culturas) e a diversidade dos modos de vida (usos, costumes, instituições e normas próprias na sociedade, estereótipos...)”<sup>85</sup>. Refere-se, portanto, a todas as experiências sociais, culturais e de aprendizagem que o estudante foi construindo ao longo de sua vida.

Quando a autora menciona a “*savoir-faire*”, está se referindo ao desenvolvimento do estudante na língua estrangeira, aos ajustes que vai aprendendo a realizar pelas interações plurilíngues e pluriculturais que realiza.

Trata-se, finalmente, aos aprendizes, de saber interagir culturalmente em uma língua alvo. Chegamos a um estado reflexivo do discurso, a uma capacidade metalinguística, permitindo aos alunos argumentar e interpretar os aspectos culturais do discurso. [...] Trata-se de comparar diversas noções culturais, analisar a apropriação das mensagens, conforme os contextos situacionais e

---

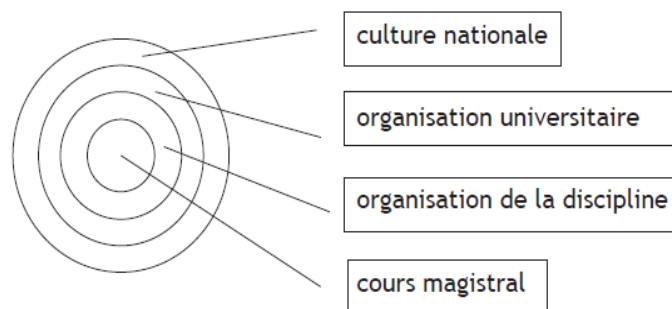
<sup>85</sup> Tradução nossa. Texto no original: *mémoire collective (éléments de civilisation en arts, littérature, musique, peinture; l’histoire et la géographie des autres cultures), au contexte socioculturel (faits, événements factuels, valeurs, croyances, attitudes et identité des autres cultures) et la diversité des modes de vie (usages, coutumes, institutions et normes propres à la société, stéréotypes...)*

de demonstrar um *savoir-faire* pela adaptação de seu próprio discurso em contexto.<sup>86</sup>

(LUSSIER, 2010: p. 8)

E, finalmente, os “*savoir-être*” se referem às “representações mentais que os estudantes desenvolvem e aos comportamentos de aceitação ou de rejeição de outras culturas ou da cultura alvo que se constroem pelo viés do ensino/aprendizagem”<sup>87</sup>. Trata-se, portanto, de um conjunto de fatores que, associados, podem nos dar outra dimensão da compreensão das relações interculturais.

Para o contexto universitário, há especificidades institucionais, de conhecimentos de regras a serem seguidas na universidade e, sobretudo o funcionamento de um sistema universitário diferente do estabelecimento de origem do estudante estrangeiro. Mangiante (2012), referindo-se, por exemplo, às aulas expositivas (*cours magistraux*), apresenta um esquema que nos dá ideia da complexidade com a qual o estudante será confrontado:



Le cours magistral au centre de contextes superposés

**Imagem 3** – Esquema de Mangiante (2012)<sup>88</sup>.

<sup>86</sup> Tradução nossa. Texto no original: *Il s’agit finalement pour les apprenants de savoir interagir culturellement dans la langue cible. Nous en arrivons à un stade réflexif du discours, à une capacité métalinguistique permettant aux apprenants d’argumenter et d’interpréter les aspects culturels du discours. [...] Il s’agit pour l’apprenant de comparer diverses notions culturelles, d’analyser l’appropriation des messages selon les contextes situationnels et de démontrer un savoir-faire par l’adaptation de son propre discours au contexte.*

<sup>87</sup> Tradução nossa. Texto no original: *représentations mentales que développent les apprenants et sur les attitudes d’ouverture ou de rejet des autres cultures ou de la culture cible qui se construisent par le biais de l’enseignement/apprentissage.*

<sup>88</sup> Esquema de Mangiante (2012) sobre aulas expositivas ao centro de contextos sobrepostos. In: *Synergies Algérie*, 2012, nº 15, p. 147-166.



Podemos considerar, por exemplo, que a maneira pela qual o professor inicia uma aula pode apresentar particularidades relativas a uma “cultura universitária francesa” que é diferente daquela que o estudante estrangeiro experimenta em sua vivência como estudante. Em uma perspectiva intercultural, não é suficiente ter a informação. É necessário identificar e compreender este “funcionamento” sem um julgamento de valor. Sua comunicação em meio universitário atingirá objetivos específicos se houver esse trabalho de reconhecimento do outro. Entendemos que a língua em uso é aquela que cumpre com um dos seus primeiros objetivos que é compreender e se fazer compreender. Em relação à organização universitária, podemos dizer o mesmo, a partir do exemplo do autor:

O número de anos dos diplomas, as condições de acesso [ao curso], a semestralização [a divisão por níveis ou etapas], a organização entre [alunos avançados] e [iniciantes], diferentes partes das avaliações, todos esses dados estruturam o desenvolvimento dos estudos e devem ser precisamente de conhecimento dos estudantes. Essas informações podem ser consultadas pelos dados presentes nos *sites* das universidades, bem como nas entrevistas dos alunos diplomados. Em um nível mais local, isso se refere às práticas de ensino: divisão entre aulas convencionais e trabalhos dirigidos, modalidade de exames [avaliações], trabalhos a realizar.<sup>89</sup>

(MANGIANTE, 2012: p. 148)

Para as disciplinas, da mesma maneira que no país de origem, é fundamental conhecermos as modalidades de trabalho solicitadas pelo professor. Em uma situação de apresentação de um programa, identificar as marcas discursivas relativas a esse tema, presentes no discurso do professor, é condição para que os objetivos de aproveitamento de estudos sejam alcançados.

O número de docentes explica, ao longo de suas primeiras aulas, as formas de trabalho esperadas dos estudantes, insistindo na importância das anotações, da consulta regular aos sites da internet, variando os suportes das aulas, informando os estudantes sobre a existência de documentos nos ambientes digitais etc. Esses discursos confirmam, ao mesmo tempo, a importância dos métodos de trabalho dos estudantes e a especificidade de uma parte desses métodos em função das práticas de ensino. Eles

---

<sup>89</sup> Tradução nossa. Texto original: *Nombre d'années des diplômes, conditions d'accès, semestrialisation, combinaison entre majeure et mineures, différentes sessions d'examens, etc., toutes ces données structurent le déroulement des études et doivent être connues précisément des étudiants. Ces informations peuvent être traitées à travers les données figurant sur les sites universitaires, combinées à des interviews de responsables de diplômes. A un niveau plus local, cela concerne le fonctionnement des enseignements : répartition entre cours magistral et travaux dirigés, modalités d'examens, travaux à réaliser.*

constituem suportes de formação ao qual o professor de FOU pode se apoiar.<sup>90</sup>

(MANGIANTE, 2012: p. 149)

Em um contexto de ensino do francês para estudantes que se preparam para um intercâmbio, no nosso caso na Poli-USP, desenvolver uma competência intercultural seria, ao nosso modo de ver, trazer situações em sala de aula que permitissem levar em consideração todas as experiências vividas como estudante universitário na Poli, ou seja, em contato acadêmico, para compreender, reconhecer e saber agir no meio universitário francês. Esse processo, evidentemente, nessa perspectiva, ocorre no contexto de mobilidade de um estudante de francês na USP.

Enfatizamos que o desenvolvimento de uma competência intercultural se realiza na medida em que ultrapassemos “elementos culturais superficiais e artificiais que distorcem a visão de jovens sobre outras culturas e sua visão de mundo”<sup>91</sup> (LUSSIER, 2010: p. 10), para que possamos olhar e interagir com o outro, com a complexidade das manifestações culturais nas quais ele se insere.

---

<sup>90</sup> Tradução nossa. Texto original: *Nombre d'enseignants expliquent lors de leur premier cours les formes de travail attendues des étudiants, en insistant sur l'importance de la prise de notes, de la consultation régulière de sites internet, en distribuant des supports de cours, en informant les étudiants de l'existence de documents sur des environnements numériques, etc. Ces discours confirment à la fois l'importance accordée aux méthodes de travail des étudiants, et la spécificité d'une partie de ces méthodes en fonction des enseignements. Ils constituent des supports de formation dont peut se saisir l'enseignant de FOU.*

<sup>91</sup> Tradução nossa. Texto original: *les éléments culturels superficiels et artificiels qui biaisent chez les jeunes leur vision des autres cultures et leur vision du monde*

## CAPÍTULO II

---

### Metodologia da Pesquisa

*No fundo, será esta a primeira vez que você fez um trabalho científico sério e rigoroso, e isto não é experiência de somenos importância.*  
(Umberto Eco)<sup>92</sup>

O objetivo deste capítulo é apresentar os procedimentos metodológicos utilizados em nossa pesquisa. Para isso, apresentamos o tipo de pesquisa, o contexto em que foi realizada, seus participantes e como foi feita a coleta de dados, apresentando os instrumentos e procedimentos utilizados. A etapa de coleta de dados foi desenvolvida em duas fases, a saber: a primeira, por meio de um pré-teste e entrevistas com os estudantes participantes antes da mobilidade para a França; e a segunda, por meio de um questionário respondido por e-mail por uma parte desses mesmos estudantes já em contexto francês.

No que se refere ao contexto de pesquisa, em se tratando de um trabalho desenvolvido diretamente com os estudantes de um programa específico de mobilidade da Escola Politécnica da USP (Poli-USP), consideramos necessário apresentar o programa de internacionalização da Escola e os programas de intercâmbio e Duplo Diploma (DD) realizados com a França, devido a sua importância no contexto de internacionalização da USP. Além disso, apresentaremos também o contexto de ensino-aprendizagem no qual os estudantes estavam inseridos antes da partida para a França, um fator importante que é considerado no momento da análise dos dados.

---

<sup>92</sup> ECO, Umberto. *Como se faz uma tese?* São Paulo: Perspectiva, 2005, p. 174.

# 1. Pesquisa qualitativa

Considerando que o objetivo da pesquisa é identificar as representações dos estudantes em relação à França, entendemos que essa investigação tem um caráter qualitativo e interpretativo. De acordo com Neves (1996), o pesquisador detecta a presença de um fenômeno, sem considerar como fator relevante sua magnitude ou intensidade. Além disso, o autor destaca que a pesquisa é definida como qualitativa em função da forma de tratamento dos dados e da maneira pela qual se realizará a apreensão de uma realidade que é conhecida por meio de experiência e senso comum (conhecimento intuitivo).

Embora a definição do método qualitativo seja pautada na contraposição ao método quantitativo, estes dois métodos não se excluem necessariamente. Eles se diferenciam pela forma e pela ênfase de análise, porém ambos possuem procedimentos capazes de contribuir para a compreensão dos fenômenos estudados:

Os métodos qualitativos e quantitativos não se excluem. Embora difiram quanto à forma e à ênfase, os métodos qualitativos trazem como contribuição ao trabalho de pesquisa uma mistura de procedimentos de cunho racional e intuitivo capazes de contribuir para a melhor compreensão dos fenômenos.

(NEVES, 1996: p. 2)

Buscando explicar o que é observado e como os participantes desta pesquisa se referem às representações antes da mobilidade e durante a experiência internacional, já em contexto francês, entendemos que nossa pesquisa adquire uma característica interpretativa, na medida em que levamos em consideração as interpretações do comportamento humano em cada um dos contextos nos quais os participantes se inserem.

O estudo interpretativo nos serve para verificar as mudanças e os relatos das experiências vivenciadas confrontando o antes e o depois da mobilidade. De acordo com Stake (2010, p. 48-49), é a pesquisa qualitativa que busca “encontrar os significados das experiências pessoais que transformam as pessoas”, definindo dois níveis de interpretação: o “microinterpretar”, referindo-se à atribuição de significado dada à experiência individual ou de uma determinada realidade, e o “macrointerpretar”, como atribuição de significado às interpretações relacionadas às ações de coletivos (grandes grupos de pessoas). No caso

desta pesquisa, entendemos que o conceito “micro” é adequado às experiências, vivências e representações dos estudantes antes da mobilidade, sem generalizações, respeitando suas especificidades individuais, apenas um recorte parcial de representação de um determinado fenômeno, inseridos num contexto “macro”, que seria o da Poli-USP, o do programa de mobilidade DD, o do CFI-Poli, Curso de Francês para Iniciantes na Escola Politécnica da USP, agregando informações sobre a coletividade e a sociedade.

A pesquisa qualitativa apresenta esse trânsito entre os relatos individuais interpretados que revelam características (hipóteses) de um coletivo comum através de representações culturais em contexto escolar de ensino-aprendizagem de língua estrangeira. Ainda de acordo com Neves (1996):

A expressão “pesquisa qualitativa” assume diferentes significados no campo das ciências sociais. Compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam a descrever e a decodificar os componentes de um sistema complexo de significados. Tem por objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social; trata-se de reduzir a distância entre indicador e indicado, entre teoria e dados, entre contexto e ação (MAANEN, 1979a, p. 520). Em sua maioria, os estudos qualitativos são feitos no local de origem dos dados; não impedem o pesquisador de empregar a lógica do empirismo científico (adequada para fenômenos claramente definidos), mas partem da suposição de que seja mais apropriado empregar a perspectiva da análise fenomenológica, quando se trata de fenômenos singulares e dotados de certo grau de ambiguidade.

(NEVES, 1996: p. 1)

Dentre os métodos qualitativos conhecidos citados por Neves (1996), utilizamos nesta pesquisa o método interpretativo, para analisar detalhes complexos dos dados coletados; e o método comparativo-explicativo, mais adequado para estudar as diferentes respostas fornecidas pelos alunos nas fases da coleta de dados, que serão explicitadas mais adiante. A escolha do método foi feita com base no problema e nos objetivos da pesquisa, critérios essenciais e determinantes na escolha do método, para que os objetivos desta pesquisa sejam atingidos, conforme explica o autor:

[...] o caráter descritivo da pesquisa que se pretende empreender ou a intenção de compreender um fenômeno complexo na sua totalidade são elementos que tornam propício o emprego de métodos qualitativos; em

qualquer caso, a opção por tais métodos sempre dependerá de clara definição do problema e dos objetivos da pesquisa, assim como da compreensão das forças e fraquezas de cada método disponível, consideradas as condições específicas do estudo. Compreender e interpretar fenômenos, a partir de seus significantes e contexto, são tarefas sempre presentes na produção de conhecimento, o que contribui para que percebamos vantagem no emprego de métodos que auxiliam a ter uma visão mais abrangente dos problemas, supõem contato direto com o objeto de análise e fornecem um enfoque diferenciado para a compreensão da realidade.

(NEVES, 1996: p. 4-5)

O campo da pesquisa qualitativa abrange uma variedade tão grande de métodos que a discussão das especificidades de qualquer um deles requer a identificação dos pontos em que o método em questão se aproxima ou se distancia dos objetivos pretendidos na pesquisa. O campo das ciências humanas sempre teve muita proximidade com a Psicologia, tanto que, nesta pesquisa, faremos uso de conceitos de ambas as áreas. Por isso, neste trabalho, também nos baseamos no Método de Explicitação do Discurso Subjacente (MEDS), conforme a descrição de Ana Maria Nicolaci-da-Costa em *Psicologia: reflexão e crítica* (2007: p. 65-73).

O MEDS é o resultado da recente integração de diferentes procedimentos metodológicos empregados ao longo de mais de duas décadas de prática de pesquisa em psicologia clínica. Embora tenha vários pontos em comum com outros métodos qualitativos que fazem uso de entrevistas, apresenta algumas importantes características singulares em virtude de seus objetivos e de suas origens interdisciplinares.

(NICOLACI-DA-COSTA, 2007: p. 63)

As diferentes fases do MEDS na execução da pesquisa foram realizadas tal qual a descrição do método, a saber:

**1- Seleção da amostra:** é o recrutamento dos participantes. Há uma preocupação com a homogeneidade das características desses participantes, a partir de critérios pré-estabelecidos, como o fato de serem membros de um grupo social específico e, neste caso, pertencentes ao mesmo contexto de pesquisa. Sobre o tamanho da amostra, também consideramos o referencial do MEDS, que não estipula um número mínimo de participantes

necessários, e ainda afirma que, muitas vezes, um número inferior a 20 é suficiente para a amostra:

Apesar de todas as diferenças entre os diversos métodos que vêm sendo discutidos, a adequação do emprego de amostras pequenas nas pesquisas qualitativas é consensual. Números de participantes são raramente estipulados a priori, na medida em que o principal critério usado para determinar se as entrevistas realizadas são suficientes para a investigação de um determinado assunto é o da saturação da informação.

(NICOLACI-DA-COSTA, 2007: p. 68)

**2- A construção do roteiro para as entrevistas:** é necessário construir o roteiro que servirá de base para a coleta de dados antes de iniciar o procedimento. O roteiro deve ser estruturado já na concepção da pesquisa, porém flexível durante a aplicação, inspirado em conversas naturais, evitando perguntas que pareçam artificiais e preservando a naturalidade. Por isso, é essencial que o pesquisador inclua perguntas abertas e, a qualquer momento, introduza perguntas de esclarecimento, fazendo com que o entrevistado possa aprimorar seu raciocínio por meio do contraste entre opiniões e informações concretas, revelando o real ponto de vista e permitindo que surjam as contradições existentes nos discursos. Essas contradições, por sua vez, são importantes vias de acesso ao discurso subjacente, ou seja, o que está por trás do discurso explícito do entrevistado. Nicolaci-da-Costa (2007) afirma que essas especificidades do método justificam a necessidade de se realizar um rascunho de roteiro com base nas informações obtidas em uma investigação prévia e submeter esse roteiro a um teste, que será melhor organizado se separado por blocos.

**3- As entrevistas:** cada participante deve ser entrevistado individualmente por um único entrevistador, em horários negociados entre eles. As entrevistas devem ser conduzidas em lugares nos quais os participantes se sintam à vontade, já que elas têm como modelo uma conversa informal, cujas informações serão fornecidas por livre consentimento para uso exclusivo na pesquisa. A entrevista é feita uma única vez com cada participante, com gravação integral de áudio, e não deve ultrapassar uma hora. Para a realização das entrevistas, o entrevistador deve ter em mãos o roteiro estruturado, que deverá ser aplicado de forma flexível para “respeitar o fluxo de associação do entrevistado” (Nicolaci-da-Costa, 2007: p. 69). Assim, entende-se que a entrevista é semiestruturada, podendo ser comparada

às demais independentemente da ordem em que os conteúdos são abordados, além de possibilitar ao entrevistador a introdução de perguntas que visam aprofundar ou investigar melhor aquilo que achar necessário.

**4- A transcrição dos depoimentos:** uma das preocupações do MEDS é o nível de detalhamento das transcrições, tratada de forma genérica por outros métodos, quando deveria ser mais minuciosa, a fim de captar detalhes que possam ser imprescindíveis para a interpretação. Ainda sobre a transcrição:

[...] o MEDS também enfatiza que as falas dos entrevistados não devem ser alteradas ou editadas. Erros gramaticais, palavrões, expressões chulas e congêneres devem ser transcritos, pois, quando presentes, fazem parte do discurso dos participantes.

(NICOLACI-DA-COSTA, 2007: p. 70)

**5- A análise dos depoimentos coletados:** consiste na interpretação dos depoimentos dos entrevistados, seja a partir de categorias que emergem das falas (opção privilegiada pelo MEDS), ou a partir de categorias prévias, oriundas das categorias que servem de base à pesquisa. A análise deve ser iniciada depois de realizadas todas as entrevistas, propiciando a identificação de regularidades, padrões e outros aspectos recorrentes nos depoimentos em análise.

De acordo com a autora supracitada, o MEDS realiza uma análise sistemática das respostas individuais, fazendo comparações internas aos depoimentos de cada um dos entrevistados. Estas comparações buscam inconsistências, contradições, novos conceitos, novos usos de linguagem etc. no discurso de cada um dos participantes. A especificidade da análise detalhada de cada uma das entrevistas é o resultado direto dos procedimentos estipulados pelo MEDS para a construção de roteiros e para a realização das entrevistas. É importante ressaltar uma das conclusões da autora:

O MEDS, em contrapartida, não se preocupa com a verdade ou com a consistência interna, mas sim com a sinceridade dos depoimentos que coleta. Não concebe as contradições intencionalmente provocadas por seus roteiros como indicativas de que os entrevistados não estão dizendo a verdade. Concebe-as como um importante testemunho da espontaneidade e sinceridade de suas respostas. Dado que trabalha com amostras homogêneas que são expostas a um mesmo roteiro, também adota a



recorrência das respostas dadas pelos diferentes participantes como critério de credibilidade (na medida em que é altamente improvável que muitos sejam insinceros do mesmo modo).

(NICOLACI-DA-COSTA, 2007: p. 71)

O método qualitativo-interpretativo é utilizado para firmar conceitos e objetivos a serem alcançados e formalizar hipóteses sobre variáveis a serem estudadas com maior profundidade. Para analisar as informações fornecidas pelos estudantes da Poli-USP, definimos um conjunto de procedimentos de coleta de dados capazes de contribuir para a melhor compreensão das representações presentes no discurso dos participantes da pesquisa, que está detalhado no item 4 deste capítulo.

Para Stake (2011), o conhecimento nas ciências humanas é compreendido através do que os seres humanos pensam e sentem sobre as coisas do mundo. Trata-se de uma “compreensão experiencial das ações e dos contextos”, não importando “o quão tímidas ou quietas elas [as pessoas] sejam, elas compreendem os eventos como se, de alguma forma, fossem participantes deles” (STAKE, 2011: p. 58), diferenciando da forma como o conhecimento se constrói nas ciências físicas, que se dá de forma impessoal.

Componentes como identificação de opiniões, pontos de vista, concordância, proximidade, são alguns dos aspectos que caracterizam este tipo de pesquisa e que serão considerados no momento da análise dos dados. Assim, todo detalhamento que será apresentado visa contribuir para melhor representar a figura do sujeito-participante em seu contexto: ou seja, partindo da experiência pessoal/individual para buscar um sentido coletivo. A interpretação passa a ser central na construção de representações de um determinado contexto. Stake (2011: p. 65) afirma que “o papel interpretativo, subjetivo e contínuo do pesquisador é comum no trabalho da pesquisa qualitativa”, pois “o intérprete seleciona descrições e as torna mais complexas, utilizando algumas relações conceituais”.

O desenvolvimento geral desta pesquisa compreende várias etapas, como planejamento da coleta de dados, da análise e da estruturação do texto interpretativo a propósito das representações culturais de estudantes brasileiros sobre a França antes e depois de um intercâmbio estudantil realizado entre a Poli-USP e as Grandes Escolas francesas, visando a obtenção do Duplo Diploma.

## 2. Contexto de pesquisa

### 2.1. A internacionalização no contexto universitário da Poli-USP: o programa de Duplo Diploma nas instituições francesas

Esta pesquisa foi desenvolvida junto a estudantes inscritos nos cursos de francês ministrados pelo Centro Interdepartamental de Línguas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (CL-FFLCH-USP), em um de seus projetos, o CFI-Poli, módulo *Mobilité France*. Para melhor compreender esse contexto, foi necessário consultar documentos disponíveis no *site*<sup>93</sup> da instituição sobre o projeto de internacionalização da Poli-USP.

Em 2001, estabeleceu-se um acordo de mobilidade internacional com as Grandes Escolas Francesas de Engenharia, programa de Duplo Diploma<sup>94</sup> que envia o maior número de estudantes para a França<sup>95</sup>. O acompanhamento dos intercâmbios é feito pela Coordenação de Relações Internacionais (CRint) da Poli-USP.

Esse programa originou-se de uma iniciativa da Embaixada da França na época, juntamente com a USP, para estabelecer o primeiro acordo de Duplo Diploma com a França, na *École Centrale* de Paris. Neste programa, o aluno realiza uma parte de seus estudos na Escola Politécnica da USP e dois anos na França, devendo retornar para a USP para finalizar seus estudos, obtendo, assim, os dois diplomas. Para a viabilidade deste programa, constatou-se a necessidade de preparação linguística dos alunos para sua inserção no contexto acadêmico francês. Foi então que se decidiu pela criação do Curso de Francês para

---

<sup>93</sup> Para realizar uma análise crítica deste *site* não didatizado, seguimos os critérios de Lancien (1998) e Hirschsprung (2005), dos quais extraímos o embasamento teórico para se definirem um documento multimidiático e os benefícios para o estímulo ao ensino-aprendizado da língua francesa, de acordo com o nosso trabalho de Iniciação Científica intitulado *A contribuição dos recursos disponíveis na internet para a elaboração de sequências didáticas no ensino-aprendizagem do Francês Língua Estrangeira* (São Paulo: FFLCH-USP, 2010). Assim, entende-se a importância de fazer uso da internet de modo consciente durante a coleta de dados e de se analisarem criticamente os documentos disponíveis na *web* para fornecer subsídios à compreensão do contexto de pesquisa.

<sup>94</sup> Em 2001, a escola Politécnica comemora o envio de 500 alunos da USP para realizar o programa de Duplo Diploma na França.

<sup>95</sup> Informações sobre acordos internacionais da USP obtidas no *site*

<[www.usp.br/internationaloffice/index.php/convenios/instituicoes-conveniadas](http://www.usp.br/internationaloffice/index.php/convenios/instituicoes-conveniadas)> Acesso em: 26 out. 2013.

Iniciantes na Poli (CFI-Poli), em parceria com o Centro Interdepartamental de Línguas (CL) da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP (FFLCH-USP) com o objetivo de ensinar francês aos estudantes selecionados para o Duplo Diploma, aspectos que desenvolveremos mais adiante.

Além disso, uma característica do programa é o oferecimento de uma bolsa Capes para os dois anos de estada na França. A parceria com o CL, em termos do financiamento do curso, passou por mudanças<sup>96</sup> ao longo desses 13 anos de Duplo Diploma, mantendo, no entanto, o mesmo programa didático-metodológico e acadêmico de ensino da língua.

Segundo dados obtidos com a Coordenação do Curso de Francês/CFI-Poli<sup>97</sup>, a apresentação do programa de preparação linguística dos alunos em francês (CFI-Poli) é feita em parceria com a CRInt-Poli<sup>98</sup> e desde as primeiras semanas de aula, os “calouros” recebem informações sobre todos os programas que a Escola Politécnica têm com instituições de ensino superior em países europeus. Podemos depreender que há um estímulo aos alunos para que conheçam os acordos de Duplo Diploma com a França por meio dessas apresentações. Há informações de que a inscrição para o vestibular da USP é feita, inclusive, pelos programas de internacionalização da universidade, um fator positivo explicitado no *site*<sup>99</sup> da Escola, que é apresentado em sua página referente a “Relações internacionais”, quais características de seu programa de internacionalização, definindo-se como uma “instituição globalizada”.

Nos últimos 12 anos, a Escola Politécnica da USP (EPUSP) enviou mais de 1.100 estudantes e recebeu em torno de 320 estudantes estrangeiros. A internacionalização do ensino na EPUSP envolveu programas de Duplo Diploma (DD) e Aproveitamento de Estudos (AE) com durações de quatro meses a três anos. Tal movimentação foi possível principalmente devido aos mais de 50 acordos bilaterais que a EPUSP possui com universidades de mais de 20 países. A estes se somam mais de 250 acordos que a USP possui

---

<sup>96</sup> No início, a Embaixada da França assumiu toda a parte financeira para a viabilização do curso. Nas outras fases do projeto, a responsabilidade foi assumida pela reitoria da USP; em seguida, a Direção da Escola Politécnica, os estudantes e o CL e, atualmente, discute-se a possibilidade de um subsídio vindo dos acordos da Poli-USP com empresas e instituições ligadas à engenharia que apoiem o programa.

<sup>97</sup> A Coordenação Acadêmica do CFI-Poli sempre foi de responsabilidade de professores da Área de Francês, do Departamento de Letras Modernas da FFLCH, hoje, Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em francês. A atual coordenadora do CFI-Poli é a Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Heloisa Albuquerque-Costa.

<sup>98</sup> Coordenação de Relações Internacionais da Escola Politécnica da USP.

<sup>99</sup> O referido *site* é o da Escola Politécnica da USP, acessado frequentemente durante a elaboração desta pesquisa: <[www.poli.usp.br](http://www.poli.usp.br)>

com dezenas de países e dos quais os estudantes da EPUSP também usufruem.

(FREIRE; OLIVEIRA; COSTA et. al., 2013: p. 28)<sup>100</sup>

Além disso, informações sobre escolas de renome na França no *site* já sugerem uma “representação positiva” em relação à qualidade de ensino, como podemos constatar pela divulgação feita sobre a *École de Lille*. A página principal do *site*, como veremos a seguir, convida à navegação e estimula a curiosidade do estudante para descobrir mais informações sobre cada um dos programas e instituições de ensino superior na França.



**Imagem 4** – Escola Politécnica da USP: Uma instituição globalizada

Dentre os acordos da Escola Politécnica da USP com a França, estão em destaque as *Écoles Centrales*.

A força da internacionalização na EPUSP foi conduzida pelos acordos de Duplo Diploma com a França, em especial com as *Écoles Centrales*. Estes acordos envolveram inicialmente cinco *Écoles Centrales*, que rapidamente receberam a companhia de mais 23 universidades francesas.

(FREIRE; OLIVEIRA; COSTA et. al., 2013: p. 29).

<sup>100</sup> FREIRE JR, José Celso (Coord.); OLIVEIRA, Guiomar M.; COSTA, Heloisa A.; et al. A Internacionalização do Ensino de Engenharia: Modelos, Problemas e Possíveis Soluções. In: *Desafios da Educação em Engenharia: Formação em Engenharia, Internacionalização, Experiências Metodológicas e Proposições*, Capítulo 1. ABENGE, 2013. p. 28-33.

No que se refere às modalidades de intercâmbio, os estudantes podem optar pelo “Intercâmbio Aberto”, “Aproveitamento de Estudos” ou “Duplo Diploma”.

As características de cada um são:

- Intercâmbio Aberto: os estudantes podem escolher uma instituição de ensino superior não conveniada e não precisam participar do processo de seleção da Poli-USP; eles podem solicitar reaproveitamento de créditos das disciplinas escolhidas para cursar, mas precisam arcar com todas as despesas.
- Aproveitamento de Estudos: os estudantes precisam escolher uma instituição conveniada e passar pelo processo seletivo da Poli-USP; também podem solicitar aproveitamento de créditos das disciplinas escolhidas e ficam isentos do pagamento de todas as taxas escolares cobradas pela instituição financeira, além de receber o apoio e a orientação da CRInt, que acompanha todo o processo.
- Duplo Diploma: é o mais completo dos programas de intercâmbio da Poli-USP, porém, é também o de mais difícil ingresso. Nele, os estudantes passam por um processo seletivo com várias etapas e não podem escolher as disciplinas que desejam cursar; em contrapartida, os estudantes podem concorrer a bolsas de estudos integrais e, ao término dos dois anos do programa, obter dois diplomas: o da instituição estrangeira e o da Poli-USP.

Nesta pesquisa, a modalidade de intercâmbio internacional escolhida por todos os alunos participantes é o programa de Duplo Diploma com a França.

O Duplo Diploma nasceu no Brasil a partir de uma iniciativa de instituições francesas. [...] Os primeiros acordos foram assinados com o INSA-Lyon. A internacionalização crescente do ensino de engenharia e a necessidade de formar engenheiros capazes de atuar em ambientes colaborativos multiculturais trouxeram novas exigências e a necessidade de discutirem-se as novas tendências num contexto internacional.

(FREIRE; OLIVEIRA; COSTA et. al., 2013: p. 33)

A seguir, destacamos a informação sobre a modalidade de Duplo Diploma, contida no *site* da instituição:

O diferencial desse tipo de intercâmbio é que o aluno se forma obtendo dois diplomas: o certificado da Escola Politécnica e o da instituição estrangeira em que realizou parte de seus estudos. O programa é válido para as escolas que mantêm convênio com a Poli. Elas oferecem ao participante um “pacote fechado” de disciplinas – há pouca flexibilidade na escolha das disciplinas que serão cursadas.

Todas as disciplinas têm equivalência automática com um ano da Poli (2 anos fora = 1 ano Poli) e também são acrescidas no histórico escolar. Por causa da regra de equivalência, quem participa do programa de Duplo Diploma se forma em seis anos ou seis anos e meio (em alguns casos até em sete) e não em cinco anos como os demais.

O aluno interessado em participar desse tipo de intercâmbio pode se inscrever no processo seletivo depois de ter completado, no mínimo, o terceiro semestre de seu curso na Poli. A seleção inclui análise de currículo e histórico escolar, entrevista e/ou prova. Se for aprovado, ele vai para o exterior depois de ter completado o quinto, sexto ou sétimo semestres no Brasil, conforme programa para o qual se candidatou.

O programa tem duração de dois anos, quando então o aluno volta para completar o seu curso na Poli. Os cursos são gratuitos, mas o participante deve custear todas as demais despesas, como transporte, alimentação e moradia.

(ESCOLA POLITÉCNICA<sup>101</sup>, 2013)

Os estudantes que optam pela França podem escolher uma dentre as seguintes instituições conveniadas listadas a seguir:

- École Européene d’Ingénieurs en Génie des Matériaux  
<[www.eeigm.univ-lorraine.fr](http://www.eeigm.univ-lorraine.fr)>
- École Nationale de Ponts Paristech  
<[www.enpc.fr](http://www.enpc.fr)>
- École Nationale des Ponts et Chaussées  
<[www.enpc.fr](http://www.enpc.fr)>
- École Nationale Supérieure de Techniques Avancées

---

<sup>101</sup> Escola Politécnica: Duplo Diploma. Disponível em: <[www3.poli.usp.br/pt/relacoes-internacionais/intercambio/duplo-diploma.html](http://www3.poli.usp.br/pt/relacoes-internacionais/intercambio/duplo-diploma.html)>. Acesso em: 20 out 2013.

- <www.ensta-paristech.fr>
- École Nationale Supérieure des Ingénieurs en Arts Chimiques et Technologiques  
<www.ensiacet.fr>
- École Nationale Supérieure des Telecommunications  
<www.telecom-paristech.fr>
- École Spéciale des Travaux Publics, du Bâtiment ET de L'industrie  
<www.estp.fr>
- École Supérieure d'Électricité  
<www.supelec.fr>
- Écoles Centrales Lille, Lyon, Marseille, Nantes e Paris  
<www.groupe-ecoles-centrales.fr>
- Écoles Nationales Supérieures de Chimie de Paris, Lille e Montpellier  
<www.chimie-paristech.fr>  
<www.ensc-lille.fr>  
<www.enscm.fr>
- Écoles Nationales Supérieures des Mines de Paris  
<www.mines-paristech.fr>
- Université de Technologie de Compiègne  
<www.utc.fr>
- Université du Sud Toulon-Var  
<www.univ-tln.fr>

Obtivemos outras informações junto ao CenDoTec, órgão que atua na viabilização do programa e destaca, em dossiê destinado a ele, a seguinte explicação:

No contexto da cooperação franco-brasileira, os programas de duplo diploma possibilitam aos melhores alunos ingressarem em um estabelecimento parceiro no exterior por um período determinado a fim de lá efetuarem parte de seus estudos. À conclusão desse curso, os estudantes são diplomados pelas duas instituições. Do ponto de vista dos estudantes, esses programas oferecem uma chance única de enriquecer sua formação por um período de estudos no exterior. Além dos aspectos acadêmicos e profissionais, eles representam uma aventura humana e cultural verdadeiramente enriquecedora. Para os estabelecimentos, a introdução de tal programa corresponde a um desejo de oferecer uma formação de alto valor agregado aos seus alunos. É interessante observar que os relatos das primeiras experiências indicam consequências muito positivas para as instituições implicadas.

(Dossiê CenDoTec<sup>102</sup>, nov. 2006)

---

<sup>102</sup> *A criação de duplos diplomas franco-brasileiros*. Disponível em: <www.cendotec.org.br/dossier/cendotec/duplosdiplomas.pdf>. Acesso em: 30 out. 2013.

No que se refere ao levantamento de informações para conhecimento prévio do contexto, a navegação nos *sites*<sup>103</sup> foi o ponto de partida desta etapa, visando reunir informações sobre as modalidades de intercâmbio da Poli-USP e o programa de Duplo Diploma. Além disso, por meio das demais publicações consultadas, constatamos que o projeto de internacionalização da Poli-USP foi crescendo ao longo dos anos e hoje é a referência para as Escolas e Faculdades de Engenharia no Brasil e nas instituições francesas de ensino superior que desejam estabelecer acordo com a USP.

Os dados coletados nos permitem identificar alguns elementos ligados às “informações positivas dos programas”, aspectos que consideraremos na análise dos dados. Além disso, é necessário apontar que um dos fatores de reconhecimento desse programa é o trabalho de formação linguística em francês realizado junto aos estudantes. Devido à sua importância, trataremos desse ponto na próxima seção.

## **2.2. O CFI-Poli e o módulo *Mobilité France***

O Projeto CFI-Poli (Curso de Francês para Iniciantes da Escola Politécnica da USP) foi desenvolvido a partir de um acordo entre o governo francês (Embaixada da França no Brasil) e a Escola Politécnica da USP, 2001. Segundo Oliveira (2009), o método de trabalho adotado pela equipe de professores do CFI-Poli tem por objetivo oferecer um curso “adequado às demandas e às necessidades dos alunos da Escola Politécnica” (OLIVEIRA, 2009: p. 40).

Tendo em vista o investimento político e acadêmico feito entre as instituições de ensino superior francesa e a USP, esperava-se que o programa de Duplo Diploma, ou melhor, o programa de internacionalização que se iniciava, alcançasse resultados satisfatórios para sua eventual continuidade. Para que isso pudesse ocorrer, a necessidade do aprendizado da língua francesa era primordial na formação dos alunos candidatos, daí a criação e organização dos cursos no CFI-Poli.

---

<sup>103</sup> Páginas consultadas: <[www.poli.usp.br/ensino/graduacao/aluno/intercambio-internacional.html](http://www.poli.usp.br/ensino/graduacao/aluno/intercambio-internacional.html)>  
<[www.poli.usp.br/pt/relacoes-internacionais.html](http://www.poli.usp.br/pt/relacoes-internacionais.html)>  
<[www.poli.usp.br/pt/relacoes-internacionais/intercambio/duplo-diploma.html](http://www.poli.usp.br/pt/relacoes-internacionais/intercambio/duplo-diploma.html)>



Oliveira (2009) descreveu como o projeto piloto do curso foi iniciado:

[...] com a avaliação do material didático usado no curso até aquele momento e o estudo da análise das necessidades dos alunos através da aplicação de um questionário específico. Um ano depois, começamos a migração metodológica, ou seja, a mudança progressiva do material pedagógico e da metodologia de ensino. Todos os módulos do curso, inclusive dois outros novos propostos no projeto, foram trabalhados dentro da mesma ação simultânea e sucessiva adotada pela equipe de professores, ou seja, elaboração de novos materiais didáticos e avaliação contínua do material criado/desenvolvido, conforme os objetivos e o programa de ensino estabelecido para o Projeto CFI-Poli.

(OLIVEIRA, 2009: p. 41).

A autora complementa explicando a origem e a criação efetiva do curso:

A EPUSP, em 2001, através do Prof. Dr. Adnei Melges Andrade, então presidente da Comissão de Relações Internacionais (CRInt), entrou em contato com o diretor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Prof. Dr. Francis Aubert, para solicitar uma formação linguística básica e cultural de francês para vinte alunos selecionados para o programa de duplo diploma com a França. O Centro de Línguas, sob a direção da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Moerbeck Casadei Pietraróia, responsável também pela coordenação dos cursos de francês, ficou incumbido de elaborar e ministrar o curso na EPUSP. [...] Os alunos tiveram dois meses de aulas de francês, maio e junho de 2001, com uma carga horária total de oitenta horas, em duas horas diárias. [...] O trabalho de formação teve três vertentes: a primeira ficou com a formação cultural, com o objetivo de prepará-los para o convívio com os franceses em meio social, a segunda, centrada na formação linguística, no aprendizado e na prática da língua francesa; e a terceira, responsável pelo desenvolvimento de estratégias de leitura com o objetivo de auxiliar os alunos em sua vida acadêmica. [...] No ano de 2002, diante de bons resultados, a demanda foi relançada, porém com novas perspectivas, pois o sucesso do programa de duplo diploma entre as escolas francesas de engenharia e a EPUSP levou a um interesse maior pela formação em língua francesa na Escola Politécnica.

(OLIVEIRA, 2009: p. 43-44).

Com o crescimento dos acordos com a França, o interesse dos estudantes dos primeiros semestres da Poli-USP já com a possibilidade de iniciar os estudos em francês aumentou<sup>104</sup>. Isso determinou a definição de uma estrutura do curso de francês no CFI-Poli que levasse em consideração o desenvolvimento de competências orais e escritas ao longo de outros semestres.

---

<sup>104</sup> No segundo semestre de 2014, 300 alunos da Poli cursam francês no CFI-Poli.

Em termos de organização, a estrutura do curso de francês na Poli-USP, denominado CFI-Poli, foi definida em 2002 e mantém-se até hoje, da seguinte forma: 4 níveis de 60 horas cada um – do nível 1 (um) iniciante ao nível quatro (4), perfazendo um total de 240 horas de curso; e um módulo complementar de aperfeiçoamento da língua (60 horas), dirigido exclusivamente aos selecionados ao Duplo Diploma, com o objetivo de desenvolver situações de comunicação oral e escrita específicas do contexto das Escolas de Engenharia da França.

(FREIRE; OLIVEIRA; COSTA et. al., 2013: p. 38)

Em relação aos conteúdos linguísticos, socioculturais e acadêmicos, o projeto pedagógico do CFI-Poli segue uma progressão estabelecida por meio de *contratos de aprendizagem*<sup>105</sup> para cada um dos módulos. São desenvolvidas as quatro competências (expressão oral e escrita, compreensão oral e escrita) e sequências pedagógicas transversais relacionadas ao contexto universitário no qual os estudantes estarão inseridos, seguindo a metodologia do *Français pour Objectif Universitaire – FOU*<sup>106</sup>.

No que se refere ao módulo complementar, denominado *Mobilité France*, sua importância, dentro do programa geral de formação dos estudantes no CFI-Poli para a mobilidade, se deve a duas razões. A primeira, por se tratar de um espaço no qual o aluno vai aperfeiçoar seus conhecimentos linguísticos, comunicativos em francês e, mais especificamente, desenvolver atividades relacionadas à sua adaptação e inserção acadêmica nas Escolas francesas de engenharia. Nesse sentido, há uma série de atividades que ocorrem e não necessariamente se repetem de um semestre a outro. O professor tem a liberdade de escolher temas e documentos que estejam de acordo com as necessidades do seu grupo. No entanto, um ponto em comum, a segunda razão, que determina o interesse dos alunos, se refere à necessidade de obterem a certificação de proficiência em língua francesa para se candidatarem a uma bolsa de estudos da Capes ou a Eiffel<sup>107</sup> do governo francês. Assim, no desenvolvimento das atividades, levam-se em consideração as competências linguísticas,

---

<sup>105</sup> A opção de não adotar um livro didático de francês esteve e está relacionada à especificidade da formação em francês, na área do Francês para Objetivo Universitário (FOU)

<sup>106</sup> Esta metodologia é descrita por Mangiante e Parpette em: *Le Français sur Objectif Universitaire*. Grenoble: PUG, 2011.

<sup>107</sup> A bolsa Eiffel é oferecida para os melhores estudantes estrangeiros. Informações no *site* do Campus France: <[www.brasil.campusfrance.org/actualite/brasil-%C3%A9-destaque-na-bolsa-eiffel](http://www.brasil.campusfrance.org/actualite/brasil-%C3%A9-destaque-na-bolsa-eiffel)>. Acesso em: 10 maio 2014.

discursivas e socioculturais de nível B2<sup>108</sup> do Quadro Europeu Comum de Referência para as línguas (QECR)<sup>109</sup>, assim como atividades relacionadas ao meio universitário no qual os estudantes estarão inseridos. De acordo com o QECR, as competências esperadas para o nível B2 são:

**Compreender (Escutar):** Eu posso compreender palestras e discursos suficientemente longos e até acompanhar uma argumentação complexa se o assunto for relativamente familiar para mim. Eu posso entender a maioria dos programas de televisão sobre a atualidade e as informações. Posso entender a maioria dos filmes na língua padrão. **Compreender (Ler):** Eu posso ler artigos e reportagens sobre assuntos contemporâneos nos quais os autores adotam uma atitude particular ou um determinado ponto de vista. Posso entender um texto literário contemporâneo em prosa. **Falar (Participar de uma conversa):** Eu posso me comunicar com um grau de espontaneidade e fluidez que possibilita uma interação normal com um locutor nativo. Posso participar ativamente de uma conversa em situações familiares, apresentar e defender minhas opiniões. **Falar (Expressar-se oralmente de modo contínuo):** Eu posso me expressar de maneira clara e detalhada sobre uma grande gama de assuntos relativos aos meus interesses. Posso desenvolver um ponto de vista sobre um assunto da atualidade e explicar as vantagens e desvantagens de diferentes possibilidades. **Escrever:** Eu posso escrever textos com clareza e detalhes sobre uma grande gama de assuntos relativos aos meus interesses. Posso escrever um ensaio ou um relatório transmitindo uma informação ou expondo razões favoráveis e contra uma dada opinião. Posso escrever cartas que valorizam o sentido que eu atribuo pessoalmente aos acontecimentos e às experiências.

(QECR, 2001)<sup>110</sup>

<sup>108</sup> O QECR é uma referência para o curso de francês na Poli, pois os alunos devem prestar o exame DELF na Aliança Francesa para concorrer a uma das bolsas Capes do programa (BRAHITEC) ou a bolsa EIFFEL do governo francês.

<sup>109</sup> O Quadro Europeu Comum de Referência (QECR) fornece uma base comum para a elaboração de programas de línguas, linhas de orientação curriculares, exames, manuais etc. na Europa. O documento integral está disponível em: <[http://www.coe.int/t/dg4/linguistic/Source/Framework\\_FR.pdf](http://www.coe.int/t/dg4/linguistic/Source/Framework_FR.pdf)>. Acesso em: 13 jan 2015.

<sup>110</sup> Tradução nossa. Texto original: **Comprendre (Écouter):** Je peux comprendre des conférences et des discours assez longs et même suivre une argumentation complexe si le sujet m'en est relativement familier. Je peux comprendre la plupart des émissions de télévision sur l'actualité et les informations. Je peux comprendre la plupart des films en langue standard. **Comprendre (Lire):** Je peux lire des articles et des rapports sur des questions contemporaines dans lesquels les auteurs adoptent une attitude particulière ou un certain point de vue. Je peux comprendre un texte littéraire contemporain en prose. **Parler (Prendre part à une conversation):** Je peux communiquer avec un degré de spontanéité et d'aisance qui rend possible une interaction normale avec un locuteur natif. Je peux participer activement à une conversation dans des situations familiales, présenter et défendre mes opinions. **Parler (S'exprimer oralement en continu):** Je peux m'exprimer de façon claire et détaillée sur une grande gamme de sujets relatifs à mes centres d'intérêt. Je peux développer un point de vue sur un sujet d'actualité et expliquer les avantages et les inconvénients de différentes possibilités. **Écrire:** Je peux écrire des textes clairs et détaillés sur une grande gamme de sujets relatifs à mes intérêts. Je peux écrire un essai ou un rapport en transmettant une information ou en exposant des raisons pour ou contre une opinion donnée. Je peux écrire des lettres qui mettent en valeur le sens que j'attribue personnellement aux événements et aux expériences.

Dentre as situações de comunicação oral e escrita do Módulo *Mobilité France* elencadas pela coordenação do CFI-Poli, podemos mencionar as seguintes: “comprendre et rédiger des plans d’études: justifier vos choix; comprendre des extraits de cours; présenter des exposés sur des sujets de l’actualité liés à l’ingénierie ; présenter un projet de recherche; présenter son parcours académique; rédiger un rapport de stage”, entre outras. No âmbito dos objetivos socioculturais, as atividades são propostas para todos os níveis e as representações construídas se referem a todo o percurso do aluno e sua vivência pessoal, aspectos que serão retomados na análise dos dados.

Na seção seguinte, apresentaremos os participantes da pesquisa.

### **3. Participantes**

Apresentamos a seguir o quadro geral dos participantes diretos desta pesquisa: primeiramente, descrevemos brevemente o perfil da pesquisadora; em seguida, caracterizamos o perfil dos alunos.

#### **3.1. Pesquisadora**

Nasci em São Paulo e graduei-me em Letras com habilitação em Português e Francês (Bacharelado e Licenciatura) pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH USP). Realizei dois intercâmbios durante o período da graduação. O primeiro foi em 2010, para a França, por intermédio da APFESP – Associação dos Professores de Francês do Estado de São Paulo. Fiquei na cidade de Rouen, na região da Normandia, morando com uma família francesa e cursando francês na Universidade de Rouen, com um grupo de estudantes brasileiros também selecionados para o intercâmbio. Essa experiência despertou meu interesse para o desenvolvimento de uma pesquisa de

Iniciação Científica<sup>111</sup> na área de Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês, conforme citado na Introdução. A realização de um projeto de Iniciação Científica contribuiu para a minha formação acadêmica no curso de Letras, pois me fez perceber a importância da participação em eventos de natureza científica, bem como a realização de atividades que fundamentaram o meu projeto. Foi importante, também, para aprender a definir um objeto de pesquisa e redigir um relatório científico. Esse aprendizado valioso, adquirido com a Iniciação Científica, que foi desenvolvida em paralelo com o curso de Graduação, me motivou a desenvolver a presente pesquisa de mestrado.

Realizei um segundo intercâmbio para Londres, com duração de um mês, onde também morei em casa de família e cursei inglês na Malvern House School, em uma turma exclusiva para professores de inglês como língua estrangeira. Além dos intercâmbios, lecionei inglês em escolas de idiomas, até que, em 2012, ingressei como monitora nos Cursos Extracurriculares do Serviço de Cultura e Extensão Universitária da FFLCH-USP, ministrando aulas de francês como língua estrangeira nesse contexto, sob a coordenação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Eliane Gouveia Lousada. As reuniões de preparação pedagógica e planejamento de aulas, que ocorriam semanalmente, contribuía para a formação dos professores do grupo por meio de discussões variadas sobre questões de ensino-aprendizagem de língua estrangeira (como abordagem intercultural, gêneros textuais, heterogeneidade, teorias de aquisição de língua estrangeira, materiais didáticos de ensino de francês) e estratégias para preparação de aulas e avaliações.

A partir das três experiências mencionadas – os intercâmbios, a Iniciação Científica e o trabalho como professora de línguas estrangeiras (inglês e francês) – manifestei meu interesse em desenvolver esta pesquisa, que busca investigar as representações culturais que os estudantes brasileiros manifestam a respeito da França. Por isso, optou-se por trabalhar com estudantes brasileiros de engenharia do CFI-Poli, selecionados ao programa de Duplo Diploma, com vínculo com as universidades francesas e que oferecem incentivos para intercâmbios, ressaltando a necessidade de preparação dos alunos para a experiência de mobilidade.

---

<sup>111</sup> Relatório de Iniciação Científica, orientado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Heloisa Brito de Albuquerque Costa, intitulado *A contribuição dos recursos disponíveis na internet para a elaboração de sequências didáticas no ensino-aprendizagem do Francês Língua Estrangeira*. São Paulo: FFLCH-USP, 2010.

### 3.2. Estudantes de engenharia da Poli-USP – módulo *Mobilitéé France*

A primeira fase da coleta de dados da pesquisa foi realizada entre junho e agosto de 2013, com oito alunos do módulo *Mobilitéé France*. Todos os estudantes de engenharia da Poli-USP foram selecionados ao programa de DD. Utilizamos as informações obtidas na coleta de dados para caracterizar o perfil destes alunos. Por meio de o quadro a seguir, agrupamos tais informações, a partir das respostas fornecidas na “Parte 1” do roteiro da entrevista semiestruturada, realizada na primeira fase da coleta de dados, que será explicada mais adiante no item 4 deste capítulo.

| <b>Tópicos questionados</b>                                | <b>Respostas obtidas</b>  |
|--|---|
| Idade  | Entre 19 e 21 anos  |
| Tipo de Engenharia cursando na Poli                        | 5 alunos de Engenharia Química e 3 alunos de Mecânica                                 |
| Semestre   | 7 alunos no quinto semestre e 1 aluno no sétimo                                       |
| Estudos concluídos em escola pública ou privada            | 6 alunos em escola privada e 2 em escola pública com cursinho                         |
| Nível de conhecimento de outra(s) língua(s) estrangeira(s) | Inglês, Espanhol e/ou Italiano intermediário  |
| Fluência ou contato com a língua francesa                  | Todos os alunos tiveram contato com o francês antes do curso no CFI                   |
| Principal influência para estudar francês                  | Motivação pessoal, familiar e/ou cultura francesa; possibilidade de estudar na França |
| Conhecimentos prévios sobre a França                       | Cultura geral, um pouco de história, política e arte                                  |

**Quadro 2** – O perfil dos participantes

O perfil dos alunos indica que eles possuem características semelhantes entre si: são jovens que passaram por algum tipo de ensino privado antes do ingresso na Universidade, falam um segundo idioma estrangeiro (além do francês) e possuem uma motivação pessoal para aprender a língua francesa. Tal motivação, aliada à possibilidade de intercâmbio na

França, desperta o interesse dos alunos para o aprendizado da cultura do país, tanto que eles demonstraram ter conhecimento de cultura geral, história, política e arte da França. Esta caracterização inicial também nos permite afirmar que diferentes áreas da engenharia estão contempladas no programa de Duplo Diploma, o que “qualifica positivamente” o programa de internacionalização da Escola Politécnica da USP.

Os alunos do Módulo *Mobilité France* do segundo semestre de 2013 que concordaram em participar desta pesquisa autorizaram as gravações das entrevistas realizadas e a utilização dos dados neste trabalho. O modelo do termo de consentimento utilizado para a autorização está disponível no Anexo 6 deste trabalho e esta informação também aparece na transcrição integral das entrevistas (Anexo 3). Para fins de análise da nossa pesquisa, tentamos nos restringir ao termo “representações” em contexto universitário de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira.

#### **4. Procedimentos de coleta de dados**

Considerando-se as características de uma pesquisa qualitativa, a escolha dos instrumentos de pesquisa procurou garantir dois aspectos: o primeiro, que as perguntas formuladas pudessem caracterizar o perfil do aluno, o momento em que ele se encontra em sua formação acadêmica na Poli, as razões pelas quais ele se candidatou ao programa de Duplo Diploma e, associado a esses aspectos, as representações culturais que ele possui especificamente em relação ao projeto de estudos na França.

Nesse sentido, a primeira fase da coleta de dados desta pesquisa foi realizada no primeiro semestre de 2013 e consiste em “questionário pré-teste” e “entrevistas semiestruturadas” com o objetivo de identificar as representações dos alunos **antes** da mobilidade estudantil. Esta primeira fase iniciou-se por meio do pré-teste (questionário respondido por escrito) aplicado a um aluno da Escola Politécnica, inscrito no módulo *Mobilité France* do CFI-Poli, selecionado para realizar o programa de DD com a França. Consideramos necessária esta aplicação, pois o trabalho para elaborar as questões poderia,

em princípio, estar marcado por questões muito gerais, que não nos ajudariam a identificar as representações culturais dos estudantes.

O pré-teste foi concebido em três partes: a primeira com dados de identificação pessoal, acadêmica e de conhecimentos de língua estrangeira; a segunda buscou caracterizar quais as finalidades que o aluno poderia expressar em relação ao projeto de internacionalização de estudos na França; e a terceira reuniu um conjunto de questões especificamente relacionadas, gerais e culturais, que os alunos possuíam em relação aos estudos na universidade francesa. De acordo com De Pádua (2007), a utilização do instrumento questionário só deve ser feita quando o pesquisador tiver um conhecimento prévio do tema proposto para a pesquisa:

Na elaboração do questionário, é importante determinar quais são as questões mais relevantes a serem propostas, relacionando cada item à pesquisa que está sendo feita e à hipótese que se quer demonstrar/provar/verificar. Isto quer dizer que o pesquisador deve elaborar o questionário somente a partir do momento em que tem um conhecimento razoável do tema proposto para pesquisa.

(DE PÁDUA, 2007: p. 72)

Após a aplicação do pré-teste, passamos para a realização de entrevistas semiestruturadas, conforme explicaremos no item 4.2. Estes dois instrumentos fazem parte da coleta de dados da primeira fase, ou seja, antes da mobilidade estudantil.

A segunda fase da coleta foi feita no primeiro semestre de 2014 com o mesmo grupo de alunos, por meio de um questionário (conforme explicaremos no item 4.3) enviado por e-mail a cada um dos alunos participantes, já inseridos no contexto francês, por isso responderam a distância.<sup>112</sup> Depois de aproximadamente seis meses de vivência na França e participação no programa, já podemos confrontar as impressões culturais destes alunos e identificar representações implícitas e explícitas no discurso deles, uma vez concluído um semestre acadêmico no país estrangeiro.

---

<sup>112</sup> Como a duração do programa é de dois anos, seria inviável, em termos de tempo para desenvolvimento de uma pesquisa de mestrado, aguardar o retorno destes alunos.



#### 4.1. O pré-teste (primeira fase)

A entrega do questionário pré-teste para um aluno do grupo foi feita presencialmente, em uma aula do curso do módulo *Mobilité-France*, para reforçar o comprometimento do aluno em respondê-lo. Este pré-teste foi uma tentativa de verificar se as perguntas estavam adequadas, se obteriam dados suficientes para análise e, principalmente, se o instrumento “questionário” seria o mais eficaz para este tipo de coleta. Elaboramos uma tabela com as respostas do aluno, conforme veremos nas páginas do pré-teste a seguir:

| PARTE 1 – PERFIL DO ALUNO   |
|---|
| <p>1. Qual é a sua idade?<br/><u>21 anos.</u></p> <p>2. Qual engenharia você está cursando na Poli?<br/><u>Ambiental.</u></p> <p>3. Você está em qual semestre?<br/><u>7º semestre.</u></p> <p>4. Qual é o seu nível de conhecimento de outra(s) língua(s) estrangeira(s)?<br/><u>Inglês avançado, Francês intermediário.</u></p> <p>5. Você fala francês? <u>Sim</u><br/>- Se <b>sim</b>, onde aprendeu? Cursou durante quanto tempo? Tem certificado? Qual nível?<br/>- Se <b>não</b>, você já teve algum contato com a língua francesa? Se sim, de que maneira?<br/>(Viagens, literatura, música, cinema, televisão, família, amigos, aulas, estudo individual...)<br/><u>Aprendi no CFI, estou cursando o final do segundo ano. Certificado da Aliança Francesa B1 (83,8 pontos).</u></p> <p>6. Você tem algum conhecimento sobre a França? Qual(is)?<br/><u>Conheço um pouco da região da minha école (Ponts et Chaussées) Marne-la-valée e sobre a école em si.</u></p> |
| PARTE 2 – DOS ESTUDOS NA FRANÇA   |
| <p>1. <b>Por que você está aprendendo francês?</b> (Estudar na França, viajar, ler e redigir textos em francês, conhecer mais um idioma, interesse pessoal, trabalho, currículo...)<br/><u>Porque farei um Duplo Diploma na França.</u></p> <p>2. Por que a França? Quais são as razões de sua escolha?<br/><u>Pois as escolas de engenharia de lá são de ótima qualidade na minha área.</u></p> <p>3. Foi sua 1ª opção? Se não, quais eram as outras?</p>  |

Sim.

4. Como você tomou conhecimento do *programa de duplo diploma*?  
Ao entrar na Poli, eles oferecem várias palestras sobre o assunto.
5. Por que o programa despertou seu interesse?  
Pois oferece uma especialização diferente da oferecida pela Escola Politécnica da USP, além de um segundo diploma e da fluência em outra língua.
6. Quando você pensou em se candidatar para o intercâmbio?  
No segundo ano da Poli.
7. Quais informações você tem sobre os estudos na França? Onde conseguiu? Com quem?  
Todas relacionadas a minha escola, bolsas, alojamentos. Foi muito difícil conseguir pelos sites das universidades, consegui principalmente com amigos que estudam na École des Fonts e na França.
8. Como você se preparou para esse projeto de estudos na França?  
Busca de informações nos sites: sim  
Plano de estudo: sim  
Conversa com amigos, etc.: sim
9. E como se preparou para o intercâmbio na França? O que você fez até agora?  
Procurei o máximo de informações sobre moradia, custo de vida, cultura. Estou estudando 8h Francês/semana, conversando muito com amigos franceses e com brasileiros que moram lá.
10. Em que a língua francesa será útil na realização de seus projetos pessoais e/ou profissionais?  
Muito útil, para permitir um aprendizado completo e boas comunicação e expressão.
11. Em seus estudos, a quais materiais você tem acesso? (Livros, documentos de áudio/vídeo, internet, Cd-Rom, jornais, apostilas, revistas especializadas). Você navega em sites franceses? Quais? Por quê? Com que frequência?  
Livros, documentos áudio/vídeo, internet, apostilas. Sim, no TV5 (para utilizar o dicionário e ler algumas coisas em francês); páginas em francês no Facebook. Faço isso mais ou menos uma vez por semana.
12. O que você espera deste curso de francês?  
Espero sair do curso conseguindo me expressar bem em francês, oralmente e por escrito, e também entender bem o que os franceses dizem.

### PARTE 3 – DAS REPRESENTAÇÕES

1. Quais palavras você associa quando ouve “universidade francesa” ou “école politechnique”? Cite 3 e explique.  
Éxcelence, sonho, duplo diploma. São ótimas universidades, de renome mundial, que eu batalhei muito pra conseguir ir em um convênio de duplo diploma.
2. Você está familiarizado com o contexto universitário das grandes escolas de engenharia da França? O que você sabe sobre a escola/universidade onde vai estudar? Como obteve as informações?

Sim, bem familiarizada. Sei sobre o sistema de ensino, ano escolar, alojamentos, clubes de estudantes, bandeirão... Obtive essas informações principalmente conversando com os estudantes de lá.

3. Associe 3 palavras a este estabelecimento de ensino.

Engenharia Civil, Marne-la-Vallée, Transportes (Minha ênfase lá é em Eng. Ambiental).

4. Você considera importante conhecer aspectos da cultura francesa antes de estudar no país? Por quê?

Sim, para atender certos comportamentos dos franceses e saber como é adequado se comportar principalmente.

5. Quais palavras vocês associa à FRANÇA? Explique.

Desde palavras que todos associam: torre Eiffel, bandeira da França, rio Sena, frio. Até palavras pessoais: sonho, ansiedade, duplo diploma, independência, língua francesa, ballet.

6. O que você espera do intercâmbio?

Espero obter a fluência no francês, aprender uma outra especialização da Engenharia Ambiental, conhecer mais sobre toda a Europa e sua cultura, obter certa capacitação profissional.

Do pré-teste aplicado a um aluno deste grupo, concluímos que o questionário escrito limita sua expressão, além de impossibilitar que surjam novas perguntas a partir de respostas inesperadas desses alunos. Por exemplo, na pergunta 6 da “Parte 1”, a resposta sobre o conhecimento sobre a França foi muito restrita. Se houvesse um estímulo para a resposta, ou alguns exemplos na pergunta, como “O que você sabe sobre a cultura, a história, a política na França?” ou “O que você poderia falar sobre o país?”, talvez o aluno pudesse ter fornecido mais dados sobre o tema.

As respostas da “Parte 2” foram muito diretas e objetivas, sem explicações detalhadas sobre as razões da escolha pela França (pergunta 2), ou por que o programa despertou interesse (pergunta 5). Na pergunta 8, o aluno nem escreveu, apenas aceitou os exemplos fornecidos pela própria pergunta, ou seja, apenas confirmou nossas hipóteses, sem explorar mais o tema. Na “Parte 3”, consideramos que as perguntas estavam bem-elaboradas, porém as respostas poderiam ter sido mais desenvolvidas oralmente. Além disso, percebemos a falta de uma pergunta que questionasse explicitamente o que eles pensam sobre os estereótipos, pois não obtivemos respostas satisfatórias sobre este item.

Por isso, passamos, então, para a elaboração do roteiro da entrevista semiestruturada, que consistiu, na verdade, na reelaboração do questionário pré-teste

respondido pelo aluno, com o intuito reparar as perguntas inadequadas para extrair mais informações dos alunos.

## **4.2. A entrevista semiestruturada (primeira fase)**

Como dissemos anteriormente, a entrevista é utilizada como técnica de coleta porque possibilita que os dados sejam analisados qualitativamente. Há uma lista de tópicos a serem seguidos durante a entrevista semiestruturada para permitir uma flexibilidade quanto à ordem das questões, permitindo, também, uma variedade de resposta ou mesmo outras questões (DE PÁDUA, 2007).

A transcrição das referidas entrevistas semiestruturadas (ver Anexo 4) constitui o material de análise desta pesquisa. Em consonância com o MEDS, De Pádua (2007) caracteriza a entrevista semiestruturada da seguinte maneira:

O pesquisador organiza um conjunto de questões sobre o tema que está sendo estudado, mas permite, e às vezes até incentiva, que o entrevistado fale livremente sobre assuntos que vão surgindo como desdobramentos do tema principal.

(DE PÁDUA, 2007: p. 70)

O autor também reitera que as entrevistas devem ser devidamente autorizadas pelos participantes e que o número de entrevistados pode variar dependendo da variabilidade das informações e da representatividade da amostra, não havendo, portanto, um número pré-determinado. O roteiro da entrevista semiestruturada também é um elemento importante para a coleta de dados:

O roteiro da entrevista é uma lista dos tópicos que o entrevistador deve seguir durante a entrevista. Isso permite uma flexibilidade quanto à ordem ao propor as questões, originando uma variedade de respostas ou mesmo outras questões.

(DE PÁDUA, 2007: p. 71)

Optamos pela entrevista semiestruturada devido aos aspectos positivos de abertura e flexibilidade de perguntas e respostas para obter o máximo de informações possível dos alunos. Porém, neste tipo de instrumento é necessário estabelecer um contato de

proximidade com o aluno, apresentando os objetivos da pesquisa, sua importância e pedindo sua colaboração. Assim, iniciei o contato com os alunos por e-mail e escrevi uma mensagem com o objetivo de convidar o aluno a fazer parte da minha pesquisa, inserindo uma dimensão afetiva e tentando ser persuasiva. Por isso, apresento a mensagem a seguir:

Olá, [*Aluno*]!

A Profª. \_\_\_\_\_, do curso de francês M4, me passou seu e-mail.

Eu me chamo Camila e desenvolvo uma pesquisa de Mestrado na Faculdade de Letras da USP sobre as *representações culturais dos brasileiros em relação à França*.

Escrevo porque gostaria de te entrevistar, fazer algumas perguntas para saber sobre sua experiência com o ensino de francês e sua trajetória acadêmica.

Sei que vocês irão para a França em breve e você deve ter um monte de coisas pra resolver, então, posso te encontrar na Poli logo após o curso de francês para conversarmos durante 15 minutos, apenas. Pode ser?

Essa pesquisa está inserida no mesmo projeto da Profª \_\_\_\_\_ e, ao final, posso te mostrar o resultado do trabalho. Será uma experiência bacana! Ah, seus dados pessoais não serão divulgados.

Aguardo sua resposta.

Abraço e muito obrigada desde já.

Camila

Dos vinte alunos que receberam a mensagem inicial, apenas um respondeu, e foi a ele que entreguei o pré-teste. Depois disso, fui pessoalmente à Poli-USP, no curso ministrado pela professora, que, além de já ter fornecido o contato dos alunos, me cedeu um espaço na sala de aula para explicar a eles o objetivo da minha pesquisa. A intermediação da professora foi essencial para estabelecer uma conexão mais próxima com os alunos. Além da primeira mensagem enviada a cada um dos alunos por e-mail, escrevi uma nova mensagem, mais curta e personalizada, direcionada a cada aluno, a fim de tentar obter um número maior de retornos. Ainda assim, foram várias tentativas e poucas respostas.

Apesar de os alunos terem tido contato comigo, a pesquisadora, quando da aplicação do pré-teste, após o envio do e-mail para os 20 alunos, somente oito responderam. No entanto, consideramos que este número de respostas pode constituir nosso *corpus* e atender aos objetivos devido ao caráter qualitativo desta pesquisa.

Finalmente consegui agendar as entrevistas, em dias e horários alternados, conforme a disponibilidade dos alunos. Elas duraram cerca de 20 minutos cada uma e foram gravadas e transcritas (a transcrição integral de cada uma delas consta no Anexo 3). A seguir, apresentamos o roteiro que serviu de base para a entrevista semiestruturada, cuja elaboração foi embasada nos pressupostos explicitados no item 1 deste capítulo.

### **Roteiro para a entrevista semiestruturada**

**Público:** estudantes em formação no CFI (curso de francês) da Poli-USP

#### **PARTE 1 – PERFIL DO ALUNO**

1. Qual é a sua idade?
2. Qual engenharia você está cursando na Poli?
3. Você está em qual semestre?
4. Você concluiu o Ensino Fundamental e o Ensino Médio em escola pública ou privada?
5. Qual é o seu nível de conhecimento de outra(s) língua(s) estrangeira(s)?
6. Você fala Francês?
7. Se sim, onde aprendeu? Cursou durante quanto tempo? Tem certificado? Qual nível? Se não, você já teve algum contato com a língua francesa? Se sim, de que maneira? Viagens, literatura, música, cinema, televisão, família, amigos, aulas, estudo individual...
8. O que (ou quem) te influenciou a estudar Francês?
9. Você tem algum conhecimento sobre a França? Qual(is)?

#### **PARTE 2 – DOS ESTUDOS NA FRANÇA – QUESTÕES DE INFORMAÇÃO E OPINIÃO**

1. **Por que você está aprendendo Francês?** Estudar na França, viajar, ler e redigir textos em Francês, conhecer mais um idioma, interesse pessoal, trabalho, currículo...
2. Por que a França? Quais são as razões de sua escolha?
3. Foi sua 1ª opção? Se não, quais eram as outras?
4. Como você tomou conhecimento do *programa de duplo diploma*?
5. Por que o programa despertou seu interesse?
6. Quando você pensou em se candidatar para o intercâmbio?
7. Para qual instituição você vai? E quanto tempo vai ficar? Você tem bolsa?
8. Quais informações você tem sobre os estudos na França? Onde conseguiu? Com quem?
9. Como você se preparou para esse projeto de estudos na França? Busca de informações nos *sites*; Plano de estudo; Conversa com amigos etc.
10. E como se preparar para o intercâmbio na França? O que você fez até agora?

11. Em que a língua francesa será útil na realização de seus projetos pessoais e/ou profissionais?
12. Em seus estudos, a quais materiais você tem acesso? (Livros, documentos de áudio/vídeo, internet, Cd-Rom, jornais, apostilas, revistas especializadas). Você navega em **sites franceses**? Quais? Por quê? Com que frequência?
13. O que você espera deste curso de Francês?

### **PARTE 3 – DAS REPRESENTAÇÕES – QUESTÕES ABERTAS PARA INTERPRETAÇÃO**

1. Quais palavras você associa quando ouve “universidade francesa” ou “*école polytechnique*”? Cite 3 e explique.
2. Você está familiarizado com o contexto universitário das grandes escolas de engenharia da França? O que você sabe sobre a escola/universidade que você vai estudar? Como obteve as informações?
3. Associe 3 palavras a este estabelecimento de ensino.
4. Você considera importante conhecer aspectos da cultura francesa antes de estudar no país? Por quê?
5. O que você pensa sobre os estereótipos franceses? (são fechados, não tomam banho, só comem croissant, etc.)
6. Quais palavras você associa à França? Explique.
7. Você pensa em ficar no Brasil ou na França depois de formado?
8. O que você espera do intercâmbio?

O roteiro da entrevista mudou em relação ao pré-teste, pois inseri algumas questões que caracterizaram melhor o perfil do aluno (questões 4, 8 e 9 da Parte 1; e questão 7 da Parte 2) e questioneei os alunos sobre estereótipos (ideias pré-concebidas) em relação à França, inclusive citando alguns exemplos para que eles se sentissem mais à vontade para falar sobre o assunto. Também perguntei sobre as expectativas ou idealizações em relação à experiência de intercâmbio e ao país de modo geral (questões 5 e 7 da Parte 3). A seguir, exponho um exemplo de comparação (entre o pré-teste e a entrevista semiestruturada) de duas respostas a uma mesma pergunta, a fim de comprovar que os alunos revelam mais informações oralmente do que por escrito:

| Questionário (pré-teste)  | Entrevista (semiestruturada)   |
|---|--|
| <p><b>Pergunta:</b> O que você espera deste curso de francês [CFI-Poli, <i>Mobilité</i>]?</p>   | <p><b>Pergunta:</b> O que você espera deste curso de francês [CFI-Poli, <i>Mobilité</i>]?</p>  |
| <p><b>Resposta:</b> Eu espero sair do curso conseguindo me expressar bem em francês, oralmente e por escrito, e também entender bem o que os franceses dizem.</p> | <p><b>Resposta:</b> O que eu espero? Ah! Eu acho que o que eu esperava eu já consegui aqui: eu aprendi muito até o semestre passado. A entrevista para seleção da minha universidade foi em Francês também. Eu tinha feito dois módulos só do CFI. Eu consegui fazer a entrevista em Francês. Consegui entender tudo. Eu consegui falar tudo que eu queria. Então já foi bom e o conteúdo aqui, já foi bem direcionado para a vida universitária então. Eu acho, assim eu tenho o que eu vou precisar lá. Vai ser difícil quando eu chegar lá: acostumar com o Francês... Mas acho que o que eu tive aqui já foi o suficiente.</p> |

**Quadro 3** – Comparação de resposta: questionário (pré-teste) × entrevista

### 4.3. O questionário (segunda fase)

A segunda fase da coleta de dados consistiu em obter respostas dos estudantes depois do primeiro semestre da experiência de mobilidade internacional. Como eles ainda estavam na França, não seria possível realizar entrevistas semiestruturadas presenciais, como feito na primeira fase da coleta.

Sendo assim, na segunda fase da coleta de dados, enviamos aos alunos um questionário com 20 perguntas, para que eles pudessem responder a distância. Do total de oito participantes da primeira fase, obtivemos cinco respostas na segunda fase. O objetivo desta etapa da coleta de dados é estabelecer uma comparação com as respostas obtidas na primeira fase da coleta (portanto, antes da ida para a França) e verificar se houve modificações.

O questionário foi dividido em duas partes: a primeira, com o objetivo de identificar características da “experiência na França”, com questões inéditas; e a segunda parte, com o



objetivo de estabelecer uma comparação direta com as respostas da primeira fase, repetindo, assim, questões que já haviam sido respondidas pelos participantes na entrevista semiestruturada da primeira fase da coleta. Esta distinção está marcada no próprio questionário, conforme vemos a seguir:

#### **A EXPERIÊNCIA NA FRANÇA**

- 1- Onde você está hospedado na França? Qual é a cidade e o tipo de alojamento?
- 2- Quando você chegou à cidade havia alguém esperando? Se sim, como foi esta recepção? Qual foi sua impressão dos franceses que os receberam?
- 3- Você conheceu novos colegas franceses? O que vocês fazem juntos? Quais suas impressões sobre os primeiros contatos com eles?
- 4- Em quais idiomas você se relaciona na França? (por exemplo: apenas francês, continua usando o português, também utiliza o inglês?) Por quê? Quais são as dificuldades em se comunicar em francês?
- 5- Você continua estudando a língua francesa? Onde? Como?
- 6- Em seus estudos universitários, a quais materiais você tem acesso? (Livros, documentos de áudio/vídeo, internet, Cd-Rom, jornais, apostilas, revistas especializadas). Você navega em *sites* franceses? Quais? Por quê? Com que objetivo?
- 7- Na universidade, você faz trabalhos com os franceses? Você poderia descrever esta experiência e relatar suas impressões?
- 8- Existe alguma diferença nas aulas na França em relação ao Brasil?
- 9- Como você se prepara para apresentações, trabalhos e tarefas da vida acadêmica?
- 10- Quais são suas dificuldades para acompanhar as aulas em sua universidade? Como você solucionou os problemas encontrados?
- 11- Nos primeiros meses de sua estada na França, o que você descobriu? O que aprendeu? Cite exemplos.
- 12- Você sente falta do Brasil? Do que? Por quê?
- 13- Quais são as principais diferenças e semelhanças entre a França e o Brasil? (em todos os aspectos: relacionamentos, vida acadêmica, vida no país...)
- 14- De modo geral, qual sua opinião sobre a experiência na França? Descreva e explique.

#### **A COMPARAÇÃO**

- 15- Quais palavras você associaria a “universidade francesa” ou “École Polytechnique”? Cite 3 e explique.
- 16- Você está familiarizado com o contexto universitário no qual está inserido? O que você descobriu na França sobre a universidade onde está estudando? Como obteve as informações?
- 17- Associe 3 palavras a este estabelecimento de ensino.
- 18- Você considera importante conhecer aspectos da cultura francesa antes de estudar no país? Por quê?
- 19- Quais palavras vocês associa à FRANÇA? Explique.
- 20- O que você espera do intercâmbio?

As perguntas do item “A comparação”, do questionário, também foram feitas aos estudantes quando eles ainda estavam no Brasil, ou seja, antes da mobilidade internacional, o que nos permitiu estabelecer uma comparação explícita no capítulo 3.

A obtenção de respostas na segunda fase foi superior a 50% em relação ao total de participantes, porém, não conseguimos obter retorno de todos os alunos que participaram da primeira fase, uma vez que essa pesquisa não foi feita na Universidade francesa. Apesar de o contato ter sido feito por e-mail inúmeras vezes, não pudemos contar com a resposta dos oito alunos que participaram da primeira fase da coleta. No entanto, como o olhar será fundamentalmente qualitativo, respeitadas as proporções de generalização das interpretações, as respostas fornecidas pelos alunos apresentam dados satisfatórios à nossa análise.

É importante ressaltar que a interpretação e a análise dessas respostas se restringirão ao conteúdo, uma vez que as teorias de análise do discurso não são condizentes com os objetivos desta pesquisa. Os resultados obtidos serão apresentados no capítulo seguinte, junto à análise dos dados embasada pelos pressupostos teóricos<sup>113</sup> desta pesquisa.

---

<sup>113</sup> Os pressupostos teóricos foram apresentados no capítulo 1 desta dissertação.

## CAPÍTULO III

---

### Análise dos Dados e Resultados

*É fundamental para a humanidade a compreensão das diferenças entre os povos de culturas diferentes.*  
(Roque Laraia)<sup>114</sup>

O objetivo deste capítulo é apresentar e analisar todos os dados coletados durante a realização da pesquisa, dados que consistem nas respostas dos alunos para as perguntas feitas por meio de entrevistas semiestruturadas e questionários nas duas etapas da coleta. No que se refere à primeira etapa, a organização do roteiro de entrevista comentado no capítulo 2, disponível na íntegra no Anexo 3, estava dividido em três partes intituladas: *Parte 1 – Perfil do aluno; Parte 2 – Dos estudos na França; e Parte 3 – Das representações*. Apesar desta divisão inicial, feita apenas para facilitar a coleta de dados, constatamos que as representações estão presentes em todas as partes das falas dos alunos, majoritariamente nas partes 2 e 3 do roteiro (*Dos estudos na França e Das representações*) e, muitas vezes, essas representações se cruzam e até se repetem nos discursos dos participantes.

Para compreendermos os aspectos relacionados às representações iniciais explícitas indicadas pelos alunos, apresentaremos nossa seleção das respostas<sup>115</sup> juntamente com a nossa análise, embasada no referencial teórico desenvolvido no capítulo 1. Neste capítulo, os dados coletados são apresentados no item 1, que está dividido em dois subitens distintos: o primeiro, que se refere à coleta realizada **antes** da mobilidade estudantil, e o segundo, que corresponde à coleta realizada **depois** do primeiro semestre da mobilidade estudantil. Em seguida, no item 2, passaremos à comparação entre os dados destas duas fases e discutiremos os resultados.

---

<sup>114</sup> LARAIA, Roque de Barros. *Cultura – um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 101.

<sup>115</sup> Apresentaremos o recorte das respostas dos alunos que foi feito para corresponder a cada uma das perguntas do roteiro e atender aos objetivos da nossa pesquisa. No entanto, a transcrição integral de todas as entrevistas está no Anexo 4 deste trabalho. Não foram utilizadas normas de transcrição porque o único objeto de análise considerado por nós será o conteúdo do discurso dos participantes.

## 1. Dados coletados

Conforme explicamos no capítulo 2, a coleta de dados foi desenvolvida em duas fases: a primeira por meio de um pré-teste e entrevistas semiestruturadas com os alunos participantes, **antes** da mobilidade, e a segunda por meio de um questionário respondido por e-mail por uma parte desses mesmos alunos **após seis meses** de intercâmbio na França. Para melhor compreender a relação entre as respostas obtidas pelos estudantes e os principais conceitos por nos adotados para realizar as interpretações, fizemos o quadro a seguir, indicando a nomenclatura das nossas categorias de análise:

| Dados coletados  | Categorias                            |
|--|---------------------------------------|
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• Motivação para estudar francês</li> <li>• Aprender francês no CFI-Poli</li> <li>• Expectativas do intercâmbio</li> </ul>  | <b>Representações da aprendizagem</b> |
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecimentos gerais sobre a França</li> <li>• Motivação para estudar a cultura francesa</li> <li>• Informações reais e estereótipos</li> </ul>                   | <b>Representações culturais</b>       |
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• Características do contexto universitário</li> <li>• Informações institucionais</li> <li>• Programa de Duplo Diploma</li> <li>• Formação em engenharia</li> </ul> | <b>Representações acadêmicas</b>      |

**Quadro 4** – Dados coletados × Categorias

Os dados coletados referentes ao perfil dos alunos foram apresentados no capítulo 2; portanto, neste quadro, constam apenas os principais tópicos que nos levaram a identificar as representações. Apesar de todas as representações serem essencialmente culturais, criamos essa divisão em categorias para identificar as informações que se referem majoritariamente ao ensino-aprendizagem de FLE (*Representações de aprendizagem*), à cultura francesa de modo geral (*Representações culturais*) e às informações relacionadas ao contexto acadêmico (*Representações acadêmicas*).

Estas categorias foram escolhidas porque nos orientam na interpretação das respostas fornecidas pelos participantes, a quem denominamos **Estudante pré-teste, E1, E2, E3, E4, E5, E6 e E7** na *primeira fase*, e **E1, E2, E3, E4 e E5** na *segunda fase*. Essa numeração é aleatória e, portanto, não há equivalência entre os números atribuídos aos estudantes na primeira e na segunda fase, já que nossa análise considera o grupo dos participantes que compõem o *corpus* de maneira coletiva, e não individualizada. As perguntas, quando necessário, serão referidas apenas pela letra **P** e o número da pergunta. No item 1.1, elas se referem ao roteiro da entrevista semiestruturada<sup>116</sup>, que pertence à *primeira fase* da coleta de dados (**antes** da mobilidade); no item 1.2, as perguntas se referem ao questionário<sup>117</sup> da *segunda fase* da coleta de dados (**depois** do primeiro semestre da mobilidade).

### **1.1. Representações dos estudantes brasileiros: *antes* do programa de mobilidade estudantil**

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas com os estudantes na **primeira fase** da coleta de dados (antes do programa de mobilidade estudantil). Embora o roteiro já estivesse estruturado em duas partes principais "Parte 2 – *Dos estudos na França*" e "Parte 3 – *Das representações*" (conforme Anexo 2), a característica essencial do tipo de entrevista semiestruturada é permitir flexibilidade no roteiro e, no decorrer das entrevistas realizadas, os participantes desta pesquisa forneceram dados extras, que não estavam previstos no roteiro; acrescentaram e/ou reformularam algumas informações, não necessariamente respeitando a ordem das questões, que, em alguns casos, não foram respondidas pelos entrevistados, possivelmente por não considerarem relevantes.

Além das perguntas que constavam do roteiro da entrevista semiestruturada, outras surgiram no decorrer de cada entrevista, dependendo das respostas que eram fornecidas pelos alunos e do canal de comunicação estabelecido com a pesquisadora. Por exemplo: a relação dos alunos com outros idiomas (inglês e espanhol, principalmente; talvez o italiano), o fato de alguns terem feito cursinho preparatório para o vestibular da Fuvest-SP, os modos

---

<sup>116</sup> Conforme Anexo 2.

<sup>117</sup> Conforme Anexo 4.

como se interessaram pessoalmente pela língua e cultura francesas antes do ingresso no CFI-Poli e outras informações pessoais que os alunos revelaram também foram relevantes para caracterizar o perfil desses alunos (já apontado no capítulo 2) e identificar suas representações ao longo deste capítulo.

Por isso, para melhor interpretar estes dados, vamos considerar as categorias de análise expostas no Quadro 4, a saber:

- **Representações da aprendizagem** – imagens projetadas pelos alunos sobre o ensino-aprendizagem de FLE e sobre a aprendizagem do intercâmbio;
- **Representações culturais** – aspectos relacionados à cultura francesa, ao país, de maneira geral, e aos estereótipos;
- **Representações acadêmicas** – informações institucionais relacionadas à Poli-USP, às *Grandes Écoles* e *Universités* e ao programa de Duplo Diploma.

As respostas apresentadas aqui se referem às Partes 2 e 3 do roteiro da entrevista semiestruturada, cujas tabelas completas e agrupadas constam dos Apêndices. No entanto, as respostas fornecidas fora deste roteiro (pelos motivos outrora mencionados) também aparecem aqui, mas constam apenas na transcrição das entrevistas, uma vez que não seria possível enquadrá-las nas perguntas do roteiro. Portanto, elas aparecem apenas com a indicação do Anexo 3 (Transcrição de entrevistas – primeira fase).

## REPRESENTAÇÕES DA APRENDIZAGEM

Nesta categoria, consideramos as respostas obtidas em relação às representações de aprendizagem, destacando, nas respostas dos estudantes, os elementos que nos permitem identificar como essas representações foram construídas.

Quando perguntados sobre as razões que os levaram a aprender francês, todos os participantes responderam que a **motivação** do Duplo Diploma foi determinante para

começar a estudar o idioma, embora outras motivações também apareçam nas respostas, como o interesse pela cultura francesa.

Outro dado relativo ao aprendizado de línguas estrangeiras é mencionado pelo E2 no que se refere à autonomia dos estudos. Apesar de comentar que, com relação à pronúncia, ele se “sentia um pouco acomodado”, podemos inferir que há certo grau de motivação para o aprendizado formal da língua nesse relato:

[...] como eu aprendi o inglês e o espanhol sozinho, aí eu acabei ficando um pouco acomodado na pronúncia, porque o que eu mais estudava era assistir filme sem legenda, ler textos em outras línguas, e a parte de falar mesmo eu nunca estudei muito. Agora eu estou tendo que estudar e tem gente muito mais avançada. E eu acabo ficando um pouco acanhado. (E2, Anexo 3)

Nessa resposta, a autonomia a que se refere o estudante está ligada a uma situação de aprendizagem fora do contexto institucional, quando ele menciona: “eu nunca estudei muito”. Ao se referir ao momento atual no qual ele está inserido no CFI, ele assinala: “agora eu tenho que estudar”. Podemos afirmar que nesse movimento de busca, facilitado pelo acesso à internet e por outros meios de contato com a língua (e que o estudante também considera uma forma de estudo: “O que eu mais estudava era assistir filme sem legenda, ler textos...”), ele acaba aperfeiçoando a recepção e a compreensão do idioma, reconhecendo, no entanto, que para produção oral é necessário estar inserido no contexto da sala de aula.

Esse mesmo estudante, em outro momento da entrevista, ao contar que busca ver filmes e ler textos com a finalidade de investir no seu aprendizado da língua francesa, acaba indicando que a motivação não ocorre somente nesse ambiente, mas também em espaços que permitam o contato com aspectos, em contextos que não envolvam a sala de aula. Essa busca pelo contato com a língua em outros espaços por meio de documentos de gêneros diversos favorece o desenvolvimento da competência intercultural, como afirmamos no item 3 do Capítulo 1. Nota-se, também, que houve uma modificação da representação desse aluno sobre a França ao entrar na Poli, conforme destacamos abaixo:

[...] Porque, como eu vou viajar, eu acabo pesquisando bastante, e eu leio muito mais em francês, eu assisto a filmes, eu escuto músicas em francês, **pesquisei sobre a cultura e é bem interessante, é uma coisa que eu estava perdendo na minha vida por não me interessar pela França** [antes de entrar na Poli]. (E2, Anexo 3)

Outra característica que o E2 apontou nos depoimentos é um elemento de subjetividade, quando ele afirma que fica “acanhado” quando se compara com outros colegas que “são mais avançados” do que ele. As questões ligadas à subjetividade podem dar indícios de uma cultura de aprendizagem acumulada, que muitas vezes é ignorada na sala de aula. Assim, a representação de aprendizagem que esse aluno revela parte de uma vivência pessoal em situações variadas de aprendizado de outras línguas e influencia no aprendizado do FLE.

Na representação de aprendizagem do E6, em resposta à P1 da Parte 2 (*Por que você está aprendendo francês?*), como veremos no quadro mais adiante, pontualmente a essa questão, ele menciona que um país de língua inglesa seria o contexto de sua representação inicial de aprendizagem em um intercâmbio: “o ideal seria ir para um país anglófono, mas não tinha nenhum país anglófono...”. A referência ao inglês também aparece em outros depoimentos, o que caracteriza o perfil desses alunos quando ingressaram na Poli, conforme os dados do perfil dos participantes expostos no Quadro 2 do capítulo 2. Por exemplo, o entrevistado E1 realizou um intercâmbio para o Canadá por dois meses, quando tinha 16 anos, para aperfeiçoar a língua inglesa (E1, Anexo 3).

A escolha pelo francês é valorizada positivamente pelos estudantes, por exemplo, o E6 refere-se à “oportunidade” do programa de Duplo Diploma e ao fato de ter reconhecimento “como se fosse um engenheiro francês”. Nessa afirmação, podemos inferir que há uma idealização sobre o que é ser um engenheiro francês, representação contruída após o ingresso na Poli no contexto institucional. Ao se referir especificamente ao francês, o E6 diz que se trata de uma língua fácil quando comparada ao alemão e ao italiano. Além disso, tradicionalmente, o participante faz referência ao lugar de prestígio que a cultura francesa assume quando afirma que o francês é uma língua que tem um “toque a mais”. Essa representação cultural se associa a uma representação de aprendizagem quando ele diz que a “gramática tem um toque a mais”.

**P1. Por que você está aprendendo francês? Estudar na França, viajar, ler e redigir textos em Francês, conhecer mais um idioma, interesse pessoal, trabalho, currículo...**

**E6:** Então, na verdade estudar francês me influenciou, porque eu queria fazer intercâmbio e não só o intercâmbio, o duplo diploma que é uma oportunidade que a gente tem aqui na POLI, além do intercâmbio normal, o duplo diploma ele é um pouco mais vantajoso porque você fica 2 anos e aí



você se forma aqui na POLI e você também ganha o diploma de lá e aí você é reconhecido como se fosse um engenheiro francês, por exemplo, igualmente, então isso já ficou bem atraente para mim, então, bom eu falei para qual que eu vou? Aí o ideal seria, ir para um país anglófono, mas não tinha nenhum país anglófono, e eles não gostam de alunos que ganham o diploma deles e não paga nada, então eles não, por mais que o aluno seja bom e aí são várias as exceções, por exemplo bem raro isso, aí a maioria é Europa e a POLI faz parte de um grupo que chama TIME, e esse grupo reúne as melhores instituições da Europa, inclusive reuniu a POLI também, e aí constitui as instituições francesas, alemãs, italianas e eu escolhi o francês porque a língua é mais fácil também e porque eu acho também que o francês tem um toque mais, um toque de gramática mais, sei lá, eu acho que a cultura francesa é mais próxima de mim que a alemã, por exemplo.

Outros alunos, após os estudos de francês, desejam aprender outra língua por se sentirem estimulados em se relacionar com outras culturas. O E4, por exemplo, afirma em resposta à P1 da Parte 2 que possui uma motivação para aprender o francês de maneira aprofundada (“eu sempre quis aprender direito”) por conta da viagem à França, e não somente pelo Duplo Diploma, pois eles têm a expectativa de se relacionar com as pessoas e com os lugares que sonham conhecer.

**E4:** Porque eu sempre quis aprender direito e, na verdade, eu quero aprender uma outra língua depois do francês. Mas a maior motivação que eu tenho agora é porque eu estou efetivamente indo para lá, e se eu não souber o francês, eu não vou me dar nada bem, né?

Ainda o E4, em resposta à mesma pergunta: “se eu não souber o francês, não vou me dar bem, né?”. O mesmo estudante, especificamente, faz referência a uma viagem para a França com a família e conta que seu pai já o influenciava a aprender francês desde criança. Esta é uma representação de aprendizagem positiva que foi construída dentro do núcleo familiar, que o influenciou de tal maneira que ele afirma gostar da língua e diz que teria feito a mesma escolha se não tivesse tido essa influência:

**P2. Por que a França? Quais são as razões de sua escolha?**

**E4:** Principalmente por influência do meu pai. Eu acho que eu escolheria mesmo sem a influência dele. Mas, antes de eu entrar na Poli, como ele morou lá, eu já fui para lá, já vi como ele morava. Ele sempre passou bastante da cultura francesa pra mim e pra minha irmã, e antes de eu ir para o colegial, ele me mostrou que já existia processo de duplo diploma entre a Poli e as escolas da França.

Em relação ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras, podemos dizer que a representação de aprendizagem construída por esses dois estudantes está relacionada à motivação para aprender línguas, influenciada pelos contextos sociais nos quais eles estão inseridos, ou seja, a instituição Poli-USP e a família.

Nas respostas dos participantes E1 e E2, o termo "choque cultural" é mencionado como uma dificuldade para adaptação na França, por exemplo: "já vai ser um choque chegar lá e ver uma coisa diferente e ter que lidar com uma cultura diferente também. Então, o máximo que você puder saber antes de chegar lá já vai te ajudar para o **choque** não ser tão grande assim" (E1 em resposta à P8 da Parte 2 – *Quais informações você tem sobre os estudos na França? Onde conseguiu? Com quem?*). Como vimos no capítulo 1, Abdallah-Preteille (2005) aponta que uma das principais características da abordagem intercultural é "aprender a lidar com a ambiguidade, a alteridade, o desconhecido, o diferente e os **choques culturais** que podem surgir desse encontro entre culturas".

Para o E2, ao falar sobre sua preparação de estudos na França (P9 da Parte 2, no quadro a seguir), é "muito importante" se preparar para o intercâmbio "para saber como lidar com as pessoas de lá e como se portar melhor lá, reter o máximo de informações, porque sabendo como funciona mais ou menos, eu vou ter mais ideia de como estudar lá, como eles fazem para absorver mais nas aulas, eu acho que tudo isso eles já estão acostumados, tem a ver com a cultura". A partir desta resposta, também podemos inferir a preocupação do estudante com o "choque cultural", porém relacionado ao ambiente acadêmico, aos hábitos de estudos de outra cultura.

**P9. Como você se preparou para esse projeto de estudos na França? Busca de informações nos sites; Plano de estudo; Conversa com amigos etc.**

**E2:** É, antes do processo seletivo, eu busquei muitas informações nos sites de todas escolas francesas sobre que disciplinas eu ia fazer lá, onde a pessoa vai morar, qual a carga horária, e eu fui obtendo essas informações e, depois que eu fui aprovado, os veteranos estrangeiros que já estão lá vieram falar comigo, e me parabenizar, e dizer que estão disponíveis para qualquer tipo de dúvida. Aí, às vezes, eu vou lá conversar com eles sobre qualquer problema ou dúvida que eu tenho, sobre Ah! Como que é isso? É muito mais difícil que aqui? Assim eu vou obtendo informações, principalmente com os estrangeiros que já estão lá. Mas eu também conheci franceses que vieram de lá para cá e dá para conversar com eles.

[...]

É muito importante, para saber como lidar com as pessoas de lá e como se portar melhor lá, reter o máximo de informações, porque sabendo como funciona mais ou menos, eu vou ter mais ideia de como estudar lá, como eles fazem para absorver mais nas aulas, eu acho que tudo isso eles já estão acostumados, tem a ver com a cultura.

Ainda com relação a essa resposta do E2, é necessário destacar que ele próprio constata a necessidade de aproximação entre "calouros e veteranos" para solucionar problemas ou dúvidas, se referindo aos franceses como acessíveis: "dá para conversar com eles", o que se opõe a um estereótipo pré-construído de que os franceses são "fechados e

antipáticos", como veremos em outras respostas mais adiante. A questão do comportamento aparece como uma necessidade antes da viagem: "É muito importante, para saber como lidar com as pessoas de lá e **como se portar melhor lá**", o que indica uma visão do conceito de "cultura" como o conjunto de hábitos e costumes aceitos socialmente, conforme vimos no item 2 do capítulo 1.

Já para o E4, em resposta a mesma pergunta: "eu acho que quando eu chegar lá eu vou conseguir aprender muito mais rápido do que estando aqui"; ele considera que a vivência no país acelera o aprendizado. Essa opinião é compartilhada pelo E1 que acha que "[...] depois de uns dois meses dá para acostumar com a língua, já deve ser mais fluido falar francês. Mas até acostumar, não sei se o esquema de aula lá, se é no power point, se tem umas coisas estranhas, ou mesmo não sei a comida e as pessoas com as relações distantes" (respondendo à P10 da Parte 2, no quadro a seguir). No relato, também percebemos que a preocupação com o idioma, embora fundamental para se relacionar com as pessoas pelos mais diversos motivos e necessidades, não é a única preocupação, pois eles também se preocupam com o "choque cultural".

**P10. E como se preparar para o intercâmbio na França? O que você fez até agora?**

**E1:** Ai! Sei lá! O maior é o psicológico acostumar a ficar longe da família, mas também aprender a se virar um pouco sozinha, tentar ser um pouco mais madura aqui, aprender a resolver as coisas eu mesma.

[...]

No último módulo, um dia por semana, a gente tem aula com uma francesa. E aí ela falou um pouco dessas coisas pra gente. Não pode falar desse jeito ou de outro jeito... As pessoas são assim, não pode levantar para ir ao banheiro, as pessoas têm de ficar para assistir à aula inteira, não pode chegar atrasado à aula também... Foi mais o contato com ela.

[...]

Eu acho que o choque cultural vai ser muito maior. Acho que depois de uns dois meses dá para acostumar com a língua, já deve ser mais fluido falar o francês. Mas até acostumar, não sei como é o esquema de aula lá, se é no Power Point, se tem umas coisas estranhas, ou mesmo não sei a comida e as pessoas com as relações distantes. Acho que o choque cultural é bem mais difícil.

Dois fatores são apontados pelo estudante como facilitadores da adaptação ao contexto francês: o primeiro, de ordem individual, se refere à representação social de que a estadia no país estrangeiro favorece o amadurecimento pessoal; o segundo, de ordem comportamental, se refere aos "conselhos" dados por uma francesa (no relato do estudante) sobre como se comportar em determinadas situações; novamente, nesta resposta,

identificamos o conceito de representação social ligado a comportamentos, referindo-se ao meio universitário francês.

Em outras respostas diluídas nas entrevistas semiestruturadas, encontramos, ainda, a referência de que a preparação para o intercâmbio envolve a busca de informações sobre moradia, custo de vida, cultura geral, história, política; estudar a língua francesa todos os dias, manter contato com franceses que vieram para o Brasil e com brasileiros que já foram para França, além de cursar o módulo *Mobilité France*, no CFI.

Para entrar em contato antecipadamente com a cultura francesa, o E2 respondeu à P10 da seguinte forma:

**E2:** Para estudar Francês, eu gosto de ouvir música, assistir bastante filme. Tentei já ler algum livro em Francês, mas ainda não concluí este objetivo. Mas a internet tem vários sites de ensino de língua francesa, e eu procuro conhecer gente de outros países para conversar em Francês, tentar aprender, nem que seja só por mensagem, para algum dia conversar falando mesmo com a pessoa.[...]

Nessa mesma resposta, o E2 informa que a internet tem um papel fundamental para a prática da língua e para as trocas interpessoais e culturais, o que nos permite inferir, a partir dessa afirmação, que esse estudante tem a representação de um mundo globalizado, no qual ele pode buscar informações e ter acesso a diferentes culturas através de *sites* e canais de comunicação. Ele tem conhecimento das ferramentas de ensino de francês na rede e, com autonomia, se relaciona com a música, os filmes e bate-papos interativos. Já no CFI da Poli-USP, esse aluno, referindo-se ao módulo *Mobilité France*, conta:

**E2:** [...] No curso, agora, principalmente neste módulo *mobilité*, eles [o CFI] estão trazendo bastante informações bem aplicadas à França, à cultura, comparações da engenharia na França e da engenharia dos outros países, economia na França, e isso está me despertando um interesse maior e está me trazendo conhecimento. Mas ler algum jornal francês, qualquer notícia sobre a França, já me faz aumentar este conhecimento, e eu faço isso às vezes, não é sempre, mas eu tento de vez em quando dar uma lida.

Notamos que esse participante reconhece que a ampliação de conhecimentos ligados à cultura francesa pela engenharia, que é a área de conhecimento dele, o motiva a buscar, com autonomia, outras formas de aprendizado fora da sala de aula. Este é um movimento positivo que pode ser atribuído à aproximação com a cultura francesa pelo viés acadêmico, no âmbito do programa de Duplo Diploma.

Com os recursos da tecnologia, entendemos que o acesso a informações relacionadas à França, de um modo geral, e às instituições de ensino superior onde ocorre o Duplo Diploma, são elementos facilitadores dessa aproximação sociocultural, ampliando o repertório dos alunos e podendo influenciar nas representações que serão construídas até o momento da viagem, fazendo-os pensar e desenvolvendo a curiosidade de saber mais sobre um assunto, aperfeiçoando temas gerais da sociedade.

Na resposta dada pelo E4 ainda em relação à P10 da Parte 2 (*Como se preparar para o intercâmbio na França?*), observamos a referência à dificuldade de adaptação, que pode estar relacionada a um desconhecimento de informações sobre a cultura, já que para ele, “tem bastante gente que vai para lá e não se adapta, não fica contente porque a cultura é diferente. Acho que, como eu estou indo sabendo que a cultura é diferente, não esperando uma cultura igual, a chance de eu me adaptar lá é muito maior”. Ou seja, discutir as questões culturais ligadas à França, no ponto de vista desse aluno, pode ser um fator facilitador para a adaptação. A representação de aprendizagem que ele constroi, nesse sentido, é de que "cultura" significa informação e conhecimento.

**E4:** Já tive resposta de vários emails explicando cada coisa da escola: sobre grupos, grêmio, explicando tudo, como faz para participar, como é a vida, quanto custa, explicando tudo, e eu acho que as pessoas são receptivas lá, é o que parece ser. [...]  
 Eu morei na casa de uns franceses, eu acho, quero dizer, eu tenho certeza que a cultura aqui é muito diferente da de lá. [...]  
 Acho que sim, porque tem bastante gente que vai pra lá e não se adapta, não fica contente porque a cultura é diferente. Acho que, como eu estou indo sabendo que a cultura é diferente, não esperando uma cultura igual, a chance de eu me adaptar lá é muito maior.

Para a Pergunta 11, a seguir, a resposta do E1 relaciona aprendizado com resultado, expresso em relação à entrevista em francês que foi bem-sucedida. Implicitamente nesta resposta há indícios de que o sucesso na entrevista diz respeito a uma situação de comunicação ligada à vida universitária que foi trabalhada no CFI.

**P11. Em que a língua francesa será útil na realização de seus projetos pessoais e/ou profissionais?**

**E1:** [...] Eu consegui fazer a entrevista em Francês. Consegui entender tudo. Eu consegui falar tudo que eu queria. Então já foi bom e o conteúdo aqui, já foi bem direcionado para a vida universitária então. Eu acho, assim eu tenho o que eu vou precisar lá. Vai ser difícil quando eu chegar lá: acostumar com o Francês... Mas acho que o que eu tive aqui já foi o suficiente. [...]

O E1, complementando a resposta da P11, comenta:

**E1:** [...] Eu espero aprender muito, espero conseguir me dar bem nas aulas. Mas, assim, mais que ir bem na questão acadêmica, eu quero conhecer muita gente, quero conhecer o país e quero conhecer outra cultura. E eu quero eu mesma crescer também. É. Pessoalmente eu acho que muda muito você estar tão longe de casa. Eu acho que vai ser assim uma experiência maravilhosa poder ter essa chance de estar num lugar tão diferente e lidar com outra cultura, com outras pessoas e aprender a se adaptar também, a se moldar a situações diferentes das que a gente vive[...]

Notamos, no relato desse estudante, as suas preocupações e anseios sobre o crescimento pessoal e o aprendizado que ultrapassa os âmbitos acadêmico, estudantil e profissional devido à vivência em um país estrangeiro. Isso será verificado com mais ênfase na análise do questionário que os alunos responderam após seis meses de intercâmbio. Eles relatam as transformações pessoais que tiveram ao viverem sozinhos em outro país, ao lidarem com suas responsabilidades e desafios. Tudo isso eles também consideram parte da aprendizagem.

A respeito da aprendizagem em suas áreas profissionais (P11, Parte 2), uma das vantagens que o E3 cita, em suas expectativas, é “a parte da gestão, o que a gente não tem mesmo no curso de engenharia, porque aqui é bem engenheiro mesmo, aqui os caras são bem engenheiro mesmo e não tem aulas de gestão, lá metade das aulas são de gestão”. No caso desse aluno, inferimos que ele avalia positivamente a formação complementar e mais ampla que terá ao estudar em outra universidade. O E4 relata que:

**E4:** [...] Eu acho que a Poli é muito boa, mas eu acho que lá é melhor. Senão eu não estaria indo. Eu acho que o que eu consigo ganhar com a Engenharia não é tão grande quanto o que eu consigo ganhar com **todo o resto**. Eu estou na metade do quarto ano, então eu quase acabei, o quinto ano é estágio. Então lá eu vou estudar mais algumas coisas do curso deles que pode ser diferente, mas a maior experiência para mim vai ser **cultural**.

Isto é, o estudante julga que a formação no exterior é melhor do que a que recebe no país de origem, na Poli-USP. No entanto, considera que essa melhoria não se dá substancialmente pela qualidade do curso em si, mas pela experiência em outro país, que envolve a "experiência cultural".

Além disso, o E5 em resposta à mesma pergunta (P11), afirma que o aprendizado da língua francesa também será um ganho para o futuro e para toda a vida profissional que se seguirá: “tem muitas empresas grandes de engenharia multinacionais, por exemplo, a língua em si ajudaria se eu precisasse fazer uma visita lá na sede da França ou fazer um trabalho lá,

ou viesse alguém da sede da França aqui, para eu conseguir me comunicar". Esse mesmo estudante afirmou que o curso e a viagem se complementam, um fortalecendo o outro mutuamente, que colaboraram para uma "formação maior e mais completa".

**E5:** [...] Eu acho que vai me ajudar muito ir pra lá porque eu estou com vontade de aprender coisas que eu não aprenderia aqui no curso. Vou ter oportunidade de trabalhar lá. Fazer estágio fora que eu acho que é importante para o curriculum, ter uma experiência grande de saber se virar sozinho, tomar decisão sozinho, até mesmo cozinhar sozinho, lavar sua roupa. Fazer tudo sozinho, porque a maioria dos que vão já fazem tudo isso aqui, porque eles não são de São Paulo. Eu sou daqui já e eu nunca tive esta experiência. De aprender outra língua, não só o francês, mas conhecer gente de outros países, o inglês também porque vai ter bastante gente falando inglês lá.

O E5, no depoimento acima, tem uma expectativa grande sobre as mudanças do estilo de vida que terá ao se mudar para a França, o que é considerado por ele como algo positivo e que enriquecerá sua vida. Nota-se, também, a vontade de ser autossuficiente e amadurecer, sabendo cuidar de si, o que podemos inferir que está relacionado ao desenvolvimento da identidade cultural por meio da alteridade, "de aprender outra língua, não só o francês, mas conhecer gente de outros países também".

Ainda em resposta à P11, o E6 recupera seu percurso acadêmico e suas representações de aprendizagem desde o ensino médio e o vestibular, diante dos desafios.

**E6:** É e eu não pretendo morar lá... eu vou me surpreender, vou crescer também, o lado pessoal, profissional, o lado acadêmico.  
 [...] eu acho que é muita pressão para gente. Nossa desde o vestibular a gente já tem que saber o que a gente quer fazer, e aí desde o intercambio você tem que redigir o seu plano profissional, assim eu não sei se o que eu coloquei lá vai ser realmente o que eu quero fazer. Eu tenho vontade de ser professor universitário, então é assim eu não tenho certeza do que vai acontecer, mas acho que essa experiência vai consolidar o que eu vou ser no futuro. Eu não espero nada, eu espero as coisas virem e eu me surpreender na hora. [...]

As informações dadas por esse estudante revelam o percurso escolar que um estudante brasileiro deve realizar para estudar numa universidade de excelência como a USP: "eu acho que é muita pressão pra gente. Nossa, desde o vestibular a gente já tem que saber o que a gente quer fazer". Há também indicações de uma representação positiva em relação a um futuro promissor, mesmo que esse futuro seja incerto para o estudante, que ainda tem dúvidas sobre o que quer ser e o que quer fazer, mas acredita que é a própria experiência e as vivências que determinarão esse futuro.

Dos depoimentos vistos até agora, podemos afirmar que os alunos consideram que a experiência do intercâmbio na França está essencialmente relacionada a um aprendizado

peçoal, que, de acordo com as representações de aprendizagem que eles construíram, será adquirido pelas relações culturais que serão estabelecidas no país, por todos os aspectos envolvidos da experiência do intercâmbio. O processo de aprendizagem da língua e da cultura, passa, então, pelas emergências e necessidades de consolidação de um projeto de intercâmbio, movidos e motivados pela busca de uma formação em suas áreas.

No quadro a seguir, observamos que o E7 faz referência a uma formação “generalista”, menos específica a uma área de concentração da engenharia, como existe na Poli-USP. A representação positiva construída pelo aluno é feita com base nessa comparação e em outros fatores como: "eu já li que eles têm interação pessoal, não é só aprender matérias". Destacamos, também outras respostas como a do E2, que tem uma representação de aprendizagem do programa de DD relacionada a uma posição de "destaque", como ele afirma:

**P5. Por que o programa despertou seu interesse?**

**E2:** Porque eu nunca tinha ouvido falar nessa possibilidade de ter duas graduações, ser engenheiro brasileiro, ser engenheiro francês e de completar a minha formação. Eu sempre quis me destacar, e estar na Poli já me destaca bastante; e estudar bastante, porque eu sempre fui muito esforçado de estudar todo dia, já me destaca, só que sempre tem como ir além e esta foi uma oportunidade, e também eu sempre tive vontade de conhecer outro país e acho que isso vai me envolvendo, vai juntando várias coisas.

**E7:** Mais acho para complementar, então a questão de quando eu estava selecionando se eu ia fazer, porque eu posso escolher quando ir, posso fazer neste semestre para ir no ano que vem. Mas eu me interessei bastante por esta **visão generalista**, principalmente das *Écoles Centrale*... Entrei na Poli buscando isso. E por outros fatores, eu já li que lá eles têm interação pessoal, então não é só aprender matérias. Eles têm uma formação bastante pessoal, formação de grupos.

O E6 reconhece essa representação positiva da mobilidade, de modo geral, inclusive na opinião da família:

**E6:** [...] para a família, o seu filho fazer um intercambio tem um status. Mas não é pelo status na verdade, o conhecimento do francês... na ciência mesmo, eles sempre foram excelência, na ciência, na matemática e eu sempre fui apaixonado por matemática. Eu já via que na [École] Centrale de Paris já tinha se formado o Gustave Eiffel, o dono de fábrica de pneus, e também esses caras... realmente eu acho que fazer um intercâmbio vai tentar me dar um diferencial, [...] e também um gosto pessoal de línguas, eu sempre gostei de idiomas, eu acho que até um pouco mais que matemática, mas eu sempre gostei de idiomas, de viajar eu também gosto, acho que todo mundo gosta. [...]

Nesse relato, ele observa uma possibilidade, nesse intercâmbio, de unir o gosto pessoal à realização profissional. Outro aspecto importante sobre as representações de aprendizagem



que ele aponta, indiretamente, é quanto a Gustave Eiffel, que comprova a excelência das *Grandes Écoles*, de acordo com o aluno. As palavras *status*, *referência* e *diferencial* são alguns elementos que comprovam a representação positiva que esse aluno tem do intercâmbio.

Retomando as representações de aprendizagem relacionadas às línguas estrangeiras, na resposta do E7, no quadro a seguir, o inglês também aparece como referência, e ele considera que o aprendizado do francês só tem a contribuir para seu sucesso profissional:

**E7:** acho bastante importante por conseguir manter um contato facilitado com a França e com as empresas francesas, e só ter o inglês, mesmo sendo uma língua universal mantém uma certa distância, então se for em uma empresa francesa e falar francês já é um fator bem visto. Em termos profissionais acho que é praticamente isso, manter contato com a França e a sua esfera de influência, ainda mais que eu vou fazer dois anos de formação lá.

Nesse relato, percebe-se que o conhecimento da língua, bem como o da cultura do país, facilita a aproximação do mundo corporativo através da relação interpessoal. Ele conclui que “em termos profissionais, acho que é praticamente isso, manter contato com a França e a sua esfera de influência, ainda mais que eu vou fazer dois anos de formação lá”. Nesse sentido, língua e cultura são estratégias para se destacar no mundo do trabalho, sendo bem relacionado nas “esferas de influência” da França.

Com relação às diferentes consultas realizadas, os estudantes, em resposta à P12, disseram que consultam documentos e materiais como livros, áudios, jornais, revistas e, principalmente, a internet:

**P12. Em seus estudos, a quais materiais você tem acesso? (Livros, documentos de áudio/vídeo, internet, CD-ROM, jornais, apostilas, revistas especializadas). Você navega em sites franceses? Quais? Por quê? Com que frequência?**

**Estudante do pré-teste:** Livros, documentos áudio/vídeo, internet, apostilas. Sim, no TV 5 (para utilizar o dicionário e ler algumas coisas em francês); páginas em francês no *Facebook*. Faço isso mais ou menos uma vez por semana.

**E1:** Site? Eu gosto muito de ver *Word Reference*. Pra ver francês, eu acho que ele é muito bom [...] E tem o *Le Monde*.

**E4:** Tem um *site* da TV 5 que tem um monte de atividade, um monte de notícias, e eu entro lá.

Os *sites* mais citados são do jornal *Le Monde* e da rede de televisão *TV5 Monde*, tanto para ter contato com a língua francesa como para ter acesso ao universo cultural e às

atualidades dos países francófonos, ampliando seus conhecimentos de mundo. Para praticar, alguns participantes também revelaram que passam a usar as redes sociais com a versão em francês e consultar dicionários *online*, visitar o *site* Word Reference. Em geral, eles buscam ler textos curtos e do âmbito jornalístico, mas a E7 também mencionou, em outro momento da entrevista, a leitura do livro *Petit Nicolas*.

No que se refere especificamente ao curso de francês oferecido pelo CL para a Poli-USP, as respostas obtidas pelos participantes e diluídas nas entrevistas sobre a opinião deles sobre o CFI são satisfatórias quanto ao ensino-aprendizagem. A expectativa inicial era de poderem se expressar bem em francês, tanto nas competências orais quanto escritas, em sua produção e compreensão. O bom desempenho deles na entrevista para a candidatura do DD lhes deu uma "segurança" de que são capazes de se expressar, fato que eles atribuem ao curso. Eles enfatizam a importância da aprendizagem de aspectos culturais tanto quanto linguísticos para acompanhar e ter um bom desempenho nas aulas e, também, para ter uma boa convivência na França. O E2 em resposta à P13 da Parte 2 afirma o seguinte:

**P13. O que você espera deste curso de Francês?**

**E2:** Eu espero que eu aumente meus conhecimentos sobre a França, que eu melhore a minha comunicação com o francês, porque eu acho que isso é o principal que vai me impedir de entender melhor as aulas lá. É claro que eu vou melhorar isso quando eu chegar lá, mas aqui tem muito conhecimento que eu posso agregar e eu estou tentando obter o máximo possível. Acho que o curso está me permitindo isso. É só continuar estudando. [...]

O E4 com relação à mesma pergunta, acaba revelando a ênfase que o CFI dá ao ensino cultural: “aqui [no CFI] a gente aprende bastante sobre a cultura, os hábitos, o jeito que os franceses se expressam, mostra alguns detalhes da cultura francesa [...]”. Contudo, essa aceitação e compreensão sobre a importância do ensino de cultura nas aulas de língua foi adquirida ao longo do módulo *Mobilité France*. Ainda sobre isso, o E6 relata:

**E6:** Eu gosto muito do CFI, no começo eu achava que não ia dar muito certo porque não tinha muita gramática, mas no primeiro módulo eu já comecei a ler, eu pegava um texto e começava a ler, chegava em casa, não tinha o que fazer, pegava um texto e começava a ler em voz alta, gravava e me ouvia. O curso eu achei assim, o módulo 2 e 3, foram os que eu mais desenvolvi mesmo a gramática, no módulo 2, eu acho, eu já estava conseguindo falar bem, no 3 tive um salto enorme e no módulo 4 eu aprendi bastante, o curso te dá todas as bases para você fazer o que você quiser com o francês, eu vou usar para ir lá e me virar, mas mesmo que eu não tivesse passado eu já ia estar muito satisfeito.

Nesse depoimento, o aluno demonstra uma representação positiva do seu aprendizado no CFI, explicitando representações de aprendizagem ligadas ao que foi

desenvolvido no curso. Ele valoriza o fato de conseguir ler textos já no módulo 1 e percebe que a gramática é ensinada de modo contextualizado, além de se sentir seguro para "fazer o que quiser com o francês" e, portanto, conseguir "se virar" na França.

O E7, que estudou na Aliança Francesa e no CFI, compara os dois contextos institucionais do ponto de vista da aprendizagem:

**E7:** [...] no CFI neste semestre eu fiz ele junto com a Aliança, realmente porque eu percebi depois lendo mesmo que são duas visões a da Aliança tem um estilo que eu gosto bastante que é bem estruturado, em termo de gramática, toda aula tem gramática com uma tabelinha, com exercícios, é bem matemático mesmo. Mas no CFI eu gostei mais por ter este contato com a França e a França em termos de universidade, então a gente discutia como era o ensino lá, tinha vídeos de estudante de lá, temas de estudantes da França e também pelo fato de ter bastante conversação e prática, menos ligado as regras formais da Aliança ou que a minha professora lá reclama a cada cinco minutos e não aceita o errado, e mais de pôr na prática e soltar a língua.

Nesse depoimento, o aluno revela as representações que construiu sobre dois modelos de ensino. Um baseado em uma estrutura gramatical, que ele relaciona com uma organização matemática ("bem matemático mesmo"), e outra mais intercultural, relacionada especificamente ao contexto universitário, além da prática de conversação "menos ligado às regras formais da Aliança", como afirma o aluno.

A opinião do E4 é semelhante, pois para ele "agora é muito melhor aprender este tipo de coisa [aspectos da cultura francesa] do que tentar aprender a gramática, que lá, depois de um mês ouvindo francês, 24h por dia, vai ser muito mais fácil aprender a gramática do que aqui tentando decorar" (E4, Anexo 3). Esse ponto de vista é de que a gramática é um conteúdo isolado da cultura, mas que ao conhecer esta, seria mais fácil atingir uma consciência linguística gramatical.

Com base nos relatos dos participantes, é possível afirmar que suas expectativas em relação à aprendizagem no CFI foram atendidas de maneira satisfatória, pois os conteúdos do curso eram direcionados para o intercâmbio e buscavam corresponder aos objetivos dos alunos. Além da questão linguística, o ensino-aprendizagem do francês também era um meio de preparar os alunos para com contato com a vida cultural, e a língua seria a principal ferramenta de convivência e experimentação dessa cultura.

## REPRESENTAÇÕES CULTURAIS

A identificação das representações culturais a partir dos dados coletados mistura-se, muitas vezes, com os dados de representações de aprendizagem que acabamos de analisar. Nesse sentido, nesta categoria, vamos destacar especificamente as referências culturais explícitas nas respostas, buscando identificar a quais manifestações artísticas e culturais elas se referem, analisando, também, os estereótipos manifestados no discurso dos participantes.

O E1, por exemplo, disse que “sempre gostei muito da língua francesa, do cinema e da literatura”, e cita o nome do escritor Gustave Flaubert. Outros estudantes afirmaram que procuram ler mais em francês, bem como ver filmes, escutar músicas em francês: “pesquisei sobre a cultura e é bem interessante” (E2, Anexo 3). A referência a um escritor clássico da literatura francesa está associada a uma representação cultural desse estudante, que afirma “gostar da cultura francesa” citando os exemplos de manifestações artísticas com as quais ele tem contato. Conforme vimos no capítulo 1, este pode ser um ponto de partida para o estudo da língua francesa, como uma ferramenta para atingir suas formas de cultura.

O relato do E6, a seguir, pode nos mostrar uma das diversas **dimensões culturais** que levam um aprendiz a querer se relacionar e aprender uma língua estrangeira, no caso do nosso contexto de pesquisa, o francês:

### P5. Por que o programa despertou seu interesse?

**E6:** Bom, eu não conhecia nada da cultura francesa, mas eu sabia que ela era mais parecida com o que eu tenho aqui no Brasil, mas eu não conhecia muito. Bom, pra falar que eu não conhecia muito, eu gostava de uma frase de uma música dos Beatles que fala “Michelle ma belle / Sont les mots qui vont très bien ensemble”, aí eu não sabia o que era isso, mas eu já começava ouvir e falava assim, deixa eu ouvir de novo esta parte, eu não entendia nada mas eu falava “très bien monsieur”, eu não falava certinho mas eu quero aprender a falar aí eu comecei aqui, teve o incentivo mesmo do lado acadêmico para eu poder estudar fora, mas aí eu tive uma professora ótima, tive a [nome da professora] que foi do módulo 1 e depois modulo 2 e modulo 3 com a [outra professora], que aí sim foi quem me despertou a paixão pelo francês, eu saí mesmo da aula e fui me aprofundando no francês, eu realmente gostava de estudar foi um processo gradual, não foi nada de.. “ah”, eu adoro francês, foi crescendo, fui aprendendo a gostar.

Nesse trecho, percebemos como o contexto de aprendizagem influencia as representações que são construídas sobre a língua, relacionadas ao desempenho do

estudante, à relação com a professora francesa e, culturalmente, das mais diversas maneiras, até mesmo por uma música popular inglesa que traz um trecho em francês e que pode instigar uma curiosidade em aprender uma língua, pois não se trata apenas de traduzir a frase, mas de revisita-la, ouvi-la várias vezes para perceber a fonética e a sonoridade para compreender seus sentidos. Outro aspecto interessante é que esse estudante, mesmo sem conhecer a cultura francesa, como ele afirmou, acredita que as culturas francesa e brasileira são próximas, talvez por influências sociais, políticas, históricas e culturais presentes no imaginário do estudante, culminando no despertar de sua “paixão pelo francês”.

Outra forma de contato cultural é através dos meios digitais, dos *sites* na internet, que dão acesso à informação, conforme relata o E6 em resposta à P8 da Parte 2:

**P8. Quais informações você tem sobre os estudos na França? Onde conseguiu? Com quem?**

**E6:** [...] eu comecei a ouvir uma rádio que chama *RFI*, é toda em francês, e foi bom para treinar a ouvir o Francês e me inteirar sobre o que estava acontecendo lá, então tem muita coisa que está acontecendo lá, sobre o casamento gay, por exemplo, sobre os valores de família, está acontecendo lá também, eles querem mudar e colocar o inglês também nas universidades, mas o pessoal não gosta disso, eles acham que estão colocando o francês de lado, então tem muita informação que é bom que a gente saiba para não chegar lá cru, então essas informações eu consegui pelo CFI e pelo *Figaro* que também é a página quando eu abro, se tiver algo interessante eu já dou uma olhada, tem a aba, que quando eu vou ver o Face ela já abre.

Esse estudante dá muitos exemplos sobre a atualidade na França, como o casamento gay e a implantação da língua inglesa nas universidades. Isso nos permite observar como as trocas de informação são possíveis, atualmente, pelas redes sociais, pelos canais virtuais de acesso à internet, e como o desenvolvimento tecnológico da comunicação intensifica o contato cultural, apresentando ao aluno informações que ele considera importante saber ao chegar ao país. Além de escutar a rádio para ter contato com a fala no idioma, ele também consulta o jornal e pratica a leitura. Não se trata de um estudo formal, mas de uma imersão em contextos variados de contato com a língua e com a cultura, por exemplo, por meio do *Figaro*, que alguns entrevistados mencionaram, além do jornal *Le Monde*, também bastante consultado por eles. Os alunos demonstram interesses sobre o sistema político e econômico internacional e a leitura das notícias é bem frequente. Eles notam que “na hora de introduzir alguns conceitos da língua, começam a falar das partes da França, de regiões da França e de fatores do país”.

A multiplicação dos canais de comunicação facilita o acesso à informação e ao conhecimento da cultura do outro. Nesse sentido, retomando o que dissemos no capítulo 1, “a mobilidade internacional é importante porque a cultura é entendida, dentro da perspectiva de ensino-aprendizagem, como vivência social, portanto, não se trata de conhecer o outro, mas **de interagir com o outro**”.

Para se preparar para o intercâmbio, os estudantes também enfrentam o desafio de superar situações pessoais, tais como “aprender a se virar um pouco sozinha, tentar ser um pouco mais madura aqui, aprender a resolver as coisas eu mesma” (E1 em resposta a P10 da Parte 2). Veremos como o E6 constrói essa imagem cultural a partir dos laços familiares:

**P10. E como se preparar para o intercâmbio na França? O que você fez até agora?**

**E6:** [...] eu acho que o pessoal lá [da Zona Leste de SP] é muito mais caloroso, a gente vai um na casa do outro é diferente, eu não sou bem da zona leste, mas eu nasci e fiquei bastante tempo lá e a minha família toda é de lá, eu sou de Poá, mas é do lado, Poá, Itaquá, Itaim Paulista, é assim o contato é diferente. Eu sou muito apegado a minha vó, aos meus tios, aos meus irmãos. Mas quando eu resolvi a não ter que vir para cá dia após dia, de trem, aí pega metrô, pega ônibus, eu falei, bom eu quero morar aqui, foi difícil, embora eu sempre volte na sexta feira, é difícil, eu aprendi a conviver, foi uma certa preparação que eu tive. Eu falei ‘bom eu quero o intercâmbio então eu vou ter que superar isso’, então que seja para eu aprender a conviver sem eles. [...]

Inferimos, a partir desse relato, que a representação da organização familiar e social no Brasil, do ponto de vista desse estudante, é diferente do que ele vai encontrar na França. Inclusive com base na experiência de intercâmbio que eu realizei, relatada na introdução desta dissertação, pude constatar a diferença destes dois modelos familiares no que se refere à responsabilidade e independência de um jovem estudante recém-ingressado em uma universidade. Em São Paulo, por exemplo, é comum que os estudantes continuem morando com seus pais até terminarem os estudos universitários. Na França, no entanto, eles costumam sair de casa e morar em residências estudantis ou em locais próximos à universidade.

No depoimento do E6, a expressão que marca a oposição entre as representações culturais brasileiras e francesas é: “é diferente”. Diferente de quê? Supostamente diferente em relação à cultura que ele encontra longe da família, que ele imagina ser menos acalorada, menos familiar, mais fria e independente. Depois aparece a expressão “é difícil”, revelando uma dificuldade de adaptação, mas que vem contraposta à ação de “superar”, já que existe o desejo pela viagem. O estudante até admite que não se trata de algo geral, mas

no caso dele há uma representação positiva sobre a cultura familiar da região leste de São Paulo, associada a uma imagem de afeto e carinho. Ao sair de casa para morar próximo da universidade, já caracterizou um conflito afetivo para ele, mas justificado pelos interesses pessoais, como os estudos e o intercâmbio. Portanto, o “choque cultural” não se dá apenas nas relações internacionais, por estar em outro país, imerso em outra cultura, com outras pessoas e outra língua; internamente, dentro de um mesmo país ou de uma metrópole, como São Paulo, também podem ocorrer “choques culturais”, devido à dimensão afetiva e ao sentimento de ausência da cultura de origem dos indivíduos que se mudam.

Quanto à preparação para viver em outra cultura, o E1, com relação à P10 da Parte 2, conta o que imagina sobre como será seu cotidiano na França, estudando seus costumes, com base no que teve em uma aula no CFI. Os alunos mencionam que os professores levavam vários documentos sobre a França, como textos para ler e discutir, de diversas fontes, sobretudo jornalísticas. Além disso, como já foi mencionado:

**E1:** [...] No último módulo, um dia por semana, a gente tem aula com uma francesa. E aí ela falou um pouco dessas coisas pra gente. Não pode falar desse jeito ou de outro jeito... As pessoas são assim, não pode levantar para ir ao banheiro, as pessoas têm de ficar para assistir à aula inteira, não pode chegar atrasado à aula também... [...] Eu acho que o choque cultural vai ser muito maior. Acho que depois de uns dois meses dá para acostumar com a língua. Já deve ser mais fluido falar o francês. Mas até acostumar, não sei como é o esquema de aula lá, se é no Power Point, se tem umas coisas estranhas, ou mesmo não sei a comida e as pessoas com as relações distantes. Acho que o choque cultural é bem mais difícil.

Através desse contato e dessas informações, observamos que os alunos criam uma imagem dos franceses e de como devem se comportar nessa cultura. Ainda em relação à P10, o E2 releva que a preparação cultural para o intercâmbio é muito importante, pois acha “o povo francês diferente do povo brasileiro” e que “é difícil se relacionar”. Para ele, é preciso tomar cuidado com certas expressões para evitar mal-entendidos, como por exemplo:

**E2:** [...] Porque eu acho o povo francês diferente do povo brasileiro, e é difícil se relacionar, então tem que tomar cuidado com certa expressão que você vai utilizar. Eu acho que eu já cometi uma gafe na semana passada, tipo... eu fui mandar um email em Francês e eu utilizei *désolé*, que para eles é *désolé*, é tipo algum problema, então é um nível assim maior de impaciência da minha parte. Aí acho que a mulher não entendeu muito bem assim, aí tem que medir muito bem as palavras, conhecer a cultura deles, porque se você vai lá e não sabe nada, eles podem pensar: o que esta pessoa está fazendo aqui? Ele vem para este país e não sabe nada, está aqui só para ganhar dinheiro, depois, como engenheiro francês? [...]

O estudante demonstra a necessidade de adequar o sistema linguístico ao contexto cultural. Se por um lado, ele achou que pareceu ter sido grosseiro ao dizer “*désolé*”, como desculpas irônicas por não poder resolver o que se pede; por outro lado, a atitude de sua interlocutora também poderia ser interpretada como indelicada, uma vez que ele notou que ela pareceu não ter gostado de sua resposta. Mas a interpretação do aluno foi a que ele deveria se “enquadrar” nas normas, padrões e costumes do país estrangeiro com medo de ser mal interpretado ou “cometer uma gafe”. Ou seja, não se tem a preocupação apenas de conhecer a cultura dos franceses para entendê-los melhor, mas também para moldar a nossa própria imagem para eles.

Podemos concluir que, apesar dessas diferenças que parecem “assustar”, os entrevistados acreditam no crescimento através do contato com culturas diferentes. Seus desejos de realização abrangem o êxito nas aulas, a expansão das relações sociais e interpessoais, conhecendo lugares e aumentando repertórios culturais, o que pode levar a uma transformação pessoal, a um autoconhecimento por meio do outro, em uma experiência de alteridade, conforme abordagem dos autores apresentados no item 3 do capítulo 1 desta dissertação.

Novamente, trazemos a resposta do E1 à P11 da Parte 2, para destacar as representações culturais:

**P11. Em que a língua francesa será útil na realização de seus projetos pessoais e/ou profissionais?**

**E1:** [...] Eu espero aprender muito, espero conseguir me dar bem nas aulas. Mas, assim, mais que ir bem na questão acadêmica, eu quero conhecer muita gente, quero conhecer o país e quero conhecer outra cultura. E eu quero eu mesma crescer também. É. Pessoalmente eu acho que muda muito você estar tão longe de casa. Eu acho que vai ser assim uma experiência maravilhosa poder ter essa chance de estar num lugar tão diferente e lidar com outra cultura, com outras pessoas e aprender a se adaptar também, a se moldar a situações diferentes das que a gente vive [...]

O estudante relata ter a certeza de que as culturas diferentes podem trazer “crescimento” e “amadurecimento”. Outros estudantes, com relação a essa mesma pergunta, também assumem que há um crescimento pessoal, profissional e cultural, como por exemplo o E7:

**E7:** [...] bom eu espero, do lado pessoal, sei lá uma maturação maior, como vou enfrentar diversos desafios novos que não são habituais, não são do meu cotidiano, ter que lidar com tudo isso. Bom primeiro começa toda questão nova de ter que se virar sozinho, depois inclusive com uma língua



totalmente estranha, vai, já tenho contato, mas lá vai ser um impacto, não é como aqui dá um problema e você já sai falando normal e também por ser outro país, tudo isso vai agregar de uma forma que eu espero que seja muito boa, pelo menos ao final dos dois anos, que eu saia uma pessoa diferente, isso em termos pessoais. [...]

Ou seja, a França parece oferecer vantagens para formação dos estudantes, além de ser uma experiência em outro país. Os aspectos culturais já mencionados parecem ter muito valor aos estudantes, como percebemos no discurso do E7 por meio das expressões: “do lado pessoal, eu espero uma maturação maior”; “desafios novos”; “se virar sozinho” e, finalmente: “tudo isso vai agregar de uma forma que eu espero que seja muito boa, pelo menos ao final dos dois anos, que eu saia uma pessoa diferente, isso em termos pessoais”.

Considerando o mercado de trabalho brasileiro, o fato de os participantes terem uma formação em engenharia os faz pensar onde um profissional dessa área pode ser mais requisitado. Inferimos que as possibilidades de trabalho no Brasil indicam, implicitamente, uma valorização do engenheiro. Com relação a isso, o E4 explica:

**E4:** eu acho que vou ficar no Brasil, principalmente por ter muito mais trabalho aqui do que lá. [...] É aqui [no Brasil] é muito melhor, aqui não tem nada construído, tudo falta aqui. E sempre que falta coisas, é bom para o engenheiro, porque ele constrói as coisas que faltam. Lá tem tudo, estradas, pontes, indústrias, não tem mais indústria porque é tão caro pagar impostos, e tem gente que vem trabalhar aqui. [...]

Para esse estudante, o trabalho do engenheiro está em suprir o que se falta, estar atrás do que é emergente. Isso revela que para ele o Brasil é um país menos desenvolvido que a França, onde já haveria construções suficientes, embora a economia faça os próprios franceses se deslocarem para trabalhar no Brasil: “Eles trazem gente, trazem a indústria deles para cá, então eu vou ficar por aqui mesmo, a princípio, se algum dia eu virar chefe, aí eu vou para lá” (E4, P11), dessa forma, o estudante assume que sua ida à França tem interesse cultural, formativo e informativo, não apenas pelo que o país tem a oferecer hoje, mas pelo seu repertório cultural do passado, das tradições a que eles tanto se remetem, como veremos na continuação do relato do E4, a seguir:

**E4:** [...] Eu espero que isso seja um ponto muito alto da minha vida, eu espero muito que seja uma escolha que eu vá lembrar pro resto da minha vida. Espero que seja uma experiência que acrescentou muito pra mim, que mudou muito em mim, não tem como eu voltar igual como eu era depois de viver completamente diferente, vou aprender muita coisa, assim eu espero. [...] Desenvolvimento. Chega até o ponto de estagnação, de tanto desenvolvimento que tem lá [França], eu olhando como engenheiro. Agora, culturalmente, não tem nem como comparar com aqui [Brasil]. Acho que a Europa, para a gente que está indo estudar engenharia lá, a gente ganha

muito mais culturalmente do que da própria engenharia, porque lá a carga cultural que a gente consegue ganhar é imensa. Paris, a Europa inteira, é uma concentração de línguas, de culturas, tem uma população tão diferente num espaço pequeno que vai ser muito enriquecedor, é assim que eu vejo a Europa de uma forma geral. [...]

Para esse mesmo aluno, então, este intercâmbio seria o “ponto alto de sua vida”, do qual ele se lembrará: “Espero que seja uma experiência que acrescentou muito para mim, que mudou muito em mim, não tem como eu voltar igual como eu era depois de viver completamente diferente, vou aprender muita coisa, assim eu espero”.

Durante o CFI, os alunos constroem uma nova percepção da língua francesa, por exemplo, a fala do E5 com relação à P11 da Parte 2: “é uma língua bastante falada até. Vejo que a professora falou que uma a cada vinte pessoas no mundo falam francês. Acho que é bastante até”. A respeito das representações culturais e dos estereótipos que os alunos revelam antes de viajar para o intercâmbio, o mais importante ressaltado é um “receio” quanto ao comportamento dos franceses. Os estudantes entrevistados acham necessário conhecer e entender o modo de agir naquela cultura para não ficarem “perdidos”. Poderíamos dizer que isso pode indicar certo medo de rejeição social, já que há uma expectativa de inserção em diferentes espaços sociais, culturais e acadêmicos.

No âmbito das interpretações sobre as representações, somos levados a considerar o perfil dos participantes, que são jovens que há pouco tempo saíram do Ensino Médio, estão em uma universidade que propicia o contato interpessoal e, portanto, inferimos que eles ainda têm a necessidade de se enturmar e de serem acolhidos socialmente pelos grupos de jovens no contexto universitário francês. Eles acham importante conhecer as formas como as pessoas se relacionam e os costumes para não faltarem com respeito. Um deles diz “eu não estou esperando muita proximidade” (E4 em resposta à P4 da Parte 3), já construindo uma imagem de que não há muita proximidade no contato formal e cotidiano entre as pessoas. Já para o E5, é melhor saber a língua, pois “você acaba encontrando alguém que tem os mesmos gostos que você, não sei, de esporte, televisão, não sei”. Ou seja, a língua pode ser uma ferramenta para os contatos e trocas interpessoais e interculturais.

De maneira geral, os participantes revelam, em discursos implícitos e explícitos, que conhecer a história do país e as manifestações artísticas e culturais pode ajudá-los a interagir com os franceses. Para o E7: “aprender uma língua é aprender uma cultura inteira, não é só

falar diferentemente” e o contato com culturas diferentes “não é algo que irá atrapalhar e, sim, vai inclusive incrementar” (E7, Anexo 3).

Os estudantes entrevistados revelam conhecer alguns estereótipos, como “os franceses não tomam banho”, ou que “são muito fechados”, que “o parisiense principalmente é insuportável” (E1, Anexo 3), “que veste camisa listrada de branco e vermelho com boina e bigode e com a baguete embaixo do braço”, “que são chatos e metidos” e que “são diferentes do brasileiro, pois não são muito festivos”. No entanto, por já terem tido contato com franceses que vieram fazer intercâmbio no Brasil, eles parecem considerar que esses estereótipos não sejam verdadeiros e devem ser relativizados:

A gente vai com essa ideia na cabeça que eles vão ser assim, assim, e não é... Igual eles devem pensar que a gente mora aqui na selva no Brasil [...] E assim é diferente e lá vai ser diferente também, com certeza, vai ser diferente do que é no Brasil e não vai ser tão estranho assim igual a gente pensa (E1, Anexo 3).

Dessa forma, o estudante demonstra ter consciência de que a imagem que se constrói de uma cultura é relativa e não corresponde exatamente ao que se encontra no contato real, dependendo das experiências pessoais de cada indivíduo. Depois de terem feito o intercâmbio, eles tiveram suas próprias impressões para construção de uma imagem da cultura francesa. Os participantes demonstram acreditar que: “sabendo lidar com as pessoas, tratando-as com respeito, será possível estabelecer relações afetivas”. O E5 em relação à P5 da Parte 3 conta:

**P5. O que você pensa sobre os estereótipos franceses? (são fechados, não tomam banho, só comem croissant, etc.)**

**E5:** Isso eu não sei. Não sei se eles são muito festivos, mas já ouvi falar que os lugares de sair para jovem não fecham muito tarde, fecham uma hora da manhã, e aqui uma da manhã as pessoas estão indo pra sair. O que mais eu ouço falar é que o pessoal do norte da França é bem fechado, chato assim, mas não sei, o pessoal que eu conheço, que foram para lá falam que o pessoal do sul é mais aberto, mais legal.

[...] Ah, não sei, eu acho que não [que não é importante conhecer estereótipos], principalmente se for um estereótipo ruim, porque ai você pode chegar lá já com uma imagem não muito boa de uma pessoa que na verdade não é aquilo que você pensa quando chegar lá, então eu prefiro eu mesmo descobrir se é coisa boa ou ruim.

Podemos notar que o estudante revela uma preferência por um comportamento mais próximo dos brasileiros, mas ele pondera, em seguida, “você pode chegar lá já com uma imagem não muito boa de uma pessoa que, na verdade, não é aquilo que você pensa,

então eu prefiro eu mesmo descobrir se a coisa é boa ou ruim”. Nesse caso, o estudante refere-se ao estereótipo como uma visão que não é a sua, mas de uma imagem pré-construída e que não foi validada por ele.

O E6 comenta sua opinião em relação a estereótipos franceses, fala de suas impressões atuais e explica como isso pode influenciar na sua estadia na França:

Então sobre **estereótipo**, antes de eu conhecer o francês eu achava “gente, eu nunca vou aprender esta língua, que frescura é essa de fazer bico”. E aí, bom, até hoje, o engraçado é que até hoje eu converso com minha mãe e ela fala “filho, vem aqui falar em francês”. E ela fala “larga de ser besta moleque para de fazer bico”, é engraçado que a noção que eu tinha antes de ser uma língua fresca já não existe mais, mas para meus pais existe. No começo a gente estranha, mas depois fica muito natural, aí é bom para gente lembrar quando não sabia o francês. O estereótipo sobre a França não tinha, para ser sincero... era um país de grande importância histórica, cultural, acadêmica sim, a gente que é de engenharia, a gente via um monte de equação que foi feita por franceses né, mas eu não via, como, por exemplo, eu via os Estados Unidos, não era aquele mesmo olhar de ‘nossa, eu tenho que ir para lá um dia’. Então assim, para quem não sabe a língua, para mim pelo menos, eu não tinha nenhum interesse em ir para França, aí não, eu comecei a mudar, resolvi fazer um duplo diploma, então eu fui aprender, mas no começo eu não tinha um estereótipo, era um lugar assim sem sal, não era um lugar que eu dava importância. Hoje é totalmente diferente. Se você disser para uma pessoa que vai fazer um intercâmbio na França, a pessoa vai falar “ah tá”, agora se você disser que vai fazer um intercâmbio nos Estados Unidos, a pessoa fala “nossa!”. O estereótipo foi muito impresso pela mídia e a pessoa leiga não sabe a importância que é quando se vai estudar numa França. (E6, Anexo 3)

Esse depoimento é interessante para notar que o “estereótipo” que o aluno afirmava acreditar (e, ao mesmo tempo, afirmava não ter estereótipos sobre a França), perdeu a validade para ele, mas continua presente no ambiente social, como no da família dele. Este é um exemplo em que o aluno se deparou com representações que foram construídas a partir dos estereótipos do país estrangeiro veiculados em contextos diversos da vida em sociedade. Ele mesmo cita que o “estereótipo” de que os Estados Unidos é um país importante foi construído e veiculado pela mídia.

Retomando a explicação de Castellotti e Moore (2002), do capítulo 1, “Os estereótipos identificam imagens estáveis e descontextualizadas, esquemáticas e restritas, que funcionam na memória comum e às quais aderem certos grupos”. Aqui é pertinente retomar o que desenvolvemos no capítulo 1: O estereótipo deve ser criticado e confrontado

com a realidade antes de se afirmar ou negar sua veracidade, podendo ser o ponto de partida para a discussão dos aspectos socioculturais que o envolvem.

Assim, compreendemos que, no relato do estudante, houve um movimento que partiu do estereótipo e caminhou progressivamente para um processo de desconstrução, o que, em nossa hipótese, é favorecido pela abordagem intercultural.

## **REPRESENTAÇÕES ACADÊMICAS**

Conforme já mencionamos anteriormente, a principal motivação para estudar francês e realizar o intercâmbio para França é acadêmica: a oportunidade de obter o Duplo Diploma entre a Poli-USP em uma instituição de ensino superior francês, onde o estudante permanece pelo menos por dois anos. Após passar pelo vestibular da Fuvest-SP para um dos cursos de engenharia da Poli-USP e cursar os primeiros anos, os participantes desta pesquisa conheceram o programa de mobilidade estudantil para instituições universitárias francesas que têm convênio com as instituições brasileiras, facilitando intercâmbios estudantis. É com base nesse vínculo que os estudantes podem se inscrever e se candidatar a essas vagas que possibilitam o Duplo Diploma, isto é, o estudante, após o seu percurso acadêmico, recebe seu diploma reconhecido pelas duas instituições de ensino no Brasil e na França.

Tratar desse contexto no qual os estudantes estão inseridos é fundamental, pois as representações, sejam elas culturais ou de aprendizagem, estão diretamente associadas a esse contexto. Por exemplo, é muito comum, nos depoimentos dos participantes, ao serem interrogados sobre o que pensam sobre França, relacionarem diretamente tanto a imagem cultural que possuem como também o contexto acadêmico e universitário no qual se situam. Não por acaso, ao tratarmos das representações de aprendizagem da língua estrangeira e de sua cultura, questões relacionadas ao meio em que estão aparecem como exemplos sobre a visão que eles têm da cultura francesa. Igualmente, ao tratamos das representações

acadêmicas, encontraremos representações de aprendizagem, de cultura e estereótipos, encerrando as nossas análises.

Como vimos ao analisarmos as representações de aprendizagem, a maioria dos estudantes já haviam estudado outras línguas estrangeiras antes de cursarem o módulo do CFI, como o inglês e o espanhol, e alguns revelaram ter escolhido universidades anglófonas, se fosse mais viável, com um programa de mobilidade e convênios como os que existem com universidades francesas. Nesses casos, é o programa que estimula os alunos a procurarem estudar francês e a conhecer mais sobre a França. Segundo o relato de um dos participantes, ele estuda francês “porque queria fazer intercâmbio e não só o intercâmbio, o duplo diploma, que é uma oportunidade que se tem aqui na Poli” (E6, P1, Parte 2). Em outros casos, alguns alunos revelam que sempre gostaram da língua e do país, que já tinham estudado antes ou adiavam o estudo, mas que sempre mantiveram o interesse em aprender francês. E nesses casos, a oportunidade de realizar o intercâmbio passa a ser associada aos estudos francófonos, conforme um estudante responde, ao ser questionado sobre as razões para estudar francês, “para o intercâmbio e por gosto, se fosse só pelo intercâmbio, eu não estaria fazendo tudo o que faço agora para estudar” (E7 em resposta à P1 da Parte 2). O que percebemos ao longo dos depoimentos é a descoberta dos alunos a propósito do que os aguardam durante o intercâmbio e após sua conclusão, com uma formação nos dois países, abrindo oportunidades para o “sucesso” profissional.

O E2 contou que, ao entrar na Poli-USP, percebeu que havia muitas oportunidades de intercâmbio para França e, então, procurou o CFI:

**P1. Por que você está aprendendo Francês?**

**E2:** [...] quando entrei na Poli, percebi que tinha bastante oportunidade, na França, de Engenharia, e apareceu a oportunidade de fazer um curso de Francês aqui na Poli. Aí eu resolvi ir atrás disso. Mas, antes disso, eu nunca me interessei muito pelo francês e não sei se eu faria essa língua se eu não estivesse na Poli. Eu acho que a Poli me influenciou bastante. [...]

Esse aluno revela que seu interesse é conseguir ser selecionado para o intercâmbio do Duplo Diploma, sendo este seu objetivo principal. Em seguida, ele conta que as “escolas francesas são renomadas” e que deseja “ser um engenheiro de qualidade”, “ter uma boa formação”: “então eu resolvi entrar nessa e ter uma formação para eu me sair bem e aprender o máximo possível com essa experiência”, assim ele justifica sua entrada no CFI.

**E2:** [...] Eu estou aprendendo para conseguir me sair bem no duplo diploma, porque meu primeiro objetivo foi acadêmico mesmo, de começar a estudar francês, ter uma boa formação, porque as escolas francesas são muito bem renomadas e eu quero ser engenheiro de qualidade e ter uma boa formação, então eu resolvi entrar nessa e ter uma boa formação para eu me sair bem e aprender o máximo possível com esta experiência.

Após esse primeiro interesse em estudar francês, outras representações acadêmicas surgem através das preocupações, necessidades e curiosidades. O E5, por exemplo, receia ser prejudicado se ficar "perdido" nas disciplinas e não conseguir acompanhá-las, como ele afirma em sua resposta à P1:

**E5:** Para conseguir seguir bem o curso lá, porque se eu chegar lá sem saber nada pode ser que o tempo que eu perda lá para me adaptar sem saber nada pode ser que eu seja prejudicado também no começo do curso lá pode ser que eu não consiga conversar com as pessoas, aí acho que é importante chegar lá e conseguir ter uma relação com os franceses que já estão lá. Por exemplo, tem uma ou outra pessoa que vem fazer intercâmbio aqui na Poli e as vezes não sabem falar o português, aí ficam se relacionando mais com o pessoal do país deles, eu pretendia me relacionar também com o pessoal de lá.

Em seguida, a escolha do país de destino (a França) se justifica pela tradição no âmbito acadêmico, por ter instituições bem-conceituadas, renomadas e aparentar excelente qualidade na área de engenharia, para os estudantes entrevistados. A seguir, destacamos algumas respostas para a P2 da Parte 2:

| <b>P2. Por que a França? Quais são as razões de sua escolha?</b>   |
|--|
| <b>Estudante do pré-teste:</b> Pois as escolas de engenharia lá são de ótima qualidade na minha área.  |
| <b>E2:</b> Acho que talvez <u>pela quantidade de oportunidades</u> aqui na França. A maioria dos intercâmbios na Poli é para a França, e <u>porque a engenharia na França é muito conceituada e em relação às outras; tem uma tradição muito grande</u> e ela se completa com a engenharia aqui no Brasil. <u>Acho que a engenharia lá é mais teórica do que aqui, e ela é mais geral.</u> Se eu pergunto para uma pessoa, que está no mesmo ano que eu, que curso ela está fazendo, a pessoa não sabe porque ela ainda não se decidiu, ela está <u>tendo uma formação bem geral, de todas as matérias</u> [...] |
| <b>E5:</b> Então, meu curso é engenharia química né, aí eu acho que <u>os países mais fortes assim em engenharia química são Estados Unidos, Alemanha e França</u> [...]   |
| <b>E6:</b> [...]os professores foram ótimos e aí eu fui evoluindo e agora já estou no módulo 4 e acho que eu estou bem preparado também para poder <u>chegar lá e me virar bem, saber conversar bem.</u>   |

Em resposta à P3 (*A França foi a sua primeira opção?*), o E6 ainda afirma: “a primeira opção que a gente tem são as francesas, que são as escolas de elite”. Esta afirmação está aliada ao desejo pela experiência de fazer um intercâmbio internacional, por

isso, como ele havia afirmado anteriormente, ele busca estar “bem preparado também para chegar lá e me virar bem, saber conversar bem” (E6, P1, Parte 2).

Os estudantes, ao ingressar em um dos cursos de engenharia da Poli-USP, têm acesso às informações sobre o Duplo Diploma, através de palestras e anúncios. No entanto, eles também buscam informações mais específicas e detalhadas. Para isso, é preciso procurar a CRInt, consultar alguns *sites* institucionais da Poli-USP e das universidades francesas de interesse, mas o meio mais eficiente que todos os entrevistados alegaram é o do contato com os alunos que voltaram do intercâmbio ou ainda estão lá. Esse contato se dá, sobretudo, pelas redes sociais, de maneira informal e voluntária. Alguns consideram que os *sites* das universidades são "desorganizados" e os tutoriais da Poli-USP, na internet, os ajudam a obter informações sobre quais disciplinas cursar, sobre hospedagem e moradia. Geralmente, esses tutoriais consistem em questões respondidas por quem está na França, iniciativa realizada a fim de evitar o já mencionado "choque cultural" ao chegar lá.

Por meio das respostas obtidas, constatamos que o interesse pelo Duplo Diploma se dá por diversos fatores, um deles é a busca de uma formação mais ampla e complementar àquela que é oferecida pela Poli-USP. Nenhum dos participantes desta pesquisa considera que a formação no Brasil, no contexto da Poli-USP, é ruim. Ao contrário, alguns dizem que chegam até "mais preparados que os franceses", mas a busca por uma formação ampla, pela variedade de visões sobre como abordar problemas de engenharia, modos de trabalhar e outros conhecimentos que podem complementar e aprofundar a formação já obtida no Brasil é o que os estimula a realizar o programa. Além disso, os alunos também buscam a fluência em outra língua (no caso, o francês), para se destacar profissionalmente, aumentar as oportunidades de trabalho e adquirir um “amadurecimento pessoal”, no âmbito da convivência, interações sociais, trocas interpessoais e experiência de vivenciar outra cultura.

Os alunos se candidatam ao intercâmbio para o Duplo Diploma no segundo ano, depois do quarto semestre de engenharia. Há uma grande concorrência e o processo seletivo considera, sobretudo, a nota, que pode desclassificar o aluno. Os alunos entrevistados visam ir para Paris, Lille, Marceille, Toulouse, Lyon e Vichy, “[...] a maioria das pessoas escolhem Paris pelo nome, porque é a capital da França, mas às vezes a *École Centrale de Paris*, eu acho que ela é muito mais difícil, assim do que as outras. Então eu acho que eles procuram pegar as melhores pessoas para entrar nela” (E2, P7, Parte 2), revelando



uma representação acerca da *École Centrale de Paris* relacionada à influência que a "nota" pode ter na decisão de onde vão estudar.

Outra representação acadêmica que alguns participantes possuem é que a escola mais antiga parece ser melhor, pois os alunos justificam suas escolhas associando a qualidade à tradição: “Eu gostei mesmo, porque era uma das mais antigas, a de Paris e a de Lyon, as duas do século 19, por ter uma história, uma tradição” (E7, P7, Parte 2).

A representação que eles têm do curso é de que há muitos trabalhos em diversas disciplinas e com enfoques diferenciados dos cursos brasileiros para suas áreas de interesse. Para se prepararem para o processo seletivo, os entrevistados contam que buscam muitas informações na internet, nos *sites* das universidades e das escolas centrais, avaliando quais disciplinas cursar, como é a moradia estudantil, qual é a carga horária de estudos etc. Após serem aprovados, os veteranos estrangeiros tomam a iniciativa de procurar os alunos aprovados para parabenizá-los e dizer que estão disponíveis para qualquer tipo de dúvida, conforme vimos em relatos anteriores. E também ocorre de conhecerem franceses que vieram fazer intercâmbio no Brasil e, assim, também tiram algumas dúvidas. Muitos conseguem bolsas que custeiam toda a viagem e a estadia. O E7, em resposta à P9 da Parte 2, descreve esse processo de preparação acadêmica para o intercâmbio:

**P9. Como você se preparou para esse projeto de estudos na França? Busca de informações nos sites; Plano de estudo; Conversa com amigos etc.**

**E7:** eu busquei bastante informação no site deles de currículo, minha primeira ação que eu fiz nesse quesito foi retirar todos os currículos das Centrais e comparar com o meu currículo e conversei com diversos professores meus, inclusive tinha um mito de que lá eles tinham uma matemática bastante avançada e coisas que nós não vimos, então eu conversei com o pessoal da matemática aqui e falei, olha eu preciso ver isso e isso, o que vocês sugerem isso é só para dar uma lida só para não chegar e ter um impacto. E também falei com os veteranos de lá eu tenho contato em Lion mesmo.

Esse depoimento mostra uma preocupação em se adaptar ao contexto acadêmico francês e, ao mesmo tempo, um estímulo para estudar mais. O estudo da língua francesa, então, nesse quesito acadêmico, passa a ser útil para pesquisas sobre a vida universitária e as instalações na França. E, por conseguinte, conversar com os franceses e conhecer a visão do mercado de trabalho deles, por exemplo. Por isso, sentem a necessidade de ter boa comunicação e expressão oral.

O interesse pelo mercado de trabalho também aparece com frequência nos discursos dos participantes e, muitas vezes, aparece como objetivo final para o percurso acadêmico. O Duplo Diploma, por exemplo, é “um quê a mais, é um diferencial no meio de trabalho” (E6, P11, Parte 2):

**P11. Em que a língua francesa será útil na realização de seus projetos pessoais e/ou profissionais?**

**E6:** [...] Então este “quê” a mais é um diferencial no meio de trabalho. É evidente que se você falar “ah, eu fiz um intercâmbio fora”, o empregador já te veja com olhos diferentes. O primeiro motivo é porque você já tem uma vivência por fora, você sabe como é o modo operante de uma engenharia global, como que o francês pensa, como você vai ter que adaptar o seu jeito de pensar na engenharia para o jeito deles... então, isso já é bem atraente para eles. [...]

Quando pedimos para os estudantes associarem palavras às instituições de ensino, as mais citadas pelos participantes são as mesmas em relação à P1 (Quais palavras você associa quando ouve “universidade francesa” ou “*École Polytechnique*”?), o que nos permite observar que as representações se cruzam nas diferentes categorias, como veremos no quadro:

**P3. Associe três palavras a este estabelecimento de ensino.**

**Estudante do pré-teste:** Engenharia Civil, *Marne-la-Valée*, Transportes (minha ênfase lá é em Engenharia Ambiental).

**E1:** Primeiro, eu acho que a **tradição**. *École Polytechnique* é referência no mundo inteiro, tanto em outras escolas politécnicas no mundo, essa foi a primeira. Eu acho que também é **teoria**. Eu acho que as outras universidades, as americanas, são muito diferentes em algumas questões. As universidades francesas têm uma base teórica muito forte, e... ah!... não sei... [mesma resposta da pergunta 1]

**E2:** [Talvez as mesmas: tradição, teoria?] É escola central. Acho que junto com a *Polytechnique*. Eu acho que é uma das mais tradicionais e uma das mais antigas, eu não sei se existe diferença... [Mas é uma *École* boa então? Das melhores na sua área?] Sim, eu acho que sim. No último *ranking* que saiu, a tabela estava em segundo entre as escolas de engenharia, ela estava atrás só da *Polytechnique*.

**E4:** Bom, pra mim: oportunidade, experiência e conhecimento, são as três que eu mais costumo pensar. [mesma resposta da pergunta 1]

**E5:** Oportunidade, futuro, experiência. [mesma resposta da pergunta 1]

**E6:** A primeira que vem de cara, dificuldade, porque as escolas são difíceis para entrar pelos franceses, são muito concorridas. Eu acho que o nível deles é parecido com o do ITA. Segunda é a excelência no ensino lá, eu acho que a tradição conta muito, então essas escolas são muito antigas. E a terceira palavra que me vem à mente... aha pra mim é um sucesso que eu tive pessoalmente. Essa madrugada eu estava vendo o pdf dos alunos que tinham sido escolhidos, aí eu revivi a alegria que eu tinha passado e foi melhor do que o vestibular. Na verdade, eu não esperava que ia passar, talvez esperava, porque tinha feito uma entrevista muito boa, eu gaguejo, o inglês tudo bem, mas o francês eu falei uma hora, eu sabia que tinha feito um bom trabalho, mas não pensava que ia ser Paris, então foi uma conquista mesmo. [mesma resposta da pergunta 1]

**E7:** Aventura seria uma primeira, com certeza. Não sei... tem tanta coisa... [...] **Competência**, pelo menos pela carga horária que eu vou ter lá, alguma coisa tem que sair. E acho que **desenvolvimento**

**próprio.** Eu estava inclusive conversando com ele sobre isso, eu acho que é minha visão, algo que pelo menos eu busco bastante, que é sair de lá com o ensino francês não com uma formação de engenharia, mas como uma formação pessoal, eles formam pessoas, seres humanos com uma capacidade de engenharia, mas formam pessoas e não conteúdos. [mesma resposta da pergunta 1]

São, em sua maioria, expressões de sentido positivo, mesmo aquelas como *rigidez*, *dificuldade* e *teoria*, que poderiam ter uma conotação pejorativa, podem, no entanto, estar associadas à ideia de excelência. Sendo assim, podemos afirmar que os participantes desta pesquisa possuem a representação de que o curso na França será mais *rígido* do que no Brasil e que isso se refletirá, também, na forma de tratamento distanciada entre o professor e o aluno. Quanto à *excelência*, à *referência* e ao *renome*, os alunos falam dos *rankings* internacionais que legitimam e dão prestígio a essas instituições. A dificuldade está ligada à *teoria*, uma ideia de que o curso tenha uma sobrecarga de matemática, conforme comparação do E6: “Eu acho que o nível deles é parecido com o do ITA” (E6, P1, Parte 3). Para ele, se essas instituições são muito concorridas entre os franceses, logo, elas devem ser muito exigentes. As demais expressões se voltam para o crescimento próprio, tais como: *sonho*, *oportunidade*, *conhecimento*, *futuro*, *sucesso*, *aventura*, *competência*, *desenvolvimento*, revelando as expectativas dos estudantes.

Todos eles pretendem voltar para o Brasil após o intercâmbio, não apenas pela obrigatoriedade do programa de DD (conforme explicamos no capítulo 2), mas também para morar e trabalhar, porque eles enxergam maiores oportunidades de trabalho no Brasil, embora desejem manter contato com a França. Eles afirmam que não sabem ao certo se vão se acostumar com o novo país e, caso se acostumem, eles imaginam como será a readaptação no Brasil. Outro estudante comenta: “posso ir [à França] para fazer algum trabalho, mas eu vou acabar morando aqui no Brasil” (E5, P7, Parte 3). De toda maneira, os participantes esperam obter influência da cultura francesa em suas carreiras profissionais, se destacar em suas especializações e conhecer mais sobre a cultura francesa, bem como da Europa.

Antes de passarmos para a análise das respostas da segunda fase da coleta de dados (depois dos primeiros seis meses de intercâmbio), gostaríamos de sintetizar as principais características de cada categoria, no que concerne à **motivação** dos alunos para aprender a

língua francesa, para realizar o intercâmbio na França e para candidatar-se ao programa de Duplo Diploma, de acordo com o que foi exposto na análise:

### **1. Representações da aprendizagem**

Os alunos apreciam aspectos da cultura francesa que eles consideram positivos, tais como cinema francês, literatura, história e política. Além do intercâmbio para a França, a cultura também os motiva a querer aprender a língua francesa. Contudo, a principal influência ainda é a Poli-USP e o programa de Duplo Diploma, que os estudantes conheceram principalmente por meio da própria instituição e também por meio do contato com colegas. O objetivo deles é ter sucesso na experiência do intercâmbio, se comunicar com os franceses e, como eles disseram, saber "se virar".

### **2. Representações culturais**

A principal motivação apontada pelos estudantes desta pesquisa para a preparação para o intercâmbio na França é "evitar o choque cultural". Eles se empenham em conhecer a cultura francesa para diminuir os "impactos ou surpresas desagradáveis", para não cometerem "gafes". Os alunos também evidenciam a preocupação em "saber conviver no país", conseguir se adaptar às diferenças culturais e conseguir estabelecer um contato saudável com os franceses. Os estudantes revelaram acreditar no estereótipo de que os franceses são "fechados e menos calorosos [do que nós, brasileiros]". A validação deste estereótipo parece agravar a preocupação deles em se preparar para diferenças culturais como esta, que envolve a afetividade, para que eles consigam ter uma experiência bem-sucedida no país estrangeiro.

### **3. Representações acadêmicas**

Dentre os demais países que possuem outras modalidades de programa de intercâmbio com a Poli-USP, a Alemanha e os Estados Unidos foram os únicos citados pelos alunos entrevistados e, mesmo assim, a França foi a primeira opção de todos eles. O

principal motivo é o programa de Duplo Diploma<sup>118</sup>. A motivação para a escolha deste tipo de modalidade de intercâmbio é, portanto, acadêmica. Os alunos querem ter a oportunidade de estudar em escolas de engenharia de ótima qualidade, ter uma boa formação, uma especialização diferenciada e, principalmente, um segundo diploma, que além de ser válido na França agrega valor ao currículo perante o mercado de trabalho brasileiro. Além destes fatores, os alunos mencionam como motivação para realização do Duplo Diploma a fluência em outra língua e o amadurecimento pessoal, que eles acreditam que será propiciado por meio desta experiência.

Assim, entendemos que, de modo geral, a representação inicial que os estudantes tinham em relação a esse programa de mobilidade estudantil era de crescimento e amadurecimento nos âmbitos pessoal, acadêmico e profissional, visto que, sobre o significado do intercâmbio, eles mencionam: “aprendizado”, “crescimento”, “amadurecimento”, “desenvolvimento”, “experiência nova/ única/ transformadora”, “ganho cultural ao ter contato com a rica e imensa cultura europeia”, “aprender coisas que não aprenderia aqui [no Brasil, na Poli-USP]”.

## **1.2. Representações dos estudantes brasileiros: *depois do primeiro semestre no programa de mobilidade estudantil***

O questionário enviado aos alunos por e-mail<sup>119</sup> para coletar as respostas na **segunda fase**, ou seja, após o primeiro semestre do intercâmbio, possui 20 perguntas. O questionário integral de cada um dos alunos participantes está disponível no Anexo 5. Para melhor analisar e interpretar as respostas da segunda fase, agrupamos todas as respostas de cada pergunta em uma mesma tabela, disponível na íntegra nos Apêndices deste trabalho. A seguir, mostraremos o recorte que fizemos desse *corpus*, também considerando as

---

<sup>118</sup> As características desta modalidade de intercâmbio foram descritas no capítulo 2.

<sup>119</sup> As várias tentativas de e-mail foram enviadas em maio de 2014. Os estudantes responderam entre junho e agosto de 2014, por isso alguns mencionam que já estão há mais de seis meses na França.

categorias explicadas no item 1.1, a saber: *Representações da aprendizagem*; *Representações culturais*; e *Representações acadêmicas*.

É importante ressaltar que os cinco alunos que participaram da segunda fase da coleta de dados estavam todos alocados em residências estudantis espalhadas pela França, nas cidades de Lyon, Champs sur Marne, Toulouse, Marseille e Vincennes. Esses estudantes ficam em alojamentos ou repúblicas que consideram de “excelente qualidade” e recebem todos os benefícios que as bolsas oferecem, mantendo maior proximidade com o ambiente acadêmico, facilitando os estudos e as trocas culturais entre outros estudantes franceses e estrangeiros. Um dos estudantes relata: "A qualidade do alojamento é ótima e ganhamos muito desconto por causa da bolsa" (P1, E5).

Neste caso do Duplo Diploma, essas características básicas de acessibilidade e permanência no país são particulares do sistema de intercâmbio acadêmico e estudantil, muito diferente de uma viagem de turismo de trabalho por uma empresa, ou mesmo de intercâmbio através de escolas de idiomas e agências de viagens. Os estudantes são acolhidos pela instituição de ensino superior e inseridos ao universo acadêmico, científico e cultural francês, podendo compartilhar experiências com outros jovens de diferentes nacionalidades, o que nos remete à afirmação levantada por Castellotti e Moore (2002: p. 11) de que "a viagem em si não é garantia de uma evolução positiva das representações"<sup>120</sup>, o que justifica a pertinência dessa interação entre os estudantes deste programa – que possuem o respaldo da USP – e do compartilhamento de ideias em um contexto universitário marcado pela diversidade cultural para discutirmos as representações.

Ao chegarem à França, os estudantes são majoritariamente recepcionados por outros estudantes brasileiros “intercambistas”, muitas vezes referidos como “veteranos”, que estão em seus segundo ou terceiro ano de mobilidade estudantil. Todos eles mencionaram a ausência dos franceses na recepção deles, o que está marcado em seus discursos de diversas formas: “alguns brasileiros de segundo ano daqui estavam nos esperando [...] (os alunos franceses não estavam no campus ainda)” (P2, E1) ou “quando cheguei fui recebido pelos brasileiros [...]" (P2, E2). E quando havia franceses, eram poucos, “havia 3 ou 4 franceses para cerca de 20 estrangeiros [...] a grande maioria de pessoas que nos recebeu na França

---

<sup>120</sup> Tradução nossa. Texto original: [...] *le voyage en soi n'est pas garant d'une évolution positive des représentations [...]* (Apud BYRAM & ZARATE, 1996: p. 9)

não era de franceses – maioria brasileiros, mexicanos e alemães” (P2, E4). Somente em um caso, houve a presença de um representante dos “Assuntos Exteriores<sup>121</sup>”, conforme menciona o E5, em Vichy, para receber aqueles que obtiveram a bolsa Eiffel. No discurso de dois estudantes, a impressão foi muito positiva dos franceses nessa região interiorana da França, um deles contrapõe a Paris: “A minha impressão dos franceses foi melhor do que eu esperava. Em Vichy, por ser interior, eles foram muito acolhedores. Em Paris, há pessoas bem mal-educadas, mas passei por isso principalmente em comércios” (P2, E5). Destacamos a seguir a pergunta e as principais respostas, inseridas na categoria de representações culturais:

| <b>P2. Quando você chegou à cidade havia alguém esperando? Se sim, como foi esta recepção? Qual foi sua impressão dos franceses que os receberam?</b>   |
|---|
| <b>E2:</b> [...] Em relação aos franceses, não tive uma recepção direcionada a mim especificamente.   |
| <b>E4:</b> [...] Bom, <u>não tive uma boa impressão dos franceses no início</u> . Achei que eles não se importavam muito com a gente porque eram muito poucos na associação. Havia 3 ou 4 franceses para cerca de 20 estrangeiros no ICM, então a grande maioria das pessoas que nos receberam na França não eram franceses – maioria brasileiros, mexicanos e alemães. <u>No entanto, a recepção foi muito boa, fui muito bem recebido</u> . |
| <b>E5:</b> [...] <u>A minha impressão dos franceses foi melhor do que eu esperava</u> . Em Vichy, por ser interior, eles foram muito acolhedores. <u>Em Paris, há pessoas bem mal-educadas</u> , mas passei por isso principalmente em comércios. Todas as pessoas que me ajudaram no processo do intercâmbio foram muito receptivas (talvez por causa da minha bolsa...).  |

Com base nas respostas obtidas, podemos inferir que os estudantes estavam satisfeitos com a chegada, após superar a ansiedade. Eles afirmam “No entanto, a recepção foi muito boa, fui muito bem recebido” (P2, E4) e “Todas as pessoas que me ajudaram no processo do intercâmbio foram muito receptivas (talvez por causa da minha bolsa)” (P2, E5). Essa última concessão hipotética colocada entre parênteses pelo estudante revela que chegar à França apoiado pela bolsa e pela instituição auxilia não só pelos benefícios práticos, mas na forma como são recebidos e tratados pelas pessoas, considerando talvez um *status*. E o *status*, como vimos anteriormente, é também, um exemplo de representação social, porque revela uma leitura da realidade na qual estamos inseridos e é uma representação

<sup>121</sup> Seria o equivalente a "Relações Internacionais" no Brasil.

que "nos guia na maneira de nomear e definir o conjunto de diferentes aspectos de nossa realidade", retomando a explicação de Jodelet (1989: p. 47)<sup>122</sup>.

Sobre a relação interpessoal entre os estudantes brasileiros e os franceses, os participantes avaliam que os franceses são "fechados, tímidos à vezes" (P3, E4), e o contato com eles é "distante e impessoal" (P3, E2), mas que, ao conquistarem sua confiança, eles se tornam grandes amigos. As primeiras interações ocorrem no "cadre de trabalho (projetos, apresentações, trabalhos práticos, etc.)" (P3, E1), nas atividades de lazer, como jogar tênis "(no horário obrigatório previsto na minha formação e aos fins de semana)" (P3, E1) e nos momentos de descontração, diversão e conversas. Nesse primeiro contato ainda mais acadêmico, todos revelam que os franceses não se importam muito com a presença do colega estrangeiro, além deste participante considerar os franceses menos preparados que os brasileiros. Eles justificam que os estrangeiros chegam melhor preparados por terem já cursado mais tempo de estudo universitário antes de ingressar nas instituições francesas para fazer as disciplinas com os estudantes que acabaram de chegar do "prépa"<sup>123</sup>. Eles dizem que "talvez por causa do 'prépa', o estudante chega bem menos maduro à École, o que acaba afastando os estrangeiros", como vemos a seguir, em algumas respostas para a pergunta 3:

**P3. Você conheceu novos colegas franceses? O que vocês fazem juntos? Quais suas impressões sobre os primeiros contatos com eles?**

**E1:** [...] O primeiro contato não deixou uma boa impressão. [...] os franceses do meu grupo não se importavam muito com "o estrangeiro" ou sua inclusão (o francês saído do *prépa* é um tipo único, a maioria muda depois, ainda mais quando eles percebem que os estrangeiros são mais preparados a priori). [...] Talvez por causa do *prépa*, o estudante chega bem menos maduro à École, o que acaba afastando os estrangeiros (todos, não só brasileiros, e principalmente os chineses) [...]

**E4:** Sim. E é bem complicado fazer amizade com franceses porque eles são muito fechados, tímidos às vezes. Mas eles são ótimos amigos uma vez que você ganha sua confiança. [...]

**E5:** [...] A recepção pelos alunos foi muito boa, eles queriam falar português com a gente e adoram os brasileiros. Mas toda essa boa recepção veio acompanhada de muito esforço meu para conquistar a amizade deles, é muito diferente do Brasil, onde você vira amigo de uma pessoa em um dia. Aqui o processo é bem mais lento, mas insistindo consegui fazer grandes amigos.

Das três respostas acima, vemos que outros participantes, porém, relatam experiências mais positivas, como o E5, que revelou estar namorando uma pessoa francesa,

<sup>122</sup> Citação completa, com texto original e tradução no Capítulo 1 deste trabalho.

<sup>123</sup> O "prépa" referido pelos participantes é o "préparatoire", um curso preparatório para o "baccalauréat", que seria equivalente ao exame vestibular no Brasil.



mas afirma que foi preciso “muito esforço meu para conquistar a amizade deles, é muito diferente do Brasil, onde você vira amigo de uma pessoa em um dia. Aqui o processo é bem mais lento, mas insistindo consegui fazer grandes amigos” (P3, E5). Essa “boa recepção” a que o estudante se refere é atribuída por ele mesmo à instituição em que estuda, onde há muitos estudantes estrangeiros (“A escola em que estudo [*École des Ponts de Chaussées*] é bem internacional”) e muitos franceses já fizeram intercâmbio para o Brasil e gostam de falar em português. Essa reciprocidade do programa também caracteriza um resultado positivo, revelando um ambiente plurilíngue e de diversas trocas interculturais: “A recepção foi muito boa, eles queriam falar português com a gente e adoram os brasileiros” (P3, E5). Também comentam que os franceses se interessam muito quando falam do Brasil e ficam “impressionados” com o quanto os brasileiros sabem sobre a França. Apesar de notarem esse aspecto “pouco caloroso” por parte dos franceses, todos os participantes revelam que estão satisfeitos com os laços afetivos e de relacionamento que criaram. Um dos estudantes narra uma amizade bem próxima com uma pessoa francesa:

**E3:** Fiz alguns amigos franceses sim. Um deles eu considero como um dos meus melhores amigos e fiz uma amizade realmente muito forte com ele. Nos falamos sempre pela internet, celular e tudo mais. Costumamos sair juntos, ver jogos de futebol juntos, alguns trabalhos juntos na universidade. [...]

A partir desse trecho da resposta do E3, podemos constatar que essas trocas são enriquecedoras também nos âmbitos linguístico e comunicativo. Esses ambientes pluriculturais são favoráveis para trocas e ampliação da experiência com a língua e a cultura, que foram propiciados pela vivência desta mobilidade internacional.

Ainda que, em alguns casos, o aluno seja um dos únicos estrangeiros do grupo, eles fazem seus trabalhos, vão almoçar e saem juntos. As festas, chamadas de *soirées*, realmente impressionaram os estudantes brasileiros, que as consideraram extremamente animadas. Um deles relata “(Off: franceses – homens – pelados e fazendo jogos, urinando do segundo andar do prédio é o começo tranquilo da *soirée*)” (P3, E1) e outro conta que os franceses “saem bastante pro bar da *École* e pros bares do centro, fazem muitas *soirées* na praia e na própria *École* e fazem refeições na casa deles pros amigos” (P3, E2). Ou seja, apesar de certas características encontradas no contato entre os brasileiros e franceses, considerados menos amigáveis em ambientes acadêmicos, outros espaços parecem mais favoráveis à

integração e, uma vez estabelecida aproximação e troca de confiança, segundo os participantes, os franceses “parecem amigáveis”.

A propósito das conversas entre os estudantes, é predominante o uso do francês para se comunicar tanto com franceses quanto com estrangeiros. Contudo, “o português aparece naturalmente ao conversar com outros brasileiros” (P4, E1) ou quando há franceses que querem aprender português, o que parece ser bem frequente, tanto por curiosidade quanto por interesse em estudar no Brasil:

|   |
|---|
| <p><b>P4. Em quais idiomas você se relaciona na França? (por exemplo: apenas francês, continua usando o português, também utiliza o inglês?) Por quê? Quais são as dificuldades em se comunicar em francês?</b></p>   |
| <p><b>E1:</b> Utilizo o francês (com os franceses e os outros estrangeiros) e o português (com os brasileiros) diariamente. O português aparece naturalmente ao conversar com os outros brasileiros. <u>Usei um pouco o inglês no início, para conversar com estrangeiros que ainda não tinham um nível intermediário de francês.</u> [...]</p> |
| <p><b>E4:</b> <u>Falo francês/inglês com os franceses, português/francês com os brasileiros e com os portugueses, falo inglês em alguns cursos que são em inglês e espanhol/português/francês com os latinoamericanos e com os espanhóis.</u> [...]</p>   |
| <p><b>E5:</b> 90% do tempo eu falo francês. Todas as aulas são em francês, as apresentações também. <u>Continuo falando português com os brasileiros que moram aqui</u> (são muitos) e com os franceses que querem aprender o português. [...]</p>  |

Observamos que o inglês é usado, sobretudo, quando outros estrangeiros não atingiram ainda um nível suficientemente bom para conversar em francês. Ou seja, quando possível, os participantes optam por conversar em francês, que é a língua comum e de compreensão compartilhada pelos grupos de estudantes franceses e estrangeiros. Por vezes, quando o aluno domina o espanhol, ele também se serve dessa língua para conversar com espanhóis e estudantes latino-americanos. As dificuldades que mais apresentam são nas apresentações orais nos trabalhos acadêmicos, embora se sintam à vontade para práticas orais no cotidiano:

|   |
|---|
| <p><b>E1:</b> [...] Para mim, o francês oral não apresenta obstáculos no relacionamento normal com os franceses. Entretanto, por ainda não ter tido todo o tempo necessário para estar perfeitamente à <i>l'aise</i> (seria a proficiência), <u>durante as sustentações orais ocorrem algumas “travadas” rápidas (ainda é bastante para o cérebro tentar explicar na frente da sala algum assunto complexo e construir ao mesmo tempo o caminho linguístico).</u></p> |
| <p><b>E2:</b> [...] <u>No começo não foi fácil, mas após 9 meses (agora), a comunicação é feita sem problemas (mas ainda um pouco longe da fluência total).</u></p>   |

**E4:** [...] Às vezes o problema é a pronuncia de certas palavras que faz com que os franceses não entendam muito bem, principalmente quando se trata de burocracia (apesar de ser má vontade na maioria das vezes).

**E5:** [...] A principal dificuldade na minha opinião é falar o tempo todo, é cansativo, pois é uma língua cheia de sutilezas e é fácil cometer erros se você não presta muita atenção. Manter o sotaque o mais próximo possível do francês (sem interferências do sotaque brasileiro) também é difícil depois de dias de 10 horas de aula, por exemplo.

A partir das respostas destacadas anteriormente, notamos a constante necessidade de lidar com a língua francesa e que o contexto e as exigências acadêmicas são as principais dificuldades. Estas informações, portanto, remetem à categoria de representações de aprendizagem. Além de ser a língua comum nas disciplinas acadêmicas e nos ambientes sociais, os estudantes continuam, obrigatoriamente, estudando francês de duas a quatro horas semanais, com turmas de estrangeiros, em níveis avançados. Esses cursos abordam desde produção escrita e cultura francesa até escrita profissional e técnica para fins universitários, para escrever documentos para os estágios em engenharia, por exemplo. Fora das aulas, os alunos geralmente dizem que não estudam a língua, mas compreendemos que o fato de estarem imersos na língua e na cultura do país propicia, também, o desenvolvimento da língua como ferramenta de comunicação.

Além do francês, um dos estudantes revela ter tentado estudar mais a língua inglesa paralelamente e justifica: “uma vez que considero esta mais importante que a língua francesa” (P5, E3). De fato, o inglês ocupa um espaço de extrema importância para o cenário de trocas internacionais, como uma língua considerada "universal" em termos de transações políticas no nosso cenário atual. Contudo, o que se revela é que os ambientes são plurilíngues e os estudantes optam entre os idiomas que conhecem de acordo com as necessidades, muitas vezes misturando expressões em seus discursos, como notamos nas próprias respostas escritas aos questionários. Nesse ambiente plurilíngue, os estudantes também encontram a oportunidade de aprender a língua uns com os outros, conforme o seguinte relato:

**P5. Você continua estudando a língua francesa? Onde? Como?**

**E5:** [...] um francês me ensinava francês e eu ensinava português pra ele. Foi muito interessante, só aprendi o que realmente valia a pena para mim e aprendi bastante sobre a cultura. Foi como ter um professor particular à minha disposição.

Em seus estudos universitários, os estudantes mencionam que recebem apostilas e *slides* com os conteúdos resumidos das disciplinas cursadas. Argumentam que isso ocorre com frequência, mas eles julgam que esses recursos são “limitados” porque seus conteúdos são resumidos, por isso preferem pegar materiais que conhecem nas bibliotecas físicas e virtuais, por trazerem explicações mais completas. De acordo com eles, essas bibliotecas possuem acervos enormes, mas carecem de publicações em inglês, segundo os alunos, que sentem faltam desse tipo de publicação, presente nas bibliotecas da USP no Brasil:

**P6. Em seus estudos universitários, a quais materiais você tem acesso? (Livros, documentos de áudio/vídeo, internet, Cd-Rom, jornais, apostilas, revistas especializadas). Você navega em sites franceses? Quais? Por quê? Com que objetivo?**

**E1:** [...] O acervo é enorme e inclui todo tipo de mídia (jornais, artigos, livros...). Para mim, especificamente, o que acaba faltando são algumas obras em inglês (é uma política nacional). Utilizo todo dia sites em francês [...] Por vezes, o francês mostrou-se mais eficiente que o inglês nessa última área.

**E4:** Temos acesso a todos os exemplos na midiateca e também ganhamos um resumo das matérias numa brochura. Gosto muito de ler as notícias francesas [...]

O E1 afirma que se trata de uma “política nacional” de dar mais espaço às publicações francesas. Eles também têm acesso à midiateca e navegam em *sites* franceses para se manter atualizados, dentre os quais eles mencionam muitos periódicos eletrônicos que gostam de ler, como *Nouvel Obs*, *Le Monde*, *Alternatives Économiques*, ou aqueles de ordem prática, como os de transporte (trens, ônibus, aviões), ou de compras como Amazon.fr, SNCF, RTM, ou das organizações francesas, como de agências de águas, os ministérios, ligados às questões políticas. Destacamos uma afirmação de um dos participantes:

**E5:** Tenho acesso a todos os documentos mencionados. Navego principalmente nos *sites* das organizações francesas [...] Tudo isso porque meu curso é muito conectado a questões políticas e governamentais (os franceses formados lá recebem uma noção básica dos assuntos para depois se tornarem os grandes chefes).

Assim, observamos que, para além do interesse pessoal por esses assuntos, há uma visão profissional para o conhecimento das questões políticas transmitidas pela mídia virtual para aplicar às suas carreiras. Os estudantes, durante o período de provas, se focam mais nas leituras técnicas, mas em outros momentos buscam livros e revistas em francês ou em inglês para se distraírem e se informarem.

Nos estudos universitários, o contato entre os estudantes brasileiros e franceses aparece como um ponto de divergência em alguns relatos. Num ponto de vista mais objetivo, acham “os franceses pouco práticos. Eles calculam bem, mas têm certa dificuldade para resolver problemas de modo geral” (P7, E4) e que “são rápidos para agir (e.g. se precisa fazer uma apresentação, ela estará pronta em 30 minutos, o que, no Brasil [...], seria 1h de discussão filosófica sobre se a apresentação é realmente necessária e sobre quem ficará com menos trabalho)” (P7, E1), mas esse mesmo estudante afirma que a falta de maturidade dos franceses atrapalha o andamento dos trabalhos em grupo, porque eles “não fazem planejamento” e “não respeitam nenhum prazo”, lembrando que são estudantes de engenharia e muitas das questões ligadas a essa área aparecem como um fator decisivo nas relações.

Sob outro ponto de vista, destacamos a resposta do E2:

**P7. Na universidade, você faz trabalhos com os franceses? Você poderia descrever esta experiência e relatar suas impressões?**

**E2:** Todos os trabalhos que fiz até agora foi com os franceses. Acho que aqui eles têm uma cultura de maior valorização da educação e do curso oferecido pela escola, então frequentemente os trabalhos em grupo têm resultados mais relevantes. Acho que a diferença de base que temos (o sistema de educação de base francês é completamente diferente, teórico e muito abstrato e matematizado) faz com que minha forma de trabalhar seja diferente, e que com o tempo aprendi a usar essa diferença de forma que o resultado seja mais completo por causa diferença.

Nota-se uma transformação no modo de pensar deste estudante, que se reflete em seu novo modo de agir, pois ele foi muito perspicaz ao usar a diferença para somar conhecimento, para aprender algo novo. Também notamos o cruzamento entre representações culturais (“os franceses valorizam a educação”), representações acadêmicas (sobre o “sistema de educação de base francês”) e representações de aprendizagem (a forma do estudante trabalhar se modificou e garantiu um resultado mais completo, por causa da diferença).

A partir das respostas analisadas até agora, podemos afirmar que todos os participantes acreditam que a formação no Brasil não deixa a desejar, e que os resultados revelam o bom desempenho dos estudantes estrangeiros. Ou seja, não encontraram grandes problemas em acompanhar o conteúdo das aulas, pois tiveram uma boa base em sua formação no Brasil. A diferença que sentem é no modo de operar os trabalhos em grupo e na relação interpessoal. Segundo um aluno, “é uma experiência bem interessante, pois

eles [os franceses] não seguem os mesmos caminhos que os brasileiros (ou alemães, ou os chineses) quando precisam atacar algum problema” (P7, E1), o que colabora muito para um aprendizado com múltiplos olhares sobre como resolver um problema e também respeitando as diferenças, repensando certos paradigmas. O próprio estudante afirmou que foi uma experiência muito interessante, pois ele aprendeu a utilizar outros caminhos para “atacar um problema” quando entrou em contato com o modo de pensar dos franceses, alemães e chineses, o que no leva a crer que esta descoberta do estudante, inserida na categoria de representações acadêmicas, está também relacionada à cultura francesa e ao sistema de ensino do país, o qual esse estudante soube assimilar de modo a enriquecer seu repertório de aprendizagem por meio da interação com outras culturas.

O maior desafio apresentado, portanto, era na convivência em sala de aula, além do âmbito dos problemas específicos da área de engenharia. No relato de um dos estudantes, ele conta que fez uma grande amizade com um francês assim que chegou à França e que foi por causa dele que teve logo uma boa impressão dos franceses. Mas, com a partida desse amigo francês para o Brasil para fazer o intercâmbio, ele assume claramente que sofreu “realmente um sentimento de xenofobia na sala de aula” de forma bem explícita. Ele narra o episódio:

**P7. Na universidade, você faz trabalhos com os franceses? Você poderia descrever esta experiência e relatar suas impressões?**

**E3:** [...] um dia o professor viu que uma das duplas de trabalho da sala era eu e outra brasileira e ele pediu diversas vezes para a sala toda para alguém fazer com a gente já que éramos os estrangeiros da sala, entretanto o professor foi realmente ignorado e ninguém fez este trabalho com a gente, inclusive minha amiga brasileira chorou este dia na aula; na outra ocasião eu pedi para uma francesa da sala fazer um trabalho comigo e ela respondeu assim: “A professora não disse que era obrigatório fazer este trabalho com os estrangeiros da sala”, mais uma vez fiz o trabalho com outro estrangeiro. Considero que se eu não tivesse conhecido este francês que me ajudou muito sempre no primeiro semestre minha vida teria sido uma “merda” em questão a relacionamento com franceses na sala de aula, pois havia dias em que eu simplesmente não falava com ninguém na universidade, me sentia realmente um E.T. na aula. [...]

Nesse relato, o estudante brasileiro sente como se fosse atrapalhar ao fazer algum trabalho, pois nunca foi bem acolhido na sala de aula para os grupos de trabalho, “eu me sentia realmente um E.T.”, ele afirmou, havendo dias em que não falava com ninguém da universidade. Ele comparou com sua situação no Brasil, na mesma resposta à pergunta 7:

**E3:** [...] De aluno de alto nível na Poli-USP, onde sempre era convidado para trabalhos devido ao meu desempenho e dedicação ao aluno da sala em que ninguém se interessava absolutamente nada em questão acadêmica, apesar de sempre fazer bons trabalhos. [...]

Um estudante que era considerado um excelente aluno no contexto acadêmico e social no Brasil passa a estar à margem, em contexto similar na França, por uma questão de preconceito vivenciada naquela situação. Contudo, o sistema acadêmico francês, que visa aproximar culturas, ajuda a acabar com essas barreiras, pois o resultado final é bem interessante. O próprio estudante relata:

**E3:** [...] No projeto final deste primeiro ano, quase me emocionei após receber a nota final, pois a nota final era composta pelas parciais de diversas partes do projeto, e as maiores notas do meu grupo foram feitas por mim e as 3 garotas francesas vieram falar comigo e me agradecer dizendo que eu havia feito um trabalho muito bom, inclusive a garota francesa que se negou meses atrás a fazer o trabalho comigo.

Nas três etapas narradas pelo E3, podemos notar diferentes transformações: do prestígio de ser um aluno destacado [na Poli-USP] que conseguiu uma bolsa de estudos para estudar no exterior, passando pela desilusão em se sentir excluído de um sistema, até conseguir superar esta “desilusão” por meio da oportunidade em mostrar suas reais qualidades acadêmicas.

Os relatos expostos até aqui apontam para generalizações sobre os franceses e os brasileiros. Isso nos permite identificar características reais do contato entre as pessoas e perceber que elas não são absolutas e que devem, portanto, ser relativizadas, conforme mencionamos nos itens 2 e 3 do capítulo 1 em relação às interações culturais.

Outro estudante, o E5, conta que os professores costumam sortear os grupos para misturar franceses e estrangeiros, o que propicia contato entre eles e evita segregação, o que julgamos ser muito positivo do ponto de vista da perspectiva intercultural nesse ambiente plurilíngue de ensino-aprendizagem.

**E5:** Sim, os grupos eram sorteados na maioria das vezes, para misturar franceses e estrangeiros. Algumas vezes foi muito difícil, eu entendia muito mais do assunto do que eles (por já ter estudado no Brasil), mas por demorar mais para me expressar muitos não me escutavam, falavam em cima. Passei por muitas situações desagradáveis como essa. Muitos não respeitam nosso ritmo diferente. Mas também existiram casos em que eles foram pacientes e interessados em agregar ao trabalho uma opinião diferente, de uma cultura diferente. As discussões que envolveram as experiências dos estrangeiros sempre foram mais enriquecedoras.

Por mais que o “estrangeiro” achasse que sabia mais do assunto que os demais nativos, por já ter estudado o tema no Brasil, ainda passava por situações desagradáveis e relatou que “as discussões que envolveram as experiências dos estrangeiros sempre foram mais enriquecedoras” (P7, E5), valorizando o contato intercultural.

Todos os estudantes que responderam ao questionário afirmam que há muita diferença entre as aulas na França e no Brasil:

| <b>P8. Existe alguma diferença nas aulas na França em relação ao Brasil?</b>   |
|--|
| <b>E1: Muita.</b> Falando do contexto da Centrale, por um lado, as aulas aqui são muito mais voltadas para o conteúdo teórico/matemático. Brinco com meus colegas que fizemos mecânica dos fluídos sem desenhar um encanamento, pois é tudo pelas fórmulas. É uma perspectiva e um objetivo diferentes, a Ecole busca um ensino generalista. Por outro, temos diversas aulas de “trabalho prático”, muito mais que no Brasil. <u>Consiste em se virar com algum experimento, ou algum programa numérico de engenharia.</u> [...] |
| <b>E2: MUITA</b> [...]   |
| <b>E3: Sim,</b> os professores não utilizam a lousa, dificilmente tomamos notas das coisas, pois eles fornecem as apostilas com as matérias todas resumidas. Por um lado é bom, pois temos toda a matéria arquivada, mas eu sentia um pouco de descaço em relação a muitos alunos da sala que não iam às aulas uma vez que já tinham esta apostila.  |
| <b>E4: Muita.</b> Na França tudo é extremamente teórico e <u>imaginativo</u> . No Brasil somos muito práticos e funcionais.  |
| <b>E5: Sim,</b> as aulas são muuuuito longas e cansativas. [...] Eu nunca fui de faltar nas aulas no Brasil, mas elas eram mais variadas, com aulas práticas, laboratório, aulas de exercício. Aqui muitas vezes as aulas não tem conexão com o que será pedido no trabalho que valida a matéria, o que a deixa mais difícil ainda de acompanhar em certos casos.  |

Notamos que a maioria julga que as aulas na França são muito densas em teoria matemática, com longa duração, chegando a “mais de 3 horas de aulas, sem exemplos práticos ou uso da lousa” (P8, E5), chamando de “aulas imaginativas” (P8, E4). Um dos participantes afirma que as apostilas com resumos das aulas teóricas desestimulam os alunos a irem para as aulas. Eles acham as aulas cansativas e muito teóricas, mas não deixam de ponderar que há também aulas práticas e técnicas, que “consiste em se virar com algum experimento, ou algum programa numérico de engenharia” (P8, E1), ficando ao todo uma carga bem pesada de trabalhos. Eles acham que no Brasil as aulas são mais variadas entre teóricas e práticas, em laboratórios e com resolução de exercícios. Destacamos o exemplo a seguir:



**E2:** MUITA, pelo menos nas aulas que eu tenho, que são muito técnicas. E basicamente isso vem da base das *écoles préparatoires* dos franceses, muito matemática. Não acho que seja a melhor opção, muitas vezes eles acabam tendo cursos de engenharia e temáticas mais práticas em muito pouco tempo (e demasiadamente densos), o que não é muito eficiente pro aprendizado final.

Perguntados sobre como se preparam para as avaliações das matérias, eles responderam citando vários exemplos, inclusive mantendo seus perfis de estudos pessoais já aplicados no Brasil: “preparando-me previamente, estudando e tendo uma ideia do que precisarei fazer” (P9, E1); “faço os trabalhos e acompanho as matérias regularmente, procuro não deixar atrasar nada” (P9, E2); “em casa, estudando e treinando na frente do espelho” (P9, E3). Um aluno evidencia que o desafio de expressar-se na língua francesa em contexto acadêmico também é um dos fatores de dificuldade:

**P9. Como você se prepara para apresentações, trabalhos e tarefas da vida acadêmica?**

**E5:** Sempre fui tímida em apresentações, mesmo em português. Aqui, tento pensar no que eu vou falar, mas sem decorar. Tento dormir melhor do que eu dormia no Brasil, pois os dias são mais cansativos intelectualmente (por causa da língua, não pela dificuldade das matérias). No final, peço sempre ajuda para um francês para revisar os slides ou os textos.

Por meio das respostas, observamos que os participantes não encontram grandes dificuldades em acompanhar os conteúdos das disciplinas. Para um, foi preciso reforçar a base matemática e se aproximar mais da abordagem teórica dos cursos. Para outro, o maior problema foi com o relacionamento entre as pessoas da sala que nunca o acolheram. A maior queixa é quanto à velocidade da fala dos professores nos cursos que exigem um raciocínio matemático, o que implicaria num grande desenvolvimento da compreensão oral. Porém, eles afirmam que "no início, foi necessário um tempo de adaptação" (P10, E1), e "você aprende com o tempo" (P10, E4). A saída encontrada pelos alunos, quando se sentiam “perdidos”, era tentar acompanhar as aulas com anotações já em francês, tanto de vocabulário quanto de expressões e curiosidades, como afirma o E5, que tenta garantir algum tipo de aprendizado, mesmo que não seja sobre engenharia:

**P10. Quais são suas dificuldades para acompanhar as aulas em sua universidade? Como você solucionou os problemas encontrados?**

**E5:** As principais dificuldades são a duração das aulas e os assuntos que algumas vezes não terão utilidade na minha vida profissional futura. Nesses casos, tento anotar as “curiosidades”, tento olhar a aula de outra forma, como que para aprender coisas diferentes do Brasil. Se não consigo me concentrar na aula, tento pelo menos anotar os vocabulários diferentes.

Nos primeiros meses de estadia na França, os estudantes revelam os desafios pessoais em lidar com uma cultura e uma língua que não lhes são ainda tão próximas. Um dos estudantes reconhece que “uma quantidade significativa de tarefas que ocorriam ‘magicamente’ quando morava no Brasil” (P11, E1), como arrumar as tarefas da casa e os produtos para mantê-las, dependia de seu esforço pessoal, considerado por ele um grande aprendizado:

**P11. Nos primeiros meses de sua estada na França, o que você descobriu? O que aprendeu? Cite exemplos.**

**E1:** Nos primeiros meses, descobri uma quantidade significativa de tarefas que ocorriam “magicamente” quando morava no Brasil. Não só o habitual (lavar roupa/quarto/louça, cozinhar), como também montar uma casa com todo o necessário. Quantas e quais panelas? Qual produto de limpeza para o chão? Nesse quesito, o aprendizado pessoal foi considerável. Os primeiros meses também foram o período de adaptação e definição de novas rotinas. Morar sozinho, ter que resolver todos os problemas em um país “estranho” e em uma língua “bárbara” provavelmente foi o que mais marcou nos primeiros meses. Desenvolvi uma nova relação comigo mesmo.

Outro estudante, o E3, também concorda que aprendeu a fazer as tarefas domésticas e a ter uma melhor organização. Também disseram que, com os franceses, aprenderam a aproveitar o momento de descanso e de lazer, sabendo administrar o seu tempo livre, como os finais de semana:

**E3:** Aprendi a fazer as tarefas domésticas e me organizar melhor: horários, tarefas, etc.

**E5:** Descobri como eles dão mais valor para os momentos de descanso e lazer (eles realmente aproveitam o fim de semana). Aprendi dessa forma a administrar melhor o meu tempo, a otimizá-lo para poder viajar no fim de semana e nas semanas de férias. [...]

No entanto, ressaltam os desafios de comunicação devido à língua estrangeira e mencionam alguns estereótipos franceses, como “eles só comem queijo e bebem vinho” (P11, E4), como veremos adiante.

Por meio das respostas dos participantes, percebemos que as questões cotidianas e o fato de estarem longe da família marcam um amadurecimento pessoal importante para eles, ao se tornarem mais independentes e se sentirem mais responsáveis. “Morar sozinho, ter de resolver todos os problemas em um país ‘estranho’ e em uma língua ‘bárbara’ provavelmente foi o que mais marcou nos primeiros meses. Desenvolvi uma nova relação comigo mesmo”

(P11, E1), diz um estudante ao considerar uma descoberta e um aprendizado obtido pelo intercâmbio. O desafio com a língua foi, para outro aluno (E4), um desafio em quase todos os sentidos, tanto no âmbito social quanto no profissional; todavia, eles revelam que conhecer os hábitos dos franceses fez com que entendessem que não se trata de uma "desaprovação" pessoal:

**E2:** Logo que cheguei percebi o desafio que a língua impõe para uma vida tranquila. O fato de não saber a língua fluentemente atrapalha em quase todos os sentidos: social, profissional, etc.. Além disso, a cultura diferente tem como consequência as relações interpessoais diferentes, ao passar do tempo percebi aos poucos como os franceses “funcionam” e passei a entender melhor como conversar, ter amigos, não achar que não querem falar comigo, etc.

Em outro caso, o mesmo estudante que citou o estereótipo do “queijo e vinho”, comentou que os franceses “são bem grossos e têm má vontade se não te conhecem. Se te conhece isso pode mudar... ou não” (P11, E4). Ele relativizou esse aspecto em seu discurso, o que pode ter tido influência de outras experiências positivas que ele teve no país. De qualquer forma, ele parece reconsiderar algumas representações culturais quando sugere que nem todos os franceses são iguais. Outro participante fez uma comparação com o Brasil e afirmou que:

**E5:** [...] Apreendi que não adianta esperar que eles sejam acolhedores ao nível de um brasileiro, que eles têm a sua forma de demonstrar carinho e respeito, bem mais discreta. Descobri que eles não têm toda a malícia do brasileiro no que diz respeito às relações pessoais, achei que elas são mais inocentes aqui. Descobri que eles são muito curiosos para saber mais sobre a cultura brasileira e que eles seguem o noticiário assiduamente, sempre nos questionando sobre as atualidades brasileiras.

Nessa passagem, percebemos que o estudante entende a diversidade cultural e que ela deve ser preservada e respeitada. Ele entende que o diferente pode enriquecer e que devemos estar dispostos a identificar afeto e respeito expressos de formas diferentes da que estamos acostumados. Notam-se certas representações culturais e até estereótipos sobre as culturas, mas que não servem para construção de um preconceito por parte desses estudantes; pelo contrário, ajudam a sintetizar a ideia de pluralidade. No discurso do E4, ele parece brincar com o estereótipo, dizendo que os “franceses só comem queijo e batata e só tomam vinho. Eles, no entanto, são magros. Deve ser o vinho” (P11, E4).

Perguntados se sentem falta do Brasil, a palavra **família** é a que mais aparece em todas as respostas, seguidas dos momentos de lazer com amigos, comida típica brasileira, a

língua, a cultura calorosa e alegre, o clima tropical... Tudo isso é sentido de forma mais intensa nos fins de semana e feriados, pois todos julgam as atividades letivas muito agitadas que apenas substituíram as atividades que tinham no Brasil, com outras preocupações.

**P12. Você sente falta do Brasil? Do que? Por quê?**

**E2:** Sim. Com certeza sinto falta de estar na minha cultura, língua, comida, **família**, amigos, são os pontos positivos que tive que deixar no Brasil para poder vir para cá, mas isso também vale pra quando eu for embora de Paris, vou com certeza sentir falta de muitas coisas daqui (uma quantidade comparável de coisas eu acho). Não tenho certeza pois ainda falta bastante tempo para eu voltar (2 anos e pouco).

**E3:** Sinto muita falta do Brasil. Sinto falta da minha **família**, amigos e uma garota em especial, mas uma coisa que sinto realmente falta é do povo brasileiro, a alegria e a forma aberta e calorosa de ser com qualquer um, independente de origem, raça, condição financeira e tudo mais.

**E4:** Sim. **Família**, amigos e comida. **Família** e amigos estão longe. A comida muda bastante.

**E5:** Sinto falta do calor do povo brasileiro, da minha **família** e da comida (principalmente da carne). Mas adoro morar aqui, a qualidade de vida e a sensação de segurança são incomparáveis.

Alguns participantes revelam também que sentirão falta da França quando partirem, mencionando a qualidade de vida e a sensação de segurança no país. Destacamos a resposta do E1, que revela uma transformação de suas representações culturais acerca da própria cultura e uma reflexão acerca de sua identidade cultural:

**E1:** Pensava, no Brasil, que não sentiria, no geral. Mas sinto. Primeiro, há os detalhes e momentos que, por já estarem no automático, só foram percebidos posteriormente. Algum prato típico, em algum período específico, com pessoas conhecidas (e.g. pizza de domingo com a avó, churrascaria com os tios). Foram trocados por outros momentos aqui, mas acabo sentindo falta (e farei questão de valorizar quando voltar, pois foi apenas a distância que permitiu essa descoberta). [...]

Sobre as principais diferenças e semelhanças entre a França e o Brasil, em todos os aspectos, todos os participantes reconhecem que há muitas diferenças. Nesse ponto, nossos pressupostos teóricos se justificam, pois não faltam exemplos sobre as representações culturais. Todos os estudantes sentem as diferenças e, ao discursarem sobre elas, acabam fazendo-se valer de generalizações que são consequências de suas experiências reais no intercâmbio. Embora haja diferenças, os estudantes também reconhecem proximidades:

**P13. Quais são as principais diferenças e semelhanças entre a França e o Brasil? (em todos os aspectos: relacionamentos, vida acadêmica, vida no país...)**

**E1:** Esse tópico é material para páginas e páginas. *Pour faire simple*, sobre as semelhanças, boa parte da cultura de ambos os países é parecida, ou melhor, não é mutualmente estranha. É completamente diferente quando se chega na França da China e o primeiro choque no país onde a “*table*” é uma instituição sagrada é ter que comer com talheres (caso real de um colega). Os brasileiros e os franceses conversam, em termos culturais, bem mais facilmente. [...]

**E4:** Apesar de tudo somos latinos e a cultura em geral é a mesma. Mas os franceses são bem distantes e mal educados às vezes. Eles não comem muita carne, disso sinto falta. Eles se preocupam muito mais com a aparência e muito menos se estão fedendo ou não (rsrs). Eles têm uma filosofia de que é necessário sair de casa e ir estudar no outro canto do país.

Ou seja, por mais que percebam tais diferenças, o contato com outros estrangeiros mostra-lhes que o choque cultural é mais impactante entre outras nacionalidades, como é o caso de estudantes chineses na França. Para um deles, “somos latinos e a cultural geral é a mesma” (P13, E4). Esse mesmo estudante brinca com um estereótipo francês “Eles se preocupam muito mais com a aparência e muito menos se estão fedendo ou não (rsrs)”, o que não parece influenciar sua opinião em relação à cultura francesa, de maneira geral. Outras semelhanças identificadas consistem no fato de que, em ambos os países, existe o descontentamento político e um sistema burocrático muito grande, por parte das populações:

**E2:** Diferenças: organização, auto confiança (às vezes um pouco a mais), segurança, planejamento, relação mais fria (quando na categoria ‘colegas’)

Semelhanças: descontentamento político, burocracia publica muito grande.

Os participantes também reconhecem que a estrutura acadêmica apresenta diferenças, porém como já comentado, o maior enfretamento é na relação interpessoal. A partir dos dados analisados, podemos afirmar que os franceses, aos olhos destes estudantes brasileiros, são menos extrovertidos, passando uma ideia de “frieza” (P13, E1), seja entre os colegas ou professores. Os alunos brasileiros sentem falta do contato direto e informal com os professores, “discutir abertamente sobre algum tema de interesse, e a recepção dos docentes era, em sua maioria, calorosa [no Brasil]. Já aqui, essa ponte é inexistente” (P13, E1). O estudante relata que tentou conversar com o professor sobre o assunto da disciplina e o professor, segundo ele, se demonstrou indiferente. É algo que “limita o aluno a descobrir novos interesses [...] se eu não tivesse tido o excelente professor de economia que tive na

Poli [USP], aberto à discussão e a fugir do quadrado da aula, eu não teria me aprofundado no tema a ponto de estar me formando aqui em economia também” (P13, E1).

**E3:** Vida acadêmica: Os franceses são mais organizados

Relacionamentos: De longe, os brasileiros sabem se relacionar melhor que os franceses

Vida no país: aqui é mais organizado também, sou de São Paulo, vejo essa diferença no transporte por exemplo, mas também levo em consideração que a cidade de São Paulo é absurdamente maior e mais difícil de administrar do que uma cidade como Toulouse

Um ponto bastante valorizado pelos participantes sobre os franceses, no âmbito acadêmico, é quanto à organização. Eles avaliam que os franceses são mais organizados que os brasileiros, com autoconfiança e segurança. A autoconfiança, por vezes, é avaliada como “superioridade” e “arrogância”, talvez pela maneira como eles se comunicam. Se, no ponto de vista destes estudantes, “os brasileiros sabem se relacionar melhor que os franceses” (P13, E3), estes por vezes são entendidos como “distantes e mal-educados”, sendo mais “individualistas” e menos “maliciosos”, se comparados aos brasileiros, de acordo com E5:

**E5:** Os franceses são mais individualistas e um pouco mais frios que os brasileiros. São menos maliciosos. Aproveitam melhor os momentos de descanso (talvez também por que o poder de compra das pessoas aqui é bem maior). [...]

No que se refere à experiência no país estrangeiro, observamos, pelas respostas a seguir, que todos os participantes consideram uma experiência muito positiva:

**P14. De modo geral, qual sua opinião sobre a experiência na França? Descreva e explique.**

**E1:** De maneira geral, minha experiência até aqui foi muito positiva. Permitiu-me descobrir os franceses, os brasileiros (onde mais para encontrar cariocas, gaúchos, baianos, cearenses...), a Europa (com os estrangeiros aqui e as viagens) e a mim mesmo, tudo isso enquanto fazia-me abrir o leque da engenharia. Como no Brasil eu estudo engenharia mecânica, e já no terceiro ano a especialização na área é forte, o ensino aqui permitiu que eu desenvolvesse outras perspectivas da engenharia (inclusive o lado matemático de tudo) e de assuntos correlatos, como gestão e economia.

**E2:** Minha experiência na França é uma experiência muito enriquecedora no quesito cultural e também para a minha formação. Sinto que vim para o país de língua latina que mais difere da minha cultura (brasileira), por diversas razões: culturais, históricas, geográficas, etc.. Me sinto crescendo e aprendendo a ser parte de uma ‘categoria diferente’ no meio da maioria, o que muitas vezes pode ser complicado.

**E3:** Apesar de muitos problemas que tive, acredito que está sendo uma experiência fantástica, pois estou crescendo como homem, aprendendo uma nova língua e de uma forma ou de outra aprendendo a “me virar” em um ambiente adverso. Tenho viajado também quando possível e conhecido lugares lindos e outros povos bem interessantes.

**E4:** É um país muito burocrático e ineficiente. Tudo demora, tudo é por carta e nada é simplificado. Mas isso parece funcionar. Os franceses são bem grossos mesmo entre amigos próximos, mas acho que é uma questão de se habituar mesmo. Acho um país bem misturado, com diversas culturas misturadas, mesmo que às vezes não muito aceitas. É um bom lugar para se morar.

**E5:** Adoro viver aqui e recomendo. Descobri uma nova cultura e aprendi a viver no meio dela. Sinto como se tivesse vivido 5 anos dentro desse quase um ano que passei aqui. Já conheci 15 países diferentes, cada um com sua história e seus costumes. Tudo isso parecia tão longe quando estava no Brasil... É incrível ver muitas das coisas que estudamos na escola de perto e descobrir muito mais sobre elas. Aprendi nesse período a experimentar de tudo, a ser aberta a todo tipo de gente diferente.

O intercâmbio, para eles, é uma forma não só de conhecer os franceses, mas a si próprios, como brasileiros, bem como pessoas de outras regiões do Brasil e outros europeus, além de abrir grandes perspectivas em suas respectivas áreas da engenharia. Como pudemos observar, eles consideram também um enriquecimento cultural e um crescimento pessoal, aprendendo uma nova língua e uma nova forma de viver e de pensar, conhecendo novos lugares: uma “experiência fantástica”, um “bom lugar para morar”, onde adoram viver. Ainda que considerem um país burocrático, às vezes interpretando os franceses como “grosseiros” mesmo entre amigos próximos, eles acreditam que é possível se habituar e aproveitar a experiência.

A propósito das instituições de ensino em que os participantes estão, eles reconhecem os seus aspectos de excelência, e todas as instituições são bem-conceituadas internacionalmente pelos *rankings* em suas áreas de estudo em engenharia. Por meio das respostas, depreendemos que os participantes consideram que suas formações oferecem uma possibilidade de “ascensão” social e econômica. Destacamos a resposta de um estudante que explica a distinção entre as *Écoles* e as *Universités*:

**P15. Quais palavras você associaria a “universidade francesa” ou “École Polytechnique”? Cite 3 e explique.**

**E4:** Matemática, matrizes e *École*. As duas primeiras vêm do fato de que tudo aqui se complica e se resolve (ou não) com matrizes e matemática avançada desnecessária. A segunda faz a diferença das *Écoles* de engenharia e das universidades. As *Écoles* são uma continuação do Ensino Médio. Os alunos não tiveram o impacto, o choque de entrar numa grande universidade, com pessoas diferentes, com pensamentos e filosofias completamente opostos e ao mesmo tempo complementares. Os alunos das *Écoles* tem uma mentalidade bem mais infantil do que os das universidades.

A despeito dessa distinção apontada pelo E4, as demais palavras citadas pelos alunos nas respostas da pergunta 15 possuem, em sua maioria, uma conotação positiva: teoria,

abertura, aula, excelência, confiança, organização, trabalhos, aprendizado, matemática, matrizes, *École*, tradição, sonho e generalização, conforme vemos a seguir:

|  |
|--|
| <p><b>E1: Teoria, abertura e aula.</b> Teoria pela abordagem preferida do ensino, abertura pela quantidade enorme de possibilidades a seguir e aula pela carga horária inigualável.</p>  |
| <p><b>E2: Excelência de educação:</b> de fato a educação de base dos franceses é superior à dos brasileiros, são muito, muito poucos os brasileiros que têm acesso a uma educação comparável à francesa.<br/> <b>Excesso de confiança (superioridade):</b> muitas vezes estudantes das <i>grandes écoles</i>, e principalmente da <i>École Polytechnique</i> são bastante arrogantes e vivem numa ilusão que serão necessariamente ricos e superiores. O sistema francês favorece isso, é realmente muito difícil de um <i>Polytechnicien</i> não acabar num bom posto, enquanto que em outros países (como o Brasil), a meritocracia é (normalmente) a base do posicionamento profissional dos engenheiros.</p> |
| <p><b>E3: Organização, muitos trabalhos, aprendizado.</b></p>  |
| <p><b>E5: Universidade francesa: tradição, sonho, generalização.</b> São todas tradicionais, a minha universidade foi criada em 1747... Generalização, pois elas não são tão específicas como no Brasil, abrangem os mais diversos temas e nos formam também como pessoas.</p>   |

Sobre o ambiente universitário em que estudam, os participantes afirmam que se sentem “familiarizados”, mesmo sentindo as diferenças em relação à Poli-USP. Como na França as *Écoles Centrales d’Ingénierie* são separadas das *Universités*, os estudantes acentuam que a diferença de investimento financeiro privado nas primeiras é bem maior do que nas segundas, que recebem mais estudantes e menos investimento. E com isso, a imagem que se tem dos estudantes das *Écoles* é de muito mais prestígio, e uma expectativa maior quanto ao sucesso profissional depois de formados. Um participante avalia que um diploma como esses que eles terão “abre muitas portas” (P16, E5) e que não sabia que isso era tão forte na França. Outro estudante também comenta essa distinção entre *Grande École* e *Université*:

|  |
|--|
| <p><b>P16. Você está familiarizado com o contexto universitário no qual está inserido? O que você descobriu na França sobre a universidade onde está estudando? Como obteve as informações?</b></p>  |
| <p><b>E1:</b> Acredito que estou familiarizado com o contexto universitário daqui. <u>O mais marcante é a distinção “Grandes Ecoles X Université”</u>, de um lado um ensino muito valorizado, que recebe enormes investimentos e bastante privilegiado e, de outro, um ensino que chega a ser malvisto (e digo baseado no que ouvi dos <i>centraliens</i> daqui sobre as <i>Universités</i> e na comparação com o ambiente da <i>Université Lyon 2</i>, onde faço economia). Sequer o Master na <i>Université</i> é garantia de emprego hoje na França. Tal fato acaba criando uma espécie de “bolha” ao redor dos alunos. A mistura da universidade brasileira (mesmo com todas as críticas dos “çábios” sobre o elitismo do nosso ensino) cria um ambiente completamente diferente (e, diria, melhor).</p> |



Os alunos, em seus discursos, usam os termos “Centrales” e “centraliens” para fazer referências às *Écoles* em que estudam e aos seus estudantes, de maneira positiva. Segundo esse mesmo aluno, a diversidade que existe no ensino superior brasileiro, sem distinguir esses dois tipos de ensino e formação, cria um ambiente menos elitista.

Todos os alunos entrevistados estão certos de que conhecer aspectos da cultura francesa antes de estudar no país é fundamental:

| <b>P18. Você considera importante conhecer aspectos da cultura francesa antes de estudar no país? Por quê?</b>  |
|---|
| <b>E1:</b> <u>Sem dúvida</u> . Conhecer o país, sua população e sua cultura permitem um relacionamento muito mais fácil e uma experiência mais proveitosa. O exato oposto ocorreu, no que vivenciei, com alguns estudantes chineses, que pediam aos familiares que enviassem comida da China para a semana. Conhecer a priori permite uma melhor adaptação. |
| <b>E2:</b> <u>Acho importante</u> , mas acho que aprendi efetivamente na prática.   |
| <b>E3:</b> <u>Acredito que sim</u> , eu não achei que eles eram um povo tão fechado aos estrangeiros como eles são.   |
| <b>E4:</b> <u>Sim</u> . Porque mesmo conhecendo vc já tem vários choques culturais. Principalmente quando vc descobre que tirar a roupa e sair correndo pelado pelo campus é normal, coisa do dia a dia. Ainda isso é bem importante para entender melhor as conversas dos franceses.   |
| <b>E5:</b> <u>Sim</u> , para que o choque cultural seja um pouco menor e também para instigar a curiosidade de conhecê-la.  |

Eles enfatizam, sobretudo, o “choque cultural”, como os exemplos que foram dados anteriormente, como “eu não sabia que eles eram um povo tão fechado aos estrangeiros como eles são” (P18, E3). Observamos nesse exemplo uma representação cultural que se cristaliza em forma de estereótipo para esse aluno, embora possa ser relativizado em outros casos. Outro estudante, contrariamente, comenta a surpresa que teve: “Principalmente quando você descobre que tirar a roupa e sair correndo pelado pelo campus é normal, coisa do dia a dia” (P18, E4). Nesse caso, uma vivência circunstancial do ambiente estudantil, daquela instituição de uma determinada região, fez com que o aluno tivesse essa impressão ao falar da representação cultural que tem da França. Trata-se de outro exemplo de representação baseada em uma experiência real. No entanto, ao confrontar as duas visões, é necessário considerar que nenhuma é falsa e não se anulam, elas convivem. Por isso, como expusemos no capítulo 1, o papel do professor no âmbito da abordagem intercultural é apresentar aos alunos diversas representações culturais e estereótipos a fim de que eles possam enxergar as diferentes características de uma – ou mais – cultura(s). E além de

amenizar o choque cultural, uma aluna diz que conhecer previamente alguns aspectos da cultura serve “também para instigar a curiosidade de conhecê-la [a cultura do país]” (P18, E5).

As palavras que representam a França para esses alunos, quando indagados na pergunta 19 (*Quais palavras você associa à França? Explique.*), são “viver, comer/beber, abertura, diferenças”; “*savoir vivre*, especialidades, gastronomia, educação (no sentido do ensino), confiança e nacionalismo”; “país lindo, povo fechado, organizados, cultura linda”; “queijo, vinho, burocracia”; “sonho, realização, determinação, qualidade de vida”. Notamos que nesse repertório lexical, quase todas as expressões são positivas, exceto “povo fechado” e “burocracia”. Sobre esta última, o aluno justifica: “porque tudo o que você precisa fazer é muito difícil e ineficiente aqui” (P19, E4) e sobre ser um povo fechado, notamos nos parênteses que o aluno coloca na frente da palavra “educação (no sentido do ensino)”, pois certamente, conforme lemos ao longo dessa pesquisa, essa imagem de “povo fechado” está ligada, muitas vezes, a uma de “povo mal-educado”, no sentido de serem grosseiros, arrogantes e frios, muito embora todos reconhecem a afetividade que existe “após a confiança”, que também está listada entre as palavras que eles têm de representação cultural da França.

Notamos, também, que os participantes revelam o aspecto sociável do francês relacionado às expressões sobre alimentação (comer, beber, gastronomia, queijo, vinho) ou sobre a estrutura social (viver, diferenças, *savoir vivre*, organização, país lindo, cultura linda, confiança, qualidade de vida), ou ainda sobre as oportunidades de trabalho e a possibilidade de um futuro bem-sucedido (abertura, especialidades, educação (no sentido do ensino), nacionalismo, sonho, realização, determinação). Destacamos a resposta de um aluno que explica o significado atribuído às palavras que ele associou:

**P19. Quais palavras você associa à FRANÇA? Explique.**

**E1:** [...] **Viver**, pois meu tempo aqui me permitiu um grande autodesenvolvimento e também vivenciar situações muito diferentes daquelas às quais estava habituado. **Comer/beber** pois é um ritual sagrado neste país (ainda mais em Lyon, capital gastronômica). **Abertura e diferenças** pelas novas experiências e perspectivas.

A propósito dessas expectativas, há o desejo de continuar se transformando positivamente por meio do intercâmbio, aperfeiçoando conhecimentos, especializando-se

nos temas que lhes agradam mais. Em resposta à última pergunta: “P20. O que você espera do intercâmbio?”, eles ponderam tanto a “abertura profissional” quanto o “crescimento pessoal”, acreditando numa maturidade e preparo para a vida de modo geral. Eles esperam encontrar um “mercado favorável” quando voltarem para o Brasil, além de “ter muitas histórias para contar”. Há, neles, um desejo de conhecer novas culturas, superar novas barreiras e conquistar o reconhecimento profissional. Contudo, uma fala de um aluno talvez sintetize não somente o que todos os demais almejam, mas também o que esta pesquisa objetiva: “Uma capacidade de aceitar o outro como ele é e de poder mudar, se aceitar sendo inserido numa nova cultura. De respeitá-la” (P20, E5).

## 2. A comparação: confrontando representações

Uma vez apresentadas e interpretadas, passaremos agora à comparação explícita entre as duas etapas das respostas fornecidas pelos alunos, com o objetivo de destacar as principais diferenças e semelhanças entre o *antes* e o *depois* desta experiência de mobilidade estudantil para os participantes.

As perguntas 15 a 20 do questionário da segunda fase são exatamente iguais às perguntas realizadas na primeira fase da coleta de dados, durante a entrevista semiestruturada. Selecionamos estas perguntas para ficarem iguais justamente para que possamos comparar as respostas das duas fases de maneira mais objetiva, por isso, elas serão retomadas neste item.

Sendo assim, com base nas categorias já definidas, consideramos em nossa análise não a resposta individual de cada participante, mas sim o conjunto das imagens construídas e reveladas por todos os estudantes, ou seja, das representações do grupo, entendido como o coletivo dos participantes. Por mais que eles não tenham ainda finalizado o programa de intercâmbio, que tem duração mínima de dois anos, vimos que o período de seis a oito meses – o equivalente a um semestre acadêmico completo na instituição francesa de ensino superior – teve uma influência significativa na vida desses estudantes.

## DAS REPRESENTAÇÕES DA APRENDIZAGEM

- **Expectativas sobre o intercâmbio**

Antes da mobilidade estudantil, como já mencionamos no item 1.1 deste capítulo, os estudantes tinham muitas expectativas pessoais, profissionais e acadêmicas. Eles relataram que faziam projeções para a vida e para o futuro e, sobretudo, no âmbito pessoal, há um valor de extrema importância atribuído a esta experiência. Eles esperavam amadurecer, crescer, aprender a enfrentar novos desafios, conseguir ficar longe da família e das comodidades que tinham em casa, saber tomar decisões sozinhos, conhecer novas pessoas e interagir com elas, na língua francesa, conhecendo e respeitando as diferenças culturais dos estrangeiros. Os alunos se mostraram ansiosos por uma aprendizagem completa, nos mais diferentes sentidos, mesmo que isso não estivesse ainda totalmente claro, como um deles afirmou: “eu não tenho certeza do que vai acontecer, mas acho que essa experiência vai consolidar o que eu vou ser no futuro.” (P8, E6, primeira fase).

Depois dos primeiros seis meses da mobilidade, eles afirmam que querem “continuar se surpreendendo positivamente” e, principalmente, ter boas oportunidades no mercado de trabalho. Do ponto de vista pessoal, alguns ainda manifestaram o desejo de “agregar conhecimento pessoal e cultural”, com destaque para o relato de um dos alunos sobre a expectativa para o final do intercâmbio: “Acabarei o intercâmbio com uma cabeça e maturidade completamente diferentes, pronto para ‘viver’” (P20, E2, segunda fase).

De modo geral, percebemos que as expectativas de todos eles em relação à experiência de intercâmbio eram muito amplas e não se restringiam apenas ao viés acadêmico. Além do conhecimento fornecido pelo curso e pelos professores, eles almejavam um amadurecimento pessoal por meio da vivência em um país cuja cultura é diferente da deles, cuja “nova” realidade exigiria adaptação, enfrentamento de barreiras e superação de limites. Ao confrontar as respostas das duas etapas, vimos que algumas se repetiram em relação à primeira fase, o que nos leva a crer que, neste quesito, as expectativas foram atendidas. Outras respostas, no entanto, foram completamente diferentes, seja para o lado positivo ou negativo em relação à resposta fornecida na primeira etapa, antes de viajar para o país estrangeiro.

## DAS REPRESENTAÇÕES CULTURAIS

- **Sobre conhecer aspectos da cultura francesa antes de estudar no país**

Antes da mobilidade, a resposta para a pergunta “Você considera importante conhecer aspectos da cultura francesa antes de viajar para o país?” foi unânime: “sim”, com a ressalva de um único aluno que ficou em dúvida se era importante, pois talvez conhecer a língua fosse o suficiente. Todos os demais consideraram muito importante conhecer aspectos da cultura do país antes de viajar para lá.

Depois: a resposta continuou a mesma – “sim”, continuam considerando importante, mas as respostas foram menos enfáticas. Eles disseram que o conhecimento real é adquirido na prática, com a própria vivência, e acabaram fazendo descobertas novas, por exemplo, “os franceses são bem fechados aos estrangeiros”.

- **Palavras associadas à França**

Antes da mobilidade, as palavras associadas foram: “cinema”, “arte”, “beleza”, “sonho”, “cultura”, “desenvolvimento”, “história”, “grande importância cultural, histórica e acadêmica”. Palavras mais abstratas e que fazem parte do senso comum, todas de conotação positiva.

Depois de vivenciarem a realidade, algumas palavras se mantiveram as mesmas, como “sonho”, “beleza” e “cultura”, mas outras palavras associadas foram mais objetivas e relacionadas à experiência pessoal deles, como “gastronomia”, “queijos e vinhos”, “qualidade de vida”, “*savoir vivre*”, “burocracia”, “organização”, “nacionalismo”, “povo fechado”. Nesta fase, apareceram algumas palavras de conotação negativa. Além de “povo fechado”, um dos estudantes justificou a “burocracia”: “Burocracia porque tudo o que você precisa fazer é muito mais difícil e ineficiente aqui [na França].” (P19, E4, segunda fase).

## DAS REPRESENTAÇÕES ACADÊMICAS

Antes da mobilidade, as palavras associadas a “universidade francesa”, “*École Polytechnique*” ou ao estabelecimento de ensino francês de cada aluno, foram: “excelência”, “sonho”, “duplo diploma”, “renome mundial”, “tradição”, “referência”, “teoria”, “qualidade”, “rigidez”, “oportunidade”, “experiência”, “conhecimento”, “futuro”, “dificuldade”, “sucesso”, “conquista”, “aventura”, “formação” e “desenvolvimento”. Palavras que, sem sua maioria, possuem uma conotação positiva e representam o imaginário desses estudantes brasileiros sobre aspectos da cultura francesa.

Depois dos primeiros seis meses da mobilidade, as palavras associadas foram: “teoria”, “abertura (possibilidades)”, “aula (carga horária)”, “excelência no ensino”, “arrogância”, “organização”, “muitos trabalhos”, “aprendizado”, “matemática”, “matrizes”, “imaturidade”, “tradição”, “sonho”, “generalização”, “qualidade”, “preponderância”, “elitista”, “prestígio”, “respeito”, “diversidade” e “diferenciação”. Desta vez, depois de vivenciarem a realidade do contexto universitário do país, as palavras associadas foram diferentes e nem todas possuem uma conotação positiva. Apenas um dos participantes mencionou “sonho” e “tradição”, enquanto essas palavras haviam sido mencionadas por quase todos eles antes da mobilidade. Agora, eles relacionam palavras essencialmente ligadas ao contexto acadêmico, pois tiveram muitas aulas, teorias e trabalhos durante o primeiro semestre. Alguns revelaram que a carga horária era excessiva e que a utilização de matrizes e matemática avançada era feita de forma desnecessária. Também mencionaram a arrogância e a imaturidade dos franceses recém-saídos do “Ensino Médio francês”, que por estudarem em uma Grande Escola de Engenharia, “vivem numa ilusão de que serão necessariamente ricos e superiores” (P15, E2, segunda fase)<sup>124</sup>.

Sobre o contexto universitário das grandes escolas de engenharia da França e sobre a instituição de destino, antes da mobilidade, os alunos afirmaram que já estavam familiarizados com o contexto universitário, ou que estavam buscando um meio de se familiarizar, conhecer e aprender sobre a instituição e o contexto de ensino antes de ir para a França, justamente para “não chegar lá e levar um choque” (P2, E2, primeira fase)<sup>125</sup>.

<sup>124</sup> Resposta do “Estudante 2” para a “Pergunta 15” do Questionário da segunda fase.

<sup>125</sup> Resposta do “Estudante 2” para a “Pergunta 2” do Roteiro da Entrevista semiestruturada da primeira fase.

Na segunda fase, as respostas também foram afirmativas (eles estão, sim, familiarizados com o contexto), mas eles revelaram novas descobertas, como a distinção entre as *Écoles* e as *Universités*. As Grandes Escolas são mais valorizadas e recebem maiores investimentos orçamentários, o que lhes atribui maior prestígio entre os franceses e no mercado de trabalho, enquanto as Universidades são “mal-vistas” e seu diploma não é garantia de emprego na França. Um dos alunos apontou este fato como uma característica negativa da França em relação ao Brasil, pois o ambiente da universidade brasileira é mais eclético e melhor, na opinião dele (P16, E5, segunda fase).

Sendo assim, como eles não demonstraram enfrentar grandes dificuldades, podemos depreender que eles tiveram uma boa preparação sobre o contexto universitário, seja por intermédio da Poli-USP, do contato com os outros estudantes que já participaram do intercâmbio e, também, por meio das aulas do CFI-Poli *Mobilité France*. Alguns alunos, mais engajados, também utilizaram redes sociais e outras mídias para ter acesso a fontes francesas, como a rádio *RFI* e o jornal *Le Figaro* (P2, E6, primeira fase).

Em suma, apesar de situações e descobertas desagradáveis, como arrogância e imaturidade dos franceses, o elitismo das Grandes Escolas em relação às Universidades, e um episódio de xenofobia relatado por um dos participantes, eles continuam considerando a experiência do intercâmbio, de maneira geral, como uma vivência positiva e de extrema importância para sua formação pessoal, acadêmica e profissional, mas suas expectativas para o término do intercâmbio parecem ser menos idealizadas, já que enfrentaram uma realidade que traz dados novos para as expectativas deles. Se antes eles destacavam informações mais gerais, como “o intercâmbio será o ponto alto da minha vida”, agora as expectativas parecem estar mais restritas ao campo profissional e acadêmico, porque todos eles salientam o desejo do crescimento profissional e de “abertura de portas no mercado de trabalho brasileiro”.

Ou seja, os participantes mostraram que esta experiência confirmou algumas representações que eles já tinham e ainda incorporou novos conhecimentos. De acordo com nossa hipótese desenvolvida nesta dissertação, tais representações estavam próximas da realidade porque, além da vivência pessoal de cada um dos participantes, eles tiveram um preparo acadêmico para o enfrentamento dessa experiência, que foi, sobretudo, através do



curso CFI-Poli, módulo *Mobilité France*, cuja metodologia é embasada na abordagem intercultural.

A maturidade que eles estão adquirindo por meio do contato com o outro e da interação com uma cultura estrangeira é fruto do entendimento da relativização das culturas, do respeito à diversidade cultural e da consciência adquirida no âmbito da abordagem intercultural, que, conforme citamos na Introdução deste trabalho, “leva o estudante a efetuar uma aprendizagem que se volta para o Outro, mas, antes de tudo, se volta sobre ele mesmo” (WINDMÜLLER, 2011)<sup>126</sup>.

---

<sup>126</sup> Tradução nossa. Texto original: *[La démarche interculturelle] amène l'apprenant à effectuer un apprentissage qui se dirige vers l'Autre, mais avant tout vers lui-même.*

## Considerações Finais

---

*Ainsi, autrui est d'abord pour moi l'être pour qui **je suis** objet<sup>127</sup>*

(Jean-Paul Sartre)

A experiência de mobilidade estudantil internacional é muito valorizada no contexto universitário dos dias de hoje. Presume-se que, por meio dela, haverá algum tipo de impacto na vida do estudante que realizar esta experiência. Ou seja, podemos afirmar que, com base nos dados obtidos nesta pesquisa, existe uma representação social sobre o intercâmbio estudantil que se traduz em “aprendizado”. Porém, vimos também que tal experiência tem um significado muito mais complexo e um amplo conjunto de representações pode ser atribuído a ela, dependendo do modo como se enxerga a cultura do outro e como se dá a interação no contexto estrangeiro.

A comparação entre as respostas dos participantes nos permitiu perceber que houve, sim, um impacto significativo da experiência de intercâmbio na vida deles. Algumas representações que eles tinham sobre a França, de modo geral, e representações que outrora denominamos como “culturais”, “acadêmicas” e “de aprendizagem” se confirmaram quando os alunos vivenciaram a realidade de uma cultura diferente. Por outro lado, eles também revelaram surpresas e descobertas completamente novas, as quais eles jamais teriam imaginado se não tivessem vivenciado essa experiência. Esta pesquisa, além de apresentar os dados coletados com os estudantes deste contexto, relata experiências de vida, relata memórias e até mesmo intimidades, como quando muitos dos estudantes entrevistados evidenciaram como principal dificuldade na França não necessariamente a diferença da língua, mas a saudade da família e o receio do “choque cultural”.

---

<sup>127</sup> Assim, o outro é primeiro para mim o ser para quem **eu sou** o objeto. SARTRE, Jean-Paul. *L'être et le néant*. Paris: Gallimard, 1943, p. 317.

Alcançamos resultados que nos permitiram comparar algumas representações que estes estudantes tinham antes e depois de um semestre desta vivência de mobilidade estudantil. Como a expectativa deles era muito alta, era esperado que eles tivessem alguns desapontamentos, como ocorreu no caso da primeira impressão que eles tiveram com os franceses, que, na visão de alguns participantes, pareciam ser muito imaturos para um curso universitário de engenharia e para o relacionamento com estrangeiros. Entretanto, de maneira geral, eles não enfrentaram grandes problemas ou acontecimentos traumáticos, pois já estavam “preparados” para o desconhecido, para lidar com o inesperado, e estavam abertos a se adaptarem a um novo contexto, a uma nova realidade, por mais diferente, inusitada e desafiante que pudesse ser.

Acerca da metodologia de pesquisa, concluímos que tais observações e análises acerca do discurso dos participantes só foram possíveis porque a pesquisa tem caráter qualitativo e fundamentalmente interpretativo, conforme mencionado no capítulo 2. A escolha dos instrumentos de coleta utilizados nesta pesquisa, embora justificados e fundamentados no capítulo de metodologia, apresentou aspectos positivos e negativos durante a organização dos dados para análise. A entrevista semiestruturada mostrou-se mais eficaz do que o questionário quando o pré-teste foi aplicado, pois além de extrair respostas mais completas dos participantes, permitia uma flexibilidade em relação ao roteiro de perguntas pré-estabelecido, o que atribuiu um caráter muito particular a cada uma das entrevistas. Na primeira etapa da coleta, não foram feitas exatamente as mesmas perguntas para todos os alunos e, como eles se sentiam muito à vontade para falar livremente sobre o assunto durante um longo período, eles acabavam respondendo mais de uma pergunta em uma única fala. Isso dificultou bastante o agrupamento das respostas e a criação de categorias para que pudéssemos fazer a comparação posterior. Na segunda etapa da coleta, que teve que ser realizada por meio de questionário devido à distância física dos alunos, as respostas foram mais objetivas e organizadas, o que facilitou a nossa análise.

Em relação à didática das línguas e ao ensino-aprendizagem do FLE, concluímos que as representações sociais e culturais e os estereótipos podem influenciar as relações sociais dos estudantes no contexto acadêmico, por isso tais questões demandam reflexão nos cursos de língua francesa preparatórios para mobilidade estudantil. Entendemos que, no contexto desta pesquisa, as imagens projetadas sobre a França foram mais positivas do que

negativas. Ou seja, podemos confirmar a hipótese de Castellotti & Moore (2002) de que uma visão positiva acerca do país estrangeiro corresponde à visão de uma aprendizagem fácil e satisfatória. Os participantes desta pesquisa, por exemplo, se sentiam motivados a aprender a língua francesa porque queriam também aprender a sua cultura, seja para ter êxito na experiência internacional no contexto universitário, seja para interagir com o estrangeiro, seja simplesmente para ter uma aprendizagem satisfatória do idioma. Assim, justifica-se a importância de abordar as representações da língua e das culturas estrangeiras desde o início do processo de ensino-aprendizagem, também com o intuito de despertar nos alunos a consciência da diversidade cultural da qual fazemos parte; a sensibilidade em compreender e respeitar a cultura do outro; a perspicácia e a inteligência para *aprender* uma nova cultura e, sobretudo, *aprender* sobre si mesmo e refletir sobre a própria cultura por meio da interação com o outro.

Do ponto de vista pessoal, posso afirmar, enquanto pesquisadora, que a trajetória de realização desta pesquisa foi longa e intensa. Como não poderia ser diferente, muitos obstáculos apareceram no meio do caminho e, conseqüentemente, modificaram o rumo da pesquisa. Mas, se não fossem os obstáculos, não atingiríamos tais resultados. O impacto desta experiência, embora essencialmente acadêmica, não se restringiu apenas a esse campo da minha vida. Durante os três anos em que fui mestranda, não houve um só dia em que eu não pensasse em como escolher um objeto de pesquisa que fosse diferente, inovador e pudesse trazer alguma contribuição relevante para a área, e como escolher a metodologia adequada, alinhada aos objetivos da pesquisa, como coletar os dados da melhor forma e como proceder com as análises; ou, ainda, como selecionar a bibliografia em meio a uma infinidade de publicações e como desenvolver a escrita acadêmica, como transformar tudo isso em uma “dissertação” – e dentro do prazo.

Apesar do esforço contínuo da minha orientadora, dos encontros com as colegas orientandas, do aprendizado nas disciplinas cursadas, das orientações assertivas, havia uma inquietação constante em obter êxito no trabalho que estava em desenvolvimento. Uma mistura de pensamentos e sensações antagônicas permearam meus dias e, sem dúvida, influenciaram neste trabalho, afinal, não sou apenas pesquisadora, ou apenas professora, ou apenas editora, ou apenas amante da literatura e de tantas outras leituras. Embora exerça

diferentes papéis na vida, é a somatória deles que me define, que constitui a minha identidade.

O principal objetivo deste trabalho era investigar as representações, ideias pré-concebidas, desconstruir estereótipos e reconstruir representações era o que eu esperava atingir com este trabalho, porque algo me dizia que esses alunos – aos quais, hoje, tenho tamanho apreço e admiração – não hesitariam em supervalorizar a cultura francesa em detrimento da nossa, já que a mídia ainda tem mais força e representatividade no nosso país do que a educação cultural. Ocorre que fui surpreendida por eles e pelo meu próprio trabalho. Mais do que isso: eu me vi refletida nesses alunos. Jovens com garra e ambição, que querem, de fato, mudar o nosso país, transformá-lo em um lugar melhor. E acreditam que são capazes de mudar o mundo. Eu já não sei mais se isso é possível, mas eles certamente **me** transformaram. Cada um com seu relato sincero me fez perceber que essa pesquisa era somente para mim. Eu era quem precisava repensar minhas ideias pré-concebidas sobre estudantes de Engenharia da Escola Politécnica da USP, eu era quem precisava desconstruir o estereótipo de que todo jovem como eles acreditaria em um estereótipo francês, eu era quem precisava reconstruir minhas representações sobre o que é desenvolver uma pesquisa acadêmica.

O mundo pode continuar igual, mas eu sou outra pessoa e os outros são a condição da minha existência. Como pudemos observar nas epígrafes selecionadas para cada uma das partes deste trabalho, elas remetem, nesta pesquisa e no meu desenvolvimento pessoal, a uma incessante busca pela compreensão (de nós mesmos e do outro); por isso, gostaria de finalizar com as palavras de Fernando Pessoa:

Cansamo-nos de tudo, excepto de compreender. O sentido da frase é por vezes difícil de atingir.

Cansamo-nos de pensar para chegar a uma conclusão, porque quanto mais se pensa, mais se analisa, mais se distingue, menos se chega a uma conclusão.

Caímos então naquele estado de inércia em que o mais que queremos é compreender bem o que é exposto – uma atitude estética, pois que queremos compreender sem nos interessar, sem que nos importe que o compreendido seja ou não verdadeiro, sem que vejamos mais no que compreendemos senão a forma exacta como foi exposto, a posição de beleza racional que tem pra nós.

Cansamo-nos de pensar, de ter opiniões nossas, de querer pensar para agir. Não nos cansamos, porém, de ter, ainda que transitoriamente, as opiniões alheias, para o único fim de sentir o seu influxo e não seguir o seu impulso.

(Fernando Pessoa, *Livro do Desassossego*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2009. p. 241)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

ABDALLAH-PRETCEILLE, Martine; PORCHER, Louis. *Éducation et communication interculturelle*. Paris: PUF, 1996.

ABDALLAH-PRETCEILLE, Martine. *L'éducation interculturelle*. 2. ed. Paris: PUF, 2005 (1. ed., 1999).

\_\_\_\_\_. *Communication interculturelle, apprentissage du divers et de l'alterité*. Université Paris 8, France, 2010. Disponível em: <[www.frl.auth.gr/sites/congres/Interventions/FR/Abdalah-pretceille.pdf](http://www.frl.auth.gr/sites/congres/Interventions/FR/Abdalah-pretceille.pdf)>. Acesso em: 20 fev. 2014.

\_\_\_\_\_. *L'interculturel comme paradigme pour penser le divers*. 2010. Disponível em: <[www.uned.es/congreso-inter-educacion-intercultural/pretceille\\_frances.pdf](http://www.uned.es/congreso-inter-educacion-intercultural/pretceille_frances.pdf)>. Acesso em: 15 mar. 2014.

\_\_\_\_\_. *La pedagogie interculturelle: entre multiculturalisme et universalisme*. In: Lingvarvm Arena, 2011, v. 2, p.91-101. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/9835.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2014.

\_\_\_\_\_. *Quelle école pour quelle intégration?* Paris: Hachette, 1992.

ALBUQUERQUE-COSTA, Heloisa. *Reflexões sobre o ensino da literatura: da Poética de Edouard Glissant às perspectivas de leitura rizomáticas*. 2008. 145 f. Tese (Doutorado em Letras e Ciências Humanas). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2004.

ALBUQUERQUE-COSTA, Heloisa. *Français sur Objectif Universitaire (FOU): l'enseignement du français pour des étudiants en mobilité*. In: Nouvelles Routes, Disal, 2012.

ALBUQUERQUE-COSTA, Heloisa; PARPETTE, Chantal. *Projet de recherche de l'USP et de l'Université Lyon 2 pour la formation culturelle et linguistique des étudiants brésiliens en mobilité universitaire en France*. In: XVIII CONGRESSO BRASILEIRO DOS PROFESSORES DE FRANCÊS. Curitiba, 2011.

ALMEIDA, Alcinéia Emmerick de. *Por uma perspectiva intercultural no ensino-aprendizagem de francês língua estrangeira*. 2008. 280 f. Tese (Doutorado em Língua e Literatura Francesa). Departamento de Letras Modernas. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

- BAYLON, Christian. et al. *Forum. Méthode de français 1*. Paris: Hachette, 2000.
- BEACCO, Jean-Claude. *Les dimensions culturelles des enseignements de langue – des mots aux discours*. Paris: Hachette, 2000.
- BEACCO, Jean-Claude. et. al. *Guide pour le développement et la mise en œuvre de curriculums pour une éducation plurilingue et interculturelle*. Strasbourg: Conseil de l'Europe, 2010. Disponível em: <[www.coe.int/t/dg4/linguistic/source/source2010\\_forumgeneva/guideepi2010\\_fr.do](http://www.coe.int/t/dg4/linguistic/source/source2010_forumgeneva/guideepi2010_fr.do)>. Acesso em: 20 fev 2014.
- BERTHOUD, Anne-Claude; PY, Bernard. *Des linguistes et des enseignats – maîtrise et acquisition des langues secondes*. Berne: Peter Lang, 1993.
- BYRAM, Michael. La compétence interculturelle. In: *Guide pour la recherche en didactique des langues et des cultures*. BLANCHET, Philippe; CHADERNET, Patrick. Paris: Éditions des archives contemporaines, 2001. p. 253-273.
- CADRE EUROPEEN COMMUN DE REFERENCE POUR LES LANGUES. Conseil de l'Europe. Division des Politiques Linguistiques de Strasbourg. Paris: Didier, 2011.
- CADRE DE REFERENCE POUR LES APPROCHES PLURIELLES DES LANGUES ET DES CULTURES. Conseil de l'Europe. Centre européen pour les langues vivantes, 2007.
- CASTELLOTTI, Véronique; MOORE, Danièle. *Representations sociales de langues et enseignements*. Strasbourg: Conseil de l'Europe: 2002.
- COURTILLON, Janine; SALINS, Genevieve-Dominique de. *Libre Echange 2. Méthode de français*. Paris: Hatier/Didier, 1991.
- CUQ, Jean-Pierre. *Dictionnaire de didactique du français – langue étrangère et seconde*. Paris: Clé International, 2003.
- DE CARLO, Maddalena. *L'interculturel*. Paris: Clé International, 1998.
- DE PÁDUA, Elisabete Matallo M. *Metodologia da pesquisa: abordagem teórico-prática*. 13ª ed. Campinas: Papyrus, 2007.
- ECO, Umberto. *Como se faz uma tese?* São Paulo: Perspectiva, 2005.
- FREIRE JR., José Celso (Coord.); OLIVEIRA, Guiomar M.; COSTA, Heloisa A.; et al. A Internacionalização do Ensino de Engenharia: Modelos, Problemas e Possíveis Soluções. In: *Desafios da Educação em Engenharia: Formação em Engenharia*,



*Internacionalização, Experiências Metodológicas e Proposições*, Capítulo 1. ABENGE, 2013.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Trad. Sob a direção de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

GRIGOLETTO, Marisa. Representação, identidade e aprendizagem de língua estrangeira. In: CORACINI, Maria J. (org.). *Identidade e Discurso*. Campinas: Argos/Unicamp, 2003, p.223-238.

JODELET, Denise. Représentation sociale: phénomènes, concept et théorie. In: *Psychologie sociale*. Paris: PUF, 1990.

KLETT, Estela. et alii. (org.). *Mosaïque du FLE: aspects didactiques et interculturels*. Buenos Aires: Araucaria, 2004.

KLETT, Estela. La classe de FLE et l'apprentissage de la diversité. In: KLETT, E (org.) et alii. *Mosaïque du FLE: aspects didactiques et interculturelles*. Buenos Aires: Araucaria, 2004, p.72-88.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura – um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

LUSSIER, Denise; AMIREAULT, Valérie. *Représentations culturelles, expériences d'apprentissage du français et motivations des immigrants adultes en lieu avec leur intégration à la société québécoise*. In: *Langues e Société*, nº 45. Quebec: Université McGill, 2008. Disponível em: <[www.oqlf.gouv.qc.ca/ressources/sociolinguistique/note\\_recherche/langues\\_societe\\_s\\_numero45.pdf](http://www.oqlf.gouv.qc.ca/ressources/sociolinguistique/note_recherche/langues_societe_s_numero45.pdf)>. Acesso em: 26 abr. 2014.

MACHADO, Anna Rachel; LOUSADA, Eliane Gouvêa; ABREU-TARDELLI, Lilian Santos. *Planejar gêneros acadêmicos*. São Paulo: Parábola, 2005.

MACHADO, Nilson José. In: *As competências para ensinar no século XXI. A formação dos professores e o desafio da avaliação*. (Orgs.) Philippe Perrenoud, Mônica Gather Thurler. São Paulo: Artmed, 2002.

MANGIANTE, Jean-Marc.; PARPETTE, Chantal. *Le Français Sur Objectif Universitaire*. Grenoble: PUG, 2001.

MANGIANTE, Jean-Marc. Le Français sur Objectif Universitaire: de la maîtrise linguistique aux compétences universitaires. In: *Synergies Algérie*, 2012, n. 15, p. 147-166.

MOSCOVICI, Serge. L'ère des représentations sociales. In: *Textes de base en psychologie*. Paris: TDB, 1990.

- NEVES, José Luis. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. In: *Caderno de pesquisas em Administração*. São Paulo, v.1, n.3, 1996. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/C03-art06.pdf>>. Acesso em 29 out. 2013.
- OLIVEIRA, Guiomar Marins Justino de. *POLI-FOS: uma experiência de ensino-aprendizagem do francês com fins específicos na Escola Politécnica da USP*. Dissertação de mestrado da USP. São Paulo, 2009.
- PERROTA, Cláudia. *Um texto para chamar de seu: preliminares sobre a produção de um texto acadêmico*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- PERUCHI, Ingrid B.; CORACINI, Maria J. O discurso da cultura e a questão da identidade em livros didáticos em francês como língua estrangeira. In: CORACINI, Maria J. (org.). *Identidade e Discurso*. Campinas: Argos/Unicamp, 2003. p. 363-385.
- PESSOA, Fernando. *Livro do Desassossego*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- PORCHER, Louis. *L'enseignement des langues étrangères*. Paris: Hachette Éducation, 2004.
- PUREN, Christian. *Compétence d'apprentissage et compétence culturelle en perspective actionnelle*. 2011. Disponível em: <<http://christianpuren.com>>. Acesso em: 23 out. 2013.
- \_\_\_\_\_. *La nouvelle problématique culturelle de la perspective actionnelle européenne: cultures d'enseignement, cultures d'apprentissage, cultures didactiques*. 2010. Disponível em: <<http://christianpuren.com>>. Acesso em: 23 out. 2013.
- \_\_\_\_\_. De l'approche communicative à la perspective actionnelle. In: *Le Français dans Le monde*, n. 359. Paris: Clé International, 2005. p. 37-40.
- \_\_\_\_\_. *Perspectives actionnelles et perspectives culturelles en didactique des langues et cultures: vers une perspective co-actionnelle co-culturelle*. 2005. Disponível em: <<http://christianpuren.com>>. Acesso em : 23 out. 2013.
- SECA, Jean-Marie. *Les représentations sociales*. 2ª ed. Paris: Armand Colin, 2003. p. 39-66.
- SOUZA, Camila Amaral. *A contribuição dos recursos disponíveis na internet para a elaboração de sequências didáticas no ensino-aprendizagem do Francês Língua Estrangeira*. Relatório de Iniciação Científica (Orientação: Heloisa Brito de Albuquerque Costa). São Paulo: FFLCH-USP, 2010.
- SPINK, Mary Jane P. *The Concept of Social Representations in Social Psychology*. Cadernos de Saúde Pública. Rio de Janeiro, 9 (3): 300-308, jul./sep., 1993. Disponível em: <<http://www.scielo.org/pdf/csp/v9n3/17.pdf>>. Acesso em: 06 nov. 2014.

TEIXEIRA, Cássia S; RIBEIRO, Maria D' Ajuda A. Ensino de língua estrangeira. In: *Linha d'água – Língua e identidade: caminhos da cultura*. n. 25 (1), p. 183-201, 2012.

WINDMÜLLER, Florence. *Français Langue étrangère: l'approche culturelle et interculturelle*. Paris: Belin, 2011.

ZARATE, Geneviève. *Enseigner une culture étrangère*. Paris: Hachette, 1986.

\_\_\_\_\_. *Représentations de l'étranger et didactique des langues*. Paris: Didier, 2004.

# ANEXOS

## 1. Questionário (pré-teste)

1

Camila A. Souza – FFLCH-USP

Representações culturais de brasileiros sobre a França: antes e depois da mobilidade estudantil

Questionário / Roteiro para entrevista semi-estruturada – Pré-teste

Público: estudantes em formação no CFI (curso de francês) da Poli-USP

### PARTE 1 – PERFIL DO ALUNO

- 1- Qual é a sua idade? 21 anos
- 2- Qual engenharia você está cursando na Poli? Ambiental
- 3- Você está em qual semestre? 7º Semestre
- 4- Qual é o seu nível de conhecimento de outra(s) língua(s) estrangeira(s)?  
Inglês avançado, francês intermediário
- 5- Você fala francês? Sim  
Se sim, onde aprendeu? Cursou durante quanto tempo? Tem certificado? Qual nível?  
Aprendi no CFI, estou cursando o final do segundo ano.  
(certificado da Aliança Francesa - B1 (838 pontos))  
Se não, você já teve algum contato com a língua francesa? Se sim, de que maneira?  
(Viagens, literatura, música, cinema, televisão, família, amigos, aulas, estudo individual...)  
\_\_\_\_\_
- 6- Você tem algum conhecimento sobre a França? Qual(is)?  
Conheço um pouco sobre a região da minha école (Pontes et Charnières)  
→ Maubeuge - Valée e sobre a école em si.

### PARTE 2 – DOS ESTUDOS NA FRANÇA

- 1- Por que você está aprendendo francês? (Estudar na França, viajar, ler e redigir textos em francês, conhecer mais um idioma, interesse pessoal, trabalho, currículo...)  
Porque fiz um Duplo Diploma na França.
- 2- Por que a França? Quais são as razões de sua escolha?  
Bis an escolan de engenharia lá são de ótima qualidade na minha área.
- 3- Foi sua 1ª opção? Se não, quais eram as outras?  
Sim
- 4- Como você tomou conhecimento do programa de duplo diploma?

Camila A. Souza – FFLCH-USP.

Representações culturais de brasileiros sobre a França: antes e depois da mobilidade estudantil

Ao entrar na Fli, elas oferecem várias palestras sobre o assunto

5- Por quê o programa despertou seu interesse?

Pois oferece uma especialização diferente da oferecida pela Escola Politécnica da USP, além de um segundo diploma e da fluência em outra língua

6- Quando você pensou em se candidatar para o intercâmbio?

No segundo ano da Fli

7- Quais informações você tem sobre os estudos na França? Onde conseguiu? Com quem?

Todas relacionadas à minha escola, bofmas, alojamentos. Foi muito difícil conseguir pelos sites das universidades, consegui principalmente com amigos que estudam na

8- Como você se preparou para esse projeto de estudos na França? École des Bnts e na França

- Busca de informações nos sites
- Plano de estudo
- Conversa com amigos, etc.

9- E como se preparar para o intercâmbio na França? O que você fez até agora?

Pesquisei o máximo de informações sobre moradia, custo de vida, cultura... Estou estudando 3h francês / semana, conversando muito com amigos franceses e com brasileiros que moram lá

10- Em que a língua francesa será útil na realização de seus projetos pessoais e/ou profissionais?

Muito útil, para permitir um aprendizado completo e ~~uma~~ boa comunicação e experiência.

11- Em seus estudos, a quais materiais você tem acesso? (Livros, documentos de áudio/vídeo, internet, Cd-Rom, jornais, apostilas, revistas especializadas). Você navega em sites franceses? Quais? Por quê? Com que frequência?

Livros, documentos áudio/vídeo; internet, apostilas. Sim, no IUS (para utilizar o dicionário e ler algumas coisas em francês); páginas em francês no Facebook. Faço uma mais

12- O que você espera deste curso de francês? ou menos uma vez por semana.

Espero sair do curso conseguindo me expressar bem em francês, oralmente e por escrito; e também entender bem o que os franceses dizem.

Camila A. Souza – FFLCH-USP

Representações culturais de brasileiros sobre a França: antes e depois da mobilidade estudantil

- 1- Quais palavras você associa quando ouve “universidade francesa” ou “école polytechnique”? Cite 3 e explique.

Excelente, bonito, duplo diploma. São ótimas universidades de renome mundial, que eu batalhei muito para conseguir ir e em um convênio de duplo diploma

- 2- Você está familiarizado com o contexto universitário das grandes escolas de engenharia da França? O que você sabe sobre a escola/universidade onde vai estudar? Como obteve as informações?

Sim, bem familiarizada. Sei sobre o sistema de ensino, ano escolar, alojamentos, clubes de estudantes, transporte... obtive essas informações principalmente conversando com os estudantes de lá.

- 3- Associe 3 palavras a este estabelecimento de ensino.

Engenharia civil, mane-la-villee, Transportes (minha especialidade em Eng. Ambiental)

- 4- Você considera importante conhecer aspectos da cultura francesa antes de estudar no país? Por quê?

Sim, para entender certos comportamentos dos franceses e saber como é adequado se comportar, principalmente.

- 5- Quais palavras vocês associa à FRANÇA? Explique.

Deito palavras que todos associam: torre Eiffel, bandeira da França, Rio Sena, Eifel. Até palavras pessoais: bonito, amizade, duplo diploma, independência, língua francesa,

- 6- O que você espera do intercâmbio? ballet.

Espero obter a fluência na francês, aprender uma outra especialização da Engenharia Ambiental, conhecer mais sobre toda a Europa e sua cultura, obter certa capacitação profissional.

## 2. Roteiro para entrevista semiestruturada

Camila Amaral Souza – FFLCH-USP

*Representações culturais de brasileiros sobre a França: antes e depois da mobilidade estudantil*

Roteiro para entrevista semiestruturada

Público: estudantes em formação no CFI (curso de Francês) da Poli-USP

### PARTE 1 – PERFIL DO ALUNO

1. Qual é a sua idade?
2. Qual Engenharia você está cursando na Poli?
3. Você está em qual semestre?
4. Você concluiu o Ensino Fundamental e o Ensino Médio em escola pública ou privada?
5. Qual é o seu nível de conhecimento de outra(s) língua(s) estrangeira(s)?
6. Você fala francês?
7. **Se sim**, onde aprendeu? Cursou durante quanto tempo? Tem certificado? Qual nível? **Se não**, você já teve algum contato com a língua francesa? Se sim, de que maneira? (Viagens, literatura, música, cinema, televisão, família, amigos, aulas, estudo individual...)
8. O que (ou quem) o(a) influenciou a estudar francês?
9. Você tem algum conhecimento sobre a França? Qual(is)?

### PARTE 2 – DOS ESTUDOS NA FRANÇA

1. **Por que você está aprendendo francês?** (Estudar na França, viajar, ler e redigir textos em francês, conhecer mais um idioma, interesse pessoal, trabalho, currículo...).
2. Por que a França? Quais são as razões de sua escolha?
3. Foi sua 1ª opção? Se não, quais eram as outras?
4. Como você tomou conhecimento do *programa de duplo diploma*?
5. Por que o programa despertou seu interesse?
6. Quando você pensou em se candidatar para o intercâmbio?
7. Para qual instituição você vai? E quanto tempo vai ficar? Você tem bolsa?
8. Quais informações você tem sobre os estudos na França? Onde conseguiu? Com quem?
9. Como você se preparou para esse projeto de estudos na França? (Busca de informações nos sites; plano de estudo; conversa com amigos...).
10. Como você se prepara para o intercâmbio na França? O que você fez até agora?
11. Em que a língua francesa será útil na realização de seus projetos pessoais e/ou profissionais?

12. Em seus estudos, a quais materiais você tem acesso? (Livros, documentos de áudio/vídeo, internet, CD-ROM, jornais, apostilas, revistas especializadas...). Você navega em **sites franceses**? Quais? Por quê? Com que frequência?
13. O que você espera deste curso de Francês?

### PARTE 3 – DAS REPRESENTAÇÕES

1. Quais palavras você associa às expressões “universidade francesa” ou “*École Polytechnique*”? Cite três e explique.
2. Você está familiarizado com o contexto universitário das grandes escolas de Engenharia da França? O que você sabe sobre a escola/universidade que você vai estudar? Como obteve as informações?
3. Associe três palavras a esse estabelecimento de ensino.
4. Você considera importante conhecer aspectos da cultura francesa antes de estudar no país? Por quê?
5. O que você pensa sobre os estereótipos franceses? (São fechados, não tomam banho, só comem *croissant*...).
6. Quais palavras você associa à França? Explique.
7. Você pensa em ficar no Brasil ou na França depois de formado?
8. O que você espera do intercâmbio?



### 3. Transcrição das entrevistas – primeira fase

#### Estudante 1

**Camila:** Oi *Estudante 1*, eu sou a Camila. Vou fazer a entrevista com você sobre as representações culturais dos brasileiros sobre a França, que é o tema da minha pesquisa. E então, aqui no roteiro, tenho algumas perguntas e eu só preciso que você autorize a gravação desta entrevista, sabendo que a sua identidade não vai ser divulgada. Você autoriza?

**Estudante 1:** Autorizado.

**Camila:** Qual sua idade? Qual Engenharia você está cursando?

**Estudante 1:** Tenho 19 anos e faço Engenharia Química.

**Camila:** Em qual semestre você está?

**Estudante 1:** Quinto semestre, terceiro ano.

**Camila:** Qual seu nível de conhecimento de língua estrangeira?

**Estudante 1:** Inglês fluente e italiano intermediário.

**Camila:** E o francês, você já fala?

**Estudante 1:** É... O francês meu é intermediário. Eu comecei a estudar aqui no CFI mesmo. Faz dois anos que eu estudo. Estou terminando o último Módulo do CFI, mas eu nunca tinha estudado francês antes.

**Camila:** Você começou aqui então?

**Estudante 1:** Comecei aqui. Aí eu peguei o B1. Com dois anos de proficiência, é intermediário.

**Camila:** Mesmo sem ter estudado francês antes, você já começou no B1?

**Estudante 1:** Não, não... Aqui, eu fiz antes do semestre.

**Camila:** Ah! Que susto (risos).

**Estudante 1:** B1.

**Camila:** Ah! Aqui você começou desde o início mesmo. Ah, tá. Legal. E você tem algum conhecimento sobre a França, algum motivo especial que te fez querer aprender francês?

**Estudante 1:** Eu sempre gostei muito de francês. Mesmo porque eu gosto muito de cinema e gosto do cinema francês, e também de literatura: eu gosto muito de Gustave Flaubert. Aí eu tive vontade de aprender francês. Mas só quando eu vim para Poli mesmo foi que eu comecei a estudar francês.

**Camila:** Ah, tá! Mas você já tinha conhecimentos prévios sobre a França?

**Estudante 1:** Sim.

**Camila:** E, uma perguntinha que está fora do roteiro, você estudou em escola pública ou particular?

**Estudante 1:** Particular.

**Camila:** Particular. E você sempre estudou em escola particular?

**Estudante 1:** Sim.

**Camila:** E você tem alguma influência na família, algum parente, alguém que goste do francês e que tenha essa relação com a cultura? Ou não?

**Estudante 1:** Minha família não, minha família é toda italiana. Então, foi sempre mais forte esse outro lado...

**Camila:** É um gosto pessoal mesmo. Ah, legal! E por que você está aprendendo o francês? Além desse interesse pessoal?

**Estudante 1:** É... não... Foi principalmente por causa deste intercâmbio que eu queria fazer, intercâmbio para França, e na Poli eles têm convênios com muitas universidades francesas e é obrigatório entrar na Poli e fazer o francês.

**Camila:** E por que a França? Quais são as razões da sua escolha? Em relação ao intercâmbio?

**Estudante 1:** Porque as escolas mais tradicionais de Engenharia são as francesas, então acho que não tem nem como ir para outro país, tem que ser a França mesmo!

**Camila:** Legal. Então foi sua primeira opção a França?

**Estudante 1:** Foi.

**Camila:** E como você ficou sabendo do *programa de duplo diploma*?

**Estudante 1:** Ah, foi logo quando eu entrei na Poli. Ali mesmo já “teve” várias palestras, algumas coisas assim... O pessoal da CRInt e Poli... Sempre tive bastante informação sobre o duplo diploma e eu fiquei interessada.

**Camila:** Mas, por que este programa despertou seu interesse?

**Estudante 1:** Ah, eu sempre tive vontade de estudar no exterior. Eu acho que conta muito para sua formação, tanto como para o amadurecimento pessoal também. Então, eu já fiquei interessada logo de cara mesmo.

**Camila:** E aí? Quando você pensou em se candidatar para o intercâmbio? Antes da faculdade ou logo quando você entrou?

**Estudante 1:** Não. Antes da faculdade, eu não conhecia esse programa. Mas foi logo quando eu entrei na Poli. Mesmo porque a maioria dos meus colegas também... Todos já vieram pensando em duplo diploma. Todos já conheciam mesmo. Trocando ideia com eles, assim eu fiquei interessada.

**Camila:** Quais informações você tem sobre os estudos na França? E como você conseguiu? Com quem? Sobre a vida lá na França, vida estudantil, o que você sabe sobre os estudos lá?

**Estudante 1:** A maioria das coisas que eu sei mesmo é conversando com quem já foi. Porque, se depender da gente entrar nos *sites* das universidades francesas, [que] são muito desorganizadas, não dá para achar muita coisa. Mas a maioria dos estudantes aqui da Poli que já foram tem vários tutoriais. Assim, para cada universidade, eles explicam tudo.

**Camila:** Onde isso? No *site* da universidade da Poli?

**Estudante 1:** Tem a comunidade da Poli [na internet]. Eles têm vários documentos. Eles falam tudo mesmo. Sobre as matérias a cursar na universidade, como fazer para ficar no alojamento da universidade, se compensa pegar apartamento junto com amigo... Mas o pessoal que está lá na França ajuda bastante a gente, qualquer dúvida que tiver, eles respondem.

**Camila:** E como você tem contato com esse pessoal da França? Esse pessoal [que] você diz [são] os alunos da Poli que estão lá?

**Estudante 1:** Sim. Os alunos que estão lá. É que tem uma rede social (CRInt), que chama Minerva também, que é para os estudantes estrangeiros. E você pode pegar também o contato [por] e-mail. E você acha também, no *Facebook*, as pessoas. Aí dá para perguntar para eles.

**Camila:** Então, como você faz para se preparar para este intercâmbio na França? O que você fez até agora além de estudar francês [e] colher as informações com amigos? Como você se preparou?

**Estudante 1:** Ai, sei lá! O maior é o psicológico... acostumar a ficar longe da família, mas também aprender a se virar um pouco sozinha, tentar ser um pouco mais madura aqui, aprender a resolver as coisas “eu mesma”.

**Camila:** Você já viajou antes? Já fez algum intercâmbio?

**Estudante 1:** Já! Eu fui fazer um curso de Inglês no Canadá quando eu tinha 16 anos.

**Camila:** E você ficou quanto tempo lá?

**Estudante 1:** Dois meses.

**Camila:** E agora, você vai ficar quanto tempo?

**Estudante 1:** Dois anos.

**Camila:** É uma diferença considerável, né?

**Estudante 1:** É bem diferente...

**Camila:** Tá. E em que a língua francesa será útil na realização dos seus projetos pessoais e profissionais?

**Estudante 1:** Primeiro, sem o francês, eu não conseguiria o duplo diploma. Outra, é que eu vou para uma universidade excelente.

**Camila:** [Para] qual você vai?

**Estudante 1:** *École Centrale de Paris*. E eu acho que vai acrescentar muito no meu currículo. E além dessa vivência no exterior, eu acho que ter o francês. E se eu puder ficar dois anos lá e sair com o francês no nível avançado, já é muito diferente para o mercado de trabalho. Ter uma terceira língua assim.

**Camila:** E nos seus estudos? A quais materiais você tem acesso? Você tem acesso a livros, CDs, internet, apostilas, *sites* franceses?

**Estudante 1:** No estudo do francês? Aqui nas aulas de francês?

**Camila:** Ou mesmo por conta própria, né? Tanto aqui como por conta [própria], você tem acesso a algum tipo de documento ou material extra?

**Estudante 1:** Mais os livros que tem aqui. E eu procuro algum material na internet também... e... sei lá...

**Camila:** Tem algum *site* que você lembra? Assim, que você costuma acessar?

**Estudante 1:** *Site*? Eu gosto muito de ver *Word Reference*. Para ver francês, eu acho que ele é muito bom.

**Camila:** O *site* da TV 5, você conhece também?

**Estudante 1:** Não conheço... E tem o *Le Monde*.

**Camila:** Ah! O *Le Monde*!

**Estudante 1:** É bem legal para dar uma “treinadinha”.

**Camila:** E desse curso de Francês, especificamente lá do CFI, o que você espera?

**Estudante 1:** O que eu espero? Ah! Eu acho que o que eu esperava eu já consegui aqui: eu aprendi muito até o semestre passado. A entrevista para seleção da minha universidade foi em francês também. Eu tinha feito dois Módulos só do CFI.

**Camila:** Você já fez a entrevista em francês?

**Estudante 1:** Eu consegui fazer a entrevista em francês. Consegui entender tudo. Eu consegui falar tudo [o] que eu queria. Então, já foi bom. E o conteúdo aqui já foi bem direcionado para a vida universitária, então, eu acho, assim, [que] eu tenho o que eu vou precisar lá. Vai ser difícil quando eu chegar lá: acostumar com o francês... Mas acho que o que eu tive aqui já foi o suficiente.

**Camila:** Mas você acha que a dificuldade está na língua francesa, quando você “tiver” lá, ou no choque cultural, na diferença cultural, no comportamento dos franceses, do esquema da universidade francesa que é meio diferente daqui?

**Estudante 1:** Eu acho que o choque cultural vai ser muito maior. Acho que, depois de uns dois meses, dá para acostumar com a língua. Já deve ser mais fluido falar o francês. Mas até acostumar, não sei como é o esquema de aula lá, se é no *Power Point*, se tem umas coisas estranhas, ou mesmo, não sei, a comida e as pessoas com as relações distantes. Acho que o choque cultural é bem mais difícil.

**Camila:** E aqui no curso, vocês aprendem a lidar com este tipo de coisa: como se comportar com os franceses, chamar os professores sempre por “senhor” (*monsieur*)? Este tipo de coisa da característica da vida universitária, da vida deles mesmo, ou é só da língua francesa?

**Estudante 1:** No último Módulo, um dia por semana, a gente tem aula com uma francesa. E aí ela falou um pouco dessas coisas pra gente: não pode falar desse jeito ou de outro jeito... As pessoas são assim, não pode levantar para ir ao banheiro, as pessoas têm de ficar para assistir à aula inteira, não pode chegar atrasado à aula também... Foi mais o contato com ela.

**Camila:** E você acha importante saber disso antes de fazer o intercâmbio?

**Estudante 1:** Ah, sim! Para não chegar lá e dar alguns foras. É bom chegar já sabendo algumas coisas...

**Camila:** Então, agora, eu queria que você associasse três palavras ao ouvir “universidade francesa” e “*École Polytechnique*”. Quais são as três palavras que te vêm à cabeça assim?

**Estudante 1:** Primeiro, eu acho que a **tradição**. *École Polytechnique* é referência no mundo inteiro, tanto em outras escolas politécnicas no mundo, essa foi a primeira. Eu acho que também é

**teoria.** Eu acho que as outras universidades, as americanas, são muito diferentes em algumas questões. As universidades francesas têm uma base teórica muito forte, e... ah!... não sei...

**Camila:** Não? Só estas duas? É... Acho que tá bom. Duas palavras... já deu para contextualizar... E você está então familiarizada com este contexto universitário das grandes escolas de Engenharia? O que você sabe sobre a *École Centrale de Paris*? Como você obteve as informações? Você sabe qual é a rotina de estudo lá, quais são as matérias que você vai fazer?

**Estudante 1:** É. Eu fico um pouco perdida, olhando no *site* eu não consigo ver a grade horária, a grade curricular. Não consegui ver nada. Achei muito confuso você ver a lista das matérias que tem. Mas você não consegue saber qual é obrigatória para você fazer, qual é optativa, e não dá para saber, mas o que a gente sabe é conversando com quem está lá mesmo, com quem voltou... Eles disponibilizam a grade ou falam: “estas matérias dá para você matar com alguma que você já fez na Poli”. E aí eles contam. Foram até eles que vieram atrás da gente. Quando nós fomos selecionadas, eles adicionaram a gente no grupo deles, quem está lá nas *Centrales*. Aí eles já estão ajudando com informação e coisas da vida diária também: companhia telefônica, qual é melhor fazer, o banco francês, dá para abrir conta neste banco, dá para comer no bandeirão ou não dá, no final de semana compensa fazer isso ou não...

**Camila:** Então, já pedi para você associar três palavras, né, a este estabelecimento de ensino? Mas aí em relação à *École Centrale de Paris*, você consegue pensar em outras palavras específicas que você associe a este estabelecimento?

**Estudante 1:** Específicas, eu acho meio difícil...

**Camila:** Talvez as mesmas: tradição, teoria?

**Estudante 1:** É escola central. Acho que junto com a *Polytechnique*. Eu acho que é uma das mais tradicionais e uma das mais antigas, eu não sei se existe diferença...

**Camila:** Mas é uma *école* boa então? Das melhores na sua área?

**Estudante 1:** Sim, eu acho que sim. No último *ranking* que saiu, a tabela estava em segundo entre as escolas de Engenharia, ela estava atrás só da *Polytechnique*.

**Camila:** E você considera importante conhecer aspectos da cultura francesa antes de estudar no país?

**Estudante 1:** Sim, com certeza! Porque já vai ser um choque no quesito acadêmico. Já vai ser um choque chegar lá e ver uma coisa diferente e ter que lidar com uma cultura diferente também. Então o máximo que você puder saber antes de chegar lá já vai te ajudar para o choque não ser tão grande assim.

**Camila:** E você está preparada para ter aulas de Engenharia em francês, estudar cálculo em francês?

**Estudante 1:** Não sei como vai ser quando eu chegar lá.

**Camila:** E quais palavras você associa à França?

**Estudante 1:** À França?

**Camila:** Sim, à França, de uma maneira geral. *Tour Eiffel*, um sonho, não sei...

**Estudante 1:** Pra mim, a França é o **cinema francês**, essa parte da **arte**... Nossa, a França é um **sonho**. Quando você pensa em conhecer a Europa, a França é **linda**, eu acho que é um sonho...

**Camila:** Um sonho, arte, cinema... Está ótimo. E para finalizar, eu queria que você ficasse bem livre assim para responder tanto no âmbito pessoal como acadêmico o que você espera do intercâmbio? Esse programa de duplo diploma, o que você espera obter com isso? O que você acha que o programa vai te trazer?

**Estudante 1:** Eu espero aprender muito, espero conseguir me dar bem nas aulas. Mas, assim, mais que ir bem na questão acadêmica, eu quero conhecer muita gente, quero conhecer o país e quero conhecer outra cultura. E eu quero “eu mesma” crescer também... É... Pessoalmente, eu acho que muda muito você estar tão longe de casa. Eu acho que vai ser assim uma experiência maravilhosa poder ter essa chance de estar num lugar tão diferente e lidar com

outra cultura, com outras pessoas e aprender a se adaptar também, a se moldar a situações diferentes das que a gente vive...

**Camila:** Então, esse intercâmbio não é só acadêmico, não é só profissional, não é só um diferencial no currículo, você acha que é uma experiência pessoal mesmo?

**Estudante 1:** Ah! Sim, com certeza! É uma coisa muito diferente, acho que o crescimento e o amadurecimento vêm, com certeza!

**Camila:** E como você imagina que é a cultura francesa? Você acha que vai ter um choque cultural muito diferente, você acha que vai conseguir se adaptar? O que você imagina assim da França hoje? Você acha que eles não tomam banho, você acredita nestes estereótipos que a gente ouve por aí?

**Estudante 1:** A gente ouve este estereótipo de que o francês não toma banho, ou que é muito fechado. O parisiense, principalmente, é muito insuportável. Que eles são muito chatos, muito metidos... Mas acho que é bem diferente. A gente teve contato também com os franceses. Vieram os franceses da *École Centrale* para cá. Tinha uma comitiva de uns trinta e cinco estudantes e a gente conversou bastante. E a gente viu que não é bem assim, né? A gente vai com essa ideia na cabeça que eles vão ser assim, assim, e não é... Igual eles devem pensar que a gente mora aqui na selva no Brasil...

**Camila:** Nas favelas...

**Estudante 1:** E assim é diferente e lá vai ser diferente também, com certeza, vai ser diferente do que é no Brasil e não vai ser tão estranho assim igual a gente pensa.

**Camila:** Estes estereótipos então nem sempre eles estão certos?

**Estudante 1:** É. Eu acho que não...

**Camila:** *Estudante 1*, muito obrigada pela entrevista.

## Estudante 2

**Camila:** Eu sou a Camila e vou fazer uma entrevista com você sobre as representações culturais brasileiras sobre a França. E eu quero que você fique bem à vontade para me contar sua experiência acadêmica e o que você espera conseguir com esse intercâmbio. Eu só quero te pedir, primeiro, autorização para gravar esta entrevista. A sua identidade vai ser preservada, porque na transcrição desta entrevista eu não vou falar o seu nome, tudo bem?

**Estudante 2:** Tudo bem.

**Camila:** Então tá. Qual é a sua idade?

**Estudante 2:** Eu tenho 19 anos.

**Camila:** E qual Engenharia você está cursando na Poli?

**Estudante 2:** Engenharia Química.

**Camila:** Em qual semestre?

**Estudante 2:** Quinto semestre.

**Camila:** Quinto semestre é terceiro ano. E qual é o seu nível de conhecimento de línguas estrangeiras?

**Estudante 2:** Meu inglês é avançado, intermediário/avançado, e o meu espanhol é básico/intermediário. E eu estou avançando o francês para estudar na França.

**Camila:** Ah! Então você já tinha aprendido o inglês e espanhol antes de aprender o francês?

**Estudante 2:** Sim. Mas eu aprendi por conta, o primeiro curso de línguas que eu fiz foi no CFI.

**Camila:** E você acha que esse conhecimento prévio do inglês e do espanhol e até a sua autonomia de estudo, que você aprendeu sozinho, você acha que isto te ajuda a aprender o francês?

**Estudante 2:** Sim. Ajuda bastante, porque tem muita palavra que é semelhante, assim, e pra lembrar, assim, isto está relacionado aos dias da semana que é parecido com o espanhol, aí sempre acaba pensando na outra língua de vez em quando.

**Camila:** Então, legal! Então, você falou que está aprendendo o francês agora. Mas você já fala francês ou está em fase ainda de aprendizado?

**Estudante 2:** Estou em fase ainda de aprendizado, já fiz três semestres, já estou no quarto.

**Camila:** Então já fala?

**Estudante 2:** Mas tenho dificuldade de me comunicar na fala, consigo entender bem, ler também, mas na hora de falar, trava bastante.

**Camila:** Mas você acha que trava por falta de conhecimento da língua ou por alguma outra razão? Na questão de timidez, ou contato com outras pessoas?

**Estudante 2:** Eu acho que, como eu aprendi o inglês e espanhol sozinho, aí eu acabei ficando um pouco acomodado na pronúncia, porque o que eu mais estudava era assistir filme sem legenda, a ler textos em outras línguas e a parte de falar mesmo eu nunca estudei muito. Agora eu estou tendo que estudar e tem gente muito mais avançada. E eu acabo ficando um pouco acanhado.

**Camila:** Então falta praticar só, isso é comum. E antes do curso do CFI, você já tinha algum contato com o francês?

**Estudante 2:** Não, eu, quando entrei na Poli, percebi que tinha bastante oportunidade, na França, de Engenharia e apareceu a oportunidade de fazer um curso de Francês aqui na Poli. Aí eu resolvi ir atrás disso. Mas, antes disso, eu nunca me interessei muito pelo francês e não sei se eu faria essa língua se eu não estivesse na Poli. Eu acho que a Poli me influenciou bastante.

**Camila:** E você tem algum conhecimento sobre a França?

**Estudante 2:** Agora eu tenho. Porque, como eu vou viajar, eu acabo pesquisando bastante, e eu leio muito mais em francês, eu assisto a filmes, eu escuto músicas em francês, pesquiso sobre a

cultura e é bem interessante, é uma coisa que eu estava perdendo na minha vida por não me interessar pela França.

**Camila:** E antes de você entrar na Poli, você cursou escola privada ou pública?

**Estudante 2:** Pública. No Fundamental foi particular, mas eu era bolsista, aí eu entrei numa escola pública técnica no Ensino Médio.

**Camila:** Legal. Depois você fez cursinho ou não?

**Estudante 2:** Eu fiz cursinho junto com o último ano do Ensino Médio e, quando eu acabei o técnico, aí eu consegui uma bolsa de cursinho.

**Camila:** Bom, então por que você está aprendendo francês?

**Estudante 2:** Eu estou aprendendo para conseguir me sair bem no duplo diploma, porque meu primeiro objetivo foi acadêmico mesmo, de começar a estudar francês, ter uma boa formação, porque as escolas francesas são muito bem renomadas e eu quero ser engenheiro de qualidade e ter uma boa formação, então eu resolvi entrar nessa e ter uma boa formação para eu me sair bem e aprender o máximo possível com esta experiência.

**Camila:** Mas por que a França, quais são as razões da sua escolha, por que você não foi fazer Engenharia em outro país, por exemplo?

**Estudante 2:** Acho que talvez pela quantidade de oportunidades aqui na França. A maioria dos intercâmbios na Poli é para a França, e porque a Engenharia na França é muito conceituada e, em relação às outras; tem uma tradição muito grande e ela se completa com a Engenharia aqui no Brasil. Acho que a Engenharia lá é mais teórica do que aqui, e ela é mais geral. Se eu pergunto para uma pessoa, que está no mesmo ano que eu, que curso ela está fazendo, a pessoa não sabe, porque ela ainda não se decidiu, ela está tendo uma formação bem geral de todas as matérias, e ela só vai se decidir lá pra frente, enquanto aqui, desde o começo, você já tem uma matéria mais específica, desde o vestibular você já prestou para o curso certo. Então aqui eu acho que você... que nem eu aqui, como me formar como engenheiro químico. Mas lá eu vou ter conhecimentos muito fortes de mecânica e elétrica, que aqui não são importantes como engenheiro para mim.

**Camila:** E foi a sua primeira opção a França?

**Estudante 2:** Sim, foi. Eu fiz a primeira tentativa e deu certo.

**Camila:** Você falou que existe uma oferta muito grande destes intercâmbios, mas mesmo assim existe uma seleção bastante acirrada.

**Estudante 2:** É complicado, porque uma pessoa que tem uma nota um pouco menor do que a sua já fica de fora, e eu tenho amigos que estão tentando outros processos e vão conseguindo. Outros continuam tentando, e acho que o principal problema é nota mesmo, que desclassifica bastante.

**Camila:** E para qual escola você vai?

**Estudante 2:** Para a *École Centrale de Lille*.

**Camila:** Aí você já fez a seleção para a *École Centrale de Lille* também? Fez entrevista?

**Estudante 2:** Eu fiz o processo das *Écoles centrales* e tinha, acho, que um representante de cada *Centrale*, Marceille, Paris, e eles não avisavam para qual *école* você iria. Eu acho que eles escolhem de acordo com o seu perfil, de acordo com o seu desempenho na entrevista, pra onde você vai. Eles até perguntam: Ah! Você tem preferência para qual *centrale*? Mas são eles que acabam escolhendo, porque eu acho que a maioria das pessoas escolhem Paris pelo nome, porque é a capital da França, mas, às vezes, a *École Centrale de Paris*, eu acho que ela é muito mais difícil, assim, do que as outras. Então, eu acho que eles procuram pegar as melhores pessoas para entrar nela, ou o foco diferente assim. A minha *centrale* é mais voltada para mecânica. A eletrônica, falam que você tem bastante conhecimento de Engenharia Civil. Talvez na minha entrevista eles: “ah, essa pessoa pelo plano de carreira dela tem mais o perfil”. Mas não foi algo que eu escolhi, eu estava disposto a qualquer uma.

**Camila:** Ah! Você iria para qualquer *école*?

**Estudante 2:** Sim. Eu iria para qualquer uma.

**Camila:** E como foi que você ficou conhecendo este *programa de duplo diploma*? Você já conhecia antes de entrar na Poli? Ou foi quando você entrou aqui?

**Estudante 2:** Depois que eu entrei aqui, depois que eu comecei o curso de Francês que eu conheci melhor o programa de duplo diploma.

**Camila:** No curso, eles te deram a informação? A professora Guiomar falou sobre o programa, é isso?

**Estudante 2:** Não no curso [de Francês] especificamente. Mas você tem contato com as outras pessoas que também estão estudando francês com o mesmo objetivo. Aí você fica sabendo. Geralmente, o processo seletivo é em setembro, no final do segundo ano fica atento, porque não é uma coisa muito bem divulgada. Aí você tem que ir atrás das datas e informações. Ah, entrega o currículo em francês ou inglês, tem que fazer inscrição ali, e a gente vai fazer entrevista, não basta só querer.

**Camila:** E por que o programa despertou seu interesse?

**Estudante 2:** Porque eu nunca tinha ouvido falar nessa possibilidade de ter duas graduações, ser engenheiro brasileiro, ser engenheiro francês e de completar a minha formação. Eu sempre quis me destacar e estar na Poli já me destaca bastante; e estudar bastante, porque eu sempre fui muito esforçado de estudar todo dia, já me destaca, só que sempre tem como ir além e esta foi uma oportunidade, e também eu sempre tive vontade de conhecer outro país e acho que isso vai me envolvendo... vai juntando várias coisas.

**Camila:** E como você acha que isso pode te influenciar no mercado de trabalho, no seu futuro profissional, este duplo diploma?

**Estudante 2:** Eu quero trabalhar com o meio ambiente, eu quero promover uma melhora do meio ambiente, ainda não sei como... desenvolvendo algum dispositivo, ou melhorando algum processo que já é feito, só que não é muito sustentável. E com os conhecimentos de Engenharia Química que eu estou obtendo aqui, é, eu obtenho alguns conhecimentos aqui, vou obter outros lá, acho que tudo pode se completar. A visão que eles têm do mercado de trabalho com a visão que eu [tenho] e [que] a Poli me dá sobre o mercado de trabalho vai me ajudar neste objetivo e eu estou bem determinado quanto a isso, então eu acho que tem tudo pra dar certo, é continuar estudando bastante.

**Camila:** E este programa vai te abrir muitas portas?

**Estudante 2:** Com certeza.

**Camila:** E como você se prepara para esse projeto de estudos na França? Você conversa com amigos, você busca informações em *sites*, você tem um plano de estudo?

**Estudante 2:** É, antes do processo seletivo, eu busquei muitas informações nos *sites* de todas escolas francesas sobre que disciplinas eu ia fazer lá, onde a pessoa vai morar, qual a carga horária, e eu fui obtendo essas informações e, depois que eu fui aprovado, os veteranos estrangeiros, que já estão lá, vieram falar comigo, e me parabenizar, e dizer que estão disponíveis para qualquer tipo de dúvida. Aí, às vezes, eu vou lá conversar com eles sobre qualquer problema ou dúvida que eu tenho, sobre: "Ah! Como que é isso? É muito mais difícil que aqui?" Assim, eu vou obtendo informações, principalmente com os estrangeiros que já estão lá. Mas eu também conheci franceses que vieram de lá para cá e dá para conversar com eles.

**Camila:** E tudo isso por intermédio da Poli?

**Estudante 2:** Isso.

**Camila:** Então, além de aprender a língua francesa, você ainda precisa dessas informações de comunicação, de relacionamento. Ah! Legal. E a qual tipo de material você tem acesso nos estudos? Você tem acesso a livros, *sites*, CDs, aqui estudando Francês no CFI e estudando em casa, por conta, que tipo de material você usa? Usa só as apostilas do curso?

**Estudante 2:** É. As apostilas do curso. Para estudar francês, eu gosto de ouvir música, assistir bastante filme. Tentei já ler algum livro em francês, mas ainda não conclui este objetivo. Mas internet tem vários *sites* de ensino de língua francesa, e eu procuro conhecer gente de outros países para conversar em francês, tentar aprender, nem que seja só por mensagem, para algum dia conversar falando mesmo com a pessoa.



**Camila:** E você acha que é importante também saber sobre a França, economia, política, esporte?

**Estudante 2:** Sim. Porque eu acho o povo francês diferente do povo brasileiro, e é difícil se relacionar, então tem que tomar cuidado com certa expressão que você vai utilizar. Eu acho que eu já cometi uma gafe na semana passada, tipo... eu fui mandar um e-mail em francês e eu utilizei *desolé*, que para eles é *desolé*, é tipo algum problema, então é um nível assim maior de impaciência da minha parte. Aí acho que a mulher não entendeu muito bem assim, aí tem que medir muito bem as palavras, conhecer a cultura deles, porque se você vai lá e não sabe nada, eles podem pensar: “o que esta pessoa está fazendo aqui? Ele vem para este país e não sabe nada, está aqui só para ganhar dinheiro, depois, como engenheiro francês?”

**Camila:** Então. E como você faz para conhecer a cultura deles, você aprende isso no curso?

**Estudante 2:** No curso, agora, principalmente neste Módulo *Mobilitéé*, eles estão trazendo bastante informações bem aplicadas à França, à cultura, comparações da Engenharia na França e da Engenharia dos outros países, economia na França, e isso está me despertando um interesse maior e está me trazendo conhecimento. Mas ler algum jornal francês, qualquer notícia sobre a França, já me faz aumentar este conhecimento, e eu faço isso às vezes, não é sempre, mas eu tento de vez em quando dar uma lida.

**Camila:** E você acha que isso é importante para o intercâmbio?

**Estudante 2:** Eu acho que sim.

**Camila:** Quanto tempo você vai ficar lá?

**Estudante 2:** Dois anos. Eu volto em agosto de 2015 e eu vou no mês que vem ou daqui dois meses, não sei.

**Camila:** É no final de junho que vocês vão?

**Estudante 2:** É.

**Camila:** Você já fez algum intercâmbio antes?

**Estudante 2:** Não, nunca fiz.

**Camila:** Já saiu o país?

**Estudante 2:** Já saí uma vez com um amigo, a minha mãe e meu irmão.

**Camila:** Sozinho, então, por dois anos é a primeira vez? E o que você espera então deste curso de Francês aqui no CFI *mobilitéé*?

**Estudante 2:** Eu espero que eu aumente meus conhecimentos sobre a França, eu melhore a minha comunicação com o francês, porque eu acho que isso é o principal que vai me impedir de entender melhor as aulas lá. É claro que eu vou melhorar isso quando eu chegar lá, mas aqui tem muito conhecimento que eu posso agregar e eu estou tentando obter o máximo possível. Acho que o curso está me permitindo isso. É só continuar estudando.

**Camila:** Quando a gente fala universidade francesa ou *École Centrale*, *École Polytechnique*, quais são as três palavras que te vem à cabeça?

**Estudante 2:** Tradição, qualidade e rigidez.

**Camila:** Tradição, qualidade e rigidez. Por que você escolheu essas palavras?

**Estudante 2:** Tradição, porque as escolas francesas são muito antigas, o perfil, o curso talvez seja mais rígido do que aqui. Lá, eu acho que não tem essa liberdade de falar com qualquer professor: “Ah! Professor, posso tirar uma dúvida?” Tratar o professor de uma maneira mais informal talvez seja um pouco mais distante em relação ao professor e ao aluno. E qualidade porque são reconhecidas. Em vários *rankings* de universidades, aparecem as universidades francesas e eu estou muito disposto a estudar e aprender bastante.

**Camila:** E você está familiarizado com este contexto universitário das grandes escolas de Engenharia, sabe mais ou menos como as coisas funcionam lá?

**Estudante 2:** Sei, mas estou me familiarizando mais, cada dia eu vou obtendo um conhecimento a mais sobre as universidades lá, qual a diferença delas para cá.

**Camila:** O esquema de aula tem muito exercício, tem muito seminário, muita apresentação em francês para fazer?

**Estudante 2:** Sim, falam que tem bastante, e eu vou me acostumando com essas ideias para não chegar lá e levar um choque.

**Camila:** Sim, isso mesmo. E, falando agora especificamente da *École Centrale de Lille*, tem outras palavras que você associa a este estabelecimento de ensino?

**Estudante 2:** Não sei, eu acho que são as mesmas que servem para as *écoles*.

**Camila:** É o que eu imaginei. Então você considera importante conhecer aspectos da cultura francesa antes de estudar no país?

**Estudante 2:** É muito importante, para saber como lidar com as pessoas de lá e como se portar melhor lá, reter o máximo de informações, porque sabendo como funciona mais ou menos, eu vou ter mais ideia de como estudar lá, como eles fazem para absorver mais nas aulas, eu acho que tudo isso eles já estão acostumados, tem a ver com a cultura.

**Camila:** E como você imagina que eles são? O que você pensa em relação aos franceses, em relação à França? Eles são sujos, eles não tomam banho, o que você imagina?

**Estudante 2:** Eu acho que eles são um pouco mais fechados que os brasileiros, eles falam menos do que a gente, mas o resto são semelhanças. É saber como lidar, porque eu acho que lá também consigo formar grandes amizades, assim como eu formo aqui no Brasil.

**Camila:** E não vai ser nenhum empecilho, então essas diferenças culturais?

**Estudante 2:** Acho que sabendo como tratar as pessoas... respeito, acho que é o mais importante.

**Camila:** Legal, então. Está ótimo. E tem alguma palavra que você associa especificamente à França?

**Estudante 2:** Cultura.

**Camila:** Ótimo. É uma palavra que todo mundo associa, acho que é algo do imaginário mesmo do brasileiro. E aí, por fim, o que você espera deste intercâmbio? Sobre sua vida pessoal, acadêmica, profissional?

**Estudante 2:** Espero aprender bastante, espero conhecer muita gente, muitos lugares, espero conseguir ficar longe da família e ser um engenheiro melhor.

**Camila:** Aqui no Brasil ou na França? Você quer voltar para o Brasil?

**Estudante 2:** Quero voltar para o Brasil, quero ser engenheiro no Brasil, mas nada me impede de viajar assim: "Ah! Tem um serviço na França, neste final de semana alguém está precisando disso"... volto para lá facilmente.

**Camila:** Você está disponível então para várias possibilidades?

**Estudante 2:** Mas eu quero continuar morando aqui.

**Camila:** Está ótimo. Muito obrigada pela entrevista.

## Estudante 3

[...] <sup>128</sup>

**Camila:** Oi, conforme eu te falei, eu sou a Camila. Então você estava falando do estereótipo dos franceses.

**Estudante 3:** É. Primeiro, eles fumam e eu tenho um estereótipo meio babaca do cara de Paris que veste a camisa listrada de branco e vermelho com a boininha e bigode, e com a baguete debaixo do braço, mas isso é meio que mentira, é a primeira imagem: “ah, francês, eu acho que é isso”. Eu já constatei que isso é uma grande mentira, é a primeira coisa que vem na cabeça e acho que esse jeito meio fechado e louco ao mesmo tempo... o cara é fechado, mas é louco no grupinho dele, então sou sério para as outras pessoas, mas sou louco no meu grupo.

**Camila:** E você acha que saber disso te ajuda na integração com eles?

**Estudante 3:** Ah! Eu acho que sim, eu não posso chegar para o cara sendo louco sem ter conhecido ele, mas sei que depois eu posso fazer isso.

**Camila:** Já sabe os limites, não é?

**Estudante 3:** Exatamente.

**Camila:** E você pensa em ficar no Brasil ou na França depois de formado?

**Estudante 3:** Eu não sei sinceramente.

**Estudante 3:** Você precisa voltar e ficar um tempo aqui no final dos estudos.

**Estudante 3:** Eu não sei, o pessoal fala da minha família, minha família... Mas eu já moro longe da minha família já faz três anos. Então, esta parte eu já estou pelo menos acostumado. Agora eu não sei se eu vou me acostumar em outro continente... eu não sei, sinceramente, eu não sei. Eu quero voltar e ficar pelo menos um tempo aqui para ver se eu me adapto de novo ou se mudou muita coisa... e depois eu vejo.

**Camila:** E o que você espera do intercâmbio, então?

**Estudante 3:** Ah! Essa parte de crescimento em tudo: pessoal, profissional e cultural. E a parte de gestão, o que a gente não tem mesmo no curso de Engenharia, porque aqui é bem engenheiro mesmo, aqui os caras são bem engenheiro mesmo e não têm aulas de gestão. Lá, metade das aulas são de gestão.

**Camila:** Então tá! Obrigada pela entrevista.

---

<sup>128</sup> Devido a uma falha técnica na gravação do áudio, não foi possível transcrever na íntegra o início desta entrevista.

## Estudante 4

**Camila:** Já está gravando? Eu sou a Camila e vou fazer uma entrevista com você sobre seu perfil no Francês e eu quero te pedir autorização para gravar esta entrevista, sabendo que sua identidade vai ser preservada, tudo bem?

**Estudante 4:** Tudo bem, eu autorizo.

**Camila:** Qual é a sua idade?

**Estudante 4:** É 21.

**Camila:** 21. E qual Engenharia você está cursando na Poli?

**Estudante 4:** Engenharia Mecânica.

**Camila:** Mecânica? Ótimo, finalmente peguei alguém da Mecânica, porque esse ano o pessoal da Química está em peso. Em qual semestre você está, ou ano, porque é quadrimestral, né?

**Estudante 4:** Estou no sétimo semestre.

**Camila:** E existe algum semestre ideal para fazer intercâmbio?

**Estudante 4:** Ah! Dependendo do tipo de intercâmbio, você vai ou no quinto ou no sétimo, para pegar o duplo diploma.

**Camila:** Ah, tá.

**Estudante 4:** Para aproveitamento de crédito, acho que não tem uma regra assim. Para mim, a escola que eu vou chama *École des Ponts et Chaussées*. O ideal é eu ir no sétimo semestre, aí eu faço à parte que dá para aproveitar mais da escola, da grade da *École des Ponts et Chaussées*.

**Camila:** Onde fica essa escola?

**Estudante 4:** Em Paris.

**Camila:** Mas é *École Centrale*?

**Estudante 4:** Não. É uma outra escola, *École des Ponts et Chaussées* chama.

**Camila:** Você concluiu os estudos em escola pública ou privada?

**Estudante 4:** Privada.

**Camila:** Privada, Ensino Médio e Ensino Fundamental?

**Estudante 4:** Isso.

**Camila:** E qual é o seu nível de conhecimento em línguas estrangeiras?

**Estudante 4:** O inglês eu sei fluente, e o francês eu sei não fluente.

**Camila:** Mas você já tinha aprendido francês antes do CFI?

**Estudante 4:** Eu tinha uma noção, eu tinha estudado um tanto com o meu pai, fui para França uma vez.

**Camila:** Ah! Você já foi para França? Quanto tempo você ficou lá.

**Estudante 4:** Fui, na verdade, eu fui duas vezes, uma vez eu fiquei um mês e outra vez eu fiquei um mês e meio.

**Camila:** E era intercâmbio, ou você foi a passeio?

**Estudante 4:** Era uma mistura, eu estudei na escola de lá, fiz um mês de intensivão e aprendi um monte. Então eu não tenho muito período de estudo em francês, mas foi bastante intenso então.

**Camila:** E agora, você vai ficar dois anos lá?

**Estudante 4:** Dois ou três anos.

**Camila:** Dois ou três?

**Estudante 4:** É. Sou eu que tenho que escolher.

**Camila:** Hum! E você já sabe o que você vai escolher?

**Estudante 4:** Não. É muito difícil. Profissionalmente, é bom eu ficar três anos, é uma experiência muito grande, uma visão muito boa, profissionalmente, antes de eu me formar. Mas no outro ponto, eu vou ficar com saudade daqui, então é mais complicado, então eu não sei o que eu vou fazer.

**Camila:** Então você estudou quanto tempo na Aliança Francesa?

**Estudante 4:** Foram duas vezes de um mês.

**Camila:** Você não chegou a estudar aqui no Brasil?

**Estudante 4:** Não.

**Camila:** Você só estudou no curso do intercâmbio?

**Estudante 4:** É, e aí meu pai, durante um ano e meio que eu estava no colegial, enquanto ele me levava para escola, ele falava francês comigo. Eu morava em Santo André e estudava em São Paulo.

**Camila:** Ele é brasileiro, seu pai?

**Estudante 4:** É. Só que ele morou lá um tempo, então ele sabe bem. E nesses quarenta minutinhos, ele ficava falando umas coisas em francês, e, meio dormindo, eu tava, mas fui absorvendo. E hoje, quase tudo que eu sei vem destas duas viagens e o que eu aprendi com o meu pai.

**Camila:** Você teve um incentivo dele então?

**Estudante 4:** Sim.

**Camila:** E este intercâmbio foi antes de você entrar na Poli?

**Estudante 4:** Um foi antes e o outro foi no primeiro ano.

**Camila:** E por que você está aprendendo francês agora aqui no CFI?

**Estudante 4:** Porque eu sempre quis aprender direito e, na verdade, eu quero aprender uma outra língua depois do francês. Mas a maior motivação que eu tenho agora é porque eu estou efetivamente indo para lá, e se eu não souber o francês, eu não vou me dar nada bem, né?

**Camila:** Tá certo. E por que você escolheu a França?

**Estudante 4:** Principalmente por influência do meu pai. Eu acho que eu escolheria mesmo sem a influência dele. Mas, antes de eu entrar na Poli, como ele morou lá, eu já fui para lá, já vi como ele morava. Ele sempre passou bastante da cultura francesa pra mim e pra minha irmã, e antes de eu ir para o colegial, ele me mostrou que já existia processo de duplo diploma entre a Poli e as escolas da França.

**Camila:** Ah é?!

**Estudante 4:** É. Então é um negócio de muito longa data.

**Camila:** Então, antes de você fazer Engenharia, você já sabia que existia esse programa de duplo diploma?

**Estudante 4:** É. Engenharia eu sabia que eu queria fazer, desde a 5ª série, nunca fugi disso. Desde cedo, sei lá, os professores me levavam para as olimpíadas de matemática, olimpíada de física, desde pequeno, então não tinha como eu fugir muito disso. Quando chegou na 8ª série, eu tinha certeza de que queria fazer Engenharia. Então eu vim aqui pra São Paulo e estudei no Colégio Bandeirantes, eu já vim aqui pra São Paulo pra estudar bastante e entrar na Poli, e na Poli tinha muitas oportunidades de duplo diploma, então era um objetivo meu.

**Camila:** E aqui na Poli você teve mais informações sobre este duplo diploma?

**Estudante 4:** Tive, porque eu fui muito atrás. As informações hoje, acho que agora, estão começando a melhorar um pouco, mas quando você entra no primeiro ano não tem nenhum lugar bonitinho pra você obter muitas informações, é tudo uma incógnita. Assim, por exemplo, eu não sabia que existia processo de duplo diploma para onde eu estou indo. Achei que só tinha da *École Centrale*, por exemplo, e tem um monte a mais além da *École Centrale*. E estes outros a mais combinam muito mais com o meu perfil, então quando eu prestei, eu prestei *École Centrale* e aí, se eu tivesse passado, não seria um curso que combinaria com o meu perfil, então ainda bem que eu não passei, eu estou indo para uma escola que pra mim é muito melhor.

**Camila:** Mas isso não foi seu pai quem te falou, você descobriu isso aqui?

**Estudante 4:** Sim. Meu pai não tinha como saber quais escolas... Hoje em dia, tem mais palestras, eu vi uma na semana passada sobre duplo diploma, então acho que melhorou um pouco, mas quando eu entrei, não tinha, então eu não sabia nada disso.

**Camila:** E você já tentou se candidatar antes, no quinto semestre, por exemplo?

**Estudante 4:** Eu tentei no quarto e no quinto, que eu pensei que era o último, aí quando eu não passei, eu me desesperei. Mas depois eu vi que tinha um monte e a escola que eu passei é melhor até, tem muitas *Centrales*.

**Camila:** Mas onde você descobriu isso, no *site*, ou você conversou com professores?

**Estudante 4:** Eu entrei no *site* da Poli, no comitê internacional da Poli, descobri o nome do professor, descobri a sala dele e fui lá na sala dele conversar. Falei: “é o seguinte, eu queria saber o que eu poderia fazer, já que eu não passei e queria tanto, tem outra opção? Eu consigo fazer intercâmbio com aproveitamento de créditos?” Então, ele me falou que tinha vários outros.

**Camila:** Você tem alguma informação sobre esta instituição que você vai, como é o esquema de aula, quais são as disciplinas que você vai fazer?

**Estudante 4:** Tenho.

**Camila:** E você descobriu isso como? Também foi pelo *site* ou com algum professor?

**Estudante 4:** Antes, esse meu professor passou contato de gente que está lá, então eu acabei descobrindo bastante coisa assim, e isso me ajudou também a passar, porque você tem que fazer uma carta de motivação e, para isso, você precisa conhecer muito bem a instituição. E aí eu pesquisei um monte antes do processo para saber sobre isso, sobre a grade e tudo mais, e hoje em dia eu já sei bem mais coisa, porque eu já fui aceito. Então, eu já recebi um monte de carta, eu já escolhi minha grade, e como já está mais perto, eu tive como saber também.

**Camila:** E como foi essa recepção? Você acha que foi bem recebido?

**Estudante 4:** Por e-mail e eu fui bem recebido. Já tive resposta de vários e-mails explicando cada coisa da escola: sobre grupos, grêmio, explicando tudo, como faz para participar, como é a vida, quanto custa, explicando tudo, e eu acho que as pessoas são receptivas lá, é o que parece ser.

**Camila:** E você que já foi pra França, você morou lá e teve contato com franceses, você chegou a vivenciar a cultura deles?

**Estudante 4:** Sim. Eu morei na casa de uns franceses, eu acho, quero dizer, eu tenho certeza que a cultura aqui é muito diferente da de lá.

**Camila:** No que é diferente?

**Estudante 4:** Ah! No jeito que as pessoas se relacionam. Não por falta de respeito ou falta de proximidade, mas os costumes são diferentes e isso eu já sei que não vai ser igual aqui. Então eu não estou esperando muita proximidade.

**Camila:** Você acha que ter este tipo de conhecimento, antes de fazer o intercâmbio, te ajuda? Você acha que quando você chegar lá você vai se adaptar melhor?

**Estudante 4:** Acho que sim, porque tem bastante gente que vai pra lá e não se adapta, não fica contente porque a cultura é diferente. Acho que, como eu estou indo sabendo que a cultura é diferente, não esperando uma cultura igual, a chance de eu me adaptar lá é muito maior.

**Camila:** E o que você faz pra se preparar para este intercâmbio na França? Você pesquisa informações sobre a universidade, ouve música, lê livros, conversa com amigos, como você se prepara para esta experiência?

**Estudante 4:** Eu tento aprender o francês o máximo possível e, pra dizer a verdade, agora eu tento viver aqui o máximo que eu consigo, porque eu sei que vou ficar com saudades. Então é assim: eu acho que quando eu chegar lá, eu vou conseguir aprender muito mais rápido do que estando aqui.

**Camila:** Aprender tanto Engenharia como o francês mesmo?

**Estudante 4:** Sim. A cultura, a língua, vai ser tudo automático, natural.

**Camila:** E você costuma acessar algum outro *site* francês, tem contato com algum outro tipo de documento, revista?

**Estudante 4:** Tem um *site* da TV 5 que tem um monte de atividade, um monte de notícias, e eu entro lá.

**Camila:** Com qual frequência?

**Estudante 4:** Ah! Neste final de semestre, quase nunca. Mas, até antes, eu entrava até umas três vezes por semana pelo menos, eu entrava e sempre via alguma coisa.

**Camila:** E o que você espera do curso do Francês aqui no CFI?

**Estudante 4:** Eu espero não o aprendizado da língua convencional, mas o aprendizado da forma que é. Aqui a gente aprende bastante sobre a cultura, os hábitos, o jeito que os franceses se expressam, mostra alguns detalhes da cultura francesa, e não da gramática especificamente.

**Camila:** Você acha importante aprender a cultura francesa?

**Estudante 4:** Eu acho que sim. Eu acho que agora é muito melhor aprender este tipo de coisa do que tentar aprender a gramática, que lá, depois de um mês ouvindo francês vinte e quatro horas por dia, vai ser muito mais fácil aprender a gramática do que aqui tentando decorar.

**Camila:** Mas, e a cultura, vai ser tão fácil assim para aprender em um mês?

**Estudante 4:** Ah! Vai... mas é bom chegar sabendo um pouco, né? Senão a gente chega perdido.

**Camila:** Eu queria que você citasse três palavras, as primeiras que viessem à sua cabeça quando você ouve “universidade francesa”, “*École Centrale*”, “estudos na França”. Quais são as três primeiras palavras que te associariam a isso?

**Estudante 4:** Bom, pra mim: oportunidade, experiência e conhecimento, são as três que eu mais costume pensar.

**Camila:** Está ótimo. E em relação à França, no país como um todo, você consegue pensar em outras palavras?

**Estudante 4:** França...

**Camila:** O que é a França pra você?

**Estudante 4:** Desenvolvimento. Chega até o ponto de estagnação, de tanto desenvolvimento que tem lá, eu olhando como engenheiro. Agora, culturalmente, não tem nem como comparar com aqui. Acho que a Europa, para a gente que está indo estudar Engenharia lá, a gente ganha muito mais culturalmente do que da própria Engenharia, porque lá a carga cultural que a gente consegue ganhar é imensa. Paris, a Europa inteira, é uma concentração de línguas, de culturas, tem uma população tão diferente num espaço pequeno que vai ser muito enriquecedor, é assim que eu vejo a Europa de uma forma geral.

**Camila:** Mas o curso de Engenharia você acha que é melhor lá do que aqui no Brasil?

**Estudante 4:** É. Eu acho que a Poli é muito boa, mas eu acho que lá é melhor. Senão eu não estaria indo. Eu acho que o que eu consigo ganhar com a Engenharia não é tão grande quanto o que eu consigo ganhar com todo o resto. Eu estou na metade do quarto ano, então eu quase acabei... o quinto ano é estágio. Então lá eu vou estudar mais algumas coisas do curso deles que pode ser diferente, mas a maior experiência para mim vai ser cultural.

**Camila:** E você acha que este enriquecimento cultural você só pode adquirir na França ou em algum outro país, inclusive no Brasil?

**Estudante 4:** Eu acho que em qualquer outro país é maior do que aqui dentro do Brasil.

**Camila:** Mesmo assim, você quis a França. E o que você pensa sobre os estereótipos franceses? Você que já foi pra lá deve ouvir que eles não tomam banho, que são fechados, o que você pensa a respeito disso?

**Estudante 4:** Eu não concordo com os estereótipos, de tomar banho eu não sei, mas os outros estereótipos é mais pra quem vai lá passa um mês e não entende como é a cultura deles e volta pensando que a vida deles deveria ser igual a vida daqui.

**Camila:** E você pensa em ficar no Brasil ou na França depois de formado, você tem que voltar, né? ficar um ano aqui?

**Estudante 4:** Eu tenho que voltar e ficar 6 meses, aí eu acabo a graduação e depois disso eu posso voltar, eu vou ter o diploma de lá, então eu posso voltar pra lá. Mas eu acho que vou ficar no Brasil, principalmente por ter muito mais trabalho aqui do que lá.

**Camila:** Ah é! O mercado de trabalho é muito melhor aqui.

**Estudante 4:** É aqui é muito melhor, aqui não tem nada construído, tudo falta aqui. E sempre que faltam coisas, é bom para o engenheiro, porque ele constrói as coisas que faltam. Lá tem tudo, estradas, pontes, indústrias, não tem mais indústria porque é tão caro pagar impostos, e tem gente que vem trabalhar aqui.

**Camila:** Inclusive vem engenheiros trabalhar aqui?

**Estudante 4:** Vem. Eles trazem gente, trazem a indústria deles pra cá, então eu vou ficar por aqui mesmo, a princípio, se algum dia eu virar chefe, aí eu vou pra lá.

**Camila:** E de uma maneira geral, para finalizar, o que você espera deste intercâmbio? Na sua experiência profissional, pessoal, acadêmica?

**Estudante 4:** Eu espero que isso seja um ponto muito alto da minha vida, eu espero muito que seja uma escolha que eu vá lembrar pro resto da minha vida. Espero que seja uma experiência que acrescentou muito pra mim, que mudou muito em mim, não tem como eu voltar [a ser] igual como eu era depois de viver completamente diferente, vou aprender muita coisa... assim eu espero.

**Camila:** Legal, muito obrigada.



## Estudante 5

**Camila:** Oi, eu sou a Camila, vou te entrevistar agora e eu quero te pedir autorização para gravar esta entrevista, usar os dados para minha pesquisa, mas sem divulgar sua identidade, você autoriza?

**Estudante 5:** Sim.

**Camila:** Qual é sua idade?

**Estudante 5:** 20 anos.

**Camila:** E que curso você faz na Poli? Qual Engenharia?

**Estudante 5:** Engenharia Química.

**Camila:** Em qual semestre você está?

**Estudante 5:** Estou no segundo quadrimestre, terceiro ano.

**Camila:** Ah, sim, terceiro ano, eu falo semestre por força do hábito.

**Estudante 5:** Engenharia Química só que é assim, o resto é diferente.

**Camila:** Ótimo! E você concluiu os estudos, antes da Poli, em escola pública ou privada?

**Estudante 5:** Eu fiz o Ensino Fundamental em uma escola particular e, o Ensino Médio, eu fiz numa ETEC.

**Camila:** Mas você fez o Ensino Médio regular na ETEC, e você fez curso técnico também, ou não?

**Estudante 5:** Fiz, mas eu parei no meio para fazer cursinho no último ano para tentar passar na Poli.

**Camila:** Tá, você fez quanto tempo de cursinho?

**Estudante 5:** Um ano, junto com o terceiro colegial.

**Camila:** E qual é o seu nível de conhecimento de línguas estrangeiras?

**Estudante 5:** Inglesa, eu fiz um curso na *Fisk*, terminei o curso e faço francês agora, e estou mais ou menos no intermediário.

**Camila:** Você acha que saber inglês ou pelo menos ter uma noção te ajuda a aprender o francês, que é bem diferente?

**Estudante 5:** Ah, para aprender uma nova língua talvez sim, mas não tem nada a ver uma língua com a outra, só pra saber a lidar com o curso de línguas só.

**Camila:** Você já tinha aprendido o francês antes de entrar aqui na CFI?

**Estudante 5:** Nem um pouco, na verdade eu faço o Poliglota e eu faço o *Mobilitéé* só no CFI.

**Camila:** Por conta do intercâmbio?

**Estudante 5:** Isso.

**Camila:** E você estudou quanto tempo no Poliglota?

**Estudante 5:** Um ano e meio.

**Camila:** Então você já fala francês?

**Estudante 5:** Mais ou menos, eu falo menos do que o pessoal daí.

**Camila:** E você teve alguma influência, algum incentivo, para estudar o francês?

**Estudante 5:** É, o intercâmbio só. E eu acho uma língua legal, a maioria dos intercâmbios são para lá.

**Camila:** Mas na família, em casa?

**Estudante 5:** Não, se fosse pela família lá em casa, seria o italiano.

**Camila:** E tem algum aspecto da língua que te chama atenção, música, cultura, cinema?

**Estudante 5:** A história só.

**Camila:** E isso te motiva também a aprender, ou não, seria mais intercâmbio mesmo?

**Estudante 5:** Seria mais intercâmbio, mas eu acho legal história, pretendo, quando for para lá, visitar alguma coisa assim histórica.

**Camila:** Então porque você está aprendendo francês?

**Estudante 5:** Para conseguir seguir bem o curso lá, porque se eu chegar lá sem saber nada, pode ser que o tempo que eu perca lá para me adaptar sem saber nada... pode ser que eu seja prejudicado também no começo do curso lá... pode ser que eu não consiga conversar com as pessoas, aí acho que é importante chegar lá e conseguir ter uma relação com os

franceses que já estão lá. Por exemplo, tem uma ou outra pessoa que vem fazer intercâmbio aqui na Poli e, às vezes, não sabem falar o português, aí ficam se relacionando mais com o pessoal do país deles. Eu pretendia me relacionar também com o pessoal de lá.

**Camila:** E, para isso, você acha que basta aprender a língua francesa ou você acha que precisa ter algum outro tipo de conhecimento, sobre história, cultura, sobre o país?

**Estudante 5:** Ah, não sei... acho que é melhor saber a língua, você vai acabar encontrando alguém que tem os mesmos gostos que você, não sei, de esporte, televisão, não sei.

**Camila:** Aí dá para trocar umas figurinhas. Sabendo a língua já é uma ferramenta de comunicação. E por que a França?

**Estudante 5:** Então, meu curso é Engenharia Química, né, aí eu acho que os países mais fortes assim em Engenharia Química são Estados Unidos, Alemanha e França. Só que a Poli disponibiliza mais intercâmbio para a França, então optei (por) ir pra lá e estudar o francês para ir pra lá. E é um país bem forte em Engenharia. Tem as grandes escolas... famosas, tal.

**Camila:** E são melhores do que a Poli? Diferente?

**Estudante 5:** Diferente, acho. É tradicional, não sei se eles têm uma visão diferente de engenheiro, de como ele vai seguir o curso dele, de como ele vai utilizar no mercado de trabalho o curso dele.

**Camila:** E você acha que isso pode te ajudar de alguma maneira?

**Estudante 5:** Sim, melhorar a forma de pensar, tentar liderar, por exemplo, um projeto porque os franceses têm bastante a visão de que o engenheiro, ele se forma e consegue comandar bem uma empresa, assim, não talvez como engenheiro propriamente dito, mas como gestor.

**Camila:** E a França foi sua primeira opção?

**Estudante 5:** Sim.

**Camila:** E como você tomou conhecimento do duplo diploma?

**Estudante 5:** Ah, pelos anúncios que tem por aí, palestras. E logo que você entra na Poli já tem várias palestras falando sobre as oportunidades que tem na Poli, não só de intercâmbio, mas também de esporte, tudo.

**Camila:** E aí você já se interessou pelo programa?

**Estudante 5:** Na verdade, quando eu entrei não sei se eu não acreditava muito na minha capacidade... aí eu nem me interessei muito... aí eu só fui ver no começo do segundo ano, que eu vi que minhas notas eram muito boas.

**Camila:** E precisa ter notas boas? É concorrido?

**Estudante 5:** Ah é sim, muitas vezes, é.

**Camila:** Aí vocês fazem uma seleção?

**Estudante 5:** Sim, sim.

**Camila:** Vocês fazem a seleção aqui na Poli?

**Estudante 5:** Sim, eles olham nota e currículo também, atividades extra curriculares, tem entrevista.

**Camila:** Para qual instituição você vai lá na França?

**Estudante 5:** Eu vou para *Enseeiht* que fica em Toulouse, ela faz parte de sete universidades.

**Camila:** Legal, e você teve que fazer uma seleção para esta universidade?

**Estudante 5:** Isso.

**Camila:** Em francês?

**Estudante 5:** Não, foi uma seleção só para o pessoal da Engenharia Química, e os professores já têm contato com estas universidades. Então, a universidade já deixa a critério dos nossos professores selecionarem a gente.

**Camila:** Quanto tempo você vai ficar lá?

**Estudante 5:** Dois anos.

**Camila:** E você tem bolsa?

**Estudante 5:** Tenho.

**Camila:** Qual?

**Estudante 5:** A Brastec.

**Camila:** E essa te dá direito a fazer o curso de *Cavilam* também?

**Estudante 5:** Sim, mas eu não vou fazer.

**Camila:** Por quê?

**Estudante 5:** Porque meu curso é Engenharia Química quadrimestral e lá não. Eu vou ter que terminar até o final de agosto o quadrimestre para poder ir.

**Camila:** Então você já vai chegar lá começando o semestre?

**Estudante 5:** Isso, vai acabar minhas aulas aqui, eu vou ficar meia semana e já vou para lá.

**Camila:** Entendi, e como você faz para se preparar para este intercâmbio, além de estudar o francês no Poliglota e aqui. Você conversa com amigos, busca no *site*, lê livros? O que você faz?

**Estudante 5:** Eu tenho conversado bastante com uma pessoa que está lá, na cidade que eu vou em Toulouse, e eu tenho perguntado essas coisas, tipo qual local ele acha interessante eu ficar. Aí ele já falou um que é dez minutos da universidade, sobre a bolsa se dá para administrar bem, se vai faltar ou não dinheiro. Ele falou que dá para sobreviver muito bem. Sobre o celular eu não sabia, eu perguntei se ele achava melhor eu comprar aqui ou lá, sobre operadora.

**Camila:** Dá para comprar *chip*?

**Estudante 5:** Isso, várias coisas.

**Camila:** Ele é brasileiro, estuda na Poli?

**Estudante 5:** Sim, veterano meu lá.

**Camila:** Ah, você já conhecia ele antes de ele ir.

**Estudante 5:** Não, eu não conhecia.

**Camila:** Como você pegou contato?

**Estudante 5:** Quando eu passei, me falaram que têm dois meninos que estão lá, então eu adicionei. E eu vou chegar lá, ele vai continuar lá.

**Camila:** Então, mas quem te falou isso?

**Estudante 5:** Outros veteranos que eu conheço.

**Camila:** Informação “boca a boca”.

**Estudante 5:** Isso.

**Camila:** No que você acha que o francês vai ser útil, em relação aos seus projetos pessoais, profissionais?

**Estudante 5:** Têm muitas empresas grandes de engenharia multinacionais. Por exemplo, a língua em si ajudaria se eu precisasse fazer uma visita lá na sede na França ou fazer um trabalho lá, ou viesse alguém da sede da França aqui, para eu conseguir me comunicar. Tem uma empresa aqui que eu gosto bastante que é a [...], eles mandam bastante gente para França para trabalhar ou vem bastante gente para cá, por exemplo, é uma empresa que, se eu não fosse agora para França, eu tentaria estágio lá.

**Camila:** Então você já tem seu objetivo profissional, quando você voltar da França você vai tentar entrar nesta empresa.

**Estudante 5:** É... vou tentar ela além de outras, mas o francês ajudaria bastante. Língua francesa é uma língua bastante falada até. Vejo que a professora falou que uma a cada vinte pessoas no mundo falavam francês. Acho que é bastante até.

**Camila:** E o que você espera deste curso de Francês?

**Estudante 5:** Ah, eu espero estar me ajudando bastante quando eu chegar lá, porque tem bastante francês que vem aqui pra Poli e quando tem festa, eu converso, eu tento falar o francês e dá para se comunicar, não tão rápido, porque não é habitual ainda, não dá para conversar o dia inteiro em francês. O que falta mais para quem estuda aqui é ter na rotina o francês, porque conhecimento gramatical assim a gente aprende até que bastante.

**Camila:** Falta prática mesmo?

**Estudante 5:** Sim.

**Camila:** E quais as informações que você tem sobre os estudos desta universidade que você está indo, sobre grade horária, esquema de aula, seminários, trabalhos, se tem chamada oral?

**Estudante 5:** Eu sei as matérias, a maioria das matérias tem muito trabalho, sei que as provas, a duração, não são muito longas. O curso, sei que é bem parecido com o meu aqui da Engenharia Química da Poli, têm os estágios acoplados aos quadrimestres, mas apesar do curso ser bem parecido, têm uns focos diferentes na parte de informática e engenharia química, que aqui não tem tanto.

**Camila:** E lá também é integral, você vai passar o dia inteiro estudando?

**Estudante 5:** É, sim.

**Camila:** E isso você já está acostumado, não é?

**Estudante 5:** Sim, desde o colégio, porque eu fazia o colégio de manhã e o cursinho à tarde.

**Camila:** Bom, agora eu gostaria que você associasse três palavras, as três que te vier na cabeça, quando você ouve “universidade francesa”, “École Polytechnique”, “estudos na França”, o que isso representa?

**Estudante 5:** Oportunidade, futuro, experiência.

**Camila:** Ótimo, e em relação à França, o país como um todo, o que você sabe da França, o que você associa à imagem da França?

**Estudante 5:** Eu acho que o país tem bastante história. Eu, particularmente, faço exatas, mas eu gostava bastante de História no cursinho. Ah, é um país que gosta bastante de futebol e eu também gosto, é um país que tem vários lugares bonitos e já ouvi falar também que tem alguns lugares da França que o pessoal é mais fechado, mas até aí eu não sei se é verdade, e tem gente que fala que o francês fede, por isso usa perfume. Ah... não sei, o que mais?

**Camila:** Você sabe de outros estereótipos? Que eles carregam baguete debaixo do braço, que eles fumam? O que mais te contaram?

**Estudante 5:** Isso, eu não sei. Não sei se eles são muito festivos, mas já ouvi falar que os lugares de sair para jovem não fecham muito tarde, fecham uma hora da manhã, e aqui, uma da manhã, as pessoas estão indo pra sair. O que mais eu ouço falar é que o pessoal do norte da França é bem fechado... chato assim, mas não sei, o pessoal que eu conheço, que foram para lá, falam que o pessoal do sul é mais aberto, mais legal.

**Camila:** Então... e você acha importante ter este tipo de informação, saber estereótipos, ou aspectos da cultura francesa antes de vivenciar esta experiência lá?

**Estudante 5:** Ah, não sei, eu acho que não, principalmente se for um estereótipo ruim, porque aí você pode chegar lá já com uma imagem não muito boa de uma pessoa que, na verdade, não é aquilo que você pensa quando chegar lá. Então eu prefiro eu mesmo descobrir, se é coisa boa ou ruim.

**Camila:** E você pensa em ficar no Brasil depois de formado?

**Estudante 5:** Sim, posso ir para fazer algum trabalho, mas eu vou acabar morando aqui no Brasil.

**Camila:** E para finalizar, o que você espera do intercâmbio, de uma maneira geral, pessoal, profissional? Enquanto experiência, vivência, o que você acha que isso vai te trazer? O que você espera desta experiência?

**Estudante 5:** Eu acho que vai me ajudar muito ir pra lá, porque eu estou com vontade de aprender coisas que eu não aprenderia aqui no curso. Vou ter oportunidade de trabalhar lá. Fazer estágio fora, que eu acho que é importante para o *curriculum*, ter uma experiência grande de saber se virar sozinho, tomar decisão sozinho, até mesmo cozinhar sozinho, lavar sua roupa. Fazer tudo sozinho, porque a maioria dos que vão já fazem tudo isso aqui, porque eles não são de São Paulo. Eu sou daqui já e eu nunca tive essa experiência. De aprender outra língua, não só o francês, mas conhecer gente de outros países, o inglês também, porque vai ter bastante gente falando inglês lá.

**Camila:** E lá vai dar para você viajar.

**Estudante 5:** Sim, vai dar para conhecer bastante lugar também.

**Camila:** Está ótimo, muito obrigada.

## Estudante 6

**Camila:** Oi, *Estudante 6*, eu sou a Camila. Como eu conversei com você, eu vou te entrevistar para usar os seus dados na minha pesquisa que é sobre as representações culturais dos brasileiros em relação à França. Você autoriza a gravação da entrevista?

**Estudante 6:** Autorizo.

**Camila:** Ai que bom. *Estudante 6*, qual a sua idade?

**Estudante 6:** Eu tenho 20 anos. Eu faço 20 anos em Junho, então eu já falo que tenho 20 anos.

**Camila:** Tá certo. Qual Engenharia você está cursando?

**Estudante 6:** Eu curso Engenharia Mecânica.

**Camila:** Qual semestre você está?

**Estudante 6:** Quinto semestre.

**Camila:** É terceiro ano?

**Estudante 6:** Sim, terceiro ano.

**Camila:** É semestral mesmo?

**Estudante 6:** É semestral.

**Camila:** Que escola você concluiu o Ensino Fundamental e o Médio? Era pública ou privada?

**Estudante 6:** É privada, mas ela não é muito conhecida. Na verdade, eu vim da zona leste, então não era uma escola muito boa, pelo menos ela não notava os pontos fortes dos alunos, sabe?

**Camila:** Sei. E você fez cursinho?

**Estudante 6:** É, então, na verdade, eu queria ITA, e o ITA demanda uma preparação melhor e, bom, quando eu saí, eu não queria Poli, eu queria, na verdade, Engenharia Aeronáutica, que tem na USP também, lá em São Carlos e é um pouco mais concorrido na época... hoje não é mais... e aí eu não consegui passar e eu fiz um ano de cursinho, aí eu vim para a Poli.

**Camila:** E qual o seu nível de conhecimento de línguas estrangeiras?

**Estudante 6:** Então, eu tive na escola espanhol. Eu acho que de espanhol eu diria que tenho nível intermediário/básico, pré-intermediário. Do francês, eu comecei a estudar aqui, então julgo que eu já tenha um B1, B2 ali. E do inglês, eu adoro inglês, sou fluente em inglês.

**Camila:** Legal! E você acha que saber o inglês e o espanhol te ajuda a aprender o francês?

**Estudante 6:** Ajuda, não sei se é, mas acho que pela proximidade de língua... não é a proximidade de gramática, de estruturas na língua, mas o que te ajuda é que quando você já sabe uma língua, você já sabe as técnicas que você vai usar, para você tentar aprender uma nova estrutura de uma frase ou de uma gramática especial, então você sabe qual o seu jeito de aprender as coisas novas. Pelo menos eu, por exemplo, com o inglês, a minha experiência é que lia o dicionário... eu gosto muito de gramática, particularmente, então eu pegava gramática por fora e ficava lendo e aprendia gramática e junto com isso vinha o vocabulário e, então, esse foi o meu modo de aprender e eu apliquei isso no francês e parece que deu certo.

**Camila:** E o que te influenciou em aprender francês?

**Estudante 6:** Então, na verdade, estudar francês me influenciou, porque eu queria fazer intercâmbio e não só o intercâmbio, (mas também) o duplo diploma que é uma oportunidade que a gente tem aqui na Poli. Além do intercâmbio normal, o duplo diploma, ele é um pouco mais vantajoso, porque você fica dois anos e aí você se forma aqui na Poli e você também ganha o diploma de lá e aí você é reconhecido como se fosse um engenheiro francês, por exemplo, igualmente, então isso já ficou bem atraente para mim. Então, bom, eu falei: "para qual que eu vou?". Aí o ideal seria ir para um país anglófilo, mas não tinha nenhum país anglófilo e eles não gostam de alunos que ganham o diploma deles e não pagam nada. Então, eles não, por mais que o aluno seja bom, e aí são várias as exceções, por exemplo, bem raro isso, aí a maioria é Europa e a Poli faz parte de um grupo que chama TIME, e esse grupo reúne as melhores instituições da Europa, inclusive reúne a Poli também, e aí

constitui as instituições francesas, alemãs, italianas e eu escolhi o francês porque a língua é mais fácil também e porque eu acho também que o francês tem um toque [a] mais, um toque de gramática [a] mais... sei lá, eu acho que a cultura francesa é mais próxima de mim que a alemã, por exemplo.

**Camila:** Ah, você diz que o francês é mais fácil que o alemão?

**Estudante 6:** É, isso é, mas não só isso, a cultura deles é mais próxima com a que eu tenho aqui, acho que a Alemanha é muito bizarra, sabe?

**Camila:** Você já foi para lá?

**Estudante 6:** Não, nunca fui, eu só fui para o Canadá. Estranhei um pouco, mas dizem que quando você vai para um país bem anglo-saxão mesmo... Inglaterra, Alemanha... você estranha muito, então eu já falei, vou ter que ficar dois anos por fora, então que seja pelo menos em lugar latino ali, tem que ser a França.

**Camila:** E foi a sua primeira opção a França?

**Estudante 6:** Foi. Foi, porque assim, a gente começa ter essas possibilidades de duplo diploma a partir do quarto semestre, já tem que ter cursado 40% de todo o curso e aí a primeira opção que a gente tem são as (escolas) francesas, que são as escolas de elite lá e aí eu falei “vou tentar”, mas eu tentei por tentar, se não der tudo bem, mas eu quero uma, e se não for tudo bem, aí eu tento no próximo ano e aí vou ter que dar o maior gás, aí deu já na primeira. A minha primeira opção, sim, seria de fato as (escolas) francesas... e alemãs não tem como ser, porque elas não gostam de pegar quem está ruim no alemão, no mínimo a pessoa tem que estar no intermediário para pensar em melhorar até o ano.

**Camila:** E o francês não?

**Estudante 6:** Não, o francês é rápido, existe um cara, por exemplo, que ele está indo para Lille e ele não sabia nada de francês. Quando ele foi, ele só falou inglês lá na entrevista e escolheram ele. A gente até achou que ele não seria escolhido e aí, nesse tempo em Lille, ele até conseguiu evoluir o francês dele, então eu acho que é um pouco mais fácil pra gente se habituar ao francês.

**Camila:** E por que você acha que a França oferece essa oportunidade, desse programa de duplo diploma?

**Estudante 6:** Não, eu acho, espero que ainda tenha e aí, bom, eu procurei e eu vi lá sobre a extensão acadêmica, aí tem intercâmbio internacional, aí eu, bom, vou dar uma olhada no que tem, aí eu vi que tinha as *Centrales* já de começo, aí eu vou prestar em todas, só que o importante é que eu tenha um desempenho bom e aí eu mantive um desempenho bom, e agora é tentar correr atrás desse francês. Assim que eu entrei na Poli, eu já vim aqui no “CEFI”... tentei me matricular, mas aí eles falaram que é melhor estar no segundo semestre que aí você... não sei, acho que é alguma coisa de administração deles... aí eu falei tá bom, então eu espero, aí eu esperei um semestre e então eu comecei já no segundo semestre. Os professores foram ótimos e aí eu fui evoluindo e agora já estou no Módulo 4 e acho que eu estou bem preparado também para poder chegar lá e me virar bem, saber conversar bem, ter um “que” a mais...

**Camila:** O que é esse “quê” a mais?

**Estudante 6:** Então este “quê” a mais é um diferencial no meio de trabalho. É evidente que se você falar “ah, eu fiz um intercâmbio fora”, o empregador já te veja com olhos diferentes. O primeiro motivo é porque você já tem uma vivência por fora, você sabe como é o modo operante de uma engenharia global, como que o francês pensa, como você vai ter que adaptar o seu jeito de pensar na engenharia para o jeito deles... então, isso já é bem atraente para eles. E segundo, porque para a família, como está aqui o seu filho e faz um intercâmbio, tem um *status*. Mas não é pelo *status*, na verdade, o conhecimento do francês na ciência mesmo... eles sempre foram excelência, na ciência mesmo, na matemática e eu sempre fui apaixonado por matemática. Eu já via que na *Centrale de Paris* já tinha se formado o Gustave Eiffel, o dono de fábrica de pneus, e também esses caras, realmente, eu acho que fazer um intercâmbio vai tentar me dar um diferencial, e se também esses caras

saíram de lá e saíram bem, então, o segundo motivo, eu me baseei do que saía de lá e também um gosto pessoal de línguas, eu sempre gostei de idiomas, eu acho que até um pouco mais que matemática, mas eu sempre gostei de idiomas, de viajar eu também gosto, acho que todo mundo gosta. Eu lembro que desde pequeno, na verdade, eu não era muito de ficar estudando matemática. Antes, eu chegava aqui na escola, entrava no Orkut que tinha uma comunidade e a comunidade era de inglês, bom, e eu ficava lá desde quando eu chegava do almoço até a noite. Então é assim... eu sempre gostei de línguas de idioma, aí a minha paixão pelo inglês é à parte, mas eu sempre desenvolvi o francês, então também o terceiro motivo seria também o contato com uma outra língua que é uma paixão pessoal, eu também gosto.

**Camila:** E essa paixão pessoal pelo francês teve alguma outra motivação, além do intercâmbio?

**Estudante 6:** Bom, eu não conhecia nada da cultura francesa, mas eu sabia que ela era mais parecida com o que eu tenho aqui no Brasil, mas eu não conhecia muito. Bom, pra falar que eu não conhecia muito, eu gostava de uma frase de uma música dos *Beatles* que fala "*Michelle, ma belle. Sont des mots qui vont très bien ensemble, Très bien ensemble.*", aí eu não sabia o que era isso, mas eu já começava ouvir e falava assim: "deixa eu ouvir de novo esta parte". Eu não entendia nada, mas eu falava "*très bien monsieur*", eu não falava certinho, mas eu quero aprender a falar, aí eu comecei aqui, teve o incentivo mesmo do lado acadêmico para eu poder estudar fora, mas aí eu tive uma professora ótima, tive a Lis que foi do Módulo 1 e ,depois, Módulo 2 e Módulo 3 com a Ana, que aí sim foi quem me despertou a paixão pelo francês, eu saí mesmo da aula e fui me aprofundando no francês, eu realmente gostava de estudar foi um processo gradual, não foi nada de... "ah, eu adoro francês", foi crescendo, fui aprendendo a gostar.

**Camila:** E antes de entrar aqui você já tinha estudado francês ou você começou aqui mesmo?

**Estudante 6:** Não, não tinha, eu não sabia nada mesmo, uma facilidade que acho que tenho, eu conseguia associar umas palavras que já eram francesas. Eu conseguia pensar em como será que eu falaria isso, como será que eu diria essa palavra ou essa frase em francês?

**Camila:** Então você é muito curioso, gosta de desafio?

**Estudante 6:** Sim, eu sou muito curioso e achei que ia gostar dessa linha, aí fui a fundo.

**Camila:** Legal, bem bacana, Como você faz para se preparar para o intercâmbio na França, além de estudar francês?

**Estudante 6:** Além de estudar francês sim, é... bom... no lado de língua ou no lado total assim?

**Camila:** Tudo, de vivência, como você se prepara para este intercâmbio? O que você sabe sobre a universidade?

**Estudante 6:** Bom, sobre a universidade eu já sei bastante, inclusive veio uma comissão aqui da *Centrale*, eles vieram aqui na Poli e a gente teve contato com muitos *centralian*, muito, muito, muito. Eu já via fórum, eu fui no *wikipedia*, eu procurava *École Paris*, o grupo de *École Centrale*, então sobre a *école* eu já sabia bem. Então, neste lado assim de chegar lá e "ah, o que tem para fazer?"... tem um lado para esqui na neve, tem bastante coisa que eu já sei que vai acontecer, este lado eu já estou preparado. O lado familiar vai ser meio pesado, porque a minha família é zona leste, eu sou o caçula, já começa por aí. Aí tem meu irmão do meio, minha irmã, que é mais velha, minha mãe e meu pai, e aí tem minha vó, tem minha tia, então é assim, ninguém da minha família é rica, quem trabalhou mais foi meu pai. Os únicos que tiveram uma oportunidade de trabalhar mais e se aperfeiçoar e terem mais conhecimento foram meu pai e a minha mãe, então nós somos muito simples.

**Camila:** Você acha que essa é uma característica geral da zona leste?

**Estudante 6:** Não, não é geral, mas eu acho que o pessoal lá é muito mais caloroso, a gente vai um na casa do outro... é diferente, eu não sou bem da zona leste, mas eu nasci e fiquei bastante tempo lá e a minha família toda é de lá, eu sou de Poá, mas é do lado, Poá, Itaqua, Itaim Paulista, é assim, o contato é diferente. Eu sou muito apegado à minha vó, aos meus tios, aos meus irmãos. Mas quando eu resolvi a não ter que vir para cá dia após dia, de trem, aí pega metrô, pega ônibus, eu falei: "bom eu quero morar aqui". Foi difícil, embora eu

sempre volte na sexta-feira, é difícil, eu aprendi a conviver, foi uma certa preparação que eu tive. Eu falei: “bom eu quero o intercâmbio, então eu vou ter que superar isso”... então que seja para eu aprender a conviver sem eles.

**Camila:** Então você se mudou para cá, perto da USP já foi uma preparação para o intercâmbio?

**Estudante 6:** Sim, ajuda, também porque eu não queria pegar horário de pico, mas ajuda. Não foi só isso, eu poderia pegar um fretado, por exemplo, mas eu falei não deixa eu aprender, vai ser difícil, mas hoje em dia tem *skype*. E da língua a gente tem o preparo aqui todo, que eu acho bem completo, mas eu não sei se é completo, porque eu, modéstia a parte, sou muito dedicado, eu acho que o curso foi dado muito bem, o preparo que eu tive foi bom. Eu acho que já estou bem preparado já, vai ser um pouco difícil, mas acho que vou conseguir lidar bem com isso.

**Camila:** E o que você espera do curso de Francês aqui no CFI?

**Estudante 6:** Eu gosto muito do CFI. No começo, eu achava que não ia dar muito certo porque não tinha muita gramática, mas no primeiro Módulo eu já comecei a ler, eu pegava um texto e começava a ler, chegava em casa, não tinha o que fazer, pegava um texto e começava a ler em voz alta, gravava e me ouvia. O curso eu achei assim: o Módulo 2 e 3 foram os que eu mais desenvolvi mesmo a gramática, no Módulo 2, eu acho, eu já estava conseguindo falar bem, no 3 tive um salto enorme e no Módulo 4 eu aprendi bastante. O curso te dá todas as bases para você fazer o que você quiser com o francês, eu vou usar para ir lá e me virar, mas mesmo que eu não tivesse passado eu já ia estar muito satisfeito.

**Camila:** E você falou que mudou para cá, sabe muito sobre a universidade... E sobre o país, a economia, você acha importante saber sobre esse tipo de coisa?

**Estudante 6:** Acho, muito, porque se eu pensar do outro lado, se o francês estivesse aqui não ia ser bacana ele conversar com alguém e não saber nem um pouco sobre a história, então eu acho importante saber um pouco sobre história, atualidade, tudo.

**Camila:** E você busca este tipo de informação?

**Estudante 6:** Então, a maioria das informações muito específica assim, a gente acabou tendo no próprio CFI, a gente teve aquele curso o *Mobilitéé*, e esse curso a gente fala assim porque eles querem fazer o duplo diploma, então tem bastante coisa bem específica que a gente acabou tendo no próprio curso, mas a partir o Módulo 2, eu comecei a ouvir uma rádio que chama RFI, é toda em francês, e foi bom para treinar a ouvir o francês e me inteirar sobre o que estava acontecendo lá, então tem muita coisa que está acontecendo lá, sobre o casamento *gay*, por exemplo, sobre os valores de família, está acontecendo lá também, eles querem mudar e colocar o inglês também nas universidades, mas o pessoal não gosta disso, eles acham que estão colocando o francês de lado, então tem muita informação que é bom que a gente saiba para não chegar lá cru, então essas informações eu consegui pelo CFI e pelo *Figaro* que também é a página quando eu abro, se tiver algo interessante eu já dou uma olhada, tem a aba, que, quando eu vou ver o *face*, ela já abre.

**Camila:** Eu quero te pedir para associar três palavras, o que te vem à mente quando você ouve “universidade francesa” ou “*École Polytechnique*”, “*École Centrale*”? Quais são as palavras que te vem na mente?

**Estudante 6:** A primeira que vem de cara, **difficuldade**, porque as escolas são difíceis para entrar pelos franceses, são muito concorridas. Eu acho que o nível deles é parecido com o do ITA. Segunda é a **excelência** no ensino lá, eu acho que a tradição conta muito, então essas escolas são muito antigas. E a terceira palavra que me vem à mente... ah pra mim é um **sucesso** que eu tive pessoalmente. Essa madrugada eu estava vendo o pdf dos alunos que tinham sido escolhidos, aí eu revivi a alegria que eu tinha passado e foi melhor do que o vestibular. Na verdade, eu não esperava que ia passar, talvez esperava, porque tinha feito uma entrevista muito boa, eu gaguejo, o inglês tudo bem, mas o francês eu falei uma hora, eu sabia que tinha feito um bom trabalho, mas não pensava que ia ser Paris, então foi uma conquista mesmo.



**Camila:** Muito legal! Você falou que está familiarizado né com o contexto da área, das escolas de lá. E você considera importante então conhecer aspectos da cultura francesa antes de ir para lá?

**Estudante 6:** Sim, eu acho que é sensato que você saiba um pouco, né? Se sair alguma notícia, ou algum assunto que seja contextual é bom que a gente saiba. Quando eu estiver lá, eu vou ouvir falar o francês, mas a gente se insere para saber do que se trata, né?

**Camila:** E o que você pensa sobre a França, sobre os estereótipos que a gente ouve aqui no Brasil?

**Estudante 6:** Então, sobre estereótipo... antes de eu conhecer o francês eu achava, gente eu nunca... gente eu nunca vou aprender esta língua, que frescura é essa de fazer bico, e aí, bom até hoje, o engraçado é que até hoje eu converso com minha mãe e ela fala filho vem aqui falar em francês com ela. E ela fala: larga de ser besta moleque, para de fazer bico, e engraçado que a noção que eu tinha antes de ser uma língua fresca já não existe mais, mas para meus pais existe. No começo, a gente estranha, mas depois fica muito natural aí é bom para gente lembrar quando não sabia o francês. O estereótipo sobre a França não tinha, para ser sincero era um país de grande importância histórica, cultural, acadêmica sim, a gente que é de engenharia, a gente via uma monte de equação que foi feita por franceses né, mas eu não via, como, por exemplo, como eu via os Estados Unidos, não era aquele mesmo olhar de “nossa eu tenho que ir para lá um dia”. Então assim, para quem não sabe a língua, para mim pelo menos, eu não tinha nenhum interesse em ir para França, aí não, eu comecei a mudar, resolvi fazer um duplo diploma, então eu fui aprender, mas no começo eu não tinha um estereótipo, era um lugar assim sem sal, não era um lugar que eu dava importância. Hoje é totalmente diferente. Se você disser para uma pessoa que vai fazer um intercâmbio na França, a pessoa vai falar “ah tá”, agora se você disser que vai fazer um intercâmbio nos Estados Unidos, a pessoa fala “nossa!”. O estereótipo foi muito impresso pela mídia e a pessoa leiga não sabe a importância que é quando se vai e estuda numa França.

**Camila:** Isso porque você ainda não foi para França?

**Estudante 6:** É, e eu não pretendo morar lá... eu vou me surpreender, vou crescer também, o lado pessoal, profissional, o lado acadêmico.

**Camila:** É isso que você espera do intercâmbio, então?

**Estudante 6:** Sim, agora, eu acho que é muita pressão para gente. Nossa... desde o vestibular a gente já tem que saber o que a gente quer fazer, e aí desde o intercâmbio você tem que redigir o seu plano profissional, assim eu não sei se o que eu coloquei lá vai ser realmente o que eu quero fazer. Eu tenho vontade de ser professor universitário, então é assim: eu não tenho certeza do que vai acontecer, mas acho que essa experiência vai consolidar o que eu vou ser no futuro. Eu não espero nada, eu espero as coisas virem e eu me surpreender na hora.

**Camila:** Está ótimo, já respondeu de uma vez as três últimas perguntas. Olha, foi ótimo, obrigada.

## Estudante 7

**Camila:** Como eu te falei, meu nome é Camila, eu quero te entrevistar sobre a minha pesquisa que é sobre representações culturais sobre os brasileiros na França. (Em) que ano você está?

**Estudante 7:** No quinto semestre.

**Camila:** Qual Engenharia você faz... Mecânica? É semestral?

**Estudante 7:** Ela é por cinco anos.

**Camila:** E o Ensino Médio e Fundamental, você concluiu em escola pública ou privada?

**Estudante 7:** Privada.

**Camila:** E qual é o seu nível de conhecimento em línguas estrangeiras?

**Estudante 7:** Em que sentido?

**Camila:** Você fala inglês, espanhol... fala bem, tem uma boa escuta... fala outras línguas?

**Estudante 7:** Sim, eu tenho fluência no inglês, inclusive certificado avançado internacional. O espanhol, eu compreendo, eu tenho dois anos de aula e, agora, o francês. Eu fiz dois anos de francês, e um semi-intensivo na Aliança Francesa, onde um ano de semi-intensivo equivalia a dois anos normais.

**Camila:** Então o francês foi a sua terceira língua estrangeira?

**Estudante 7:** Minha terceira língua, sim.

**Camila:** E você acha que ter este conhecimento de inglês e de espanhol te ajudou a aprender o francês?

**Estudante 7:** Acredito que sim, o inglês, às vezes, facilita por uma terceira via, inclusive tem professores franceses que preferem ensinar algumas palavras falando em inglês.

**Camila:** Ah, é verdade... por se uma língua, talvez, mais conhecida.

**Estudante 7:** Sim

**Camila:** Então, antes de fazer o curso do CFI, você tinha feito outro curso?

**Estudante 7:** Sim, tinha.

**Camila:** Aí você já entrou no CFI com um conhecimento razoável, você já se comunicava em francês.

**Estudante 7:** Já

**Camila:** Em qual nível você entrou no curso do CFI?

**Estudante 7:** Eu estava no... eles chamam de B1.2

**Camila:** E qual o contato que você costuma ter com a língua francesa? Com família, amigos, estudo, televisão, jornal, livros, você lê alguma coisa em outra língua?

**Estudante 7:** Sim, eu vejo na Aliança, tem sempre alguma coisa, um livrinho pequeno para ler *Le Petit Nicolas*, livrinhos pequenos são de leitura para cada nível, e eu sempre tento ler. Eu leio semanalmente o *Le Monde*, eu tento ler porque complica, às vezes. E de vez em quando eu ouço alguns programas.

**Camila:** Você está bem engajado, então.

**Estudante 7:** É uma questão de sobrevivência.

**Camila:** E que conhecimentos você tem sobre a França?

**Estudante 7:** Só mais o que eu leio de notícia, tanto o *Le Monde*, com o nosso sistema internacional sobre política econômica, sobre a história, e ultimamente, pelas aulas, isso eu acho legal, pelas aulas da Aliança e também do CFI na hora de introduzir alguns conceitos na língua começam a falar de partes da França, de regiões da França e de fatores do país.

**Camila:** E você acha importante, então, saber este tipo de coisa em relação ao país para poder aprender a língua francesa?

**Estudante 7:** Com certeza, inclusive é algo que eu sempre pergunto para o professor, estímulo para ter, para mim aprender uma língua é aprender a cultura inteira, não é só falar diferentemente.

**Camila:** E o que te influenciou a querer estudar francês?

**Estudante 7:** O gosto mesmo. É que eu já tinha feito o inglês, e o francês eu sempre tive uma vontade de aprender, tanto que eu fiz. Mas não tinha vontade, por isso eu não continuei, eu queria mesmo fazer o francês. E quando eu comecei, eu já pensava em fazer o intercâmbio, e juntou o útil ao agradável.

**Camila:** Então foi por isso que você foi aprender o francês, para se preparar para o intercâmbio?

**Estudante 7:** Para o intercâmbio e por gosto, se fosse só pelo intercâmbio eu não estaria fazendo tudo (o) que eu faço para estudar.

**Camila:** E de onde vem este seu interesse pessoal pelo francês?

**Estudante 7:** Não faço ideia.

**Camila:** Se interessa pelo país, pela cultura?

**Estudante 7:** Sim.

**Camila:** Já é um fator que contribui, né?!

**Estudante 7:** Bastante.

**Camila:** E por que você escolheu a França para fazer o intercâmbio?

**Estudante 7:** Mais pela visão deles pelo ensino, exemplo na Engenharia Mecânica, já bem especializado, já no meu ano, no ano seguinte, eu começo a ter matérias que são do curso de pós-graduação na minha graduação, e o ensino francês nas *Grands Écoles* é mais genérico, elas são mais globalistas. Eu acho que é o que falta na escola politécnica. E também pelo fato de ter este acordo de duplo diploma.

**Camila:** Como você ficou sabendo deste acordo de duplo diploma?

**Estudante 7:** Eu não sei, para ser sincero, eu descobri. Fui pensando nisso quando eu estava no segundo ano no Ensino Médio. Acho que eu descobri por contato mesmo, com alguém que soube do programa e aí eu fui me inteirar.

**Camila:** Mas aí dentro da Poli você teve mais alguma informação sobre isso?

**Estudante 7:** Aah sim, em aulas extras, conversas.

**Camila:** E a França foi a sua primeira opção para fazer o intercâmbio?

**Estudante 7:** Foi.

**Camila:** E por que este programa despertou seu interesse?

**Estudante 7:** Mais acho para complementar, então a questão de quando eu estava selecionando se eu ia fazer, porque eu posso escolher quando ir, posso fazer neste semestre para ir no ano que vem. Mas eu me interessei bastante por esta visão generalista, principalmente das *Écoles Centrale...* Entrei na Poli buscando isso. E por outros fatores, eu já li que lá eles têm interação pessoal, então não é só aprender matérias. Eles têm uma formação bastante pessoal, formação de grupos.

**Camila:** Para qual *École* você vai?

**Estudante 7:** Lyon.

**Camila:** E era sua primeira opção, você tinha alguma preferência para as *Écoles*?

**Estudante 7:** Não, eu gostei mesmo, porque era uma das mais antigas, a de Paris e a de Lyon as duas do século 19, por ter uma história, uma tradição. A de Lion é mais interessante do que a de Paris para mim, a de Paris, eles focam bastante na área química e eu faço Engenharia Mecânica, então química eu não lembro mais nada. E a de Lyon tem bastante coisa de mecânica e de energia e está mais de acordo com a área que eu quero me especializar depois, mas o resto elas são bem parecidas.

**Camila:** E você vai ficar dois anos lá?

**Estudante 7:** Sim, dois aninhos.

**Camila:** E você tem bolsa?

**Estudante 7:** Sim, eu tenho bolsa, eu fui selecionado pela bolsa Eiffel.

**Camila:** E você vai fazer o curso em Vichy também, no do *Cavilan*?

**Estudante 7:** Farei, minha primeira destinação lá vai ser em Vichy, numa família.

**Camila:** Ah, que bacana! E como você faz para se preparar para este projeto de estudos na França, você busca informação em *site*, conversa com amigo?

**Estudante 7:** Eu busquei bastante informação no *site* deles de currículo, minha primeira ação que eu fiz nesse quesito foi retirar todos os currículos da *Centrales* e comparar com o meu currículo e conversei com diversos professores meus, inclusive tinha um mito de que lá eles tinham uma matemática bastante avançada e coisas que nós não vimos, então eu conversei com o pessoal da matemática aqui e falei: “olha eu preciso ver isso e isso, o que vocês sugerem?”. Isso é só para dar uma lida, só para não chegar e ter um impacto. E também falei com os veteranos de lá. Eu tenho contato em Lion mesmo.

**Camila:** Nossa! E como você vai fazer para estudar matemática em francês, eles já fazem isso no curso, algum exercício ou simulação?

**Estudante 7:** Bom, matemática, a gente brinca que matemática é 70% escrita e 30% número e ninguém acredita, em francês, acho que vai ser meio complicadinho, mas é para isso que eu estou indo.

**Camila:** Tá certo. E no que você acha que a língua francesa vai ser útil na realização dos seus projetos pessoais e profissionais?

**Estudante 7:** Acho bastante importante por conseguir manter um contato facilitado com a França e com as empresas francesas, e só ter o inglês, mesmo sendo uma língua universal mantém uma certa distância, então se for em uma empresa francesa e falar francês já é um fator bem-visto. Em termos profissionais, acho que é praticamente isso, manter contato com a França e a sua esfera de influência, ainda mais que eu vou fazer dois anos de formação lá.

**Camila:** E esse curso do CFI, o que você espera dele?

**Estudante 7:** É que praticamente eu quase acabei ele.

**Camila:** E você atingiu algum objetivo? Você tinha algum objetivo inicial?

**Estudante 7:** Sim, sim, no CFI neste semestre eu fiz ele junto com a Aliança, realmente porque eu percebi depois lendo mesmo que são duas visões a da Aliança tem um estilo que eu gosto bastante que é bem estruturado, em termo de gramática, toda aula tem gramática com uma tabelinha, com exercícios, é bem matemático mesmo. Mas no CFI eu gostei mais por ter este contato com a França e a França em termos de universidade, então a gente discutia como era o ensino lá, tinha vídeos de estudante de lá, temas de estudantes da França e também pelo fato de ter bastante conversação e prática, menos ligado às regras formais da Aliança ou que a minha professora lá reclama a cada cinco minutos e não aceita o errado, e mais de pôr na prática e soltar a língua.

**Camila:** E você acha que este curso te ajudou na preparação do intercâmbio, esse curso do CFI?

**Estudante 7:** Sim, com certeza.

**Camila:** E além da língua, você acha que conseguiu aprender cultura, o aspecto do comportamento dos franceses, da universidade?

**Estudante 7:** Sim, bastante! O fato de, várias aulas, a professora trazer material da França, texto para ler e discutir, inclusive um texto que eu estava lendo na mesma semana no *Le Monde*.

**Camila:** Ai, que legal, muito bom, bem atual então?

**Estudante 7:** Sim.

**Camila:** E você está familiarizado com o contexto universitário dessa *École Centrale de Lyon*, você sabe o que você vai estudar lá? Sabe como é o esquema do curso, das aulas? Os alojamentos? Como são os professores?

**Estudante 7:** Eu tenho bastante informação, inclusive hoje eu estava conversando com o presidente do (*Clube*) lá da Poli, para dar uma confirmada, porque eu já tenho bastante informação do que eu li e perguntei bastante... mas saber realmente vai ser só quando eu chegar.

**Camila:** E como você obteve essas informações além de falar com ele teve mais algum e-mail?

**Estudante 7:** Falar com ele e fazer bastante pesquisa, ver como é que era, inclusive num *site* deles, como estão estruturadas, diversas palestras deles falam, este método de ensino é bastante aplicado lá por várias outras universidades .

**Camila:** Eu queria te pedir para associar três palavras, as primeiras palavras que te vem na cabeça quando você ouve “universidade francesa”, ou “*École Centrale*” ou “*École Polytechnique*”?

Estudos na França? O que isso representa? Quais são as três palavras que você associa assim logo de cara?

**Estudante 7: Aventura** seria uma primeira com certeza, não sei... tem tanta coisa.

**Camila:** Ah, pode falar mais de três, fique à vontade.

**Estudante 7: Competência**, pelo menos pela carga horária que eu vou ter lá, alguma coisa tem que sair. E acho que **desenvolvimento próprio**. Eu estava inclusive conversando com ele sobre isso, eu acho que é minha visão, algo que pelo menos eu busco bastante, que é sair de lá com o ensino francês não com uma formação de engenharia, mas como uma formação pessoal, eles formam pessoas, seres humanos com uma capacidade de engenharia, mas formam pessoas e não conteúdos.

**Camila:** E o que você sabe sobre os franceses, existe algum estereótipo que você ouve e concorda, ou não concorda, não sabe, está com a opinião aberta, por exemplo, sobre o comportamento deles, se eles são mais fechados, menos comunicativos. Que tipo de relações eles costumam estabelecer com as pessoas ou algum outro estereótipo geral que você saiba sobre Paris, sobre a França, você poderia falar um pouco sobre isso?

**Estudante 7:** Claro, falei com a professora Guiomar, ela me recomendou um livro, *Os Franceses*, como eu vou ficar na casa de família, eu falei: “olha eu tenho um monte de estereótipos um monte de palpites e eu não faço ideia de como é uma família francesa” e ela foi e me recomendou para tentar buscar esta informação. Mas já ouvi, inclusive de pessoas que estão lá, que os franceses são mais fechados do que os europeus. São amigos... interação, mas são mais fechados. Eu já vi que os parisienses são meio grossos, mas isso minha professora que é parisiense, falou que não é verdade. Ouvi bastante, e isso a professora Guiomar me alertou, que eles são bastante politizados, o povo lá, eles não condenam nem nada, mas a pessoa tem que ter uma opinião, uma posição, e não adianta ser um cabeça de vento e nem nada. Inclusive eu vou ter que explicar estes protestos no Brasil para minha família assim que eu chegar lá.

**Camila:** Hum, então já precisa ir treinando uma explicação em francês, né? E você acha que esses aspectos culturais que divergem um pouco do nosso podem te atrapalhar ou te influenciar de alguma maneira no intercâmbio, na relação com os franceses? Na universidade? Com os professores?

**Estudante 7:** Eu acho que o fato de ser diferente não é algo que irá atrapalhar e, sim, vai inclusive incrementar mesmo que seja em como lidar...

**Camila:** E lá a carga horária vai ser maior do que a carga horária que você tem aqui na Poli, a carga de estudos?

**Estudante 7:** Oficialmente vai, porque a gente brinca que na Poli a aula não acaba, feriado é dia de trabalho. Mas oficialmente sim, inclusive pelo fator trânsito né. Lá eles começam às 8h e terminam às 18h.

**Camila:** E depois de formado, você precisa voltar para cá, mas você pensa em continuar no Brasil ou voltar para França?

**Estudante 7:** Isso acho que vou deixar aberto, vou voltar para pegar meu diploma na Poli, inclusive eu já falei com os veteranos mais informados, que lá recebem propostas de empresas francesas inclusive aqui no Brasil também eu acho que esse contato com o país, mesmo em termo profissional, eu não quero perder.

**Camila:** Bom, então para finalizar uma pergunta mais ampla e você fica à vontade para responder. O que você espera do intercâmbio de uma maneira mais geral, profissional pessoal, o que você espera dessa experiência?

**Estudante 7:** Do intercâmbio?

**Camila:** É do intercâmbio, o que você espera de dessa experiência? De morar dois anos em outro país estudando numa outra universidade?

**Estudante 7:** Bom, eu espero, do lado pessoal, sei lá uma maturação maior, como vou enfrentar diversos desafios novos que não são habituais, não são do meu cotidiano, ter que lidar com tudo isso. Bom, primeiro, começa toda questão nova de ter que se virar sozinho, depois

inclusive com uma língua totalmente estranha, vai, já tenho contato, mas lá vai ser um impacto, não é como aqui: dá um problema e você já sai falando normal. E também por ser outro país, tudo isso vai agregar de uma forma que eu espero que seja muito boa, pelo menos ao final dos dois anos, que eu saia uma pessoa diferente, isso em termos pessoais. Em termos de conteúdo também, uma coisa que me atrai na *Centrale* é a questão de o primeiro ano, ele é fechado, mas no segundo ano já tem a opção de ir escolhendo, eu posso focar na área que eu quero, algo mais liberal, então também em termos de formação, acho que mais sair, uma visão da Poli, mais sair com uma parte mais aplicada de fórmula e voltar com conceito geral, de como lidar com o conceito geral, entender um pouco de todo mundo, mas saber resolver outros problemas de uma maneira geral, isso em termos de formação. E de conteúdo, esta questão da França né, em toda esfera de influência, eu espero que tendo feito pelo menos uma faculdade lá de estar inserido neste mundo em termos empresariais.

## 4. Questionário para a segunda fase

Questionário – 2ª fase da coleta de dados

Público: estudantes da Poli-USP em mobilidade estudantil na França após 1 semestre no país

### A EXPERIÊNCIA NA FRANÇA

- 1- Onde você está hospedado na França? Qual é a cidade e o tipo de alojamento?
- 2- Quando você chegou à cidade, havia alguém esperando? Se sim, como foi esta recepção? Qual foi sua impressão dos franceses que o receberam?
- 3- Você conheceu novos colegas franceses? O que vocês fazem juntos? Quais suas impressões sobre os primeiros contatos com eles?
- 4- Em quais idiomas você se relaciona na França? (Por exemplo: apenas francês, continua usando o português, também utiliza o inglês, etc.). Por quê? Quais são as dificuldades em se comunicar em francês?
- 5- Você continua estudando a língua francesa? Onde? Como?
- 6- Em seus estudos universitários, a quais materiais você tem acesso? (Livros, documentos de áudio/vídeo, internet, CD-ROM, jornais, apostilas, revistas especializadas). Você navega em sites franceses? Quais? Por quê? Com que objetivo?
- 7- Na universidade, você faz trabalhos com os franceses? Você poderia descrever esta experiência e relatar suas impressões?
- 8- Existe alguma diferença nas aulas na França em relação ao Brasil?
- 9- Como você se prepara para apresentações, trabalhos e tarefas da vida acadêmica?
- 10- Quais são suas dificuldades para acompanhar as aulas em sua universidade? Como você solucionou os problemas encontrados?
- 11- Nos primeiros meses de sua estada na França, o que você descobriu? O que aprendeu? Cite exemplos.
- 12- Você sente falta do Brasil? Do quê? Por quê?
- 13- Quais são as principais diferenças e semelhanças entre a França e o Brasil? (Em todos os aspectos: relacionamentos, vida acadêmica, vida no país...).
- 14- De modo geral, qual sua opinião sobre a experiência na França? Descreva e explique.

### A COMPARAÇÃO

- 15- Quais palavras você associaria a “universidade francesa” ou “*École Polytechnique*”? Cite três e explique.
- 16- Você está familiarizado com o contexto universitário no qual está inserido? O que você descobriu na França sobre a universidade onde está estudando? Como obteve as informações?
- 17- Associe três palavras a este estabelecimento de ensino.
- 18- Você considera importante conhecer aspectos da cultura francesa antes de estudar no país? Por quê?
- 19- Quais palavras vocês associa à França? Explique.
- 20- O que você espera do intercâmbio?

## 5. Respostas do questionário – segunda fase

### Estudante 1

**1. Onde você está hospedado na França? Qual é a cidade e o tipo de alojamento?**

*Habito dentro do campus da École Centrale de Lyon, que se encontra na cidade de Ecully, uma comuna limítrofe da cidade de Lyon.*

**2. Quando você chegou à cidade, havia alguém esperando? Se sim, como foi esta recepção? Qual foi sua impressão dos franceses que o receberam?**

*Quando cheguei, vindo de Vichy com os alunos que ganharam a bolsa Eiffel, a Responsável por Assuntos Exteriores e alguns alunos brasileiros de segundo ano aqui estavam nos esperando. A recepção foi simples, pois era apenas para um pequeno grupo (os alunos franceses não estavam no campus ainda).*

**3. Você conheceu novos colegas franceses? O que vocês fazem juntos? Quais suas impressões sobre os primeiros contatos com eles?**

*Conheci diversos colegas franceses. Na maior parte das vezes, nossas interações ocorrem dentro de um cadre de trabalho (projetos, apresentações, trabalhos práticos, etc.). Com alguns poucos, também jogo tennis (no horário obrigatório previsto na minha formação e aos fins de semana) e troco amenidades (eles gostam de ouvir sobre o Brasil e surpreendem-se com o quanto nós sabemos sobre a França).*

*O primeiro contato não deixou uma boa impressão. Seja durante o primeiro trabalho em grupo (coincidentalmente, minha primeira aula aqui foi uma experiência prática notada), pois ainda não havia nem começado a me acostumar com o novo ambiente e os franceses de meu grupo não se importavam muito com “o estrangeiro” ou sua inclusão (o francês saído do prépa é um tipo único, a maioria muda depois, ainda mais quando eles percebem que os estrangeiros são mais preparados a priori). Seja, também, durante as primeiras festas/integrações. Talvez por causa do prépa, o estudante chega bem menos maduro à École, o que acaba afastando os estrangeiros (todos, não só brasileiros, e principalmente os chineses), que já fizeram ao menos dois anos de universidade, quando as atividades ficam “animadas”.*

*(Off: franceses – homens – pelados e fazendo jogos, urinando do segundo andar do prédio é o começo tranquilo da soirée)*

**4. Em quais idiomas você se relaciona na França? (Por exemplo: apenas francês, continua usando o português, também utiliza o inglês, etc.) Por quê? Quais são as dificuldades em se comunicar em francês?**

*Utilizo o francês (com os franceses e os outros estrangeiros) e o português (com os brasileiros) diariamente. O português aparece naturalmente ao conversar com os outros brasileiros. Usei um pouco o inglês no início, para conversar com estrangeiros que ainda não tinham um nível intermediário de francês.*

*Para mim, o francês oral não apresenta obstáculos no relacionamento normal com os franceses. Entretanto, por ainda não ter tido todo o tempo necessário para estar perfeitamente à l’aise (seria a proficiência), durante as sustentações orais ocorrem algumas “travadas” rápidas (ainda é bastante para o cérebro tentar explicar na frente da sala algum assunto complexo e construir ao mesmo tempo o caminho linguístico).*

**5. Você continua estudando a língua francesa? Onde? Como?**



*O francês como aula é obrigatório aos estrangeiros na ECL. Faço 4h por semana (turma avançada).*

**6. Em seus estudos universitários, a quais materiais você tem acesso? (Livros, documentos de áudio/vídeo, internet, CD-ROM, jornais, apostilas, revistas especializadas). Você navega em sites franceses? Quais? Por quê? Com que objetivo?**

*Como estudante, tenho acesso a todas as bibliotecas (físicas e virtuais) da chamada “Université de Lyon” (todas as instituições de ensino superior da cidade). O acervo é enorme e inclui todo tipo de mídia (jornais, artigos, livros...). Para mim, especificamente, o que acaba faltando são algumas obras em inglês (é uma política nacional).*

*Utilizo todo dia sites em francês, seja para atualizar-me sobre o país (Nouvel Obs, Le Monde, Alternatives Economiques), seja para fazer pesquisa para as disciplinas. Por vezes, o francês mostrou-se mais eficiente que o inglês nessa última área.*

**7. Na universidade, você faz trabalhos com os franceses? Você poderia descrever esta experiência e relatar suas impressões?**

*Fiz uma quantidade incontável de trabalhos com os franceses. É uma experiência bem interessante, pois eles não seguem os mesmos caminhos que os brasileiros (ou os alemães, ou os chineses) quando precisam atacar algum problema. Sobre minhas impressões, diria que os franceses são rápidos para agir (e.g. se precisa fazer uma apresentação, ela estará pronta em 30 minutos, o que, no Brasil – fazendo uma média de anos de trabalhos em grupo –, seria 1h de discussão filosófica sobre se a apresentação é realmente necessária e sobre quem ficará com menos trabalho). Entretanto, ainda sobre a maturidade, eles não respeitam nenhum prazo, deixam tudo para a última hora, não fazem planejamento ou, por vezes, sequer sabem que há um trabalho (o que, em um trabalho em grupo, é falta de respeito).*

*Em suma, diria que são bons para trabalhar, mas a questão de uma falta de maturidade é onipresente (talvez por ainda ser o primeiro ano).*

**8. Existe alguma diferença nas aulas na França em relação ao Brasil?**

*Muita. Falando do contexto da Centrale, por um lado, as aulas aqui são muito mais voltadas para o conteúdo teórico/matemático. Brinco com meus colegas que fizemos mecânica dos fluidos sem desenhar um encanamento, pois é tudo pelas fórmulas. É uma perspectiva e um objetivo diferentes, a École busca um ensino generalista. Por outro, temos diversas aulas de “trabalho prático”, muito mais que no Brasil. Consiste em se virar com algum experimento, ou algum programa numérico de engenharia. Fica uma carga bem pesada, mas gosto desse aspecto prático. O que acabo sentindo falta é o meio termo de fazer exercícios (alguns, não 700!), approche mais comum no Brasil.*

**9. Como você se prepara para apresentações, trabalhos e tarefas da vida acadêmica?**

*Da mesma maneira que fazia na Poli: preparando-me previamente, estudando e tendo uma ideia do que precisarei fazer. O que acaba não acontecendo o tempo todo, dado o caráter “surpresa” de muitas atividades aqui. Entretanto, acredito que isso tenha contribuído bastante com o lado “você tem que apresentar algo em 20 minutos, vire-se”. Nem sempre o ambiente fora da universidade será controlável.*

**10. Quais são suas dificuldades para acompanhar as aulas em sua universidade? Como você solucionou os problemas encontrados?**

*Atualmente, não tenho dificuldades para acompanhar a grande maioria das aulas. Apenas quando algum professor de pronúncia muito rápida (inclusive para os franceses) profere a aula é que alguns detalhes são perdidos. Entretanto, no início, foi necessário um tempo de adaptação, durante o qual me forcei a seguir tudo o que era dito e a escrever tudo em francês.*

**11. Nos primeiros meses de sua estada na França, o que você descobriu? O que aprendeu? Cite exemplos.**

*Nos primeiros meses, descobri uma quantidade significativa de tarefas que ocorriam “magicamente” quando morava no Brasil. Não só o habitual (lavar roupa/quarto/louça/cozinhar), como também montar uma casa com todo o necessário. Quantas e quais panelas? Qual produto de limpeza para o chão? Nesse quesito, o aprendizado pessoal foi considerável.*

*Os primeiros meses também foram o período de adaptação e definição de novas rotinas. Morar sozinho, ter que resolver todos os problemas em um país “estranho” e em uma língua “bárbara” provavelmente foi o que mais marcou nos primeiros meses. Desenvolvi uma nova relação comigo mesmo.*

**12. Você sente falta do Brasil? Do quê? Por quê?**

*Pensava, no Brasil, que não sentiria, no geral. Mas sinto. Primeiro, há os detalhes e momentos que, por já estarem no automático, só foram percebidos posteriormente. Algum prato típico, em algum período específico, com pessoas conhecidas (e.g. pizza de domingo com a avó, churrascaria com os tios). Foram trocados por outros momentos aqui, mas acabo sentindo falta (e farei questão de valorizar quando voltar, pois foi apenas a distância que permitiu essa descoberta). É algo mais de fim de semana e feriados, pois durante a semana normal não mudou (carga horária inumana).*

*Para mim, especificamente, algo que senti falta foi de sair com os velhos amigos. É algo insubstituível. Além, é claro, do clima brasileiro.*

**13. Quais são as principais diferenças e semelhanças entre a França e o Brasil? (Em todos os aspectos: relacionamentos, vida acadêmica, vida no país...).**

*Esse tópico é material para páginas e páginas. Pour faire simple, sobre as semelhanças, boa parte da cultura de ambos os países é parecida, ou melhor, não é mutualmente estranha. É completamente diferente quando se chega na França da China e o primeiro choque no país onde a “table” é uma instituição sagrada é ter que comer com talheres (caso real de um colega). Os brasileiros e os franceses conversam, em termos culturais, bem mais facilmente.*

*A vida acadêmica, afora as diferenças já citadas, também é parecida. A maior diferença que notei é com relação aos relacionamentos. Não sei se é comum a qualquer aluno estrangeiro, onde quer que ele esteja (perguntarei a algum francês estudando na Poli), mas aqui na França os relacionamentos, de maneira geral, são diferentes. Seja com os alunos, que são, no geral, menos extrovertidos (daí a ideia da “frieza”, que não acho que esteja correta, apenas que é você que precisa ir até eles), seja com os professores.*

*Nesse último caso, a diferença chega a ser enorme, o que aponto como uma das falhas do sistema aqui. No Brasil, estava acostumado a conversar com professores, a discutir abertamente sobre algum tema de interesse, e a recepção dos docentes era, em sua maioria, calorosa. Já aqui, essa ponte é inexistente. Tentei, inclusive, conversar sobre um tema de mecânica dos fluídos com um professor e ele mostrou-se indiferente. Eles dão as aulas, nós aprendemos. É algo que, inclusive, limita o aluno a descobrir novos interesses, que podem mudar completamente de rumo (e.g. se eu não tivesse tido o excelente professor de economia que tive na Poli, aberto à discussão e a fugir do quadrado da aula, eu não teria me aprofundado no tema a ponto de estar me formando aqui em economia também). O porquê de eles serem assim é uma teoria à parte.*

**14. De modo geral, qual sua opinião sobre a experiência na França? Descreva e explique.**

*De maneira geral, minha experiência até aqui foi muito positiva. Permitiu-me descobrir os franceses, os brasileiros (onde mais para encontrar cariocas, gaúchos, baianos, cearenses...), a Europa (com os estrangeiros aqui e as viagens) e a mim mesmo, tudo isso enquanto fazia-me abrir o leque da engenharia. Como no Brasil eu estudo Engenharia Mecânica, e já no terceiro ano a especialização na área é forte, o ensino aqui permitiu que eu desenvolvesse outras perspectivas da Engenharia (inclusive o lado matemático de tudo) e de assuntos correlatos, como gestão e economia.*

**15. Quais palavras você associaria a “universidade francesa” ou “École Polytechnique”? Cite três e explique.**

*Teoria, abertura e aula. Teoria pela abordagem preferida do ensino, abertura pela quantidade enorme de possibilidades a seguir e aula pela carga horária inigualável.*

**16. Você está familiarizado com o contexto universitário no qual está inserido? O que você descobriu na França sobre a universidade onde está estudando? Como obteve as informações?**

*Acredito que estou familiarizado com o contexto universitário daqui. O mais marcante é a distinção “Grandes Écoles X Université”. De um lado, um ensino muito valorizado, que recebe enormes investimentos e bastante privilegiado e, de outro, um ensino que chega a ser malvisto (e digo baseado no que ouvi dos centraliens daqui sobre as Universités e na comparação com o ambiente da Université Lyon 2, onde faço economia). Sequer o Master na Université é garantia de emprego hoje na França.*

*Tal fato acaba criando uma espécie de “bolha” ao redor dos alunos. A mistura da universidade brasileira (mesmo com todas as críticas dos “çábios” sobre o elitismo do nosso ensino) cria um ambiente completamente diferente (e, diria, melhor).*

**17. Associe três palavras a este estabelecimento de ensino.**

*Qualidade (atividades e vida), trabalho e preponderância (essa também é material para páginas e páginas).*

**18. Você considera importante conhecer aspectos da cultura francesa antes de estudar no país? Por quê?**

*Sem dúvida. Conhecer o país, sua população e sua cultura permitem um relacionamento muito mais fácil e uma experiência mais proveitosa. O exato oposto ocorreu, no que vivenciei, com alguns estudantes chineses, que pediam aos familiares que enviassem comida da China para a semana. Conhecer a priori permite uma melhor adaptação.*

**19. Quais palavras vocês associa à França? Explique.**

*Viver, comer/beber, abertura, diferenças. Viver, pois meu tempo aqui me permitiu um grande autodesenvolvimento e também vivenciar situações muito diferentes daquelas às quais estava habituado. Comer/beber pois é um ritual sagrado neste país (ainda mais em Lyon, capital gastronômica). Abertura e diferenças pelas novas experiências e perspectivas.*

**20. O que você espera do intercâmbio?**

*Da metade que resta, espero, primeiramente, que o processo de desenvolvimento pessoal continue da mesma forma. Também, como entrarei no segundo ano e começarei a escolher com mais liberdade minhas aulas, espero conseguir ampliar ainda mais minha perspectiva, ao mesmo tempo que aprofundo sobre os temas nos quais gostaria de me especializar.*

## Estudante 2

**1. Onde você está hospedado na França? Qual é a cidade e o tipo de alojamento?**

*Estou hospedado em Champs sur Marne, o local onde fica a minha escola, numa residência reservada aos alunos.*

**2. Quando você chegou à cidade, havia alguém esperando? Se sim, como foi esta recepção? Qual foi sua impressão dos franceses que o receberam?**

*Quando cheguei, fui recebido pelos brasileiros que também estudam na École des Ponts Paristech, foram me buscar no aeroporto. Em relação aos franceses, não tive uma recepção direcionada a mim especificamente.*

**3. Você conheceu novos colegas franceses? O que vocês fazem juntos? Quais suas impressões sobre os primeiros contatos com eles?**

*O primeiro contato é sem dúvida distante e impessoal. Conheço e sou amigo de muitos franceses hoje em dia, pois estudo em uma turma onde eu sou um dos únicos estrangeiros (eu e mais três estrangeiros no departamento de mecânica). Por isso, faço trabalhos, almoçamos juntos e até saímos com o grupo de amigos da classe.*

**4. Em quais idiomas você se relaciona na França? (Por exemplo: apenas francês, continua usando o português, também utiliza o inglês, etc.). Por quê? Quais são as dificuldades em se comunicar em francês?**

*Quando me comunico com uma pessoa que não seja brasileira ou portuguesa, utilizo somente o francês. No começo não foi fácil, mas após 9 meses (agora), a comunicação é feita sem problemas (mas ainda um pouco longe da fluência total).*

**5. Você continua estudando a língua francesa? Onde? Como?**

*Estudei francês durante os dois semestres que estive aqui por enquanto. Primeiro sobre produção escrita e cultura francesa, e depois sobre escrita profissional e técnica em francês.*

**6. Em seus estudos universitários, a quais materiais você tem acesso? (Livros, documentos de áudio/vídeo, internet, CD-ROM, jornais, apostilas, revistas especializadas). Você navega em sites franceses? Quais? Por quê? Com que objetivo?**

*Tenho acesso a todos os materiais citados. Em relação aos sites franceses, não tenho hábito de acessar. Leio principalmente livros técnicos. Quando acabar o período de provas, penso em voltar a ler livros e revistas, desta vez ou em francês ou em inglês.*

**7. Na universidade, você faz trabalhos com os franceses? Você poderia descrever esta experiência e relatar suas impressões?**

*Todos os trabalhos que fiz até agora foi com os franceses. Acho que aqui eles têm uma cultura de maior valorização da educação e do curso oferecido pela escola, então frequentemente os trabalhos em grupo têm resultados mais relevantes. Acho que a diferença de base que temos (o sistema de educação de base francês é completamente diferente, teórico e muito abstrato e matematizado) faz com que minha forma de trabalhar seja diferente, e que com o tempo aprendi a usar essa diferença de forma que o resultado seja mais completo por causa da diferença.*

**8. Existe alguma diferença nas aulas na França em relação ao Brasil?**

*MUITA! Pelo menos nas aulas que eu tenho, que são muito técnicas. E basicamente isso vem da base das écoles préparatoires dos franceses, muito matemática. Não acho que seja a melhor opção,*

*muitas vezes, eles acabam tendo cursos de engenharia e temáticas mais práticas em muito pouco tempo (e demasiadamente densos), o que não é muito eficiente pro aprendizado final.*

**9. Como você se prepara para apresentações, trabalhos e tarefas da vida acadêmica?**

*Faço os trabalhos e acompanho as matérias regularmente, procuro não deixar atrasar nada. Tenho consciência da oportunidade que estou tendo e busco aproveitá-la!*

**10. Quais são suas dificuldades para acompanhar as aulas em sua universidade? Como você solucionou os problemas encontrados?**

*Os problemas que encontrei foram sempre relacionados à abordagem teórica que eles utilizam, tive que reforçar minha base em matemática para acompanhar as matérias. A língua deixou de ser um problema relativamente cedo.*

**11. Nos primeiros meses de sua estada na França, o que você descobriu? O que aprendeu? Cite exemplos.**

*Logo que cheguei percebi o desafio que a língua impõe para uma vida tranquila. O fato de não saber a língua fluentemente atrapalha em quase todos os sentidos: social, profissional, etc. Além disso, a cultura diferente tem como consequência as relações interpessoais diferentes, ao passar do tempo percebi aos poucos como os franceses “funcionam” e passei a entender melhor como conversar, ter amigos, não achar que não querem falar comigo, etc.*

**12. Você sente falta do Brasil? Do quê? Por quê?**

*Sim. Com certeza sinto falta de estar na minha cultura, língua, comida, família, amigos, são os pontos positivos que tive que deixar no Brasil para poder vir para cá, mas isso também vale pra quando eu for embora de Paris, vou com certeza sentir falta de muitas coisas daqui (uma quantidade comparável de coisas, eu acho). Não tenho certeza, pois ainda falta bastante tempo para eu voltar (2 anos e pouco).*

**13. Quais são as principais diferenças e semelhanças entre a França e o Brasil? (Em todos os aspectos: relacionamentos, vida acadêmica, vida no país...).**

*Diferenças: organização, autoconfiança (às vezes, um pouco a mais), segurança, planejamento, relação mais fria (quando na categoria ‘colegas’)*

*Semelhanças: descontentamento político, burocracia pública muito grande.*

**14. De modo geral, qual sua opinião sobre a experiência na França? Descreva e explique.**

*Minha experiência na França é uma experiência muito enriquecedora no quesito cultural e também para a minha formação. Sinto que vim para o país de língua latina que mais difere da minha cultura (brasileira), por diversas razões: culturais, históricas, geográficas, etc. Me sinto crescendo e aprendendo a ser parte de uma ‘categoria diferente’ no meio da maioria, o que muitas vezes pode ser complicado.*

**15. Quais palavras você associaria a “universidade francesa” ou “École Polytechnique”? Cite três e explique.**

*Excelência de educação: de fato a educação de base dos franceses é superior à dos brasileiros, são muito, muito poucos os brasileiros que têm acesso a uma educação comparável à francesa.*

*Excesso de confiança (superioridade): muitas vezes, estudantes das grands écoles, e principalmente da École Polytechnique são bastante arrogantes e vivem numa ilusão que serão necessariamente ricos e superiores. O sistema francês favorece isso... é realmente muito difícil de um polytechnicien não acabar num bom posto, enquanto que em outros países (como o Brasil), a meritocracia é (normalmente) a base do posicionamento profissional dos engenheiros.*

**16. Você está familiarizado com o contexto universitário no qual está inserido? O que você descobriu na França sobre a universidade onde está estudando? Como obteve as informações?**

*Sim, estou em uma escola considerada entre as Grandes Écoles Françaises, dentro do grupo Paristech. É uma escola com muito peso dentro da França, mas pelo seu tamanho (+/- 200 estudantes/ano), não é famosa internacionalmente. As grandes Écoles Françaises têm como principal característica um orçamento muito elevado por aluno, diferente das universidades francesas, que possuem muito mais alunos e têm os orçamentos limitados.*

**17. Associe três palavras a este estabelecimento de ensino.**

*Tradição (fundada em 1747), elitista e prestígio.*

**18. Você considera importante conhecer aspectos da cultura francesa antes de estudar no país? Por quê?**

*Acho importante, mas acho que aprendi efetivamente na prática.*

**19. Quais palavras vocês associa à França? Explique.**

*'Savoir Vivre', Especialidades, Gastronomia, Educação (no sentido de ensino), confiança e nacionalismo.*

**20. O que você espera do intercâmbio?**

*Tenho ainda mais 2 anos de intercâmbio e vejo basicamente uma abertura profissional e grande crescimento pessoal. Acabarei o intercâmbio com uma cabeça e maturidade completamente diferentes, pronto para 'viver'.*

## Estudante 3

**1. Onde você está hospedado na França? Qual é a cidade e o tipo de alojamento?**

*Moro em Toulouse, no sul da França. Moro em uma residência para estudantes de várias universidades da cidade.*

**2. Quando você chegou à cidade, havia alguém esperando? Se sim, como foi esta recepção? Qual foi sua impressão dos franceses que o receberam?**

*Quando cheguei, não havia ninguém me esperando. Havia alguns brasileiros esperando na frente da residência estudantil onde eu moro na realidade.*

**3. Você conheceu novos colegas franceses? O que vocês fazem juntos? Quais suas impressões sobre os primeiros contatos com eles?**

*Fiz alguns amigos franceses sim. Um deles eu considero como um dos meus melhores amigos e fiz uma amizade realmente muito forte com ele. Nos falamos sempre pela internet, celular e tudo mais. Costumamos sair juntos, ver jogos de futebol juntos, alguns trabalhos juntos na universidade.*

**4. Em quais idiomas você se relaciona na França? (Por exemplo: apenas francês, continua usando o português, também utiliza o inglês, etc.). Por quê? Quais são as dificuldades em se comunicar em francês?**

*Sempre em francês, apesar de este meu grande amigo francês estar atualmente no Brasil em intercâmbio também e eu ter ensinado português para ele também.*

**5. Você continua estudando a língua francesa? Onde? Como?**

*Estudo sim. Na universidade fazia 2h semanais de curso durante o ano todo, mas atualmente tenho tentado focar mais no inglês, uma vez que considero esta mais importante que a língua francesa.*

**6. Em seus estudos universitários, a quais materiais você tem acesso? (Livros, documentos de áudio/vídeo, internet, CD-ROM, jornais, apostilas, revistas especializadas). Você navega em sites franceses? Quais? Por quê? Com que objetivo?**

*Eles costumam fornecer apostilas com a matéria bem resumida, mas eu prefiro ir à biblioteca e pegar os livros que conheço e sei que são muito bem explicados. Eles fornecem slides também. Navego em alguns sites franceses, principalmente os de transporte (trens, ônibus, aviões) e notícias, como o Le Monde.*

**7. Na universidade, você faz trabalhos com os franceses? Você poderia descrever esta experiência e relatar suas impressões?**

*Eu considero meu intercâmbio até aqui dividido em duas partes: uma com este meu amigo francês (primeiro semestre, pois, depois, ele foi para o Brasil estudar) e a segunda parte sem ele. No primeiro semestre, eu fazia todos os trabalhos com ele praticamente, no segundo semestre eu reparei realmente como o povo francês é e vi que este meu amigo era uma exceção entre os franceses, pois nunca fui bem acolhido na sala de aula e nunca conseguia grupos para trabalho. Tinha a impressão de que eles pensavam que eu iria atrapalhar fazendo algum trabalho com eles. Teve dois dias em que senti realmente um sentimento de xenofobia na sala de aula bem explícita: um dia o professor viu que uma das duplas de trabalho da sala era eu e outra brasileira e ele pediu diversas vezes para a sala toda para alguém fazer com a gente já que éramos os estrangeiros da sala, entretanto o professor foi realmente ignorado e ninguém fez este trabalho com a gente, inclusive minha amiga brasileira chorou este dia na aula; na outra ocasião eu pedi para uma francesa da sala fazer um trabalho comigo e ela respondeu assim: "A professora não disse que era obrigatório fazer este*

*trabalho com os estrangeiros da sala”, mais uma vez fiz o trabalho com outro estrangeiro. Considero que se eu não tivesse conhecido este francês que me ajudou muito sempre no primeiro semestre, minha vida teria sido uma “merda” em questão a relacionamento com franceses na sala de aula, pois havia dias em que eu simplesmente não falava com ninguém na universidade, me sentia realmente um E.T. na aula. De aluno de alto nível na Poli-USP, onde sempre era convidado para trabalhos devido ao meu desempenho e dedicação ao aluno da sala em que ninguém se interessava absolutamente nada em questão acadêmica, apesar de sempre fazer bons trabalhos. No projeto final deste primeiro ano, quase me emocionei após receber a nota final, pois a nota final era composta pelas parciais de diversas partes do projeto, e as maiores notas do meu grupo foram feitas por mim e as três garotas francesas vieram falar comigo e me agradecer dizendo que eu havia feito um trabalho muito bom, inclusive a garota francesa que se negou meses atrás a fazer o trabalho comigo.*

**8. Existe alguma diferença nas aulas na França em relação ao Brasil?**

*Sim, os professores não utilizam a lousa, dificilmente tomamos notas das coisas, pois eles fornecem as apostilas com as matérias todas resumidas. Por um lado é bom, pois temos toda a matéria arquivada, mas eu sentia um pouco de descaso em relação a muitos alunos da sala que não iam às aulas uma vez que já tinham esta apostila.*

**9. Como você se prepara para apresentações, trabalhos e tarefas da vida acadêmica?**

*Em casa, estudando e treinando a apresentação no espelho.*

**10. Quais são suas dificuldades para acompanhar as aulas em sua universidade? Como você solucionou os problemas encontrados?**

*Minha principal dificuldade foi realmente com as pessoas da sala que nunca me acolheram. Quanto à língua, não tive muito problema, somente nas duas primeiras semanas.*

**11. Nos primeiros meses de sua estada na França, o que você descobriu? O que aprendeu? Cite exemplos.**

*Aprendi a fazer as tarefas domésticas e me organizar melhor: horários, tarefas, etc.*

**12. Você sente falta do Brasil? Do quê? Por quê?**

*Sinto muita falta do Brasil. Sinto falta da minha família, amigos e uma garota em especial, mas uma coisa que sinto realmente falta é do povo brasileiro, a alegria e a forma aberta e calorosa de ser com qualquer um, independente de origem, raça, condição financeira e tudo mais.*

**13. Quais são as principais diferenças e semelhanças entre a França e o Brasil? (Em todos os aspectos: relacionamentos, vida acadêmica, vida no país...).**

*Vida acadêmica: Os franceses são mais organizados.*

*Relacionamentos: De longe, os brasileiros sabem se relacionar melhor que os franceses.*

*Vida no país: aqui é mais organizado também, sou de São Paulo, vejo essa diferença no transporte, por exemplo, mas também levo em consideração que a cidade de São Paulo é absurdamente maior e mais difícil de administrar do que uma cidade como Toulouse*

**14. De modo geral, qual sua opinião sobre a experiência na França? Descreva e explique.**

*Apesar de muitos problemas que tive, acredito que está sendo uma experiência fantástica, pois estou crescendo como homem, aprendendo uma nova língua e de uma forma ou de outra aprendendo a “me virar” em um ambiente adverso. Tenho viajado também quando possível e conhecido lugares lindos e outros povos bem interessantes.*

**15. Quais palavras você associaria a “universidade francesa” ou “École Polytechnique”? Cite três e explique.**



*Organização, muitos trabalhos e aprendizado.*

- 16. Você está familiarizado com o contexto universitário no qual está inserido? O que você descobriu na França sobre a universidade onde está estudando? Como obteve as informações?**

*Estou familiarizado sim e sei que é uma universidade bem conceituada no meu campo: Processos Químicos.*

- 17. Associe três palavras a este estabelecimento de ensino.**

*Organização, muitos trabalhos e aprendizado.*

- 18. Você considera importante conhecer aspectos da cultura francesa antes de estudar no país? Por quê?**

*Acredito que sim, eu não achei que eles eram um povo tão fechado aos estrangeiros como eles são.*

- 19. Quais palavras vocês associa à França? Explique.**

*País lindo, povo fechado, organizados, cultura linda.*

- 20. O que você espera do intercâmbio?**

*Espero me abrir muitas portas no mercado de trabalho brasileiro, além de me possibilitar ter muitas histórias para contar pelo resto da minha vida.*

## Estudante 4

### 1. Onde você está hospedado na França? Qual é a cidade e o tipo de alojamento?

*Durante o curso de francês, eu fiquei hospedado numa casa de família em Vichy. Agora moro numa residência de estudantes em Marseille, mas me mudo para o centro da cidade daqui a um mês. Vou morar numa "colocation" (espécie de república).*

### 2. Quando você chegou à cidade, havia alguém esperando? Se sim, como foi esta recepção? Qual foi sua impressão dos franceses que o receberam?

*Sim. A associação internacional da École nos recebeu (International Centrale Marseille). Bom, não tive uma boa impressão dos franceses no início. Achei que eles não se importavam muito com a gente porque eram muito poucos na associação. Havia três ou quatro franceses para cerca de 20 estrangeiros no ICM, então a grande maioria das pessoas que nos receberam na França não eram franceses – maioria brasileiros, mexicanos e alemães. No entanto a recepção foi muito boa, fui muito bem recebido.*

### 3. Você conheceu novos colegas franceses? O que vocês fazem juntos? Quais suas impressões sobre os primeiros contatos com eles?

*Sim. É bem complicado fazer amizade com franceses, porque eles são muito fechados, tímidos às vezes. Mas eles são ótimos amigos uma vez que você ganha sua confiança. Eles saem bastante pro bar da école e pros bares do centro, fazem muitas soirées na praia et na própria école e fazem refeições na casa deles pros amigos.*

### 4. Em quais idiomas você se relaciona na França? (Por exemplo: apenas francês, continua usando o português, também utiliza o inglês, etc.). Por quê? Quais são as dificuldades em se comunicar em francês?

*Falo francês/inglês com os franceses, português/francês com os brasileiros e com os portugueses, falo inglês em alguns cursos que são em inglês et espanhol/português/francês com os latino-americanos e com os espanhóis. Às vezes, o problema é a pronúncia de certas palavras que faz com que os franceses não entendam muito bem, principalmente quando se trata de burocracia (apesar de ser má vontade na maioria das vezes).*

### 5. Você continua estudando a língua francesa? Onde? Como?

*Os estrangeiros têm 2h de francês toda semana na école. Mas, sinceramente, não estudo fora das aulas não.*

### 6. Em seus estudos universitários, a quais materiais você tem acesso? (Livros, documentos de áudio/vídeo, internet, CD-ROM, jornais, apostilas, revistas especializadas). Você navega em sites franceses? Quais? Por quê? Com que objetivo?

*Temos acesso a todos os exemplos na mediateca e também ganhamos um resumo das matérias numa brochura (polys). Gosto muito de ler as notícias francesas no LeMonde e acesso bastante os sites de compra e transportes (Amazon.fr, SNCF, RTM, etc.).*

### 7. Na universidade, você faz trabalhos com os franceses? Você poderia descrever esta experiência e relatar suas impressões?

*Sim. Os franceses são muito pouco práticos. Eles calculam muito bem, mas tem certa dificuldade pra resolver problemas de modo geral.*

### 8. Existe alguma diferença nas aulas na França em relação ao Brasil?

Muita. Na França, tudo é extremamente teórico e imaginativo. No Brasil, somos muito práticos e funcionais.

**9. Como você se prepara para apresentações, trabalhos e tarefas da vida acadêmica?**

*Geralmente, estudo e memorizo as coisas importantes dias antes das provas. Aqui vale mais a pena gravar as coisas que tentar aprender. Eles cobram muito que você saiba as coisas "par cœur".*

**10. Quais são suas dificuldades para acompanhar as aulas em sua universidade? Como você solucionou os problemas encontrados?**

*Como eles são muito teóricos, tive bastante dificuldade com o raciocínio matemático e com a notação. Você aprende com o tempo.*

**11. Nos primeiros meses de sua estada na França, o que você descobriu? O que aprendeu? Cite exemplos.**

*Franceses só comem queijo e batata e só tomam vinho. Eles, no entanto, são bem magros. Deve ser o vinho.*

*Franceses são bem grossos e têm má vontade se não te conhecem. Se te conhecem, isso pode mudar... ou não.*

**12. Você sente falta do Brasil? Do quê? Por quê?**

*Sim. Família, amigos e comida. Família e amigos estão longe. A comida muda bastante.*

**13. Quais são as principais diferenças e semelhanças entre a França e o Brasil? (Em todos os aspectos: relacionamentos, vida acadêmica, vida no país...).**

*Apesar de tudo, somos latinos e a cultura, em geral, é a mesma. Mas os franceses são bem distantes e mal educados às vezes. Eles não comem muita carne, disso sinto falta. Eles se preocupam muito mais com a aparência e muito menos se estão fedendo ou não (rsrs). Eles têm uma filosofia de que é necessário sair de casa e ir estudar no outro canto do país.*

**14. De modo geral, qual sua opinião sobre a experiência na França? Descreva e explique.**

*É um país muito burocrático e ineficiente. Tudo demora, tudo é por carta e nada é simplificado. Mas isso parece funcionar.*

*Os franceses são bem grossos mesmo entre amigos próximos, mas acho que é uma questão de se habituar mesmo.*

*Acho um país bem misturado, com diversas culturas misturadas, mesmo que às vezes não muito aceitas.*

*E um bom lugar para se morar.*

**15. Quais palavras você associaria a "universidade francesa" ou "École Polytechnique"? Cite três e explique.**

*Matemática, matrizes e école. As duas primeiras vêm do fato de que tudo aqui se complica e se resolve (ou não) com matrizes e matemática avançada desnecessária. A segunda faz a diferença das écoles de engenharia e das universidades. As écoles são uma continuação do Ensino Médio. Os alunos não tiveram o impacto, o choque de entrar numa grande universidade, com pessoas diferentes, com pensamentos e filosofias completamente opostos e, ao mesmo tempo, complementares. Os alunos das écoles têm uma mentalidade bem mais infantil do que os das universidades.*

**16. Você está familiarizado com o contexto universitário no qual está inserido? O que você descobriu na França sobre a universidade onde está estudando? Como obteve as informações?**

*Sim. Os franceses não gostam muito de Marseille, dizem que é bem perigoso (não vejo tanto isso). Mas apesar de tudo respeitam o nome Centrale.*

**17. Associe três palavras a este estabelecimento de ensino.**

*Centrale, Internacional e Generalista.*

**18. Você considera importante conhecer aspectos da cultura francesa antes de estudar no país? Por quê?**

*Sim. Porque mesmo conhecendo você já tem vários choques culturais. Principalmente, quando você descobre que tirar a roupa e sair correndo pelado pelo campus é normal, coisa do dia a dia. Ainda isso é bem importante para entender melhor as conversas dos franceses.*

**19. Quais palavras você associa à França? Explique.**

*Queijo, vinho e burocracia. Se come e bebe praticamente só isso (hahaha). Burocracia porque tudo o que você precisa fazer é muito mais difícil e ineficiente aqui.*

**20. O que você espera do intercâmbio?**

*Algo que me diferencie dos demais. Uma capacidade de aceitar o outro como ele é e de poder se mudar, se aceitar sendo inserido numa nova cultura. De respeitá-la.*

## Estudante 5

### 1. Onde você está hospedado na França? Qual é a cidade e o tipo de alojamento?

*Moro em Vincennes, uma cidade ao leste de Paris. Meu alojamento é para estudantes, é um alojamento da minha bolsa (Bourse d'Excellence Eiffel - Ministère des Affaires Étrangères da França). A qualidade do alojamento é ótima e ganhamos muito desconto por causa da bolsa.*

### 2. Quando você chegou à cidade havia alguém esperando? Se sim, como foi esta recepção? Qual foi sua impressão dos franceses que o receberam?

*Não havia ninguém esperando. Chegamos de Vichy (onde fiz meu curso de francês de férias) na Gare de Bercy em Paris e pegamos um táxi para o escritório da Bolsa Eiffel. Lá havia pessoas que nos esperavam.*

*A minha impressão dos franceses foi melhor do que eu esperava. Em Vichy, por ser interior, eles foram muito acolhedores. Em Paris, há pessoas bem mal educadas, mas passei por isso principalmente em comércios. Todas as pessoas que me ajudaram no processo do intercâmbio foram muito receptivas (talvez, por causa da minha bolsa...).*

### 3. Você conheceu novos colegas franceses? O que vocês fazem juntos? Quais suas impressões sobre os primeiros contatos com eles?

*Hoje em dia tenho muitos amigos franceses, inclusive o meu namorado é francês... A escola em que estudo (École des Ponts et Chaussées) é bem internacional, inclusive alguns franceses haviam feito estágio no Brasil antes de eu chegar. A recepção pelos alunos foi muito boa, eles queriam falar português com a gente e adoram os brasileiros. Mas toda essa boa recepção veio acompanhada de muito esforço meu para conquistar a amizade deles, é muito diferente do Brasil, onde você vira amigo de uma pessoa em um dia. Aqui o processo é bem mais lento, mas insistindo consegui fazer grandes amigos.*

### 4. Em quais idiomas você se relaciona na França? (Por exemplo: apenas francês, continua usando o português, também utiliza o inglês, etc.). Por quê? Quais são as dificuldades em se comunicar em francês?

*90% do tempo eu falo francês. Todas as aulas são em francês, as apresentações também. Continuo falando português com os brasileiros que moram aqui (são muitos) e com os franceses que querem aprender o português. Muito raramente uso alguma palavra em inglês quando não sei a tradução em francês. A principal dificuldade, na minha opinião, é falar o tempo todo, é cansativo, pois é uma língua cheia de sutilezas e é fácil cometer erros se você não presta muita atenção. Manter o sotaque o mais próximo possível do francês (sem interferências do sotaque brasileiro) também é difícil depois de dias de 10 horas de aula, por exemplo.*

### 5. Você continua estudando a língua francesa? Onde? Como?

*Sim, na escola continuava fazendo algumas aulas, mas mais específicas, como para aprender a redigir documentos pro estágio. Fiz um tipo de aula chamado Tandem: um francês me ensinava francês e eu ensinava português pra ele. Foi muito interessante, só aprendi o que realmente valia a pena para mim e aprendi bastante sobre a cultura. Foi como ter um professor particular à minha disposição.*

### 6. Em seus estudos universitários, a quais materiais você tem acesso? (Livros, documentos de áudio/vídeo, internet, CD-ROM, jornais, apostilas, revistas especializadas). Você navega em sites franceses? Quais? Por quê? Com que objetivo?

*Tenho acesso a todos os documentos mencionados. Navego principalmente nos sites das organizações francesas, como a agência de águas, os ministérios... Tudo isso porque meu curso é*

*muito conectado a questões políticas e governamentais (os franceses formados lá recebem uma noção básica dos assuntos para depois se tornarem os grandes chefes).*

**7. Na universidade, você faz trabalhos com os franceses? Você poderia descrever esta experiência e relatar suas impressões?**

*Sim, os grupos eram sorteados na maioria das vezes, para misturar franceses e estrangeiros. Algumas vezes, foi muito difícil, eu entendia muito mais do assunto do que eles (por já ter estudado no Brasil), mas, por demorar mais para me expressar, muitos não me escutavam, falavam em cima. Passei por muitas situações desagradáveis como essa. Muitos não respeitam nosso ritmo diferente. Mas também existiram casos em que eles foram pacientes e interessados em agregar ao trabalho uma opinião diferente, de uma cultura diferente. As discussões que envolveram as experiências dos estrangeiros sempre foram mais enriquecedoras.*

**8. Existe alguma diferença nas aulas na França em relação ao Brasil?**

*Sim, as aulas são muuuuito longas e cansativas. Na maioria dos casos, um professor fica na frente da sala falando por 3h15 (duração de cada aula). Às vezes, eu tinha três aulas desse tipo no dia. Além disso, como a ENPC é uma escola pública, a presença é obrigatória. Eu nunca fui de faltar nas aulas no Brasil, mas elas eram mais variadas, com aulas práticas, laboratório, aulas de exercício. Aqui, muitas vezes, as aulas não tem conexão com o que será pedido no trabalho que valida a matéria, o que a deixa mais difícil ainda de acompanhar em certos casos.*

**9. Como você se prepara para apresentações, trabalhos e tarefas da vida acadêmica?**

*Sempre fui tímida em apresentações, mesmo em português. Aqui, tento pensar no que eu vou falar, mas sem decorar. Tento dormir melhor do que eu dormia no Brasil, pois os dias são mais cansativos intelectualmente (por causa da língua, não pela dificuldade das matérias). No final, peço sempre ajuda para um francês para revisar os slides ou os textos.*

**10. Quais são suas dificuldades para acompanhar as aulas em sua universidade? Como você solucionou os problemas encontrados?**

*As principais dificuldades são a duração das aulas e os assuntos que, algumas vezes, não terão utilidade na minha vida profissional futura. Nesses casos, tento anotar as "curiosidades", tento olhar a aula de outra forma, como que para aprender coisas diferentes do Brasil. Se não consigo me concentrar na aula, tento pelo menos anotar os vocabulários diferentes.*

**11. Nos primeiros meses de sua estada na França, o que você descobriu? O que aprendeu? Cite exemplos.**

*Descobri como eles dão mais valor para os momentos de descanso e lazer (eles realmente aproveitam o fim de semana). Aprendi dessa forma a administrar melhor o meu tempo, a otimizá-lo para poder viajar no fim de semana e nas semanas de férias. Aprendi que não adianta esperar que eles sejam acolhedores ao nível de um brasileiro, que eles têm a sua forma de demonstrar carinho e respeito, bem mais discreta. Descobri que eles não têm toda a malícia do brasileiro no que diz respeito às relações pessoais, achei que eles são mais inocentes aqui. Descobri que eles são muito curiosos para saber mais sobre a cultura brasileira e que eles seguem o noticiário assiduamente, sempre nos questionando sobre as atualidades brasileiras.*

**12. Você sente falta do Brasil? Do quê? Por quê?**

*Sinto falta do calor do povo brasileiro, da minha família e da comida (principalmente da carne). Mas adoro morar aqui, a qualidade de vida e a sensação de segurança são incomparáveis.*

**13. Quais são as principais diferenças e semelhanças entre a França e o Brasil? (Em todos os aspectos: relacionamentos, vida acadêmica, vida no país...).**

*Os franceses são mais individualistas e um pouco mais frios que os brasileiros. São menos maliciosos. Aproveitam melhor os momentos de descanso (talvez também porque o poder de compra das pessoas aqui é bem maior). Na vida acadêmica, nós geralmente somos mais perfeccionistas, queremos resolver o problema etapa por etapa (como por meio de cálculos técnicos) enquanto que eles fazem mil aproximações e se importam menos com as pequenas etapas.*

**14. De modo geral, qual sua opinião sobre a experiência na França? Descreva e explique.**

*Adoro viver aqui e recomendo. Descubri uma nova cultura e aprendi a viver no meio dela. Sinto como se tivesse vivido 5 anos dentro desse um ano que passei aqui. Já conheci 15 países diferentes, cada um com sua história e seus costumes. Tudo isso parecia tão longe quando estava no Brasil... É incrível ver muitas das coisas que estudamos na escola de perto e descobrir muito mais sobre elas. Aprendi nesse ano a experimentar de tudo, a ser aberta a todo tipo de gente diferente.*

**15. Quais palavras você associaria a “universidade francesa” ou “École Polytechnique”? Cite três e explique.**

*Universidade francesa: tradição, sonho, generalização. São todas tradicionais, a minha universidade foi criada em 1747... Generalização, pois elas não são tão específicas como no Brasil, abrangem os mais diversos temas e nos formam também como pessoas.*

**16. Você está familiarizado com o contexto universitário no qual está inserido? O que você descobriu na França sobre a universidade onde está estudando? Como obteve as informações?**

*Sim, já estou familiarizada com o contexto universitário. Descubri que ter um diploma dessa universidade (ENPC) abre muitas portas estando na França. Não sabia que isso era tão forte. Descubri que ela é menos exigente do que a USP, tenho mais tempo livre para participar das associações e de outras atividades igualmente importantes para meu percurso acadêmico. Obtive as informações através da minha experiência, vivendo essa experiência.*

**17. Associe três palavras a este estabelecimento de ensino.**

*Respeito, diversidade e diferenciação.*

**18. Você considera importante conhecer aspectos da cultura francesa antes de estudar no país? Por quê?**

*Sim, para que o choque cultural seja um pouco menor e também para instigar a curiosidade de conhecê-la.*

**19. Quais palavras você associa à França? Explique.**

*Sonho, realização, determinação, qualidade de vida.*

**20. O que você espera do intercâmbio?**

*Espero que continue me surpreendendo positivamente como vem feito. Espero que esse ano de estágio que começa em setembro me ajude a definir o meu plano profissional e me dê a experiência necessária para conseguir um bom emprego depois. Espero que esse duplo diploma seja bem reconhecido no Brasil e me abra portas para o mundo do trabalho. Espero continuar descobrindo novas culturas e também novos aspectos da cultura francesa.*

## 6. Termo de consentimento

Eu (nome do aluno) \_\_\_\_\_, aluno do curso *Mobilité França*, do CFI-Poli, autorizo a gravação da entrevista para a pesquisa intitulada “Representações de estudantes brasileiros sobre a França no programa de Duplo Diploma da Poli-USP”, sabendo que minha identidade não será divulgada.

São Paulo, agosto de 2013.



## 7. Versão original do Quadro 1

### LES COMPOSANTES HISTORIQUES DE LA COMPÉTENCE CULTURELLE

| Composante             | Définition  | Domaine privilégié  | Activités de référence   |
|------------------------|---|---|--|
| <b>transculturelle</b> | Composante qui permet de retrouver, sous la diversité des manifestations culturelles, le « fondes commun d'humanité » (É. Durkheim), celui qui sous-tend tout L' «Humanisme classique» mais aussi, actuellement, la «Philosophie des Droits de l'Homme» | les <b>valeurs universelles</b>   | reconnaître  |
| <b>métaculturelle</b>  | Composante que les apprenants sont amenés à utiliser dans le cadre d'une étude de documents authentiques en milieu scolaire   | les <b>connaissances</b> des spécificités culturelles de la culture ou des cultures correspondant à la langue enseignée-apprise | parler sur des documents: reagir, paraphraser, interpréter<br>extrapoler, comparer, transposer |
| <b>interculturelle</b> | Composant qu'on utilise lorsque l'on communique avec des étrangers dans le cadre de rencontres ponctuelles, d'échanges, de voyages ou de séjours touristiques.  | les <b>représentations</b>  | découvrir, communiquer   |
| <b>pluriculturelle</b> | Composante que l'on utilise dans un cadre – qui est celui de beaucoup de pays occidentaux – où se côtoient des cultures différents et où se réalisent d'intenses processus de métissage culturel.   | les <b>comportements</b>  | cohabiter  |
| <b>co-culturelle</b>   | Composant que sont amenées à se fabriquer et à utiliser en commun des personnes de cultures différentes travaillant ensemble pedant une durée   | les <b>conceptions</b> (dont les <b>valeurs contextuelles</b> )   | co-agir  |

(PUREN, 2010: 5)

## APÊNDICES

### 1. Tabelas com agrupamento das respostas da *primeira fase*

#### Parte 2 – Dos estudos na França

|   |
|---|
| <b>P1. Por que você está aprendendo francês? (Estudar na França, viajar, ler e redigir textos em francês, conhecer mais um idioma, interesse pessoal, trabalho, currículo...).</b>  |
| <b>Estudante do pré-teste:</b> Porque farei um duplo diploma na França.   |
| <b>E1:</b> Eu sempre gostei muito de francês. Mesmo porque eu gosto muito de cinema e gosto do cinema francês, e também de literatura: eu gosto muito de Gustave Flaubert. Aí eu tive vontade de aprender francês. Mas só quando eu vim para Poli mesmo foi que eu comecei a estudar francês. [...] Foi principalmente por causa deste intercâmbio que eu queria fazer, intercâmbio para França, e na Poli eles têm convênios com muitas universidades francesas e é obrigatório entrar na Poli e fazer o francês.  |
| <b>E2:</b> [...] quando entrei na Poli, percebi que tinha bastante oportunidade, na França, de Engenharia, e apareceu a oportunidade de fazer um curso de Francês aqui na Poli. Aí eu resolvi ir atrás disso. Mas, antes disso, eu nunca me interessei muito pelo francês e não sei se eu faria essa língua se eu não estivesse na Poli. Eu acho que a Poli me influenciou bastante. [...] Eu estou aprendendo para conseguir me sair bem no duplo diploma, porque meu primeiro objetivo foi acadêmico mesmo, de começar a estudar francês, ter uma boa formação, porque as escolas francesas são muito bem renomadas e eu quero ser engenheiro de qualidade e ter uma boa formação, então eu resolvi entrar nessa e ter uma boa formação para eu me sair bem e aprender o máximo possível com esta experiência.  |
| <b>E3:</b> [Não há resposta]  |
| <b>E4:</b> Porque eu sempre quis aprender direito e, na verdade, eu quero aprender uma outra língua depois do francês. Mas a maior motivação que eu tenho agora é porque eu estou efetivamente indo para lá, e se eu não souber o francês, eu não vou me dar nada bem, né?  |
| <b>E5:</b> Para conseguir seguir bem o curso lá, porque se eu chegar lá sem saber nada, pode ser que o tempo que eu perca lá para me adaptar sem saber nada... pode ser que eu seja prejudicado também no começo do curso lá... pode ser que eu não consiga conversar com as pessoas, aí acho que é importante chegar lá e conseguir ter uma relação com os franceses que já estão lá. Por exemplo, tem uma ou outra pessoa que vem fazer intercâmbio aqui na Poli e, às vezes, não sabem falar o português, aí ficam se relacionando mais com o pessoal do país deles. Eu pretendia me relacionar também com o pessoal de lá.  |
| <b>E6:</b> Então, na verdade estudar francês me influenciou, porque eu queria fazer intercâmbio e não só o intercâmbio, (mas também) o duplo diploma que é uma oportunidade que a gente tem aqui na Poli. Além do intercâmbio normal, o duplo diploma, ele é um pouco mais vantajoso, porque você fica 2 anos e aí você se forma aqui na Poli e você também ganha o diploma de lá e aí você é reconhecido como se fosse um engenheiro francês, por exemplo, igualmente, então isso já ficou bem atraente para mim. Então, bom, eu falei: “para qual que eu vou?”. Aí o ideal seria ir para um país anglófilo, mas não tinha nenhum país anglófilo e eles não gostam de alunos que ganham o diploma deles e não pagam nada. Então, eles não, por mais que o aluno seja bom, e aí são várias as exceções, por exemplo, bem raro isso, aí a maioria é Europa e a Poli faz parte de um grupo que chama TIME, e esse grupo reúne as melhores instituições da Europa, inclusive reúne a Poli também, e aí constitui as instituições francesas, alemãs, italianas e eu escolhi o francês porque a língua é mais fácil também e porque eu acho também que o francês tem um toque (a) mais, um toque de gramática (a) mais... sei lá, eu acho que a cultura francesa é mais próxima de mim que a alemã, por exemplo. |
| <b>E7:</b> O gosto mesmo. É que eu já tinha feito o inglês, e o francês eu sempre tive uma vontade de aprender, tanto que eu fiz mas não tinha vontade por isso eu não continuei, eu queria mesmo fazer o francês. E quando eu comecei, eu já pensava em fazer o intercâmbio, e juntou o útil ao agradável.<br>[...]<br>para o intercâmbio e por gosto, se fosse só pelo intercâmbio eu não estaria fazendo tudo (o) que eu faço para   |

|          |
|----------|
| estudar. |
|----------|

## P2. Por que a França? Quais são as razões de sua escolha?

**Estudante do pré-teste:** Pois as escolas de engenharia lá são de ótima qualidade na minha área.

**E1:** Porque as escolas mais tradicionais de Engenharia são as francesas, então acho que não tem nem como ir para outro país, tem que ser a França mesmo!

**E2:** Acho que talvez pela quantidade de oportunidades aqui na França. A maioria dos intercâmbios na Poli é para a França, e porque a Engenharia na França é muito conceituada e, em relação às outras; tem uma tradição muito grande e ela se completa com a engenharia aqui no Brasil. Acho que a Engenharia lá é mais teórica do que aqui, e ela é mais geral. Se eu pergunto para uma pessoa, que está no mesmo ano que eu, que curso ela está fazendo, a pessoa não sabe, porque ela ainda não se decidiu, ela está tendo uma formação bem geral de todas as matérias, e ela só vai se decidir lá pra frente, enquanto aqui, desde o começo, você já tem uma matéria mais específica, desde o vestibular você já prestou para o curso certo. Então aqui eu acho que você... que nem eu aqui, como me formar como engenheiro químico. Mas lá eu vou ter conhecimentos muito fortes de mecânica e elétrica, que aqui não são importantes como engenheiro para mim.

**E3:** [Não há resposta]

**E4:** Principalmente por influência do meu pai. Eu acho que eu escolheria mesmo sem a influência dele. Mas, antes de eu entrar na Poli, como ele morou lá, eu já fui para lá, já vi como ele morava. Ele sempre passou bastante da cultura francesa pra mim e pra minha irmã, e antes de eu ir para o colegial, ele me mostrou que já existia processo de duplo diploma entre a Poli e as escolas da França.

**E5:** Então, meu curso é Engenharia Química, né, aí eu acho que os países mais fortes assim em Engenharia Química são Estados Unidos, Alemanha e França. Só que a Poli disponibiliza mais intercâmbio para a França, então optei (por) ir pra lá e estudar o francês para ir pra lá. E é um país bem forte em Engenharia. Tem as grandes escolas... famosas, tal.

**E6:** [...] bom, eu procurei e eu vi lá sobre a extensão acadêmica, aí tem intercâmbio internacional, aí eu, bom, vou dar uma olhada no que tem, aí eu vi que tinha as *Centrales* já de começo, aí eu vou prestar em todas, só que o importante é que eu tenha um desempenho bom e aí eu mantive um desempenho bom, e agora é tentar correr atrás desse francês. Assim que eu entrei na Poli eu já vim aqui no "CEFI"... tentei me matricular, mas aí eles falaram que é melhor estar no segundo semestre que aí você... não sei, acho que é alguma coisa de administração deles... aí eu falei tá bom, então eu espero, aí eu esperei um semestre e então eu comecei já no segundo semestre. Os professores foram ótimos e aí eu fui evoluindo e agora já estou no Módulo 4 e acho que eu estou bem preparado também para poder chegar lá e me virar bem, saber conversar bem.

**E7:** Mais pela visão deles pelo ensino, exemplo na Engenharia Mecânica, já bem especializado, já no meu ano, no ano seguinte eu começo a ter matérias que são do curso de pós-graduação na minha graduação, e o ensino francês nas *Grands Écoles*, elas são mais globalistas. Eu acho que é o que falta na escola politécnica. E também pelo fato de ter este acordo de duplo diploma.

## P3. Foi sua 1ª opção? Se não, quais eram as outras?

**Estudante do pré-teste:** Sim.

**E1:** Foi.

**E2:** Sim, foi. Eu fiz a primeira tentativa e deu certo.

**E3:** [Não há resposta]

**E4:** [Não há resposta]

**E5:** Sim.

**E6:** Foi. Foi, porque assim, a gente começa ter essas possibilidades de duplo diploma a partir do quarto semestre, já tem que ter cursado 40% de todo o curso e aí a primeira opção que a gente tem são as (escolas) francesas, que são as escolas de elite lá e aí eu falei "vou tentar", mas eu tentei por tentar, se não der tudo

bem, mas eu quero uma, e se não for tudo bem, aí eu tento no próximo ano e aí vou ter que dar o maior gás, aí deu já na primeira. A minha primeira opção sim seria de fato as (escolas) francesas e alemãs, porque não tem como ser, porque elas não gostam de pegar quem está ruim no alemão, no mínimo a pessoa tem que estar no intermediário para pensar em melhorar até o ano.

E7: Foi.

#### P4. Como você tomou conhecimento do programa de duplo diploma?

**Estudante do pré-teste:** Ao entrar na Poli, eles oferecem várias palestras sobre o assunto.

E1: Ah! Foi logo quando eu entrei na Poli. Ali mesmo já “teve” várias palestras, algumas coisas assim... O pessoal da CRInt e Poli... Sempre tive bastante informação sobre o duplo diploma e eu fiquei interessada.

E2: Depois que eu entrei aqui, depois que eu comecei o curso de Francês que eu conheci melhor o programa de duplo diploma.

E3: [Não há resposta]

E4: É. Engenharia eu sabia que eu queria fazer, desde a 5ª série, nunca fugiu disso. Desde cedo, sei lá, os professores me levavam para as olimpíadas de matemática, olimpíada de física, desde pequeno, então não tinha como eu fugir muito disso. Quando chegou na 8ª série, eu tinha certeza de que queria fazer Engenharia. Então eu vim aqui pra São Paulo e estudei no Colégio Bandeirantes, eu já vim aqui pra São Paulo pra estudar bastante e entrar na Poli, e na Poli tinha muitas oportunidades de duplo diploma, então era um objetivo meu. [...]

As informações hoje, acho que agora, estão começando a melhorar um pouco, mas quando você entra no primeiro ano não tem nenhum lugar bonitinho pra você obter muitas informações, é tudo uma incógnita. Assim, por exemplo, eu não sabia que existia processo de duplo diploma para onde eu estou indo. Achei que só tinha da *École Centrale*, por exemplo, e tem um monte a mais além das *École Centrale*. E estes outros a mais combinam muito mais com o meu perfil, então quando eu prestei, eu prestei *École Centrale* e aí, se eu tivesse passado, não seria um curso que combinaria com o meu perfil, então ainda bem que eu não passei, eu estou indo para uma escola que pra mim é muito melhor.

E5: Ah, pelos anúncios que tem por aí, palestras. E logo que você entra na Poli já tem várias palestras falando sobre as oportunidades que tem na Poli, não só de intercâmbio, mas também de esporte, tudo.

E6: [Não há resposta]

E7: Eu não sei, para ser sincero, eu descobri, fui pensando nisso quando eu estava no segundo ano no Ensino Médio. Acho que eu descobri por contato mesmo, com alguém que soube do programa e aí eu fui me inteirar.

#### P5. Por que o programa despertou seu interesse?

**Estudante do pré-teste:** Pois oferece uma especialização diferente da oferecida pela Escola Politécnica da USP, além de um segundo diploma e da fluência em outra língua.

E1: Ah! Eu sempre tive vontade de estudar no exterior. Eu acho que conta muito para sua formação, tanto como para o amadurecimento pessoal também. Então eu já fiquei interessada logo de cara mesmo.

E2: Porque eu nunca tinha ouvido falar nessa possibilidade de ter duas graduações, ser engenheiro brasileiro, ser engenheiro francês e de completar a minha formação. Eu sempre quis me destacar, e estar na Poli já me destaca bastante; e estudar bastante, porque eu sempre fui muito esforçado de estudar todo dia, já me destaca, só que sempre tem como ir além e esta foi uma oportunidade, e também eu sempre tive vontade de conhecer outro país e acho que isso vai me envolvendo, vai juntando várias coisas.

E3: [Não há resposta]

E4: [Não há resposta]

E5: Na verdade quando eu entrei não sei se eu não acreditava muito na minha capacidade aí eu nem me interessei muito, aí eu só fui ver no começo do segundo ano que eu vi que minhas notas eram muito boas.

E6: Bom, eu não conhecia nada da cultura francesa, mas eu sabia que ela era mais parecida com o que eu tenho aqui no Brasil, mas eu não conhecia muito. Bom, pra falar que eu não conhecia muito, eu gostava de uma frase de uma música dos Beatles que fala “*Michelle ma belle / Sont les mots qui vont très bien ensemble*”,

aí eu não sabia o que era isso, mas eu já começava ouvir e falava assim: “deixa eu ouvir de novo esta parte”. Eu não entendia nada mas eu falava “*très bien monsieur*”, eu não falava certinho mas eu quero aprender a falar, aí eu comecei aqui, teve o incentivo mesmo do lado acadêmico para eu poder estudar fora, mas aí eu tive uma professora ótima, tive a Lis que foi do Módulo 1 e, depois, Módulo 2 e Módulo 3 com a Ana, que aí sim foi quem me despertou a paixão pelo francês, eu saí mesmo da aula e fui me aprofundando no francês, eu realmente gostava de estudar foi um processo gradual, não foi nada de.. “ah, eu adoro francês”, foi crescendo, fui aprendendo a gostar.

**E7:** Mais acho para complementar, então a questão de quando eu estava selecionando se eu ia fazer, porque eu posso escolher quando ir, posso fazer neste semestre para ir no ano que vem. Mas eu me interessei bastante por esta visão generalista, principalmente das *Écoles Centrale*... Entrei na Poli buscando isso. E por outros fatores, eu já li que lá eles têm interação pessoal, então não é só aprender matérias. Eles têm uma formação bastante pessoal, formação de grupos.

### **P6. Quando você pensou em se candidatar para o intercâmbio?**

**Estudante do pré-teste:** No segundo ano da Poli.

**E1:** Antes da faculdade, eu não conhecia este programa. Mas foi logo quando eu entrei na Poli. Mesmo porque a maioria dos meus colegas também... Todos já vieram pensando em duplo diploma. Todos já conheciam mesmo. Trocando ideia com eles, assim eu fiquei interessada.

**E2:** [Não há resposta]

**E3:** [Não há resposta]

**E4:** Eu tentei no quarto e no quinto [semestres], que eu pensei que era o último, aí quando eu não passei, eu me desesperei. Mas depois eu vi que tinha um monte e a escola que eu passei é melhor até, tem muitas *Centrales*.

**E5:** [Não há resposta]

**E6:** [Não há resposta]

**E7:** [Não há resposta]

### **P7. Para qual instituição você vai? E quanto tempo vai ficar? Você tem bolsa?**

**Estudante do pré-teste:** [Não há resposta]

**E1:** *École Centrale de Paris*. [...] Dois anos. [...]

**E2:** *École Centrale de Lille*. [...] Eu fiz o processo das *Écoles Centrales*, e tinha, acho, que um representante de cada *Centrale*, Marceille, Paris, e eles não avisavam para qual *École* você iria. Eu acho que eles escolhem de acordo com o seu perfil, de acordo com o seu desempenho na entrevista, pra onde você vai. Eles até perguntam: “Ah! Você tem preferência para qual *Centrale*?” Mas são eles quem acabam escolhendo, porque eu acho que a maioria das pessoas escolhem Paris pelo nome, porque é a capital da França, mas, às vezes, a *École Centrale de Paris*, eu acho que ela é muito mais difícil, assim, do que as outras. Então eu acho que eles procuram pegar as melhores pessoas para entrar nela, ou o foco diferente assim. A minha *Centrale* é mais voltada para mecânica. A eletrônica falam que você tem bastante conhecimento de Engenharia Civil, talvez na minha entrevista eles: “ah!, essa pessoa pelo plano de carreira dela tem mais o perfil”... mas não foi algo que eu escolhi, eu estava disposto a qualquer uma. [...] Eu iria para qualquer uma.  
[...]

Dois anos. Eu volto em agosto de 2015 e eu vou no mês que vem ou daqui dois meses, não sei.

**E3:** [Não há resposta]

**E4:** [Não há resposta]

**E5:** Eu vou para a que fica em Toulouse, ela faz parte de sete universidades. [...] Dois anos. [...] A [bolsa] Brastec.

**E6:** [Não há resposta]

**E7:** Lion [...] Eu gostei mesmo, porque era uma das mais antigas, a de Paris e a de Lion as duas do século 19, por ter uma história uma tradição. A de Lion é mais interessante do que a de Paris para mim, a de Paris eles focam bastante na área química e eu faço Engenharia Mecânica, então química eu não lembro mais nada. E a de Lion tem bastante coisa de mecânica e de energia e está mais de acordo com a área que eu quero me especializar depois, mas o resto elas são bem parecidas. [...] Sim, eu tenho bolsa, eu fui selecionado pela bolsa Eiffel [...] Sim, dois aninhos. [...] Minha primeira destinação lá vai ser em Vichy, numa família.

**P8. Quais informações você tem sobre os estudos na França? Onde conseguiu? Com quem?**

**Estudante do pré-teste:** Todas relacionadas à minha escola, bolsas, alojamentos. Foi muito difícil conseguir pelos *sites* das universidades, consegui principalmente com amigos que estudam na *École des Ponts* e na França.

**E1:** A maioria das coisas que eu sei mesmo é conversando com quem já foi. Porque se depender da gente entrar nos *sites* das universidades francesas, [que] são muito desorganizadas, não dá para achar muita coisa. Mas a maioria dos estudantes aqui da Poli que já foram tem vários tutoriais. Assim, para cada universidade, eles explicam tudo. [...] Tem a comunidade da Poli [na internet]. Eles têm vários documentos. Eles falam tudo mesmo. Sobre as matérias a cursar na universidade, como fazer para ficar no alojamento da universidade, se compensa pegar apartamento junto com amigo... Mas o pessoal que está lá na França ajuda bastante a gente, qualquer dúvida que tiver, eles respondem. [...] Os alunos que estão lá. É que tem uma rede social (CRint), que chama Minerva também, que é para os estudantes estrangeiros. E você pode pegar também o contato [por] e-mail. E você acha também, no *Facebook*, as pessoas, aí dá para perguntar para eles.  
[...]

Sim, com certeza! Porque já vai ser um choque no quesito acadêmico. Já vai ser um choque chegar lá e ver uma coisa diferente e ter que lidar com uma cultura diferente também. Então o máximo que você puder saber antes de chegar lá já vai te ajudar para o choque não ser tão grande assim.

**E2:** Não no curso [de Francês] especificamente. Mas você tem contato com as outras pessoas que também estão estudando francês com o mesmo objetivo. Aí você fica sabendo. Geralmente, o processo seletivo é em setembro, no final do segundo ano fica atento, porque não é uma coisa muito bem divulgada. Aí você tem que ir atrás das datas e informações. Ah, entrega o currículo em francês ou inglês, tem que fazer inscrição ali, e a gente vai fazer entrevista, não basta só querer.

**E3:** [Não há resposta]

**E4:** Eu entrei no *site* da Poli, no comitê internacional da Poli, descobri o nome do professor, descobri a sala dele e fui lá na sala dele conversar. Falei: "é o seguinte, eu queria saber o que eu poderia fazer, já que eu não passei e queria tanto, tem outra opção? Eu consigo fazer intercâmbio com aproveitamento de créditos?" Então, ele me falou que tinha vários outros.

[...] Antes, esse meu professor passou contato de gente que está lá, então eu acabei descobrindo bastante coisa assim, e isso me ajudou também a passar, porque você tem que fazer uma carta de motivação e, para isso, você precisa conhecer muito bem a instituição. E aí eu pesquisei um monte antes do processo para saber sobre isso, sobre a grade e tudo mais, e hoje em dia eu já sei bem mais coisa, porque eu já fui aceito. Então, eu já recebi um monte de carta, eu já escolhi minha grade, e como já está mais perto, eu tive como saber também.

**E5:** Eu sei as matérias, a maioria das matérias tem muito trabalho, sei que as provas, a duração, não são muito longas. O curso, sei que é bem parecido com o meu aqui da Engenharia Química da Poli, têm os estágios acoplados aos quadrimestres, mas apesar do curso ser bem parecido, têm uns focos diferentes na parte de informática e engenharia química, que aqui não tem tanto.

**E6:** Então, a maioria das informações muito específica assim, a gente acabou tendo no próprio CFI, a gente teve aquele curso, o *Mobilitéé*, e esse curso a gente fala assim porque eles querem fazer o duplo diploma, então tem bastante coisa bem específica que a gente acabou tendo no próprio curso, mas a partir do Módulo 2, eu comecei a ouvir uma rádio que chama RFI, é toda em francês, e foi bom para treinar a ouvir o francês e me inteirar sobre o que estava acontecendo lá, então tem muita coisa que está acontecendo lá, sobre o casamento *gay*, por exemplo, sobre os valores de família, está acontecendo lá também, eles querem mudar e colocar o inglês também nas universidades, mas o pessoal não gosta disso, eles acham que estão colocando o francês de lado, então tem muita informação que é bom que a gente saiba para não chegar lá cru, então essas informações eu consegui pelo CFI e pelo *Figarro* que também é a página quando eu abro, se tiver algo interessante eu já dou

uma olhada, tem a aba, que, quando eu vou ver o *face*, ela já abre.

**E7:** Só mais o que eu leio de notícia, tanto o *Le Monde*, com o nosso sistema internacional sobre política econômica, sobre a história, e ultimamente, pelas aulas, isso eu acho legal, pelas aulas da Aliança e também do CFI na hora de introduzir alguns conceitos na língua começam a falar de partes da França, de regiões da França e de fatores do país.

### **P9. Como você se preparou para esse projeto de estudos na França? Busca de informações nos sites; plano de estudo; conversa com amigos etc.**

**Estudante do pré-teste:** buscar informações nos sites, plano de estudos, conversa com amigos etc.

**E1:** A maioria das coisas que eu sei mesmo é conversando com quem já foi. Porque, se depender da gente entrar nos sites das universidades francesas, [que] são muito desorganizadas, não dá para achar muita coisa. Mas a maioria dos estudantes aqui da Poli que já foram tem vários tutoriais. Assim, para cada universidade, eles explicam tudo. [...]

Tem a comunidade da Poli [na internet]. Eles têm vários documentos. Eles falam tudo mesmo. Sobre as matérias a cursar na universidade, como fazer para ficar no alojamento da universidade, se compensa pegar apartamento junto com amigo... Mas o pessoal que está lá na França ajuda bastante a gente, qualquer dúvida que tiver, eles respondem. [...]

Os alunos que estão lá. É que tem uma rede social (CRint), que chama Minerva também, que é para os estudantes estrangeiros. E você pode pegar também o contato [por] e-mail. E você acha também, no *Facebook*, as pessoas. Aí dá para perguntar para eles. [...]

Eu gosto muito de ver *Word Reference*. Pra ver francês, eu acho que ele é muito bom [...].E tem o *Le Monde* [...] É bem legal para dar uma "treinadinha".

**E2:** É, antes do processo seletivo, eu busquei muitas informações nos sites de todas escolas francesas sobre que disciplinas eu ia fazer lá, onde a pessoa vai morar, qual a carga horária, e eu fui obtendo essas informações e, depois que eu fui aprovado, os veteranos estrangeiros que já estão lá vieram falar comigo, e me parabenizar, e dizer que estão disponíveis para qualquer tipo de dúvida. Aí, às vezes, eu vou lá conversar com eles sobre qualquer problema ou dúvida que eu tenho, sobre: "Ah! Como que é isso? É muito mais difícil que aqui?" Assim eu vou obtendo informações, principalmente com os estrangeiros que já estão lá. Mas eu também conheci franceses que vieram de lá para cá e dá para conversar com eles.

[...]

É muito importante, para saber como lidar com as pessoas de lá e como se portar melhor lá, reter o máximo de informações, porque sabendo como funciona mais ou menos, eu vou ter mais ideia de como estudar lá, como eles fazem para absorver mais nas aulas, eu acho que tudo isso eles já estão acostumados, tem a ver com a cultura.

**E3:** [Não há resposta]

**E4:** Eu tento aprender o francês o máximo possível, e, pra dizer a verdade, agora eu tento viver aqui o máximo que eu consigo, porque eu sei que vou ficar com saudades. Então é assim: eu acho que quando eu chegar lá eu vou conseguir aprender muito mais rápido do que estando aqui.

**E5:** Eu tenho conversado bastante com uma pessoa que está lá, na cidade que eu vou em Toulouse, e eu tenho perguntado essas coisas, tipo qual local ele acha interessante eu ficar. Aí ele já falou um que é dez minutos da universidade, sobre a bolsa se dá para administrar bem, se vai faltar ou não dinheiro. Ele falou que dá para sobreviver muito bem. Sobre o celular, eu não sabia, eu perguntei se ele achava melhor eu comprar aqui ou lá, sobre operadora.

[...]

Quando eu passei me falaram que tem dois meninos que estão lá, então eu adicionei. E eu vou chegar lá, ele vai continuar lá.

**E6:** [Não há resposta]

**E7:** Eu busquei bastante informação no site deles de currículo, minha primeira ação que eu fiz nesse quesito foi retirar todos os currículos das *Centrales* e comparar com o meu currículo e conversei com diversos professores meus, inclusive tinha um mito de que lá eles tinham uma matemática bastante avançada e coisas que nós não vimos, então eu conversei com o pessoal da matemática aqui e falei: "olha eu preciso ver isso e isso, o que vocês sugerem?". isso é só para dar uma lida só para não chegar e ter um impacto. E também falei com os

veteranos de lá eu tenho contato em Lion mesmo.

### **P10. E como se preparar para o intercâmbio na França? O que você fez até agora?**

**Estudante do pré-teste:** Procurei o máximo de informações sobre moradia, custo de vida, cultura. Estou estudando 8h francês/semana, conversando muito com amigos franceses e com brasileiros que moram lá.

**E1:** Ai, sei lá! O maior é o psicológico... acostumar a ficar longe da família, mas também aprender a se virar um pouco sozinha, tentar ser um pouco mais madura aqui, aprender a resolver as coisas "eu mesma".

[...]

No último Módulo, um dia por semana, a gente tem aula com uma francesa. E aí ela falou um pouco dessas coisas pra gente: não pode falar desse jeito ou de outro jeito... As pessoas são assim, não pode levantar para ir ao banheiro, as pessoas têm de ficar para assistir à aula inteira, não pode chegar atrasado à aula também... Foi mais o contato com ela.

[...]

Eu acho que o choque cultural vai ser muito maior. Acho que, depois de uns dois meses, dá para acostumar com a língua. Já deve ser mais fluído falar o francês. Mas até acostumar, não sei como é o esquema de aula lá, se é no *Power Point*, se tem umas coisas estranhas, ou mesmo, não sei, a comida e as pessoas com as relações distantes. Acho que o choque cultural é bem mais difícil.

**E2:** Para estudar francês, eu gosto de ouvir música, assistir bastante filme. Tentei já ler algum livro em francês, mas ainda não concluí este objetivo. Mas internet tem vários *sites* de ensino de língua francesa, e eu procuro conhecer gente de outros países para conversar em francês, tentar aprender, nem que seja só por mensagem, para algum dia conversar falando mesmo com a pessoa.

[...]

Porque eu acho o povo francês diferente do povo brasileiro, e é difícil se relacionar, então tem que tomar cuidado com certa expressão que você vai utilizar. Eu acho que eu já cometi uma gafe na semana passada, tipo... eu fui mandar um email em francês e eu utilizei *desolé*, que para eles é *desolé*, é tipo algum problema, então é um nível assim maior de impaciência da minha parte. Aí acho que a mulher não entendeu muito bem assim, aí tem que medir muito bem as palavras, conhecer a cultura deles, porque se você vai lá e não sabe nada, eles podem pensar: "o que esta pessoa está fazendo aqui? Ele vem para este país e não sabe nada, está aqui só para ganhar dinheiro, depois, como engenheiro francês?"

[...]

No curso, agora, principalmente neste Módulo *Mobilité*, eles estão trazendo bastante informações bem aplicadas à França, à cultura, comparações da Engenharia na França e da Engenharia dos outros países, economia na França, e isso está me despertando um interesse maior e está me trazendo conhecimento. Mas ler algum jornal francês, qualquer notícia sobre a França, já me faz aumentar este conhecimento, e eu faço isso às vezes, não é sempre, mas eu tento de vez em quando dar uma lida.

**E3:** [Não há resposta]

**E4:** Já tive resposta de vários e-mails explicando cada coisa da escola: sobre grupos, grêmio, explicando tudo, como faz para participar, como é a vida, quanto custa, explicando tudo, e eu acho que as pessoas são receptivas lá, é o que parece ser.

[...]

Eu morei na casa de uns franceses, eu acho, quero dizer, eu tenho certeza que a cultura aqui é muito diferente da de lá.

[...]

Acho que sim, porque tem bastante gente que vai pra lá e não se adapta, não fica contente porque a cultura é diferente. Acho que, como eu estou indo sabendo que a cultura é diferente, não esperando uma cultura igual, a chance de eu me adaptar lá é muito maior.

**E5:** [Não há resposta]

**E6:** Bom, sobre a universidade eu já sei bastante, inclusive veio uma comissão aqui da *Centrale*, eles vieram aqui na Poli e a gente teve contato com muitos *centralian*, muito, muito, muito. Eu já via fórum, eu fui no *wikipedia*, eu procurava *École Paris*, o grupo de *École Centrale*, então sobre a *école* eu já sabia bem. Então, neste lado assim de chegar lá e "ah, o que tem para fazer?"... tem um lado para esquiar na neve, tem bastante coisa que eu já sei que vai acontecer, este lado eu já estou preparado. O lado familiar vai ser meio pesado, porque a minha família é zona leste, eu sou o caçula, já começa por aí. Aí tem meu irmão do meio, minha irmã,



que é mais velha, minha mãe e meu pai, e aí tem minha vó, tem minha tia, então é assim, ninguém da minha família é rica, quem trabalhou mais foi meu pai. Os únicos que tiveram uma oportunidade de trabalhar mais e se aperfeiçoar e terem mais conhecimento foram meu pai e a minha mãe, então nós somos muito simples.

[...]

Não, não é geral, mas eu acho que o pessoal lá [da Zona Leste de SP] é muito mais caloroso, a gente vai um na casa do ... é diferente, eu não sou bem da zona leste, mas eu nasci e fiquei bastante tempo lá e a minha família toda é de lá, eu sou de Poá, mas é do lado, Poá, Itaquá, Itaim Paulista, é assim, o contato é diferente. Eu sou muito apegado à minha vó, aos meus tios, aos meus irmãos. Mas quando eu resolvi a não ter que vir para cá dia após dia, de trem, aí pega metrô, pega ônibus, eu falei: “bom eu quero morar aqui”. Foi difícil, embora eu sempre volte na sexta-feira, é difícil, eu aprendi a conviver, foi uma certa preparação que eu tive. Eu falei: “bom eu quero o intercâmbio, então eu vou ter que superar isso”... então que seja para eu aprender a conviver sem eles.

[...]

Sim, ajuda, também porque eu não queria pegar horário de pico, mas ajuda. Não foi só isso, eu poderia pegar um fretado, por exemplo, mas eu falei não deixa eu aprender, vai ser difícil, mas hoje em dia tem skype. E da língua a gente tem o preparo aqui todo, que eu acho bem completo, mas eu não sei se é completo, porque eu, modéstia a parte, sou muito dedicado, eu acho que o curso foi dado muito bem, o preparo que eu tive foi bom. Eu acho que já estou bem preparado já, vai ser um pouco difícil, mas acho que vou conseguir lidar bem com isso.

**E7:** Sim, bastante, o fato de várias aulas a professora trazer material da França, texto para ler e discutir, inclusive um texto que eu estava lendo na mesma semana no *Le Monde*.

[...]

Eu tenho bastante informação, inclusive hoje eu estava conversando com o presidente do (*clupresi*) lá da Poli, para dar uma confirmada, porque eu já tenho bastante informação do que eu li e perguntei bastante... mas saber realmente vai ser só quando eu chegar.

[...]

Falar com ele e fazer bastante pesquisa, ver como é que era, inclusive num *site* deles, como estão estruturadas, diversas palestras deles falam, este método de ensino é bastante aplicado lá por várias outras universidades .

### **P11. Em que a língua francesa será útil na realização de seus projetos pessoais e/ou profissionais?**

**Estudante do pré-teste:** Muito útil, para permitir um aprendizado completo e boa comunicação e expressão.

**E1:** Primeiro, sem o francês, eu não conseguiria o duplo diploma. Outra é que eu vou para uma universidade excelente.

[...]

Eu consegui fazer a entrevista em francês. Consegui entender tudo. Eu consegui falar tudo [o] que eu queria. Então, já foi bom. E o conteúdo aqui já foi bem direcionado para a vida universitária, então, eu acho, assim, [que] eu tenho o que eu vou precisar lá. Vai ser difícil quando eu chegar lá: acostumar com o francês... Mas acho que o que eu tive aqui já foi o suficiente.

[...]

Eu espero aprender muito, espero conseguir me dar bem nas aulas. Mas, assim, mais que ir bem na questão acadêmica, eu quero conhecer muita gente, quero conhecer o país e quero conhecer outra cultura. E eu quero “eu mesma” crescer também... É... Pessoalmente, eu acho que muda muito você estar tão longe de casa. Eu acho que vai ser assim uma experiência maravilhosa poder ter essa chance de estar num lugar tão diferente e lidar com outra cultura, com outras pessoas e aprender a se adaptar também, a se moldar a situações diferentes das que a gente vive...

[...]

Ah! Sim, com certeza! É uma coisa muito diferente, acho que o crescimento e o amadurecimento vêm, com certeza!

**E2:** Eu quero trabalhar com o meio ambiente, eu quero promover uma melhora do meio ambiente, ainda não sei como... desenvolvendo algum dispositivo, ou melhorando algum processo que já é feito, só que não é muito sustentável. E com os conhecimentos de Engenharia Química que eu estou obtendo aqui, é, eu obtenho alguns conhecimentos aqui, vou obter outros lá, acho que tudo pode se completar. A visão que eles têm do mercado de trabalho com a visão que eu [tenho] e [que] a Poli me dá sobre o mercado de trabalho vai me ajudar neste objetivo e eu estou bem determinado quanto a isso, então eu acho que tem tudo pra dar certo, é continuar

|   |
|---|
| estudando bastante..  |
| <p><b>E3:</b> Ah! Essa parte de crescimento em tudo: pessoal, profissional e cultural. E a parte de gestão, o que a gente não tem mesmo no curso de engenharia, porque aqui é bem engenheiro mesmo, aqui os caras são bem engenheiro mesmo e não tem aulas de gestão, lá metade das aulas são de gestão.</p>  |
| <p><b>E4:</b> Eu tenho que voltar e ficar 6 meses, aí eu acabo a graduação e depois disso eu posso voltar, eu vou ter o diploma de lá, então eu posso voltar pra lá. Mas eu acho que vou ficar no Brasil, principalmente por ter muito mais trabalho aqui do que lá.</p> <p>[...]</p> <p>É aqui é muito melhor, aqui não tem nada construído, tudo falta aqui. E sempre que falta coisas, é bom para o engenheiro, porque ele constrói as coisas que faltam. Lá tem tudo, estradas, pontes, indústrias, não tem mais indústria porque é tão caro pagar impostos, e tem gente que vem trabalhar aqui.</p> <p>[...]</p> <p>Eles trazem gente, trazem a indústria deles pra cá, então eu vou ficar por aqui mesmo, a princípio, se algum dia eu virar chefe, aí eu vou pra lá.</p> <p>[...]</p> <p>Eu espero que isso seja um ponto muito alto da minha vida, eu espero muito que seja uma escolha que eu vá lembrar pro resto da minha vida. Espero que seja uma experiência que acrescentou muito pra mim, que mudou muito em mim, não tem como eu voltar igual como eu era depois de viver completamente diferente, vou aprender muita coisa, assim eu espero.</p> <p>[...]</p> <p>Desenvolvimento. Chega até o ponto de estagnação, de tanto desenvolvimento que tem lá, eu olhando como engenheiro. Agora, culturalmente, não tem nem como comparar com aqui. Acho que a Europa, para a gente que está indo estudar Engenharia lá, a gente ganha muito mais culturalmente do que da própria Engenharia, porque lá a carga cultural que a gente consegue ganhar é imensa. Paris, a Europa inteira, é uma concentração de línguas, de culturas, tem uma população tão diferente num espaço pequeno que vai ser muito enriquecedor, é assim que eu vejo a Europa de uma forma geral.</p> <p>[...]</p> <p>Eu acho que a Poli é muito boa, mas eu acho que lá é melhor. Senão eu não estaria indo. Eu acho que o que eu consigo ganhar com a Engenharia não é tão grande quanto o que eu consigo ganhar com todo o resto. Eu estou na metade do quarto ano, então eu quase acabei, o quinto ano é estágio. Então lá eu vou estudar mais algumas coisas do curso deles que pode ser diferente, mas a maior experiência para mim vai ser cultural.</p> |
| <p><b>E5:</b> Sim, melhorar a forma de pensar, tentar liderar, por exemplo, um projeto porque os franceses têm bastante a visão de que o engenheiro, ele se forma e consegue comandar bem uma empresa, assim, não talvez como engenheiro propriamente dito, mas como gestor.</p> <p>[...]</p> <p>Têm muitas empresas grandes de engenharia multinacionais. Por exemplo, a língua em si ajudaria se eu precisasse fazer uma visita lá na sede na França ou fazer um trabalho lá, ou viesse alguém da sede da França aqui, para eu conseguir me comunicar. Tem uma empresa aqui que eu gosto bastante que é a [...], eles mandam bastante gente para França para trabalhar ou vem bastante gente para cá, por exemplo, é uma empresa que, se eu não fosse agora para França, eu tentaria estágio lá.</p> <p>[...]</p> <p>É vou tentar ela além de outras, mas o francês ajudaria bastante. Língua francesa é uma língua bastante falada até. Vejo que a professora falou que uma a cada vinte pessoas no mundo falavam francês. Acho que é bastante até.</p> <p>[...]</p> <p>Eu acho que vai me ajudar muito ir pra lá, porque eu estou com vontade de aprender coisas que eu não aprenderia aqui no curso. Vou ter oportunidade de trabalhar lá. Fazer estágio fora, que eu acho que é importante para o <i>currículo</i>, ter uma experiência grande de saber se virar sozinho, tomar decisão sozinho, até mesmo cozinhar sozinho, lavar sua roupa. Fazer tudo sozinho, porque a maioria dos que vão já fazem tudo isso aqui, porque eles não são de São Paulo. Eu sou daqui já e eu nunca tive essa experiência. De aprender outra língua, não só o francês, mas conhecer gente de outros países, o inglês também, porque vai ter bastante gente falando inglês lá.</p>  |
| <p><b>E6:</b> É e eu não pretendo morar lá. Eu vou me surpreender, vou crescer também, o lado pessoal, profissional, o lado acadêmico.</p> <p>[...]</p> <p>Sim, agora, eu acho que é muita pressão para gente. Nossa... desde o vestibular a gente já tem que saber o que</p>   |

a gente quer fazer, e aí desde o intercâmbio você tem que redigir o seu plano profissional, assim eu não sei se o que eu coloquei lá vai ser realmente o que eu quero fazer. Eu tenho vontade de ser professor universitário, então é assim: eu não tenho certeza do que vai acontecer, mas acho que essa experiência vai consolidar o que eu vou ser no futuro. Eu não espero nada, eu espero as coisas virem e eu me surpreender na hora.

[...]

Então este “quê” a mais é um diferencial no meio de trabalho. É evidente que se você falar “ah, eu fiz um intercâmbio fora”, o empregador já te veja com olhos diferentes. O primeiro motivo é porque você já tem uma vivência por fora, você sabe como é o modo operante de uma engenharia global, como que o francês pensa, como você vai ter que adaptar o seu jeito de pensar na engenharia para o jeito deles... então, isso já é bem atraente para eles. E segundo, porque para a família, como está aqui o seu filho e faz um intercâmbio, tem um *status*. Mas não é pelo *status*, na verdade, o conhecimento do francês na ciência mesmo... eles sempre foram excelência, na ciência mesmo, na matemática e eu sempre fui apaixonado por matemática. Eu já via que na *Centrale de Paris* já tinha se formado o Gustave Eiffel, o dono de fábrica de pneus, e também esses caras, realmente, eu acho que fazer um intercâmbio vai tentar me dar um diferencial, e se também esses caras saíram de lá e saíram bem, então, o segundo motivo, eu me baseei do que saía de lá e também um gosto pessoal de línguas, eu sempre gostei de idiomas, eu acho que até um pouco mais que matemática, mas eu sempre gostei de idiomas, de viajar eu também gosto, acho que todo mundo gosta. Eu lembro que desde pequeno, na verdade, eu não era muito de ficar estudando matemática. Antes, eu chegava aqui na escola, entrava no Orkut que tinha uma comunidade e a comunidade era de inglês, bom, e eu ficava lá desde quando eu chegava do almoço até a noite. Então é assim... eu sempre gostei de línguas de idioma, aí a minha paixão pelo inglês é à parte, mas eu sempre desenvolvi o francês, então também o terceiro motivo seria também o contato com uma outra língua que é uma paixão pessoal, eu também gosto.

**E7:** Acho bastante importante por conseguir manter um contato facilitado com a França e com as empresas francesas, e só ter o inglês, mesmo sendo uma língua universal mantém uma certa distância, então se for em uma empresa francesa e falar francês já é um fator bem-visto. Em termos profissionais, acho que é praticamente isso, manter contato com a França e a sua esfera de influência, ainda mais que eu vou fazer dois anos de formação lá.

[...]

Isso acho que vou deixar aberto, vou voltar para pegar meu diploma na Poli, inclusive eu já falei com os veteranos mais informados, que lá recebem propostas de empresas francesas inclusive aqui no Brasil também eu acho que esse contato com o país, mesmo em termo profissional, eu não quero perder.

[...]

Bom, eu espero, do lado pessoal, sei lá uma maturação maior, como vou enfrentar diversos desafios novos que não são habituais, não são do meu cotidiano, ter que lidar com tudo isso. Bom, primeiro, começa toda questão nova de ter que se virar sozinho, depois inclusive com uma língua totalmente estranha, vai, já tenho contato, mas lá vai ser um impacto, não é como aqui: dá um problema e você já sai falando normal. E também por ser outro país, tudo isso vai agregar de uma forma que eu espero que seja muito boa, pelo menos ao final dos dois anos, que eu saia uma pessoa diferente, isso em termos pessoais. Em termos de conteúdo também, uma coisa que me atrai na *Centrale* é a questão de o primeiro ano, ele é fechado, mas no segundo ano já tem a opção de ir escolhendo, eu posso focar na área que eu quero, algo mais liberal, então também em termos de formação, acho que mais sair, uma visão da Poli, mais sair com uma parte mais aplicada de fórmula e voltar com conceito geral, de como lidar com o conceito geral, entender um pouco de todo mundo, mas saber resolver outros problemas de uma maneira geral, isso em termos de formação. E de conteúdo, esta questão da França né, em toda esfera de influência, eu espero que tendo feito pelo menos uma faculdade lá de estar inserido neste mundo em termos empresariais.

**P12. Em seus estudos, a quais materiais você tem acesso? (Livros, documentos de áudio/vídeo, internet, CD-ROM, jornais, apostilas, revistas especializadas). Você navega em sites franceses? Quais? Por quê? Com que frequência?**

**Estudante do pré-teste:** Livros, documentos áudio/vídeo, internet, apostilas. Sim, no TV 5 (para utilizar o dicionário e ler algumas coisas em francês); páginas em francês no *Facebook*. Faço isso mais ou menos uma vez por semana.

**E1:** Site? Eu gosto muito de ver *Word Reference*. Pra ver francês, eu acho que ele é muito bom

[...]

E tem o *Le Monde*.

|   |
|---|
| <b>E2:</b> [Não há resposta]  |
| <b>E3:</b> [Não há resposta]  |
| <b>E4:</b> Tem um <i>site</i> da TV 5 que tem um monte de atividade, um monte de notícias, e eu entro lá. |
| <b>E5:</b> [Não há resposta]  |
| <b>E6:</b> [Não há resposta]  |
| <b>E7:</b> [Não há resposta]  |

|  |
|--|
| <b>P13. O que você espera deste curso de Francês?</b>  |
| <b>Estudante do pré-teste:</b> Espero sair do curso conseguindo me expressar bem em francês, oralmente e por escrito, e também entender bem o que os franceses dizem.  |
| <b>E1:</b> O que eu espero? Ah! Eu acho que o que eu esperava eu já consegui aqui: eu aprendi muito até o semestre passado. A entrevista para seleção da minha universidade foi em francês também. Eu tinha feito dois Módulos só do CFI.<br>[...]   |
| <b>E2:</b> Eu espero que eu aumente meus conhecimentos sobre a França, eu melhore a minha comunicação com o francês, porque eu acho que isso é o principal que vai me impedir de entender melhor as aulas lá. É claro que eu vou melhorar isso quando eu chegar lá, mas aqui tem muito conhecimento que eu posso agregar e eu estou tentando obter o máximo possível. Acho que o curso está me permitindo isso. É só continuar estudando.<br>[...]<br>Espero aprender bastante, espero conhecer muita gente, muitos lugares, espero conseguir ficar longe da família e ser um engenheiro melhor.<br>[...]<br>Quero voltar para o Brasil, quero ser engenheiro no Brasil, mas nada me impede de viajar assim: "Ah! Tem um serviço na França, neste final de semana alguém está precisando disso"... volto para lá facilmente.       |
| <b>E3:</b> [Não há resposta]   |
| <b>E4:</b> Eu espero não o aprendizado da língua convencional, mas o aprendizado da forma que é. Aqui a gente aprende bastante sobre a cultura, os hábitos, o jeito que os franceses se expressam, mostra alguns detalhes da cultura francesa, e não da gramática especificamente.   |
| <b>E5:</b> Ah, eu espero estar me ajudando bastante quando eu chegar lá, porque tem bastante francês que vem aqui pra Poli e quando tem festa, eu converso, eu tento falar o francês e dá para se comunicar, não tão rápido, porque não é habitual ainda, não dá para conversar o dia inteiro em francês. O que falta mais para quem estuda aqui é ter na rotina o francês, porque conhecimento gramatical assim a gente aprende até que bastante.   |
| <b>E6:</b> Eu gosto muito do CFI. No começo, eu achava que não ia dar muito certo porque não tinha muita gramática, mas no primeiro módulo eu já comecei a ler, eu pegava um texto e começava a ler, chegava em casa, não tinha o que fazer, pegava um texto e começava a ler em voz alta, gravava e me ouvia. O curso eu achei assim: o Módulo 2 e 3 foram os que eu mais desenvolvi mesmo a gramática, no Módulo 2, eu acho, eu já estava conseguindo falar bem, no 3 tive um salto enorme e no Módulo 4 eu aprendi bastante. O curso te dá todas as bases para você fazer o que você quiser com o francês, eu vou usar para ir lá e me virar, mas mesmo que eu não tivesse passado eu já ia estar muito satisfeito.   |
| <b>E7:</b> É que praticamente eu quase acabei ele.<br>[...]<br>Sim, sim, no CFI neste semestre eu fiz ele junto com a Aliança, realmente porque eu percebi depois lendo mesmo que são duas visões a da Aliança tem um estilo que eu gosto bastante que é bem estruturado, em termo de gramática, toda aula tem gramática com uma tabelinha, com exercícios, é bem matemático mesmo. Mas no CFI eu gostei mais por ter este contato com a França e a França em termos de universidade, então a gente discutia como era o ensino lá, tinha vídeos de estudante de lá, temas de estudantes da França e também pelo fato de ter bastante conversação e prática, menos ligado às regras formais da Aliança ou que a minha professora lá reclama a cada cinco minutos e não aceita o errado, e mais de pôr na prática e soltar a língua. |

### Parte 3 – Das Representações

|  |
|--|
| <p><b>P1. Quais palavras você associa quando ouve “universidade francesa” ou “École Polytechnique”? Cite três e explique.</b></p>  |
| <p><b>Estudante do pré-teste:</b> Excelence, sonho, duplo diploma. São ótimas universidades, de renome mundial, que eu batalhei muito para conseguir e ir em um convênio de duplo diploma.</p>   |
| <p><b>E1:</b> Primeiro, eu acho que a tradição. École Polytechnique é referência no mundo inteiro, tanto em outras escolas politécnicas no mundo, essa foi a primeira. Eu acho que também é teoria. Eu acho que as outras universidades, as americanas, são muito diferentes em algumas questões. As universidades francesas têm uma base teórica muito forte, e... ah!... não sei... [só estas duas]</p>  |
| <p><b>E2:</b> Tradição, qualidade e rigidez. [...] Tradição, porque as escolas francesas são muito antigas, o perfil, o curso talvez seja mais rígido do que aqui. Lá, eu acho que não tem essa liberdade de falar com qualquer professor: “Ah! Professor, posso tirar uma dúvida?” Tratar o professor de uma maneira mais informal talvez seja um pouco mais distante em relação ao professor e ao aluno. E qualidade porque são reconhecidas. Em vários rankings de universidades, aparecem as universidades francesas e eu estou muito disposto a estudar e aprender bastante.</p>  |
| <p><b>E3:</b> [Não há resposta]</p>  |
| <p><b>E4:</b> Bom, pra mim: oportunidade, experiência e conhecimento, são as três que eu mais costumo pensar.</p>  |
| <p><b>E5:</b> Oportunidade, futuro, experiência.</p>   |
| <p><b>E6:</b> A primeira que vem de cara, dificuldade, porque as escolas são difíceis para entrar pelos franceses, são muito concorridas. Eu acho que o nível deles é parecido com o do ITA. Segunda é a excelência no ensino lá, eu acho que a tradição conta muito, então essas escolas são muito antigas. E a terceira palavra que me vem à mente... aha pra mim é um sucesso que eu tive pessoalmente. Essa madrugada eu estava vendo o pdf dos alunos que tinham sido escolhidos, aí eu revivi a alegria que eu tinha passado e foi melhor do que o vestibular. Na verdade, eu não esperava que ia passar, talvez esperava, porque tinha feito uma entrevista muito boa, eu gaguejo, o inglês tudo bem, mas o francês eu falei uma hora, eu sabia que tinha feito um bom trabalho, mas não pensava que ia ser Paris, então foi uma conquista mesmo.</p> |
| <p><b>E7:</b> Aventura seria uma primeira, com certeza. Não sei... tem tanta coisa... [...] competência, pelo menos pela carga horária que eu vou ter lá, alguma coisa tem que sair. E acho que desenvolvimento próprio. Eu estava inclusive conversando com ele sobre isso, eu acho que é minha visão, algo que pelo menos eu busco bastante, que é sair de lá com o ensino francês não com uma formação de engenharia, mas como uma formação pessoal, eles formam pessoas, seres humanos com uma capacidade de engenharia, mas formam pessoas e não conteúdos.</p>   |

|   |
|---|
| <p><b>P2. Você está familiarizado com o contexto universitário das grandes escolas de engenharia da França? O que você sabe sobre a escola/universidade que você vai estudar? Como obteve as informações?</b></p>   |
| <p><b>Estudante do pré-teste:</b> Sim, bem familiarizada. Sei sobre o sistema de ensino, ano escolar, alojamentos, clubes de estudantes, bandeirão... Obtive essas informações principalmente conversando com os estudantes de lá.</p>  |
| <p><b>E1:</b> É. Eu fico um pouco perdida, olhando no <i>site</i> eu não consigo ver a grade horária, a grade curricular. Não consegui ver nada. Achei muito confuso você ver a lista das matérias que tem. Mas você não consegue saber qual é obrigatória para você fazer, qual é optativa, e não dá para saber, mas o que a gente sabe é conversando com quem está lá mesmo, com quem voltou... Eles disponibilizam a grade ou falam: “estas matérias dá para você matar com alguma que você já fez na Poli”. E aí eles contam. Foram até eles que vieram atrás da gente. Quando nós fomos selecionadas, eles adicionaram a gente no grupo deles, quem está lá nas <i>Centrales</i>. Aí eles já estão ajudando com informação e coisas da vida diária também: companhia telefônica, qual é melhor fazer, o banco francês, dá para abrir conta neste banco, dá para comer no bandeirão ou não dá, no final de semana compensa fazer isso ou não...</p> |

|   |
|---|
| <b>E2:</b> Sei, mas estou me familiarizando mais, cada dia eu vou obtendo um conhecimento a mais sobre as universidades lá, qual a diferença delas para cá. [...] Sim, falam que tem bastante [exercícios, seminário e apresentação em francês], e eu vou me acostumando com essas ideias para não chegar lá e levar um choque.   |
| <b>E3:</b> [Não há resposta]  |
| <b>E4:</b> [Não há resposta]  |
| <b>E5:</b> Eu sei as matérias, a maioria das matérias tem muito trabalho, sei que as provas, a duração, não são muito longas. O curso, sei que é bem parecido com o meu aqui da Engenharia Química da Poli, têm os estágios acoplados aos quadrimestres, mas apesar do curso ser bem parecido, têm uns focos diferentes na parte de informática e engenharia química, que aqui não tem tanto.   |
| <b>E6:</b> Então, a maioria das informações, muito específica assim, a gente acabou tendo no próprio CFI, a gente teve aquele curso, o Mobilité, e esse curso a gente fala assim porque eles querem fazer o duplo diploma, então tem bastante coisa bem específica que a gente acabou tendo no próprio curso, mas a partir do Módulo 2, eu comecei a ouvir uma rádio que chama RFI, é toda em francês, e foi bom para treinar a ouvir o francês e me inteirar sobre o que estava acontecendo lá, então tem muita coisa que está acontecendo lá, sobre o casamento gay, por exemplo, sobre os valores de família, está acontecendo lá também, eles querem mudar e colocar o inglês também nas universidades, mas o pessoal não gosta disso, eles acham que estão colocando o francês de lado, então tem muita informação que é bom que a gente saiba para não chegar lá cru, então essas informações eu consegui pelo CFI e pelo Figarro que também é a página quando eu abro, se tiver algo interessante eu já dou uma olhada, tem a aba, que, quando eu vou ver o face, ela já abre. |
| <b>E7:</b> : Eu tenho bastante informação, inclusive hoje eu estava conversando com o presidente do ( <i>clupresi</i> ) lá da Poli, para dar uma confirmada, porque eu já tenho bastante informação do que eu li e perguntei bastante... mas saber realmente vai ser só quando eu chegar. [...] Falar com ele e fazer bastante pesquisa, ver como é que era, inclusive num <i>site</i> deles, como estão estruturadas, diversas palestras deles falam, este método de ensino é bastante aplicado lá por várias outras universidades.  |

|  |
|--|
| <b>P3. Associe três palavras a este estabelecimento de ensino.</b>   |
| <b>Estudante do pré-teste:</b> Engenharia Civil, <i>Marne-la-Valée</i> , Transportes (minha ênfase lá é em Engenharia Ambiental).  |
| <b>E1:</b> Primeiro, eu acho que a <b>tradição</b> . <i>École Polytechnique</i> é referência no mundo inteiro, tanto em outras escolas politécnicas no mundo, essa foi a primeira. Eu acho que também é <b>teoria</b> . Eu acho que as outras universidades, as americanas, são muito diferentes em algumas questões. As universidades francesas têm uma base teórica muito forte, e... ah!... não sei... [mesma resposta da pergunta 1]   |
| <b>E2:</b> [Talvez as mesmas: tradição, teoria?] É escola central. Acho que junto com a <i>Polytechnique</i> . Eu acho que é uma das mais tradicionais e uma das mais antigas, eu não sei se existe diferença... [Mas é uma <i>École</i> boa então? Das melhores na sua área?] Sim, eu acho que sim. No último <i>ranking</i> que saiu, a tabela estava em segundo entre as escolas de engenharia, ela estava atrás só da <i>Polytechnique</i> .   |
| <b>E3:</b> [Não há resposta]   |
| <b>E4:</b> Bom, pra mim: oportunidade, experiência e conhecimento, são as três que eu mais costumo pensar. [mesma resposta da pergunta 1]  |
| <b>E5:</b> Oportunidade, futuro, experiência. [mesma resposta da pergunta 1]   |
| <b>E6:</b> A primeira que vem de cara, dificuldade, porque as escolas são difíceis para entrar pelos franceses, são muito concorridas. Eu acho que o nível deles é parecido com o do ITA. Segunda é a excelência no ensino lá, eu acho que a tradição conta muito, então essas escolas são muito antigas. E a terceira palavra que me vem à mente... aha pra mim é um sucesso que eu tive pessoalmente. Essa madrugada eu estava vendo o pdf dos alunos que tinham sido escolhidos, aí eu revivi a alegria que eu tinha passado e foi melhor do que o vestibular. Na verdade, eu não esperava que ia passar, talvez esperava, porque tinha feito uma entrevista muito boa, eu gaguejo, o inglês tudo bem, mas o francês eu falei uma hora, eu sabia que tinha feito um bom trabalho, mas não pensava que ia ser Paris, então foi uma conquista mesmo. [mesma resposta da pergunta 1] |
| <b>E7:</b> Aventura seria uma primeira, com certeza. Não sei... tem tanta coisa... [...] <b>Competência</b> , pelo menos pela carga horária que eu vou ter lá, alguma coisa tem que sair. E acho que <b>desenvolvimento próprio</b> . Eu estava inclusive conversando com ele sobre isso, eu acho que é minha visão, algo que pelo menos eu busco bastante, que é sair de lá com o ensino francês não com uma formação de engenharia, mas como uma formação pessoal,   |

eles formam pessoas, seres humanos com uma capacidade de engenharia, mas formam pessoas e não conteúdos. [mesma resposta da pergunta 1]

#### **P4. Você considera importante conhecer aspectos da cultura francesa antes de estudar no país? Por quê?**

**Estudante do pré-teste:** Sim, para entender certos comportamentos dos franceses e saber como é adequado se comportar, principalmente.

**E1:** Sim, com certeza! Porque já vai ser um choque no quesito acadêmico. Já vai ser um choque chegar lá e ver uma coisa diferente e ter que lidar com uma cultura diferente também. Então o máximo que você puder saber antes de chegar lá já vai te ajudar para o choque não ser tão grande assim.

**E2:** Sim. Porque eu acho o povo francês diferente do povo brasileiro, e é difícil se relacionar, então tem que tomar cuidado com certa expressão que você vai utilizar. Eu acho que eu já cometi uma gafe na semana passada, tipo... eu fui mandar um e-mail em francês e eu utilizei *desolé*, que para eles é *desolé*, é tipo algum problema, então é um nível assim maior de paciência da minha parte. Aí acho que a mulher não entendeu muito bem assim, aí tem que medir muito bem as palavras, conhecer a cultura deles, porque se você vai lá e não sabe nada, eles podem pensar: “o que esta pessoa está fazendo aqui? Ele vem para este país e não sabe nada, está aqui só para ganhar dinheiro, depois, como engenheiro francês?”

**E3:** [Não há resposta]

**E4:** Sim. Eu morei na casa de uns franceses, eu acho, quero dizer, eu tenho certeza que a cultura aqui é muito diferente da de lá. [...] Ah! [É diferente] No jeito que as pessoas se relacionam. Não por falta de respeito ou falta de proximidade, mas os costumes são diferentes e isso eu já sei que não vai ser igual aqui. Então eu não estou esperando muita proximidade. [...] Acho que sim [ter este tipo de conhecimento é muito importante], porque tem bastante gente que vai pra lá e não se adapta, não fica contente porque a cultura é diferente. Acho que, como eu estou indo sabendo que a cultura é diferente, não esperando uma cultura igual, a chance de eu me adaptar lá é muito maior. [...] Eu acho que sim [que aprender a cultura francesa é muito importante]. Eu acho que agora é muito melhor aprender este tipo de coisa [cultura] do que tentar aprender a gramática, que lá, depois de um mês ouvindo francês vinte e quatro horas por dia, vai ser muito mais fácil aprender a gramática do que aqui tentando decorar.

**E5:** Ah, não sei acho que é melhor saber a **língua** [do que conhecer a cultura], você vai acabar encontrando alguém que tem os mesmos gostos que você, não sei, de esporte, televisão, não sei. [...] Ah, não sei, eu acho que não [não acha importante conhecer estereótipos], principalmente se for um estereótipo ruim, porque aí você pode chegar lá já com uma imagem não muito boa de uma pessoa que na verdade não é aquilo que você pensa quando chegar lá, então eu prefiro eu mesmo descobrir, se é coisa boa ou ruim.

**E6:** Sim, eu acho que é sensato que você saiba um pouco né, se sair alguma notícia, ou algum assunto que seja contextual é bom que a gente saiba. Quando eu estiver lá eu vou ouvir falar o francês, mas a gente se insere para saber do que se trata né.

**E7:** Com certeza, inclusive é algo que eu sempre pergunto para o professor, estímulo para ter, para mim **aprender uma língua é aprender a cultura inteira**, não é só falar diferentemente.

#### **P5. O que você pensa sobre os estereótipos franceses? (são fechados, não tomam banho, só comem croissant, etc.)**

**Estudante do pré-teste:** [essa pergunta não estava no pré-teste]

**E1:** [Não há resposta]

**E2:** [Não há resposta]

**E3:** É. Primeiro, eles fumam e eu tenho um estereótipo meio babaca do cara de Paris que veste a camisa listrada de branco e vermelho com a boininha e bigode, e com a baguete debaixo do braço, mas isso é meio que mentira, é a primeira imagem: “ah, francês, eu acho que é isso”. Eu já constatei que isso é uma grande mentira, é a primeira coisa que vem na cabeça e acho que esse jeito meio fechado e louco ao mesmo tempo... o cara é fechado, mas é louco no grupinho dele, então sou sério para as outras pessoas, mas sou louco no meu grupo.

|   |
|---|
| <b>E4:</b> Eu não concordo com os estereótipos, de tomar banho eu não sei, mas os outros estereótipos é mais pra quem vai lá passa um mês e não entende como é a cultura deles e volta pensando que a vida deles deveria ser igual a vida daqui.  |
| <b>E5:</b> Isso, eu não sei. Não sei se eles são muito festivos, mas já ouvi falar que os lugares de sair para jovem não fecham muito tarde, fecham uma hora da manhã, e aqui, uma da manhã, as pessoas estão indo pra sair. O que mais eu ouço falar é que o pessoal do norte da França é bem fechado... chato assim, mas não sei, o pessoal que eu conheço, que foram para lá, falam que o pessoal do sul é mais aberto, mais legal.<br>[...]<br>Ah, não sei, eu acho que não, principalmente se for um estereótipo ruim, porque aí você pode chegar lá já com uma imagem não muito boa de uma pessoa que, na verdade, não é aquilo que você pensa quando chegar lá. Então eu prefiro eu mesmo descobrir, se é coisa boa ou ruim. |
| <b>E6:</b> [não há resposta]  |
| <b>E7:</b> [não há resposta]  |

|  |
|--|
| <b>P6. Quais palavras você associa à França? Explique.</b>   |
| <b>Estudante do pré-teste:</b> Desde palavras que todos associam: torre Eiffel, bandeira da França, rio Sena, frio. Até palavras pessoais: sonho, ansiedade, duplo diploma, independência, língua francesa, ballet.  |
| <b>E1:</b> Pra mim, a França é o <b>cinema francês</b> , essa parte da <b>arte</b> ... Nossa, a França é um <b>sonho</b> . Quando você pensa em conhecer a Europa, a França é <b>linda</b> , eu acho que é um sonho...   |
| <b>E2: Cultura.</b>  |
| <b>E3:</b> [não há resposta]   |
| <b>E4: Desenvolvimento.</b> Chega até o ponto de estagnação, de tanto desenvolvimento que tem lá, eu olhando como engenheiro. Agora, <b>culturalmente</b> , não tem nem como comparar com aqui. Acho que a Europa, para a gente que está indo estudar Engenharia lá, a gente ganha muito mais culturalmente do que da própria Engenharia, porque lá a carga cultural que a gente consegue ganhar é imensa. Paris, a Europa inteira, é uma concentração de línguas, de culturas, tem uma população tão diferente num espaço pequeno que vai ser muito enriquecedor, é assim que eu vejo a Europa de uma forma geral.  |
| <b>E5:</b> Eu acho que o país tem bastante <b>história</b> . Eu, particularmente, faço exatas, mas eu gostava bastante de História no cursinho. Ah, é um país que gosta bastante de futebol e eu também gosto, é um país que tem vários <b>lugares bonitos</b> e já ouvi falar também que tem alguns lugares da França que o pessoal é mais fechado, mas até aí eu não sei se é verdade, e tem gente que fala que o francês fede, por isso usa <b>perfume</b> . Ah... não sei, o que mais?   |
| <b>E6:</b> [O estereótipo sobre a França não tinha,] para ser sincero era um país de grande importância <b>histórica, cultural, acadêmica</b> sim, a gente que é de engenharia, a gente via uma monte de equação que foi feita por franceses né, mas eu não via, como, por exemplo, como eu via os Estados Unidos, não era aquele mesmo olhar de “nossa eu tenho que ir para lá um dia”. Então assim, para quem não sabe a língua, para mim pelo menos, eu não tinha nenhum interesse em ir para França, aí não, eu comecei a mudar, resolvi fazer um duplo diploma, então eu fui aprender, mas no começo eu não tinha um estereótipo, era um lugar assim sem sal, não era um lugar que eu dava importância. Hoje é totalmente diferente. Se você disser para uma pessoa que vai fazer um intercâmbio na França, a pessoa vai falar “ah tá”, agora se você disser que vai fazer um intercâmbio nos Estados Unidos, a pessoa fala “nossa!”. O estereótipo foi muito impresso pela mídia e a pessoa leiga não sabe a importância que é quando se vai e estuda numa França. |
| <b>E7: Competência.</b>  |

|  |
|--|
| <b>P7. Você pensa em ficar no Brasil ou na França depois de formado?</b> |
| <b>Estudante do pré-teste:</b> [essa pergunta não estava no pré-teste]   |
| <b>E1:</b> [Não há resposta]   |
| <b>E2:</b> [Não há resposta]   |



|   |
|---|
| <b>E3:</b> Eu não sei sinceramente. [...]Eu não sei, o pessoal fala da minha família, minha família... Mas eu já moro longe da minha família já faz três anos. Então, esta parte eu já estou pelo menos acostumado. Agora eu não sei se eu vou me acostumar em outro continente... eu não sei, sinceramente, eu não sei. Eu quero voltar e ficar pelo menos um tempo aqui para ver se eu me adapto de novo ou se mudou muita coisa... e depois eu vejo. |
| <b>E4:</b> Eu tenho que voltar e ficar 6 meses, aí eu acabo a graduação e depois disso eu posso voltar, eu vou ter o diploma de lá, então eu posso voltar pra lá. Mas eu acho que vou ficar no Brasil, principalmente por ter muito mais trabalho aqui do que lá.   |
| <b>E5:</b> Sim, posso ir para fazer algum trabalho, mas eu vou acabar morando aqui no Brasil.   |
| <b>E6:</b> [Não há resposta]  |
| <b>E7:</b> Isso acho que vou deixar aberto, vou voltar para pegar meu diploma na Poli, inclusive eu já falei com os veteranos mais informados, que lá recebem propostas de empresas francesas inclusive aqui no Brasil também eu acho que esse contato com o país, mesmo em termo profissional, eu não quero perder.  |

|  |
|--|
| <b>P8. O que você espera do intercâmbio?</b>   |
| <b>Estudante do pré-teste:</b> Espero obter a fluência no francês, aprender uma outra especialização da Engenharia Ambiental, conhecer mais sobre toda a Europa e sua cultura, obter esta capacitação profissional.  |
| <b>E1:</b> Eu espero aprender muito, espero conseguir me dar bem nas aulas. Mas, assim, mais que ir bem na questão acadêmica, eu quero conhecer muita gente, quero conhecer o país e quero conhecer outra cultura. E eu quero "eu mesma" crescer também. É. Pessoalmente eu acho que muda muito você estar tão longe de casa. Eu acho que vai ser assim uma experiência maravilhosa poder ter essa chance de estar num lugar tão diferente e lidar com outra cultura, com outras pessoas e aprender a se adaptar também, a se moldar a situações diferentes das que a gente vive... [...] É uma coisa muito diferente, acho que o crescimento e o amadurecimento vêm, com certeza!   |
| <b>E2:</b> Espero aprender bastante, espero conhecer muita gente, muitos lugares, espero conseguir ficar longe da família e ser um engenheiro melhor.  |
| <b>E3:</b> Ah! Essa parte de crescimento em tudo: pessoal, profissional e cultural. E a parte de gestão, o que a gente não tem mesmo no curso de engenharia, porque aqui é bem engenheiro mesmo, aqui os caras são bem engenheiro mesmo e não tem aulas de gestão, lá metade das aulas são de gestão.  |
| <b>E4:</b> Eu espero que isso seja um ponto muito alto da minha vida, eu espero muito que seja uma escolha que eu vá lembrar pro resto da minha vida. Espero que seja uma experiência que acrescentou muito pra mim, que mudou muito em mim, não tem como eu voltar igual como eu era depois de viver completamente diferente, vou aprender muita coisa, assim eu espero.  |
| <b>E5:</b> Eu acho que vai me ajudar muito ir pra lá porque eu estou com vontade de aprender coisas que eu não aprenderia aqui no curso. Vou ter oportunidade de trabalhar lá. Fazer estágio fora que eu acho que é importante para o <i>curriculum</i> , ter uma experiência grande de saber se virar sozinho, tomar decisão sozinho, até mesmo cozinhar sozinho, lavar sua roupa. Fazer tudo sozinho, porque a maioria dos que vão já fazem tudo isso aqui, porque eles não são de São Paulo. Eu sou daqui já e eu nunca tive esta experiência. De aprender outra língua, não só o francês, mas conhecer gente de outros países, o inglês também porque vai ter bastante gente falando inglês lá. [...] vai dar para conhecer bastante lugar também.   |
| <b>E6:</b> [...] lá eu vou me surpreender, vou crescer também, o lado pessoal, profissional, o lado acadêmico. [...] agora eu acho que é muita pressão para gente. Nossa, desde o vestibular a gente já tem que saber o que a gente quer fazer, e aí desde o intercâmbio você tem que redigir o seu plano profissional, assim eu não sei se o que eu coloquei lá vai ser realmente o que eu quero fazer. Eu tenho vontade de ser professor universitário, então é assim: eu não tenho certeza do que vai acontecer, mas acho que essa experiência vai consolidar o que eu vou ser no futuro. Eu não espero nada, eu espero as coisas virem e eu me surpreender na hora.  |
| <b>E7:</b> Bom, eu espero, do lado pessoal, sei lá uma maturação maior, como vou enfrentar diversos desafios novos que não são habituais, não são do meu cotidiano, ter que lidar com tudo isso. Bom, primeiro, começa toda questão nova de ter que se virar sozinho, depois inclusive com uma língua totalmente estranha, vai, já tenho contato, mas lá vai ser um impacto, não é como aqui: dá um problema e você já sai falando normal. E também por ser outro país, tudo isso vai agregar de uma forma que eu espero que seja muito boa, pelo menos ao final dos dois anos, que eu saia uma pessoa diferente, isso em termos pessoais. Em termos de conteúdo também, uma coisa que me atrai na <i>Centrale</i> é a questão de o primeiro ano, ele é fechado, mas no segundo ano já tem a opção de ir escolhendo, eu posso focar na área que eu quero, algo mais liberal, então também em termos de |

formação, acho que mais sair, uma visão da Poli, mais sair com uma parte mais aplicada de fórmula e voltar com conceito geral, de como lidar com o conceito geral, entender um pouco de todo mundo, mas saber resolver outros problemas de uma maneira geral, isso em termos de formação. E de conteúdo, esta questão da França né, em toda esfera de influência, eu espero que tendo feito pelo menos uma faculdade lá de estar inserido neste mundo em termos empresariais.

## 2. Tabelas com agrupamento das respostas da *segunda fase*

| <b>P1. Onde você está hospedado na França? Qual é a cidade e o tipo de alojamento?</b>  |
|---|
| <b>E1:</b> Habito dentro do campus da <i>École Centrale de Lyon</i> , que se encontra na cidade de Ecully, uma comuna limítrofe da cidade de Lyon   |
| <b>E2:</b> Estou hospedado em <i>Champs sur Marne</i> , o local onde fica a minha escola, numa residência reservada aos alunos.   |
| <b>E3:</b> Moro em Toulouse, no sul da França. Moro em uma residência para estudantes de várias universidades da cidade.  |
| <b>E4:</b> Durante o curso de francês, eu fiquei hospedado numa casa de família em Vichy. Agora moro numa residência de estudantes em Marseille, mas me mudo para o centro da cidade daqui a um mês. Vou morar numa “ <i>colocation</i> ” (espécie de república).                                 |
| <b>E5:</b> Moro em Vincennes, uma cidade ao leste de Paris. Meu alojamento é para estudantes, é um alojamento da minha bolsa ( <i>Bourse d'Excellence Eiffel - Ministère des Affaires Étrangères da França</i> ). A qualidade do alojamento é ótima e ganhamos muito desconto por causa da bolsa. |

| <b>P2. Quando você chegou à cidade havia alguém esperando? Se sim, como foi esta recepção? Qual foi sua impressão dos franceses que o receberam?</b>   |
|--|
| <b>E1:</b> Quando cheguei, vindo de Vichy com os alunos que ganharam a bolsa Eiffel, a Responsável por Assuntos Exteriores e alguns alunos brasileiros de segundo ano daqui estavam nos esperando. A recepção foi simples, pois era apenas para um pequeno grupo (os alunos franceses não estavam no campus ainda).  |
| <b>E2:</b> Quando cheguei, fui recebido pelos brasileiros que também estudam na <i>École des Ponts Paristech</i> , foram me buscar no aeroporto. Em relação aos franceses, não tive uma recepção direcionada a mim especificamente.  |
| <b>E3:</b> Quando cheguei, não havia ninguém me esperando. Havia alguns brasileiros esperando na frente da residência estudantil onde eu moro na realidade.  |
| <b>E4:</b> Sim. A associação internacional da <i>École</i> nos recebeu ( <i>International Centrale Marseille</i> ). Bom, não tive uma boa impressão dos franceses no início. Achei que eles não se importavam muito com a gente porque eram muito poucos na associação. Havia três ou quatro franceses para cerca de 20 estrangeiros no ICM, então a grande maioria das pessoas que nos receberam na França não eram franceses – maioria brasileiros, mexicanos e alemães. No entanto a recepção foi muito boa, fui muito bem recebido.                          |
| <b>E5:</b> Não havia ninguém esperando. Chegamos de Vichy (onde fiz meu curso de francês de férias) na Gare de Bercy em Paris e pegamos um táxi para o escritório da Bolsa Eiffel. Lá havia pessoas que nos esperavam. A minha impressão dos franceses foi melhor do que eu esperava. Em Vichy, por ser interior, eles foram muito acolhedores. Em Paris, há pessoas bem mal educadas, mas passei por isso principalmente em comércios. Todas as pessoas que me ajudaram no processo do intercâmbio foram muito receptivas (talvez por causa da minha bolsa...). |

| <b>P3. Você conheceu novos colegas franceses? O que vocês fazem juntos? Quais suas impressões sobre os primeiros contatos com eles?</b>  |
|--|
| <b>E1:</b> Conheci diversos colegas franceses. Na maior parte das vezes, nossas interações ocorrem dentro de um <i>cadre</i> de trabalho (projetos, apresentações, trabalhos práticos etc.). Com alguns poucos, também jogo <i>tennis</i> (no horário obrigatório previsto na minha formação e aos fins de semana) e troco amenidades (eles gostam de ouvir sobre o Brasil e surpreendem-se com o quanto nós sabemos sobre a França). O primeiro contato não deixou uma boa impressão. Seja durante o primeiro trabalho em grupo (coincidentalmente, minha primeira aula aqui foi uma experiência prática notada), pois ainda não havia nem começado a me acostumar com o novo ambiente e os franceses de meu grupo não se importavam muito com “o estrangeiro” ou sua inclusão (o francês saído do <i>prépra</i> é um tipo único, a maioria muda depois, ainda mais quando eles percebem que os estrangeiros são mais preparados <i>a priori</i> ). Seja, também, durante as primeiras festas/integrações. Talvez por causa do <i>prépa</i> , o estudante chega bem menos maduro à <i>École</i> , o que acaba |

afastando os estrangeiros (todos, não só brasileiros, e principalmente os chineses), que já fizeram ao menos dois anos de universidade, quando as atividades ficam “animadas”.

(Off: franceses – homens – pelados e fazendo jogos, urinando do segundo andar do prédio é o começo tranquilo da *soirée*)

**E2:** O primeiro contato é sem dúvida distante e impessoal. Conheço e sou amigo de muitos franceses hoje em dia, pois estudei em uma turma onde eu sou um dos únicos estrangeiros (eu e mais três estrangeiros no departamento de mecânica). Por isso, faço trabalhos, almoçamos juntos e até saímos com o grupo de amigos da classe.

**E3:** Fiz alguns amigos franceses sim. Um deles eu considero como um dos meus melhores amigos e fiz uma amizade realmente muito forte com ele. Nós falamos sempre pela internet, celular e tudo mais. Costumamos sair juntos, ver jogos de futebol juntos, alguns trabalhos juntos na universidade.

**E4:** Sim. É bem complicado fazer amizade com franceses porque eles são muito fechados, tímidos, às vezes. Mas eles são ótimos amigos uma vez que você ganha sua confiança. Eles saem bastante pro bar da *école* e pros bares do centro, fazem muitas *soirées* na praia *et* na própria *école* e fazem refeições na casa deles pros amigos.

**E5:** Hoje em dia tenho muitos amigos franceses, inclusive o meu namorado é francês... A escola em que estudo (*École des Ponts et Chaussées*) é bem internacional, inclusive alguns franceses haviam feito estágio no Brasil antes de eu chegar. A recepção pelos alunos foi muito boa, eles queriam falar português com a gente e adoram os brasileiros. Mas toda essa boa recepção veio acompanhada de muito esforço meu para conquistar a amizade deles, é muito diferente do Brasil, onde você vira amigo de uma pessoa em um dia. Aqui o processo é bem mais lento, mas insistindo consegui fazer grandes amigos.

#### **P4. Em quais idiomas você se relaciona na França? (Por exemplo: apenas francês, continua usando o português, também utiliza o inglês, etc.). Por quê? Quais são as dificuldades em se comunicar em francês?**

**E1:** Utilizo o francês (com os franceses e os outros estrangeiros) e o português (com os brasileiros) diariamente. O português aparece naturalmente ao conversar com os outros brasileiros. Usei um pouco o inglês no início, para conversar com estrangeiros que ainda não tinham um nível intermediário de francês. Para mim, o francês oral não apresenta obstáculos no relacionamento normal com os franceses. Entretanto, por ainda não ter tido todo o tempo necessário para estar perfeitamente *à l’aise* (seria a proficiência), durante as sustentações orais ocorrem algumas “travadas” rápidas (ainda é bastante para o cérebro tentar explicar na frente da sala algum assunto complexo e construir ao mesmo tempo o caminho linguístico).

**E2:** Quando me comunico com uma pessoa que não seja brasileira ou portuguesa, utilizo somente o francês. No começo não foi fácil, mas após 9 meses (agora), a comunicação é feita sem problemas (mas ainda um pouco longe da fluência total).

**E3:** Sempre em francês, apesar de este meu grande amigo francês estar atualmente no Brasil em intercâmbio também e eu ter ensinado português para ele também.

**E4:** Falo francês/inglês com os franceses, português/francês com os brasileiros e com os portugueses, falo inglês em alguns cursos que são em inglês *et* espanhol/português/francês com os latino-americanos e com os espanhóis. Às vezes, o problema é a pronúncia de certas palavras que faz com que os franceses não entendam muito bem, principalmente quando se trata de burocracia (apesar de ser ma vontade na maioria das vezes).

**E5:** 90% do tempo eu falo francês. Todas as aulas são em francês, as apresentações também. Continuo falando português com os brasileiros que moram aqui (são muitos) e com os franceses que querem aprender o português. Muito raramente uso alguma palavra em inglês quando não sei a tradução em francês. A principal dificuldade na minha opinião é falar o tempo todo, é cansativo, pois é uma língua cheia de sutilezas e é fácil cometer erros se você não presta muita atenção. Manter o sotaque o mais próximo possível do francês (sem interferências do sotaque brasileiro) também é difícil depois de dias de 10 horas de aula, por exemplo.

#### **P5. Você continua estudando a língua francesa? Onde? Como?**

**E1:** O francês como aula é obrigatório aos estrangeiros na ECL. Faço 4h por semana (turma avançada).

|  |
|--|
| <b>E2:</b> Estudei francês durante os dois semestres que estive aqui por enquanto. Primeiro sobre produção escrita e cultura francesa, e depois sobre escrita profissional e técnica em francês.   |
| <b>E3:</b> Estudo sim. Na universidade fazia 2h semanais de curso durante o ano todo, mas atualmente tenho tentado focar mais no inglês, uma vez que considero esta mais importante que a língua francesa.   |
| <b>E4:</b> Os estrangeiros têm 2h de francês toda semana na <i>école</i> . Mas, sinceramente, não estudo fora das aulas não.   |
| <b>E5:</b> Sim, na escola continuava fazendo algumas aulas, mas mais específicas, como para aprender a redigir documentos pro estágio. Fiz um tipo de aula chamado <i>Tandem</i> : um francês me ensinava francês e eu ensinava português pra ele. Foi muito interessante, só aprendi o que realmente valia a pena para mim e aprendi bastante sobre a cultura. Foi como ter um professor particular à minha disposição. |

**P6. Em seus estudos universitários, a quais materiais você tem acesso? (Livros, documentos de áudio/vídeo, internet, CD-ROM, jornais, apostilas, revistas especializadas). Você navega em sites franceses? Quais? Por quê? Com que objetivo?**

|   |
|---|
| <b>E1:</b> Como estudante, tenho acesso a todas as bibliotecas (físicas e virtuais) da chamada " <i>Université de Lyon</i> " (todas as instituições de ensino superior da cidade). O acervo é enorme e inclui todo tipo de mídia (jornais, artigos, livros...). Para mim, especificamente, o que acaba faltando são algumas obras em inglês (é uma política nacional).<br>Utilizo todo dia <i>sites</i> em francês, seja para atualizar-me sobre o país ( <i>Nouvel Obs</i> , <i>Le Monde</i> , <i>Alternatives Economiques</i> ), seja para fazer pesquisa para as disciplinas. Por vezes, o francês mostrou-se mais eficiente que o inglês nessa última área. |
| <b>E2:</b> Tenho acesso a todos os materiais citados. Em relação aos <i>sites</i> franceses, não tenho hábito de acessar. Leio principalmente livros técnicos. Quando acabar o período de provas penso em voltar a ler livros e revistas, desta vez ou em francês ou em inglês.   |
| <b>E3:</b> Eles costumam fornecer apostilas com a matéria bem resumida, mas eu prefiro ir à biblioteca e pegar os livros que conheço e sei que são muito bem explicados. Eles fornecem <i>slides</i> também. Navego em alguns <i>sites</i> franceses, principalmente os de transporte (trens, ônibus, aviões) e notícias, como o <i>Le Monde</i> .  |
| <b>E4:</b> Temos acesso a todos os exemplos na mediateca e também ganhamos um resumo das matérias numa brochura ( <i>polys</i> ). Gosto muito de ler as notícias francesas no <i>Le Monde</i> e acesso bastante os <i>sites</i> de compra e transportes ( <i>Amazon.fr</i> , <i>SNCF</i> , <i>RTM</i> , etc).   |
| <b>E5:</b> Tenho acesso a todos os documentos mencionados. Navego principalmente nos <i>sites</i> das organizações francesas, como a agência de águas, os ministérios... Tudo isso porque meu curso é muito conectado a questões políticas e governamentais (os franceses formados lá recebem uma noção básica dos assuntos para depois se tornarem os grandes chefes).   |

**P7. Na universidade, você faz trabalhos com os franceses? Você poderia descrever esta experiência e relatar suas impressões?**

|  |
|--|
| <b>E1:</b> Fiz uma quantidade incontável de trabalhos com os franceses. É uma experiência bem interessante, pois eles não seguem os mesmos caminhos que os brasileiros (ou os alemães, ou os chineses) quando precisam atacar algum problema. Sobre minhas impressões, diria que os franceses são rápidos para agir ( <i>e.g.</i> se precisa fazer uma apresentação, ela estará pronta em 30 minutos, o que, no Brasil – fazendo uma média de anos de trabalhos em grupo – , seria 1h de discussão filosófica sobre se a apresentação é realmente necessária e sobre quem ficará com menos trabalho). Entretanto, ainda sobre a maturidade, eles não respeitam nenhum prazo, deixam tudo para a última hora, não fazem planejamento ou, por vezes, sequer sabem que há um trabalho (o que, em um trabalho em grupo, é falta de respeito).<br>Em suma, diria que são bons para trabalhar, mas a questão de uma falta de maturidade é onipresente (talvez por ainda ser o primeiro ano). |
| <b>E2:</b> Todos os trabalhos que fiz até agora foi com os franceses. Acho que aqui eles têm uma cultura de maior valorização da educação e do curso oferecido pela escola, então frequentemente os trabalhos em grupo têm resultados mais relevantes. Acho que a diferença de base que temos (o sistema de educação de base francês é completamente diferente, teórico e muito abstrato e matematizado), faz com que minha forma de trabalhar seja diferente, e que com o tempo aprendi a usar essa diferença de forma que o resultado seja mais completo   |

por causa da diferença.

**E3:** Eu considero meu intercâmbio até aqui dividido em duas partes: uma com este meu amigo francês (primeiro semestre, pois, depois, ele foi para o Brasil estudar) e a segunda parte sem ele. No primeiro semestre, eu fazia todos os trabalhos com ele praticamente, no segundo semestre eu reparei realmente como o povo francês é e vi que este meu amigo era uma exceção entre os franceses, pois nunca fui bem acolhido na sala de aula e nunca conseguia grupos para trabalho. Tinha a impressão de que eles pensavam que eu iria atrapalhar fazendo algum trabalho com eles. Teve dois dias em que senti realmente um sentimento de xenofobia na sala de aula bem explícita: um dia o professor viu que uma das duplas de trabalho da sala era eu e outra brasileira e ele pediu diversas vezes para a sala toda para alguém fazer com a gente já que éramos os estrangeiros da sala, entretanto o professor foi realmente ignorado e ninguém fez este trabalho com a gente, inclusive minha amiga brasileira chorou este dia na aula; na outra ocasião eu pedi para uma francesa da sala fazer um trabalho comigo e ela respondeu assim: “A professora não disse que era obrigatório fazer este trabalho com os estrangeiros da sala”, mais uma vez fiz o trabalho com outro estrangeiro. Considero que se eu não tivesse conhecido este francês que me ajudou muito sempre no primeiro semestre, minha vida teria sido uma “merda” em questão a relacionamento com franceses na sala de aula, pois havia dias em que eu simplesmente não falava com ninguém na universidade, me sentia realmente um E.T. na aula. De aluno de alto nível na Poli-USP, onde sempre era convidado para trabalhos devido ao meu desempenho e dedicação ao aluno da sala em que ninguém se interessava absolutamente nada em questão acadêmica, apesar de sempre fazer bons trabalhos. No projeto final deste primeiro ano, quase me emocionei após receber a nota final, pois a nota final era composta pelas parciais de diversas partes do projeto, e as maiores notas do meu grupo foram feitas por mim e as três garotas francesas vieram falar comigo e me agradecer dizendo que eu havia feito um trabalho muito bom, inclusive a garota francesa que se negou meses atrás a fazer o trabalho comigo.

**E4:** Sim. Os franceses são muito pouco práticos. Eles calculam muito bem, mas tem certa dificuldade pra resolver problemas de modo geral.

**E5:** Sim, os grupos eram sorteados na maioria das vezes, para misturar franceses e estrangeiros. Algumas vezes foi muito difícil, eu entendia muito mais do assunto do que eles (por já ter estudado no Brasil), mas, por demorar mais para me expressar, muitos não me escutavam, falavam em cima. Passei por muitas situações desagradáveis como essa. Muitos não respeitam nosso ritmo diferente. Mas também existiram casos em que eles foram pacientes e interessados em agregar ao trabalho uma opinião diferente, de uma cultura diferente. As discussões que envolveram as experiências dos estrangeiros sempre foram mais enriquecedoras.

## **P8. Existe alguma diferença nas aulas na França em relação ao Brasil?**

**E1:** Muita. Falando do contexto da *Centrale*, por um lado, as aulas aqui são muito mais voltadas para o conteúdo teórico/matemático. Brinco com meus colegas que fizemos mecânica dos fluidos sem desenhar um encanamento, pois é tudo pelas fórmulas. É uma perspectiva e um objetivo diferentes, a *École* busca um ensino generalista. Por outro, temos diversas aulas de “trabalho prático”, muito mais que no Brasil. Consiste em se virar com algum experimento, ou algum programa numérico de engenharia. Fica uma carga bem pesada, mas gosto desse aspecto prático. O que acabo sentindo falta é o meio termo de fazer exercícios (alguns, não 700!), *approche* mais comum no Brasil.

**E2:** MUITA, pelo menos nas aulas que eu tenho, que são muito técnicas. E basicamente isso vem da base das *écoles préparatoires* dos franceses, muito matemática. Não acho que seja a melhor opção, muitas vezes, eles acabam tendo cursos de engenharia e temáticas mais práticas em muito pouco tempo (e demasiadamente densos), o que não é muito eficiente pro aprendizado final.

**E3:** Sim, os professores não utilizam a lousa, dificilmente tomamos notas das coisas, pois eles fornecem as apostilas com as matérias todas resumidas. Por um lado é bom, pois temos toda a matéria arquivada, mas eu sentia um pouco de descaso em relação a muitos alunos da sala que não iam às aulas uma vez que já tinham esta apostila.

**E4:** Muita. Na França tudo é extremamente teórico e imaginativo. No Brasil, somos muito práticos e funcionais.

**E5:** Sim, as aulas são muuuuito longas e cansativas. Na maioria dos casos, um professor fica na frente da sala falando por 3h15 (duração de cada aula). Às vezes, eu tinha três aulas desse tipo no dia. Além disso, como a ENPC é uma escola pública, a presença é obrigatória. Eu nunca fui de faltar nas aulas no Brasil, mas elas eram

mais variadas, com aulas práticas, laboratório, aulas de exercício. Aqui, muitas vezes, as aulas não têm conexão com o que será pedido no trabalho que valida a matéria, o que a deixa mais difícil ainda de acompanhar em certos casos.

### **P9. Como você se prepara para apresentações, trabalhos e tarefas da vida acadêmica?**

**E1:** Da mesma maneira que fazia na Poli: preparando-me previamente, estudando e tendo uma ideia do que precisarei fazer. O que acaba não acontecendo o tempo todo, dado o caráter “surpresa” de muitas atividades aqui. Entretanto, acredito que isso tenha contribuído bastante com o lado “você tem que apresentar algo em 20 minutos, vire-se”. Nem sempre o ambiente fora da universidade será controlável.

**E2:** Faço os trabalhos e acompanho as matérias regularmente, procuro não deixar atrasar nada. Tenho consciência da oportunidade que estou tendo e busco aproveitá-la!

**E3:** Em casa, estudando e treinando a apresentação no espelho.

**E4:** Geralmente estudo e memorizo as coisas importante dias antes das provas. Aqui vale mais a pena gravar as coisas que tentar aprender. Eles cobram muito que você saiba as coisas “*par cœur*”.

**E5:** Sempre fui tímida em apresentações, mesmo em português. Aqui, tento pensar no que eu vou falar, mas sem decorar. Tento dormir melhor do que eu dormia no Brasil, pois os dias são mais cansativos intelectualmente (por causa da língua, não pela dificuldade das matérias). No final, peço sempre ajuda para um francês para revisar os *slides* ou os textos.

### **P10. Quais são suas dificuldades para acompanhar as aulas em sua universidade? Como você solucionou os problemas encontrados?**

**E1:** Atualmente, não tenho dificuldades para acompanhar a grande maioria das aulas. Apenas quando algum professor de pronúncia muito rápida (inclusive para os franceses) profere a aula é que alguns detalhes são perdidos. Entretanto, no início, foi necessário um tempo de adaptação, durante o qual me forcei a seguir tudo o que era dito e a escrever tudo em francês.

**E2:** Os problemas que encontrei foram sempre relacionados à abordagem teórica que eles utilizam, tive que reforçar minha base em matemática para acompanhar as matérias. A língua deixou de ser um problema relativamente cedo.

**E3:** Minha principal dificuldade foi realmente com as pessoas da sala que nunca me acolheram. Quanto à língua não tive muito problema, somente nas duas primeiras semanas.

**E4:** Como eles são muito teóricos tive bastante dificuldade com o raciocínio matemático e com a notação. Você aprende com o tempo.

**E5:** As principais dificuldades são a duração das aulas e os assuntos que, algumas vezes, não terão utilidade na minha vida profissional futura. Nesses casos, tento anotar as “curiosidades”, tento olhar a aula de outra forma, como que para aprender coisas diferentes do Brasil. Se não consigo me concentrar na aula, tento pelo menos anotar os vocabulários diferentes.

### **P11. Nos primeiros meses de sua estada na França, o que você descobriu? O que aprendeu? Cite exemplos.**

**E1:** Nos primeiros meses, descobri uma quantidade significativa de tarefas que ocorriam “magicamente” quando morava no Brasil. Não só o habitual (lavar roupa/quarto/louça/cozinhar), como também montar uma casa com todo o necessário. Quantas e quais panelas? Qual produto de limpeza para o chão? Nesse quesito, o aprendizado pessoal foi considerável.

Os primeiros meses também foram o período de adaptação e definição de novas rotinas. Morar sozinho, ter que resolver todos os problemas em um país “estranho” e em uma língua “bárbara” provavelmente foi o que mais marcou nos primeiros meses. Desenvolvi uma nova relação comigo mesmo.

**E2:** Logo que cheguei percebi o desafio que a língua impõe para uma vida tranquila. O fato de não saber a língua fluentemente atrapalha em quase todos os sentidos: social, profissional, etc. Além disso, a cultura

diferente tem como consequência as relações interpessoais diferentes, ao passar do tempo percebi aos poucos como os franceses “funcionam” e passei a entender melhor como conversar, ter amigos, não achar que não querem falar comigo, etc.

**E3:** Aprendi a fazer as tarefas domésticas e me organizar melhor: horários, tarefas, etc.....

**E4:** Franceses só comem queijo e batata e só tomam vinho. Eles, no entanto, são bem magros. Deve ser o vinho.

Franceses são bem grossos e têm má vontade se não te conhecem. Se te conhecem, isso pode mudar... ou não.

**E5:** Descobri como eles dão mais valor para os momentos de descanso e lazer (eles realmente aproveitam o fim de semana). Aprendi dessa forma a administrar melhor o meu tempo, a otimizá-lo para poder viajar no fim de semana e nas semanas de férias. Aprendi que não adianta esperar que eles sejam acolhedores ao nível de um brasileiro, que eles têm a sua forma de demonstrar carinho e respeito, bem mais discreta. Descobri que eles não têm toda a malícia do brasileiro no que diz respeito às relações pessoais, achei que eles são mais inocentes aqui. Descobri que eles são muito curiosos para saber mais sobre a cultura brasileira e que eles seguem o noticiário assiduamente, sempre nos questionando sobre as atualidades brasileiras.

## **P12. Você sente falta do Brasil? Do quê? Por quê?**

**E1:** Pensava, no Brasil, que não sentiria, no geral. Mas sinto. Primeiro, há os detalhes e momentos que, por já estarem no automático, só foram percebidos posteriormente. Algum prato típico, em algum período específico, com pessoas conhecidas (e.g. pizza de domingo com a avó, churrascaria com os tios). Foram trocados por outros momentos aqui, mas acabo sentindo falta (e farei questão de valorizar quando voltar, pois foi apenas a distância que permitiu essa descoberta). É algo mais de fim de semana e feriados, pois durante a semana normal não mudou (carga horária inumana).

Para mim, especificamente, algo que senti falta foi de sair com os velhos amigos. É algo insubstituível. Além, é claro, do clima brasileiro.

**E2:** Sim. Com certeza sinto falta de estar na minha cultura, língua, comida, família, amigos, são os pontos positivos que tive que deixar no Brasil para poder vir para cá, mas isso também vale pra quando eu for embora de Paris, vou com certeza sentir falta de muitas coisas daqui (uma quantidade comparável de coisas eu acho). Não tenho certeza pois ainda falta bastante tempo para eu voltar (2 anos e pouco).

**E3:** Sinto muita falta do Brasil. Sinto falta da minha família, amigos e uma garota em especial, mas uma coisa que sinto realmente falta é do povo brasileiro, a alegria e a forma aberta e calorosa de ser com qualquer um, independente de origem, raça, condição financeira e tudo mais.

**E4:** Sim. Família, amigos e comida. Família e amigos estão longe. A comida muda bastante.

**E5:** Sinto falta do calor do povo brasileiro, da minha família e da comida (principalmente da carne). Mas adoro morar aqui, a qualidade de vida e a sensação de segurança são incomparáveis.

## **P13. Quais são as principais diferenças e semelhanças entre a França e o Brasil? (em todos os aspectos: relacionamentos, vida acadêmica, vida no país...)**

**E1:** Esse tópico é material para páginas e páginas. *Pour faire simple*, sobre as semelhanças, boa parte da cultura de ambos os países é parecida, ou melhor, não é mutualmente estranha. É completamente diferente quando se chega na França da China e o primeiro choque no país onde a “*table*” é uma instituição sagrada é ter que comer com talheres (caso real de um colega). Os brasileiros e os franceses conversam, em termos culturais, bem mais facilmente.

A vida acadêmica, afora as diferenças já citadas, também é parecida. A maior diferença que notei é com relação aos relacionamentos. Não sei se é comum a qualquer aluno estrangeiro, onde quer que ele esteja (perguntarei a algum francês estudando na Poli), mas aqui na França os relacionamentos, de maneira geral, são diferentes. Seja com os alunos, que são, no geral, menos extrovertidos (daí a ideia da “*frieza*”, que não acho que esteja correta, apenas que é você que precisa ir até eles), seja com os professores.

Nesse último caso, a diferença chega a ser enorme, o que aponto como uma das falhas do sistema aqui. No Brasil, estava acostumado a conversar com professores, a discutir abertamente sobre algum tema de interesse, e a recepção dos docentes era, em sua maioria, calorosa. Já aqui, essa ponte é inexistente. Tentei, inclusive,



|   |
|---|
| <p>conversar sobre um tema de mecânica dos fluidos com um professor e ele mostrou-se indiferente. Eles dão as aulas, nós aprendemos. É algo que, inclusive, limita o aluno a descobrir novos interesses, que podem mudar completamente de rumo (e.g. se eu não tivesse tido o excelente professor de economia que tive na Poli, aberto à discussão e a fugir do quadrado da aula, eu não teria me aprofundado no tema a ponto de estar me formando aqui em economia também). O porquê de eles serem assim é uma teoria à parte.</p> |
| <p><b>E2:</b> Diferenças: organização, autoconfiança (às vezes um pouco a mais), segurança, planejamento, relação mais fria (quando na categoria 'colegas').<br/>Semelhanças: descontentamento político, burocracia pública muito grande.</p>   |
| <p><b>E3:</b> Vida acadêmica: Os franceses são mais organizados.<br/>Relacionamentos: De longe, os brasileiros sabem se relacionar melhor que os franceses.<br/>Vida no país: aqui é mais organizado também, sou de São Paulo, vejo essa diferença no transporte, por exemplo, mas também levo em consideração que a cidade de São Paulo é absurdamente maior e mais difícil de administrar do que uma cidade como Toulouse.</p>  |
| <p><b>E4:</b> Apesar de tudo somos latinos e a cultura em geral é a mesma. Mas os franceses são bem distantes e mal educados às vezes. Eles não comem muita carne, disso sinto falta. Eles se preocupam muito mais com a aparência e muito menos se estão fedendo ou não (rsrs). Eles têm uma filosofia de que é necessário sair de casa e ir estudar no outro canto do país.</p>   |
| <p><b>E5:</b> Os franceses são mais individualistas e um pouco mais frios que os brasileiros. São menos maliciosos. Aproveitam melhor os momentos de descanso (talvez também porque o poder de compra das pessoas aqui é bem maior). Na vida acadêmica, nós geralmente somos mais perfeccionistas, queremos resolver o problema etapa por etapa (como por meio de cálculos técnicos) enquanto que eles fazem mil aproximações e se importam menos com as pequenas etapas.</p>   |

#### **P14. De modo geral, qual sua opinião sobre a experiência na França? Descreva e explique.**

|  |
|--|
| <p><b>E1:</b> De maneira geral, minha experiência até aqui foi muito positiva. Permitiu-me descobrir os franceses, os brasileiros (onde mais para encontrar cariocas, gaúchos, baianos, cearenses...), a Europa (com os estrangeiros aqui e as viagens) e a mim mesmo, tudo isso enquanto fazia-me abrir o leque da Engenharia. Como no Brasil eu estudo Engenharia Mecânica, e já no terceiro ano a especialização na área é forte, o ensino aqui permitiu que eu desenvolvesse outras perspectivas da Engenharia (inclusive o lado matemático de tudo) e de assuntos correlatos, como gestão e economia.</p> |
| <p><b>E2:</b> Minha experiência na França é uma experiência muito enriquecedora no quesito cultural e também para a minha formação. Sinto que vim para o país de língua latina que mais difere da minha cultura (brasileira), por diversas razões: culturais, históricas, geográficas, etc.. Me sinto crescendo e aprendendo a ser parte de uma 'categoria diferente' no meio da maioria, o que muitas vezes pode ser complicado.</p>  |
| <p><b>E3:</b> Apesar de muitos problemas que tive, acredito que está sendo uma experiência fantástica, pois estou crescendo como homem, aprendendo uma nova língua e de uma forma ou de outra aprendendo a "me virar" em um ambiente adverso. Tenho viajado também quando possível e conhecido lugares lindos e outros povos bem interessantes.</p>  |
| <p><b>E4:</b> É um país muito burocrático e ineficiente. Tudo demora, tudo é por carta e nada é simplificado. Mas isso parece funcionar.<br/>Os franceses são bem grossos mesmo entre amigos próximos, mas acho que é uma questão de se habituar mesmo.<br/>Acho um país bem misturado, com diversas culturas misturadas, mesmo que às vezes não muito aceitas.<br/>É um bom lugar para se morar.</p>  |
| <p><b>E5:</b> Adoro viver aqui e recomendo. Descobri uma nova cultura e aprendi a viver no meio dela. Sinto como se tivesse vivido 5 anos dentro desse um ano que passei aqui. Já conheci 15 países diferentes, cada um com sua história e seus costumes. Tudo isso parecia tão longe quando estava no Brasil... É incrível ver muitas das coisas que estudamos na escola de perto e descobrir muito mais sobre elas. Aprendi nesse ano a experimentar de tudo, a ser aberta a todo tipo de gente diferente.</p>   |

#### **P15. Quais palavras você associaria a "universidade francesa" ou "École Polytechnique"? Cite três e explique.**

|  |
|--|
| <b>E1:</b> Teoria, abertura e aula. Teoria pela abordagem preferida do ensino, abertura pela quantidade enorme de possibilidades a seguir e aula pela carga horária inigualável.   |
| <b>E2:</b> Excelência de educação: de fato a educação de base dos franceses é superior à dos brasileiros, são muito, muito poucos os brasileiros que têm acesso a uma educação comparável à francesa.<br>Excesso de confiança (superioridade): muitas vezes estudantes das <i>grands écoles</i> , e principalmente da <i>École Polytechnique</i> são bastante arrogantes e vivem numa ilusão que serão necessariamente ricos e superiores. O sistema francês favorece isso, é realmente muito difícil de um <i>Polytechnicien</i> não acabar num bom posto, enquanto que em outros países (como o Brasil), a meritocracia é (normalmente) a base do posicionamento profissional dos engenheiros. |
| <b>E3:</b> Organização, muitos trabalhos, aprendizado.   |
| <b>E4:</b> Matemática, matrizes e <i>école</i> . As duas primeiras vêm do fato de que tudo aqui se complica e se resolve (ou não) com matrizes e matemática avançada desnecessária. A segunda faz a diferença das <i>écoles</i> de engenharia e das universidades. As <i>écoles</i> são uma continuação do Ensino Médio. Os alunos não tiveram o impacto, o choque de entrar numa grande universidade, com pessoas diferentes, com pensamentos e filosofias completamente opostos e ao mesmo tempo complementares. Os alunos das <i>écoles</i> tem uma mentalidade bem mais infantil do que os das universidades.  |
| <b>E5:</b> Universidade francesa: tradição, sonho, generalização. São todas tradicionais, a minha universidade foi criada em 1747... Generalização, pois elas não são tão específicas como no Brasil, abrangem os mais diversos temas e nos formam também como pessoas.  |

**P16. Você está familiarizado com o contexto universitário no qual está inserido? O que você descobriu na França sobre a universidade onde está estudando? Como obteve as informações?**

|   |
|---|
| <b>E1:</b> Acredito que estou familiarizado com o contexto universitário daqui. O mais marcante é a distinção “ <i>Grandes Écoles X Université</i> ”, de um lado, um ensino muito valorizado, que recebe enormes investimentos e bastante privilegiado e, de outro, um ensino que chega a ser malvisto (e digo baseado no que ouvi dos <i>centraliens</i> daqui sobre as <i>Universités</i> e na comparação com o ambiente da <i>Université Lyon 2</i> , onde faço economia). Sequer o <i>Master</i> na <i>Université</i> é garantia de emprego hoje na França.<br>Tal fato acaba criando uma espécie de “bolha” ao redor dos alunos. A mistura da universidade brasileira (mesmo com todas as críticas dos “çábios” sobre o elitismo do nosso ensino) cria um ambiente completamente diferente (e, diria, melhor). |
| <b>E2:</b> Sim, estou em uma escola considerada entre as <i>Grandes Écoles Françaises</i> , dentro do grupo <i>Paristech</i> , é uma escola com muito peso dentro da França, mas, pelo seu tamanho (+/- 200 estudantes/ano), não é famosa internacionalmente. As <i>grandes Écoles Françaises</i> têm como principal característica um orçamento muito elevado por aluno, diferente das universidades francesas, que possuem muito mais alunos e têm os orçamentos limitados.   |
| <b>E3:</b> Estou familiarizado sim e sei que é uma universidade bem conceituada no meu campo: Processos Químicos.   |
| <b>E4:</b> Sim. Os franceses não gostam muito de <i>Marseille</i> , dizem que é bem perigoso (não vejo tanto isso). Mas apesar de tudo respeitam o nome <i>Centrale</i> .   |
| <b>E5:</b> Sim, já estou familiarizada com o contexto universitário. Descobri que ter um diploma dessa universidade (ENPC) abre muitas portas estando na França, não sabia que isso era tão forte. Descobri que ela é menos exigente do que a USP, tenho mais tempo livre para participar das associações e de outras atividades igualmente importantes para meu percurso acadêmico. Obtive as informações através da minha experiência, vivendo essa experiência.  |

**P17. Associe três palavras a este estabelecimento de ensino.**

**E1:** Qualidade (atividades e vida), trabalho e preponderância (essa também é material para páginas e páginas).

|  |
|--|
| E2: Tradição: fundada em 1747, elitista e prestígio. |
| E3: Organização, muitos trabalhos, aprendizado.      |
| E4: <i>Centrale</i> , internacional, generalista.    |
| E5: Respeito, diversidade, diferenciação.            |

**P18. Você considera importante conhecer aspectos da cultura francesa antes de estudar no país? Por quê?**

E1: Sem dúvida. Conhecer o país, sua população e sua cultura permitem um relacionamento muito mais fácil e uma experiência mais proveitosa. O exato oposto ocorreu, no que vivenciei, com alguns estudantes chineses, que pediam aos familiares que enviassem comida da China para a semana. Conhecer *a priori* permite uma melhor adaptação.

E2: Acho importante, mas acho que aprendi efetivamente na prática.

E3: Acredito que sim, eu não achei que eles eram um povo tão fechado aos estrangeiros como eles são.

E4: Sim. Porque mesmo conhecendo você já tem vários choques culturais. Principalmente, quando você descobre que tirar a roupa e sair correndo pelado pelo campus é normal, coisa do dia a dia. Ainda isso é bem importante para entender melhor as conversas dos franceses.

E5: Sim, para que o choque cultural seja um pouco menor e também para instigar a curiosidade de conhecê-la.

**P19. Quais palavras vocês associa à França? Explique.**

E1: Viver, comer/beber, abertura, diferenças. Viver, pois meu tempo aqui me permitiu um grande autodesenvolvimento e também vivenciar situações muito diferentes daquelas às quais estava habituado. Comer/beber pois é um ritual sagrado neste país (ainda mais em Lyon, capital gastronômica). Abertura e diferenças pelas novas experiências e perspectivas.

E2: '*Savoir Vivre*', especialidades, gastronomia, educação (no sentido de ensino), confiança e nacionalismo.

E3: País lindo, povo fechado, organizados, cultura linda.

E4: Queijo, vinho, burocracia. Se come e bebe praticamente só isso (hahaha). Burocracia, porque tudo o que você precisa fazer é muito mais difícil e ineficiente aqui.

E5: Sonho, realização, determinação, qualidade de vida.

**P20. O que você espera do intercâmbio?**

E1: Da metade que resta, espero, primeiramente, que o processo de desenvolvimento pessoal continue da mesma forma. Também, como entrarei no segundo ano e começarei a escolher com mais liberdade minhas aulas, espero conseguir ampliar ainda mais minha perspectiva, ao mesmo tempo que aprofundo sobre os temas nos quais gostaria de me especializar.

E2: Tenho ainda mais dois anos de intercâmbio e vejo basicamente uma abertura profissional e grande crescimento pessoal. Acabarei o intercâmbio com uma cabeça e maturidade completamente diferentes, pronto

para 'viver'.

**E3:** Espero me abrir muitas portas no mercado de trabalho brasileiro, além de me possibilitar ter muitas histórias para contar pelo resto da minha vida.

**E4:** Algo que me diferencie dos demais. Uma capacidade de aceitar o outro como ele é e de poder se mudar, se aceitar sendo inserido numa nova cultura. De respeitá-la.

**E5:** Espero que continue me surpreendendo positivamente como vem feito. Espero que esse ano de estágio que começa em setembro me ajude a definir o meu plano profissional e me dê a experiência necessária para conseguir um bom emprego depois. Espero que esse duplo diploma seja bem reconhecido no Brasil e me abra portas para o mundo do trabalho. Espero continuar descobrindo novas culturas e também novos aspectos da cultura francesa.